



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA

Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás

Outubro/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA

PROJETO BRA/04/029 – SEGURANÇA CIDADÃ

Projeto Pensando a Segurança Pública
Edital de convocação nº 002/2015 – Seleção de Projetos
Carta Acordo 34002

Título do Projeto de Pesquisa: Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás.

Instituição proponente: Universidade Federal de Goiás

Equipe:

Dijaci David de Oliveira – Coordenador Geral
Guilherme Borges da Silva – Coordenador Adjunto
Najla Franco Frattati – Coordenadora de eixo temático
Marcilaine Martins da Silva Oliveira – Coordenadora de eixo temático
Miryam Mastrella – Coordenadora de eixo temático
Karen Cristina Pessoa – Coordenadora de eixo temático
Ana Beatriz Souza Almeida – Pesquisadora de campo
Andressa Monteiro Mascarenhas – Pesquisadora de campo
Fernando F. S. Reis – Pesquisador de campo
Flávia Martins Alchuffi – Pesquisadora de campo
Gabriela Soares de Castro – Pesquisadora de campo
Géssica Barreto da Silva – Pesquisadora de campo
Hytalo Kanedo de Lima Fernandes – Pesquisador de campo
João Francisco F. Viana – Pesquisador de campo
José Carlos de Oliveira Junior – Pesquisador de campo
Kállyta T. Mendes Araújo – Pesquisadora de campo
Marcello Soldan Garbelin – Pesquisador de campo
Marcia Sardinha da Costa – Pesquisadora de campo
Maria Ivanete Faustina – Pesquisadora de campo
Pâmella Silva de Oliveira – Pesquisadora de campo
Simone de Jesus – Pesquisadora de campo
Wanderley Pereira da Silva Junior – Pesquisador de campo

Mês: Outubro/2016

Goiânia - Goiás

Resumo: O relatório geral da pesquisa visa apresentar todo processo de produção da pesquisa, as principais discussões teóricas, as escolhas metodológicas, os temas de debates que orientaram a pesquisa e, por fim, grande parte do material produzido em campo. Este estudo teve por objetivo compreender as diferentes percepções que os operadores e os gestores do Sistema de Justiça Criminal possuem sobre as drogas. Para tanto, abordou-se os seguintes temas: 1) quais as percepções que possuem sobre as drogas; 2) quais as motivações para o consumo de drogas; 3) como definem e diferenciam os usuários de traficantes; 4) como avaliam a instituição em que trabalha em relação à elaboração e desenvolvimento de políticas sobre drogas; 5) como avaliam a atual legislação sobre drogas; 6) quais as percepções que possuem sobre as políticas proibicionistas; 7) O que pensam sobre a descriminalização e legalização das drogas; 8) O que acham das comunidades terapêuticas e das internações compulsórias; 9) como avaliam as políticas de redução de danos; 10) como percebem a relação entre drogas e violência; 11) quais as percepções sobre esse mercado ilegal; e, por fim, 12) o que pensam sobre a relação entre drogas, corrupção e violência policial. Foram realizadas ao todo 61 entrevistas em profundidade de maio a setembro de 2016. Identificou-se que são diversos os olhares dos entrevistados e das instituições sobre as substâncias psicoativas, porém pode-se fazer uma análise em que essas percepções, apesar de algumas divergências, apontam para duas perspectivas. De um lado, mais presente nas forças policiais, estão aqueles que defendem maior rigor nas leis e mais severidade no combate ao uso e ao comércio de drogas. Por outro lado, mais ligado aos defensores públicos, promotores e juízes, há uma avaliação de que o modelo proibicionista atual gerou problemas ainda mais grave do que o próprio uso e que, por isso, se tornou fundamental revisar a atual conjuntura política sobre as drogas e a coloca-la em debate.

Palavras-chave: drogas, proibicionismo, políticas de drogas, intersetorialidade

Abstract: The overall research report aims to present all the research production process, the main theoretical discussions, methodological choices, themes discussions that guided the research and, finally, much of the material produced in the field. This study aimed to understand the different representations that the operators and managers of the criminal justice system have about drugs. Therefore, the following issues are addressed: 1) what representations they have about drugs; 2) what are the motivations for drug use; 3) how to define and differentiate users traffickers; 4) to evaluate the institution that works for the formulation and development of drug policy; 5) to assess the current legislation on drugs; 6) the perceptions they have about the prohibitionist policies; 7) What do you think about the decriminalization and legalization of drugs; 8) What do you think of therapeutic communities and compulsory admissions; 9) to evaluate the harm reduction policies; 10) how they perceive the relationship between drugs and violence; 11) What are the perceptions about this illegal market; and finally, 12) what they think about the relationship between drugs, corruption and police violence. They were held in all 61 in-depth interviews from May to September 2016. It was identified that there are several looks of respondents and institutions on psychoactive substances, but can make an analysis in which these representations, despite some differences, They point to two perspectives. On the one hand, more present in the police force are those who advocate greater rigor in the laws and more severity in combating the use and trade of drugs. On the other hand, more connected to public defenders, prosecutors and judges, there is an assessment that the current prohibitionist model has generated even more serious problems than the actual use and therefore became essential to review the current political situation on drugs and puts it in debate.

Keywords: drugs, prohibition, drug policy, intersectionality

Sumário

LISTA DE QUADRO	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – DA TEORIA.....	8
1.1 Discussão sobre as políticas de drogas.....	8
1.2 Intersetorialidades das políticas de drogas e Segurança Pública	13
CAPÍTULO 2 – DA METODOLOGIA	19
2.1 Delimitação do campo	19
2.2 As representações sociais	22
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS.....	25
3.1. Percepções sobre drogas	25
3.1.1. Definindo drogas	25
3.1.2. Drogas como pauta atual de debate.....	30
3.2. Motivações para consumo de psicoativos	34
3.2.1. “A maconha é porta de entrada para outras drogas?”	41
3.2.2. “Só não larga as drogas porque não quer”	46
3.3. Usuários, dependentes e traficantes	49
3.3.1. Usuário que comercializa para o próprio consumo	51
3.3.2. Usuário x traficante.....	52
3.4 Avaliação sobre as políticas de drogas da instituição	55
3.5. Legislação sobre drogas	63
3.6. Políticas proibicionistas e seus efeitos.....	70
3.7. A descriminalização e legalização das drogas.....	78
3.7.1 A descriminalização do uso	78
3.7.2 A legalização das drogas.....	88
3.8. Comunidades terapêuticas e internação compulsória	94
3.8.1 Comunidades terapêuticas.....	94
3.8.2 Internação compulsória	98
3.9. Redução de danos	104
3.10. Drogas e violência	108
3.11. Funcionamento e dinâmica do tráfico em Goiás	118
3.12. Polícia, drogas e tráfico.....	123
CONCLUSÃO.....	131
REFERÊNCIAS.....	133

GLOSSÁRIO DE SIGLAS	140
ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA	141
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	145

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Distribuição das entrevistas.....	14
Quadro 2 - Temas abordados pelo estudo.....	15

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás” teve por objetivo compreender quais as diferentes percepções que operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal possuem sobre questões relacionadas às drogas. Para tanto, abordou-se os seguintes temas: 1) quais as percepções que possuem sobre as drogas; 2) quais as motivações para o consumo de drogas; 3) como definem e diferenciam os usuários de traficantes; 4) como avaliam a instituição em que trabalha em relação à elaboração e desenvolvimento de políticas sobre drogas; 5) como avaliam a atual legislação sobre drogas; 6) quais as percepções que possuem sobre as políticas proibicionistas; 7) O que pensam sobre a descriminalização e legalização das drogas; 8) O que acham das comunidades terapêuticas e das internações compulsórias; 9) como avaliam as políticas de redução de danos; 10) como percebem a relação entre drogas e violência; 11) quais as percepções sobre esse mercado ilegal; e, por fim, 12) o que pensam sobre a relação entre drogas, corrupção e violência policial.

O presente estudo foi financiado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP/MJ) a partir do edital de convocação nº 002/2015 do projeto Pensando a Segurança Pública. Tal edital teve por finalidade fomentar pesquisas aplicadas no campo da segurança pública e da justiça crimina, bem como o de qualificar e subsidiar seu trabalho e elaboração de políticas públicas.

O Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência (NECRIVI) da Universidade Federal de Goiás (UFG) foi selecionado para desenvolver o estudo do eixo 11, Intersetorialidades entre as Políticas de Segurança Pública e sobre Drogas. O NECRIVI aponta para relevância dos temas abordados neste estudo, sobretudo, porque estamos vivenciando um cenário político em que diversos países têm (re)visto as suas legislações e as políticas públicas desenvolvidas no campo das drogas. Portanto, levantar a diversidade de opiniões dos atores que compõem o Sistema de Justiça Criminal no Estado de Goiás colabora para a quebra do tabu e dos estigmas que se construíram sobre o debate em relação às drogas e contribui para a ampliação de perspectivas e olhares sobre o tema.

CAPÍTULO 1 – DA TEORIA

1.1 Discussão sobre as políticas de drogas

Neste capítulo apresentaremos as principais discussões teóricas levantadas sobre os temas que estão interseccionados com a questão das drogas. Nesse sentido, debateremos de modo muito breve, os pontos principais que ajudaram na elaboração do material utilizado na pesquisa e nos encontros e discussões teóricas do grupo. Aqui destacaremos a discussão sobre as definições sobre as drogas, a relação das substâncias psicoativas com a violência, a atual legislação das drogas, o proibicionismo e seus efeitos, as políticas alternativas e, por fim, a falta de intersetorialidade no desenvolvimento de políticas públicas sobre o tema.

Partimos do pensamento de que o uso de substâncias, naturais e químicas, que modificam o comportamento e alteram a consciência dos indivíduos existe na história humana desde tempos imemoriáveis em todas as sociedades já estudadas (ESCOHOTADO, 2007; CARNEIRO, 2002; MELO, 2011; DUARTE e MORIHISA, 2012). As drogas já foram usadas para minimizar as dores e curar doenças, e também, como meio de distração ou como um canal propiciador de comunicação com deuses e entidades. Todavia, se entre os povos antigos, eram utilizadas com fins medicinais, religiosos, ritualísticos e culturais, hoje elas assumem um caráter de grave problema social, sendo percebidas como substâncias com poderes maléficos que seduzem e corrompem homens e mulheres de diferentes grupos socioeconômicos, colocando-os como fomentadores da criminalidade crescente relacionada ao tráfico de drogas, ou mesmo, como potenciais agentes criminosos, introduzindo, desse modo, o debate acerca das drogas no campo da Segurança Pública.

Essa inserção, no entanto, não se deu de um momento para o outro. Segundo Carneiro (2002), a história de certos conceitos médicos, como o de “dependência” de drogas, é primordialmente política, estando ligada, portanto, ao poder e aos interesses de instituições, classes e grupos sociais específicos. Ainda na perspectiva do autor, a construção política desse conceito conecta o Estado e a Medicina, tendo como resultado, na atualidade, uma demonização do “drogado” e a construção de um significado inédito para o conceito “droga”, associado a pior das mazelas da humanidade. Anteriormente a esse momento, que remonta ao início do século XIX, não havia uma expressão que se referisse a existência de uma compulsão à bebida ou alguma outra droga. Fazer uso de álcool ou outro tipo de substância dessa natureza era, no

extremo, um sinal de perda de controle ou mau caráter. A teorização médica sobre a natureza dos efeitos e do uso de drogas foi acompanhada de uma crescente intervenção do Estado no controle das populações com objetivos de garantir a “higiene social” e a “profilaxia moral”. De acordo com Carneiro (2002), foi nesse momento que esse conceito ganhou hegemonia, e o vício passou a ser visto como doença, resultando, já no início do século XX, em legislações específicas, controle policial e criminalização das condutas relacionadas ao uso e comercialização dessas substâncias, que culminaram, nas últimas décadas, nas atuais políticas de drogas, marcadas por forte caráter proibicionista e repressivo, aplicadas em várias partes do mundo.

No caso brasileiro, a violência urbana, especificamente o homicídio, é uma das principais prerrogativas utilizada pelo Sistema de Justiça Criminal na elaboração dessas políticas sobre drogas, dando contorno a chamada “guerra às drogas”, que tem como alvo prioritário o tráfico, colocado como a principal justificativa para o aumento do número de homicídios nas cidades brasileiras. Nesse sentido, as falas sobre as drogas, por meio do discurso médico e incorporado pela Segurança Pública, se propagaram pelas mídias e pelas conversas rotineiras, legitimando, por sua vez, os discursos e ações diante a necessidade de dar uma resposta ao clima de medo e insegurança.

Os impactos do uso e comércio de drogas na dinâmica da criminalidade, especialmente a violenta, têm sido amplamente debatidos por estudiosos e pesquisadores de diversas áreas (ANTILLANO e ZUBILLAGA, 2014; RAMOS e FERNANDES, 2010; FRIEDMAN, 1999). Alguns estudos (GOLDSTEIN, 1985; ANTILLANO e ZUBILLAGA, 2014; MISSE, 2007) afirmam que as principais evidências da relação drogas/violência têm sido encontradas na dimensão social, e não no uso em si. Isso porque o esquema do mercado ilegal de drogas ilícitas funciona no âmbito de trocas comerciais que não são amparadas pelo Estado, de maneira que os conflitos e desentendimentos normalmente são resolvidos pelo uso da força física e ameaças. O que diferencia o mercado do tráfico em relação a outros comércios ilegais fica por conta da rápida e alta taxa de lucratividade e, também, a baixa especialização exigida dos comerciantes varejistas, o que acaba gerando um alto risco de concorrência envolvido nas transações deste mercado. Como em qualquer mercado ilícito, não há regulação legal dos interesses nem resolução judicial dos conflitos. Maneiras alternativas como o uso de armas de fogo são utilizadas como forma de oferecer proteção; seja ela pelo próprio controlador do tráfico e seus subordinados, ou produzida, na forma de extorsão pelos agentes que seriam responsáveis pela sua repressão legal (SAPORI, 2014).

A prática de homicídio ocorre comumente como um recurso rotineiro de resolução de conflitos e afirmação de poder dentro do mercado ilegal. As armas de fogo são parte importante para a manutenção do tráfico, e por esse motivo acabam se tornando moeda de troca. Nesse sentido, outro mercado ilegal, onde se negociam, além das armas e proteção, o sigilo, a informação e a liberdade, se soma ao tráfico de drogas. É comum que policiais façam parte dessas negociações criminosas (ANTILLANO e ZUBILLAGA, 2014). De acordo com uma pesquisa realizada pelo Viva Rio (2010), em parceria com a Subcomissão de Armas do Congresso Nacional, quase metade das armas que circulam no Brasil é ilegal - 7,6 milhões de um total de 16 milhões de armas. De acordo com o Atlas da Violência 2016 do IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2014, 44.861 pessoas sofreram homicídio em decorrência do uso das armas de fogo, o que correspondeu a 76,1% do total de homicídios ocorrido no país. A lógica da violência acaba se alimentando, assim, dos dois mercados, simultaneamente, um que oferece drogas a varejo com base em um precário sistema de vendas, e outro que oferece armas e outras mercadorias políticas (MISSE, 2007).

O proibicionismo e o endurecimento das políticas de controle das drogas, também aparecem na literatura como elementos a serem considerados quando se procura pensar a relação drogas/violência. Vários estudos (ANTILLANO e ZUBILLAGA, 2014; MINAYO e DESLANDES, 1998; FIORE, 2012) apontam que o endurecimento dessas políticas punitivas tem como resultante o aumento da violência e da marginalização. Somado ao tráfico de armas, a produção e o comércio de drogas ilícitas, forma um dos maiores mercados criminosos do mundo. Segundo dados do relatório mundial de drogas do UNDOC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime) do ano de 2015, esse mercado ilegal movimentava anualmente cerca de 870 bilhões de dólares no planeta. Sem que haja nenhuma regulação, o comércio de drogas envolve, entre outros aspectos, degradação social, corrupção de agentes públicos, utilização de violência armada para demarcação de territórios e defesa de interesses, aumento da delinquência por motivos econômicos, em virtude do alto retorno financeiro. Ou seja, o tráfico de drogas e seu caráter ilegal acabam por potencializar ou mesmo criar novos problemas.

O crescimento do encarceramento interfere também no acirramento dos conflitos nas prisões e acaba por colocar os jovens aprisionados expostos às possibilidades de envolvimento em novos e recorrentes delitos, já que o convívio com outros criminosos os tornam vulneráveis a essa situação. Ao mesmo tempo, esse maior controle penal em matéria de droga, mobiliza grandes recursos policiais e judiciários, reduzindo-os no que diz respeito a outros tipos de

crimes, o que termina por contribuir com a sua maior incidência, já que a capacidade de controle e vigilância pelo aparelho estatal fica diminuída.

Sendo o tráfico uma atividade de alta lucratividade, principalmente no que condiz a grande distribuição de drogas (vendas no atacado), ele torna-se muito atrativo para grupos particulares da população, dotando-os, ao mesmo tempo, de um grande poder de corromper os agentes da Segurança Pública. A participação de policiais corrompidos na venda de armas e munições a jovens envolvidos com o comércio de drogas ilícitas, assim como, os serviços de proteção a alguns grupos criminosos e repressão de grupos rivais, contribuem muito para o aumento da violência como meio de resolver as disputas comerciais entre os indivíduos e grupos (BORGES, 2014; KARAM, 2004; TEIXEIRA, 2012; RODRIGUES, 2006, 2009; GRILLO, POLICARPO e VERÍSSIMO, 2011).

O modelo repressivo, autoritário e punitivista, tanto nas políticas de Segurança Pública como nas políticas sobre drogas, perpetua e legitima as desigualdades sociais, além de violar direitos civis de grande parte da população, econômica e politicamente excluída. Como demonstrado, o modelo proibicionista em nada contribui para a redução da venda e consumo de drogas, nem para a redução da violência urbana. Se constitucionalmente as leis estabelecem a igualdade jurídica, na prática o que se observa é que a implementação e a condução das políticas de Segurança Pública e, sobretudo, das políticas de drogas reforçam o controle, a estigmatização, a exclusão, a violência e a seletividade penal contra grupos já mantidos à margem.

As propostas alternativas têm como objetivo o controle do abuso de drogas por meio do controle sanitário pelo Estado do comércio de várias drogas consideradas ilícitas. Os impostos advindos do mercado de drogas, assim, poderiam, por exemplo, serem investidos nas políticas de redução de danos e riscos aos usuários. Tais propostas precisam ser debatidas e aperfeiçoadas para a realidade social brasileira. Torna-se também fundamental deslocar as bases das políticas sobre drogas da perspectiva criminal/penal, dos valores morais e religiosos para tratá-la como uma questão social e de saúde.

Em relação à saúde pública e dos usuários, a proibição cria dificuldades para o desenvolvimento de estratégias preventivas e de redução de danos. Vale destacar as dificuldades que os agentes de redução de danos tiveram no Brasil nos anos 1980-1990, sendo acusados inclusive de estimular o uso de drogas, pois, contrariando a lógica hegemônica do proibicionismo, esse modelo parte do princípio de que as drogas são intrínsecas a sociedade e, por isso, tem por base aplicar um processo educativo em que os seres humanos consigam se

relacionar com as drogas de maneira que diminui ao máximo os efeitos danosos das drogas sobre os indivíduos e a sociedade. Seguindo essa lógica de redução de danos, a ação de distribuição de seringas e acompanhamento *in loco* da realidade de usuários abusivos, equilibrou a epidemia de AIDS via drogas injetáveis (REGHELIN, 2002). Além disso, o modelo proibicionista, devido à falta de regulação sobre as substâncias, mesmo as naturais, como *cannabis* e coca, não possibilita controle sanitário institucional, a fim de fiscalizar a produção, a distribuição e a qualidade do produto consumido (pureza, composição química, conservantes, etc.), que contribui para o aprofundamento dos riscos à saúde.

Mais recentemente, observam-se mudanças nas propostas de controle sobre drogas, a exemplo das políticas desenvolvidas na Europa Ocidental, em que a ampla maioria dos países tem aplicado o modelo da redução de danos como uma forma alternativa de prevenir os riscos e o abuso de drogas. O modelo ou estratégia preventiva de redução de danos é por definição uma tentativa prática de minimizar as implicações adversas do uso de drogas sob o ângulo de visão da saúde pública e individual sem, obrigatoriamente, recorrer à abstinência do consumo (REGHELIN, 2002). No campo penal, destacam-se como estratégias de redução de danos a despenalização do usuário, que utiliza penas alternativas à prisão em caso de uso de drogas ilícitas, e a descriminalização do usuário, em que são retirados do rol de crimes o uso e porte de drogas com o intuito de reduzir os efeitos perversos da criminalização, do tráfico e da criminalidade. As duas alternativas, apesar de avançarem em relação ao proibicionismo radical, deixam de lado o tráfico, o que contribui para incriminação de usuários-trafficantes. A retirada do pequeno tráfico da criminalização, a exemplo da política de drogas na Holanda, expande as possibilidades de estratégias alternativas de controle, sem com tudo dar resposta sobre a produção e distribuição das drogas (FERNANDES, 2006).

Já legalização diferencia-se integralmente da proposta de liberação total, que consiste na ausência total de controle institucional, e do modelo proibicionista. As propostas de legalização preveem regulamentação legal das drogas hoje ilícitas, ainda que consideradas mercadorias especiais com necessidade de maiores limitações, sob o argumento de se controlar excessivamente a demanda. Tais propostas reivindicam a regulação da produção e distribuição pelo Estado de substâncias psicoativas e do controle da sociedade civil no nível da pequena produção-distribuição e promoção da redução de danos (FERNANDES, 2006; CABALLERO e BISIOU, 2000). A *Ley* nº 19.172, no Uruguai, é exemplo ao propor o monopólio institucional na produção e distribuição pelo Instituto de Regulación y Control de Cannabis (IRCCA), órgão do Estado competente para autorização e monitoramento de associações de usuários, de

cultivadores domésticos e de farmácias especializadas, bem como patrocinar campanhas de redução de danos, proibir a publicidade e a venda para menores (URUGUAY, 2013).

Há grande dificuldade em pensar o problema das drogas a partir da intersetorialidade de conhecimentos. Percebe-se que a política de enfrentamento, ou de “guerra às drogas”, é a principal política pública para tratar a questão das drogas no Brasil, justamente porque há um posicionamento de que as drogas devem ser tratadas como um “problema de polícia”. Por conta dessa naturalização, sobretudo, nas forças policiais percebe-se que há grande restrição em dialogar com outras possibilidades de políticas públicas, como, por exemplo, a redução de danos. Ao mesmo tempo, essas instituições desenvolvem programas educacionais que visam informar a juventude problemas que derivam do consumo de substâncias psicoativas, porém levando para a dimensão do medo e do terror, reforçando o caráter repressivo. Por outro lado, nota-se que há uma mudança de postura entre promotores do Ministério Público, defensores públicos e juízes criminais sobre a matéria, dizendo que é preciso pensar as drogas para além da segurança, necessitando uma força tarefa entre as mais diversas áreas do conhecimento para superar o ideário proibicionista e de guerra às drogas, pois consideram os seus efeitos mais nocivos que o próprio consumo de tais substâncias.

1.2 Intersetorialidades das políticas de drogas e Segurança Pública

Nos últimos anos tem-se discutido bastante sobre políticas intersetoriais como forma de compreender as possibilidades de gestão administrativa do Estado brasileiro. Tal debate surge a partir da necessidade de se implementar reformas com o objetivo de aproximar o Estado da sociedade civil por meio da criação de novas metodologias de relacionamento e, também, com a configuração de um novo modelo de parcerias via a formação de redes (SILVA, 2008).

A intersetorialidade, seguindo os passos de Junqueira e Inojosa (1997), pode ser compreendida a partir da mudança de paradigma na estrutura de produção de políticas públicas no Brasil, que tem objetivado o rompimento de uma dinâmica centralizada e setorial para um modelo descentralizado e que prioriza a construção de parcerias entre diversos setores. Nesse sentido, aponta os autores, que a própria estrutura dos três níveis de governo no Brasil, assim como em outros países, assinala para uma organização que foi construída a partir da especialização de saberes.

Fruto dessa especialização, segundo Junqueira e Inojosa (1997), é a produção de Secretarias e Ministérios com pastas limitadas e com pouco diálogo com a população, o que

não permite atender nem as necessidades e nem as expectativas dos cidadãos. Os modelos setorializados tendem a tratar os cidadãos e os problemas sociais de forma igualmente fragmentada e desarticulada e, por isso, se tornam obstáculos para modelos de gestão democrática e inovadoras. Nessa perspectiva perde-se a visão integral do indivíduo e a inter-relação dos problemas, dificultando, assim, a promoção de condições de inclusão social quando é demandada por mais de uma área de atenção, como é o caso das drogas.

Em contraposição a esse modelo centralizado e setorializado, nos últimos anos houve um crescimento de políticas públicas no Brasil que têm priorizado maior diálogo com a população e a articulação de diversos setores na produção dessas políticas. Tal perspectiva reconhece a pluralidade de indivíduos e grupos, assim como, as suas condições peculiares de existência. Dessa forma, é possível pensar os problemas sociais cujo equacionamento envolve a participação e a integração de vários setores, abrindo o caminho para as políticas intersetoriais (JUNQUEIRA e INOJOSA, 1997).

A intersetorialidade, segundo Junqueira (2007), deve ser compreendida a partir da articulação de conhecimento, saberes e experiências – planejamento, execução e avaliação das ações – com a finalidade de buscar soluções para questões complexas de desenvolvimento e exclusão social. Por isso “o cidadão deve ser considerado pelo Estado na sua totalidade e não fragmentado na resposta às suas demandas” (JUNQUEIRA, 2007, p.37).

A intersetorialidade é a articulação entre as políticas públicas por meio do desenvolvimento de ações conjuntas destinadas à proteção social, inclusão e enfrentamento das expressões da questão social. Supõe a implementação de ações integradas que visam à superação da fragmentação da atenção às necessidades sociais da população. Para tanto, envolve a articulação de diferentes setores sociais em torno de objetivos comuns, e deve ser o princípio norteador da construção das redes municipais. (CAVALCANTI; BATISTA; SILVA, 2013, p. 1-2)

Silvana Borges (2012) aponta que as políticas intersetoriais demandam a articulação entre saberes e poderes e, por isso, não ocorrem de modo simples, pois há fatores de interesse que estão por de trás da produção dessas políticas e, ao mesmo tempo, levantam aspectos socioculturais, políticos e administrativos que criam barreiras de diálogo. Complementando esse argumento, Almeida (2008) diz que a produção de políticas intersetoriais é um processo complexo que está envolvido pelo enfrentamento de contraditórios, restrições e resistência e que, portanto, para se chegar à intersetorialidade é preciso que se rompa tais barreiras que dificultam e impedem a comunicação entre diferentes setores o que, segundo o autor, “exige vontade política e método” (ALMEIDA, 2008, p.21).

[...] as principais dificuldades para a implementação de ações e atividades intersetoriais o fato da maioria dos representantes setoriais trazer para as distintas arenas de negociação uma agenda previamente

definida, podendo tornar a negociação, em torno de questões e prioridades, complexa e difícil, o que se reflete na pactuação e implementação de ações intersetoriais, baixa adesão ao diálogo e pactuação de agenda e interesses eleitorais. Embora a intersetorialidade no plano da macro negociação e da formulação da proposta costuma ser um sucesso, pois nenhum setor tende a ser desfavorável às iniciativas de desenvolvimento social, é difícil a sua sustentabilidade, a manutenção das parcerias para a construção de uma agenda integrada, seja para questões mais pontuais e de curto prazo como para questões mais estruturais (BORGES, 2012, p. 60)

Nesse sentido, para Borges (2012) as ações intersetoriais mobilizam recursos humanos e não humanos que “disponibilizam ações e serviços pelo saber técnico-científico e popular, estando permanentemente em questão a efetividade das atividades vis-à-vis sua finalidade” (BORGES, 2012, p. 60). Junqueira (2004) diz que a intersetorialidade contribui para a eficiência e eficácia da produção e da gestão de políticas sociais, exigindo uma grande mudança na cultura de gestão e organização pública, pois a complexidade dos problemas sociais agora demanda vários olhares, perspectivas, abordagens e, ao mesmo tempo, relacionam saberes e práticas diversas em busca do entendimento e da construção integrada de soluções para tais questões. Mesmo assim, para Junqueira (2004) a intersetorialidade da produção de políticas públicas não pode ser vista como o único elemento para atingir o desenvolvimento esperado e o fim da exclusão social, mas deve ser pensada como um instrumento que almeja esse objetivo.

Assim, a intersetorialidade se constitui como um mecanismo de reorganização da produção de políticas públicas que articula atores governamentais e sociedade civil com o objetivo de gerir, colocar em prática e fiscalizar políticas sociais. Nesse desenho a sociedade civil organizada passa a desempenhar papel fundamental, articulada por meio de instituições e movimentos sociais criam-se redes integradas em busca de resolução dos problemas sociais, de forma mais colaborativa e passível de intervenção na realidade social.

Tais políticas intersetoriais começaram a ganhar força no Brasil no campo da saúde pública, sobretudo com a descentralização e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). Se durante a década de 1970 a produção de políticas públicas estava centralizada e verticalizada nas mãos do Estado, no campo da saúde, nas últimas 2 décadas, o desenho se alterou em função do forte movimento de setores sociais em busca de tornar a gestão mais eficaz e socialmente participativa.

Assim, a descentralização proposta na organização do Sistema Único de Saúde (SUS) possibilitou uma gestão mais participativa e democrática refletindo sua experiência nos demais campos de políticas sociais brasileiras. A gestão, planejamento, controle e avaliação aproximou-se mais dos usuários reconhecendo-os como cidadãos e

portadores de direitos fundamentais. Todavia, as mudanças de gestão nas políticas públicas dependem de mudanças de mentalidade, de cultura e de valores. Não obstante muitas vezes as organizações estejam descentralizadas, mas ainda se encontram setorializadas, sem que haja uma busca integrada do verdadeiro atendimento das demandas. Esse obstáculo pode ser superado exatamente com a implementação concomitante da intersetorialidade no conjunto geral das políticas sociais públicas brasileiras. (CUSTÓDIO; SILVA, 2015, p.10)

Em busca do rompimento com esse modelo setorizado no campo da saúde pública, grupos sociais se viram na necessidade de articulação entre diferentes setores em busca de enfrentar os dilemas do processo saúde-doença. Portanto, a intersetorialidade no campo da saúde surge como “uma relação reconhecida entre uma ou várias partes do setor de saúde com uma ou várias partes de outro setor que se tenha formado para atuar em um tema” (SILVA; RODRIGUES, 2010, p. 763), cujo objetivo é alcançar resultados mais efetivos do que a atuação de um setor isoladamente. Esse novo modelo de gerir as políticas sociais no campo da saúde coloca que os diferentes setores e equipamentos devem manter uma comunicação contínua e, com isso, criou-se uma organização de proteção aos usuários permanentemente por meio da solidificação de redes de interdependência e corresponsabilização.

Ao pensarmos às políticas sobre drogas no campo da saúde pública percebeu-se grandes avanços no campo da intersetorialidade, dialogando principalmente com as áreas de assistência social e educação, colocando esse problema para além da perspectiva biologizante ou química. Estudos recentes têm evidenciado gestões e políticas intersetoriais que tem buscado a consolidação de redes que tem por alvo o cuidado com usuários de drogas de forma integral (BORGES, 2012; MARTINEZ, 2016). Nesse sentido, a importância desse caminho pode ser diagnosticada no seguinte trecho:

Uma gestão intersetorial leva em conta as multiplicidades dos indivíduos e das ecologias, ela lida com a vida em suas mil expressões. Nem mesmo a saúde nesta gestão pode ser entendida de maneira dicotômica, quando era expressão do “contrário” de doença. Saúde é resultado de tantos processos que dão corpo e expressão aos sujeitos. Por isso o dilema em *cuidar* de maneira integral: porque os aspectos são incontáveis. Por fim, a gestão intersetorial da saúde é criativa na medida em que mobiliza recursos de toda ordem para ajustar os pontos dos dilemas, pluralidades, metas, dissonâncias e ambivalências, e ainda calibrar as medidas suficientes de *liberdade* e monitoramento para, enfim, produzir *redes* do *cuidado*. (MARTINEZ, 2016, p. 276-277)

Esses avanços têm ocorrido a partir da mudança de paradigma no campo da gestão da saúde pública ao colocar os indivíduos permeados por relações múltiplas e complexas. Resultado desse processo é que as políticas de drogas no campo da saúde também têm sido pensadas e produzidas a partir desse olhar intersetorial, mesmo com toda dificuldade e tabu construído sobre as drogas, exemplo disso são as políticas de redução de danos.

Por outro lado, no campo da Segurança Pública ainda há muita dificuldade de pensar as drogas fora do sistema punitivista. Segundo Ballesteros (2014), a Segurança Pública tem um problema histórico que foi a falta de participação social em seu desenvolvimento pós abertura política, ficando resguardada apenas às instituições do Estado. Além disso, outros autores apontam que a Segurança Pública, por ser formada por diversas organizações com lógicas próprias de funcionamento, produziu instituições de “cultura autônoma” e de difícil articulação. (ROLIM, 2007; ADORNO, 2008; SAPORI, 2006; RATTON; TORRES; BASTOS, 2011)

As experiências realizadas até hoje na área da segurança pública têm sido, em regra, pautadas por padrões *top-down* de concepção, decisão e execução, combinados, além disso, a fatores como a ausência de processos de avaliação e a espaços limitados de negociação política. A gestão na área da segurança pública é, pois, entendida como uma política centralizada e que padece de fragilidade decisória, posto que sem legitimidade. Falta legitimidade porque a política não se constrói com base no diagnóstico prévio e participativo, e sua implementação ocorre de forma seletiva e segmentada, a depender dessas burocracias insuladas que fazem parte do sistema de segurança e, porque não dizer, impulsionada pelos casos de violência de grande repercussão nacional. Em outras palavras, ainda que na ordem jurídico-institucional prevaleçam normas democráticas, [...] [...] sustentam a ideia de que são os processos políticos restritos a um grupo de atores os que definem a agenda e as decisões da área, e que entre estes atores estão instituições cujas configurações apresentam alto grau de autonomização em relação aos interesses genuinamente públicos. (BALLESTEROS, 2014, p. 16)

Diante desse diagnóstico é possível traçar um panorama que a intersectorialidade dentro das políticas de Segurança Pública é um desafio a ser construído e que, para ser implantada, necessita passar pela descentralização das políticas de segurança e, da mesma forma, pela abertura e a construção de diálogos com outros setores e a sociedade civil. A partir dessa evidência, percebeu-se nas entrevistas, como veremos adiante, que a política de drogas é vista, sobretudo, pela ótica repressiva e que há receio de políticas públicas de drogas advindas da intersectorialidade entre saúde, assistência social e educação.

A falta de intersectorialidade nas políticas de drogas com as políticas de Segurança Pública, seguindo os apontamentos de Ballesteros (2014), resulta da própria trajetória política-institucional da Segurança Pública no Brasil. Diferentemente da área de saúde, a Segurança Pública não conseguiu consolidar após abertura política os espaços de negociação e nem a construção coletiva de políticas com a participação conjunta entre instituições e sociedade civil. Além disso, há também os impedimentos intergovernamentais e os desarranjos organizacionais que isolam as instituições e que dificulta a articulação entre as próprias instituições que formam o campo da Segurança Pública.

A partir dessa breve discussão teórica, passaremos a debater a seguir a metodologia empregada neste estudo. Objetiva-se com isso mostrar as decisões de caráter técnico e

metodológico no desenvolvimento deste estudo, assim como, as dificuldades e entraves na operacionalização deste estudo.

CAPÍTULO 2 – DA METODOLOGIA

2.1 Delimitação do campo

Com o intuito de apreender as representações sociais dos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal sobre a intersetorialidade das políticas de Drogas e Segurança Pública nesta sessão apresentaremos a metodologia e as ferramentas de pesquisas utilizadas na produção deste estudo. Portanto, passaremos a debater na sequência, as representações sociais construídas pelos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal do Estado de Goiás, *locus* desse estudo, acerca das políticas intersetoriais. Foram quatro as questões que nortearam este estudo: a) identificar as representações dos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal acerca da legislação sobre drogas e das políticas sobre drogas, atentando para as políticas proibicionistas, os focos de atuação das polícias e os seus efeitos e resultados; e b) apreender quais as representações possuem sobre as políticas de drogas alternativas, da redução de danos à descriminalização do uso e da legalização de diversas substâncias.

Tais eixos apresentados tiveram por objetivo principal compreender sobre as políticas intersetoriais que a Segurança Pública de Goiás tem produzido sobre as drogas. Para ampliar o debate sobre o tema, este estudo não fixou apenas nas instituições que compõem a Segurança Pública no Estado de Goiás, mas procurou discutir tais intersetorialidades a partir de todo aparato que formam o Sistema de Justiça Criminal em Goiás. A decisão pela abertura do leque institucional se deveu ao fato de que as drogas, tanto o uso como a vendas, são criminalizadas e, por isso, envolve toda um aparato de atores e agentes que se relacionam na formalização desse processo, ou seja, são instituições que estão conectadas permanentemente. Portanto, nesse sentido, ampliar o campo para demais atores contribui para indetificar se na produção de políticas públicas sobre drogas essas instituições estabelecem algum tipo de diálogo e parcerias.

Além dessa questão, compreender as representações construídas pelos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal sobre as políticas adotadas pelo Estado e pelas instituições às quais pertencem em interface com as políticas sobre drogas ajuda a identificar se há algum tipo de intersetorialidade na produção dessas políticas. Neste sentido, procurou-se compreender como os operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal lidam com a questão do tráfico de drogas. Quais são as iniciativas e os objetivos estabelecidos pelas instituições policiais e pela justiça criminal para lidar com esse fenômeno? Como se definem focos e prioridades para a repressão ao narcotráfico? O que pensam sobre o papel das

instituições no combate ao narcotráfico e sobre as políticas antiproibicionistas e de redução de danos?

As representações sociais dos atores que compõem o Sistema de Justiça Criminal ajudaram na elucidação da hipótese inicial da pesquisa de como as drogas ainda são tratadas hegemonicamente dentro do campo da segurança. A partir do aprofundamento sobre os dois eixos apresentados durante a pesquisa, ficou evidenciado que as políticas públicas produzidas carecem de uma visão mais ampla sobre o tema, dialogando, sobretudo, com o campo da educação, saúde, serviço social e dos direitos humanos.

Como veremos ao longo do artigo, encontramos duas visões distintas sobre as drogas e de suas políticas. De um lado, temos uma visão mais conservadora sobre o tema, em que o proibicionismo e a lógica repressiva deve ser o foco de atuação e a principal política pública a ser adotada pelas instituições que compõem o Sistema de Justiça Criminal. A visão que reforça as políticas de guerra às drogas é defendida, sobretudo, pelos entrevistados que fazem parte da força policial: guardas municipais, policiais militares, policiais civis e delegados. Por outro lado, a maior parte dos promotores, defensores públicos e juízes entrevistados apontam para uma perspectiva crítica ao modelo hegemônico, argumentando que os problemas que derivam das drogas não são simples e, por isso, devem ser (re)vistos a partir de uma ótica multidisciplinar e serem abordados para além de um problema da segurança pública.

A escolha pelo Estado de Goiás se deve ao fato do Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência (NECRIVI), realizador deste estudo, está situado em Goiânia. Além disso, devido às questões logísticas e as parcerias antigas mantidas entre o núcleo de pesquisa com instituições que compõem o Sistema de Justiça Criminal corroboraram para a tomada de decisão, pois como demandaríamos entrevistas em profundidade fatores burocráticos poderiam prejudicar o encurtado prazo para o desenvolvimento deste estudo. Portanto, diante da quadro interessante de fazer uma comparação, a decisão por realizar este estudo focado em Goiás serve para ampliar o debate para futuros estudos comparando com outros locais.

Para o desenvolvimento deste estudo foram realizadas entrevistas em profundidades (EPs) com gestores os operadores do Sistema de Justiça Criminal, divididas entre a Guarda Municipal, Polícia Militar, Polícia Civil (agentes e delegados), defensores públicos, promotores e juízes criminais. A seleção dos participantes se deu a partir da atuação deles em Goiânia ou

Aparecida de Goiânia, as duas principais cidades que formam a Grande Goiânia¹. Foram alcançadas o total de 61 entrevistas, distribuídas da seguinte forma:

Quadro 1 – Distribuição das entrevistas

Entrevistas	Quantidade
Polícia Militar	28
Polícia Civil	15
Guarda Municipal	2
Defensoria Pública	3
Promotores	6
Juízes	7
Total	61

Fonte: Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás

Além do quadro acima, buscou-se diversificar a distribuição dos participantes a partir de alguns critérios. Em relação aos juízes, promotores e defensores públicos os pontos foram o tempo de atuação e os tipos de crimes em que atuam. Já em relação à Guarda Municipal, Polícia Militar e Polícia Civil os critérios utilizados foram tempo de atuação, local de trabalho (delegacias, bairros, equipes) e hierarquia. Além disso, dentro das possibilidades de campo, tentou-se respeitar as categorias geracionais e de gênero na repartição das entrevistas.

Todas as entrevistas foram realizadas pelos coordenadores e bolsistas da pesquisa. Cada entrevista teve a duração média de 1 hora e foram feitas em locais reservados, onde estavam presentes apenas o entrevistador e entrevistado, como forma de assegurar a privacidade das falas dos participantes da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Para a análise das entrevistas foi utilizado o método das representações sociais de Serge Moscovici (1978), do qual detalharemos logo abaixo.

A realização do campo ocorreu entre maio a setembro de 2016. Por conta da facilidade de acesso e de agendamento, as primeiras entrevistas realizadas foram com agentes e delegados da Polícia Civil, guardas municipais e defensores públicos. Por outro lado, tivemos impasse inicial para a realização de entrevistas com promotores e juízes, ou por recusa ou por problema de agenda desses atores. Além disso, por questões burocráticas, o acesso aos gestores da Polícia Militar (PM) foi demorado, sendo autorizado pelos gestores apenas na parte final da pesquisa.

¹ Segundo os dados do Seplan, a RMG é formada por 20 municípios e totaliza 2.173.115 habitantes. Desses, praticamente 81% estão concentrados nas cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

As entrevistas, para dar conta dos eixos propostos pela pesquisa, foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado que abrangeram 12 temas (cf. Quadro 1). O modelo semiestruturado de entrevista possibilitou que todas as questões fossem exploradas de forma mais profunda e, por isso, possibilitou fazer diferenciações sobre crença, valores e representações entre os atores de instituições diferentes e, também, entre atores da mesma instituição sobre todas as temáticas. Portanto, as 12 temáticas que compuseram o roteiro semiestruturado foram:

Quadro 1 – Temáticas de discussão do roteiro semiestruturado

Nº	Tema
1	O que são as drogas
2	O consumo de psicoativos
3	Representações sobre usuários e traficantes
4	Avaliação sobre o trabalho e as políticas da instituição sobre as drogas
5	Legislação sobre as drogas
6	As políticas proibicionistas e seus efeitos
7	Descriminalização e legalização
8	Comunidades terapêuticas e internação compulsória
9	Redução de danos
10	Relação entre drogas e violência
11	Dinâmica e funcionamento do tráfico
12	Polícia, drogas e tráfico

Fonte: Pesquisa “Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás”, Goiânia, 2016.

2.2 As representações sociais

Em 1961, Serge Moscovici (1978), em estudo sobre a representação social da psicanálise, redefiniu o campo da psicologia social,² usando como suporte de seu trabalho o conceito de representação coletiva, tomado emprestado da sociologia clássica. Esse estudo deu corpo a uma teoria das representações sociais, a partir do estudo de uma representação coletiva no interior de uma sociedade complexa.

Para Moscovici (1978), interessava desvendar o caráter *mutatis mutantis* das representações, isto é, o aspecto dinâmico e conflitual das representações sociais. Em

² “Em 1976, referindo-se a esse trabalho, Moscovici revelava que sua intenção era redefinir o campo da Psicologia Social a partir daquele fenômeno, enfatizando sua função simbólica e seu poder de construção do real” (Alves-Mazzotti, 1994:61)

vez de uma “teoria” do conhecimento, fundada nas representações coletivas primordiais – as categorias do entendimento – o pesquisador procurou explicar a dinâmica da transformação das representações no interior das sociedades de afluência, nas várias formas pelas quais estas representam-se a si mesmas dinamicamente. Em vez da primazia do social na explicação dos fenômenos sociais, a psicologia social propõe a inseparabilidade da relação indivíduo-sociedade. E localiza o seu objeto de estudo – as representações sociais – entre os campos da psicologia (os indivíduos e suas representações individuais) e da sociologia (a sociedade e suas representações coletivas). Assim coloca:

Esses dois pontos de vista [uma visão somente sociologizante ou somente psicologizante] são claramente errôneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. Além do mais, todas as culturas que conhecemos possuem instituições e normas formais que conduzem, de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização. As representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível. Quero dizer que é justamente este estado de coisas que torna a noção de conflito tão essencial em nossa teoria, quer se trate de transformações cognitivas, quer se trate de comunicações públicas. Sem esta noção não se pode compreender nem o dinamismo da sociedade nem a mudança de qualquer uma das partes que a compõem. (Moscovici, 1995:12)

Essas premissas possibilitam tratar as representações sociais como uma dimensão inseparável tanto do mundo social quanto do mundo psicológico que conformam o indivíduo. Conforme Alvez-Mazzotti (1994, p. 62), “em sua atividade representativa, ele [o indivíduo] não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material”. Mais do que isso, nesse espaço de conflito e interação entre as transformações cognitivas e as comunicações públicas³ vão se formando “universos consensuais”, no interior dos quais as representações são comunicadas e produzidas, é que vão dar forma tanto à noção de pertencimento a um grupo quanto à própria identidade do grupo. Para Moscovici, mais que representações coletivas, esses emaranhados de construções esquemáticas que nos permitem entender o real e nos situarmos vão dar contornos a

³ Moscovici descreve dois processos que articulados dão forma às representações sociais: a elaboração psicológica, constitutiva da representação, que chamou de objetivação, e o processo de enraizamento social da representação, que chamou de ancoragem.

verdadeiras teorias coletivas sobre o real que “determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das ideais compartilhadas pelos grupos e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (Moscovici, 1978, p. 51).

Diante do exposto, o que podemos dizer sobre as drogas e as políticas que se construíram entorno delas? Se seguirmos os passos de Moscovici, esta pode ser vista como uma categoria do pensamento, como uma representação social. Para Moscovici, a representação social, ao articular o processo de transformação cognitiva do objeto e o sistema de pensamento social preexistente, faz com que os indivíduos mantenham “um fluxo contínuo de pensar e de agir sobre a realidade, tornando-se produtores e produto da entidade que para muitos parece inatingível: a sociedade” (Ximenes, 1997, p.07). A teoria das representações sociais permite a articulação, no interior do conceito de representação, do arquetípico e do que é historicamente construído.

A partir do que foi exposto até aqui, apresentaremos a seguir os principais resultados deste estudo em duas partes. Na primeira mostraremos as representações sociais que os entrevistados possuem sobre a legislação sobre drogas vigente no Brasil e como percebem as políticas de drogas. Apresentaremos, ainda, quais são as principais políticas desenvolvidas pelas polícias Militar e Civil em relação às drogas, assim como identificar se houve intersetorialidades em suas produções. Na segunda e última parte trataremos sobre as crenças, valores e opiniões dos entrevistados sobre o proibicionismo, as políticas alternativas das drogas e, por fim, sobre a descriminalização e a legalização das substâncias psicoativas.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS

3.1. Percepções sobre drogas

No primeiro momento da pesquisa buscamos conhecer as definições dos participantes do estudo sobre drogas, assim como, suas posições sobre o ato de consumo e de venda dessas substâncias. A ideia central dessa temática foi compreender os conhecimentos técnicos e as percepções morais entre os participantes sobre o entendimento que possuem sobre as substâncias psicoativas, assim como, sobre o seu consumo e comercialização.

3.1.1. Definindo drogas

No que diz respeito à concepção sobre as drogas, o estilo de respostas dos entrevistados baseou-se, ora em uma exposição de forma aberta com suas opiniões pessoais, ora em argumentos técnicos e jurídicos, sendo que o entendimento sobre o que são essas substâncias e seus efeitos situou-se em duas classificações distintas, de um lado, aqueles que ressaltam aspectos referentes à alteração dos comportamentos e efeitos psicoativos, de outro, os que dão ênfase à questão da dependência, onde toda substância capaz de gerar compulsão, mesmo aquelas lícitas, é considerada droga. Nessa outra perspectiva, algumas falas, ressaltam o caráter político da classificação do que seja tido como droga em cada época e sociedade.

Além disso, os participantes apontaram diferenças entre algumas substâncias, criando, assim, categorias de drogas mais ou menos nocivas. Ao mesmo tempo, muitos dos entrevistados trazem a distinção jurídica sobre os psicoativos legais e ilegais, exemplificando que essa separação é questionável, sobretudo por conta dos efeitos e danos do álcool e do tabaco quando comparado à maconha. Outros ainda levaram a discussão sobre as drogas para um debate mais amplo, apontando que drogas pode ser qualquer substância ou objeto que pode causar algum tipo de dependência psíquica ou química, exemplificaram falando do açúcar, café e, até mesmo, do uso do celular nos dias atuais.

[...] é qualquer tipo de substância que causa dependência, que pode afetar a vida das pessoas tanto de forma direta, quanto indireta. E assim, a gente sabe que tem as drogas ilícitas, que são as proibidas, e tem as drogas lícitas, que são o cigarro, o álcool. Então assim, de uma maneira geral, eu acho que quem faz o uso de qualquer tipo, a pessoa tem que saber o controle, mesmo que seja o álcool, o cigarro, porque se a pessoa usar qualquer tipo de droga, seja ela ilícita ou não, demasiadamente, vai atrapalhar ela; eu acredito que a droga também esteja relacionada à violência (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Droga hoje pra mim é o que a portaria do Ministério da Saúde que eles relacionam a... São aquelas drogas ilícitas, e também tem algumas que são permitidas, que dão problema também, mas a gente trabalha aqui na delegacia com as ilícitas, que são maconha, cocaína, LSD, essas.... Eu acho que a pessoa não vai pra frente... Acho que a droga é um mal que tem hoje na sociedade. Porque a pessoa não.... Ela fica fora da realidade dela, a pessoa que usa há mais tempo, ela não consegue estudar, não consegue trabalhar, vira um problema, uma doença na família. Eu já tive problema com familiar, já vi muitos familiares na delegacia também perdendo... É... Perdendo a estrutura toda familiar por conta de droga, então eu acho que é um mal que tem na sociedade. Até o álcool, dependendo, apesar da gente não poder prender alguém que tá bebendo, se não for menor, eu acho que, é.... Afeta a família. Droga.... Tem o álcool, o cigarro, mas que a gente trabalha mesmo são as ilícitas, que é maconha, cocaína, o crack, que são as mais usuais que a gente vê no dia a dia aqui no Brasil, né? (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

Droga, da origem da palavra ela é veneno, né? Tudo aquilo que intoxica a pessoa, né? A toxicidade dessa droga, desse veneno, às vezes pode ser uma toxicidade um pouco mais rápida ou um pouco mais lenta, né? Então quando a gente fala em toxicidade, aquilo que intoxica a pessoa, traz de certa forma prejuízo, então, pra mim droga é tudo que prejudica, de certa forma, tá? O corpo humano, tá? Então esse seria conceito de droga, tá? (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

As drogas para mim hoje é o que gera o maior déficit, é o maior problema, acho que se a gente resolvesse o problema do tóxico resolveria metade dos nossos problemas. Gera problemas previdenciários, então nós reclamamos de déficit de previdência, há um déficit muito grande previdenciário por causa de drogas. Nós reclamamos por causa de violência e droga gera violência, né, e baixa a produtividade dos servidores públicos e privados talvez, há um índice muito grande de servidores públicos e trabalhadores privados também com drogas. Eu acho que a gente resolveria muitos problemas com isso, eu vejo como algo que tem que ser prioritário, deveria ser prioritário e não é. (Policia Militar, homem, 50 anos)

[...] droga é tudo aquilo que faz mal pra você, tem as drogas lícitas, que são permitidas pela legislação, e as drogas ilícitas né, então é... Dentre as drogas lícitas, aqui nós temos uma que atrapalha muito o trabalho da guarda que é o álcool, né, hoje nós temos muito mais gente que usa álcool, que tem problemas na nossa divisão de assistente social, do que o próprio usuário de droga de entorpecente, a gente tem alguns também usuários de drogas, que é... Nossa equipe identificou e tenta tratar eles, tenta dar alguma é... ajuda, e tudo, o máximo que a gente conseguiu é tirar ele do operacional, colocar eles na divisão pra que a gente possa tratar, mas o grande problema mesmo que eu acho é, na nossa instituição... É o alcoolismo mesmo, eu acho que... É um retrato da sociedade inteira, apesar que todo mundo fala muito do crack, mas olhar mesmo... Que o crack é uma consequência que ela é muito imediata muito rápida é muito né, e vai pra outras. (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos)

Droga no meu entendimento é toda substância que pode causar qualquer tipo de dependência no outro, ou então.... Não é só causar dependência; isso não é um conceito correto. Na verdade, droga é toda e qualquer substância, se a gente pode chamar assim, que causa mudança no nosso comportamento. Então eu posso usar o açúcar até ter uma crise (risos) de hiperglicemia aí. Eu posso usar o açúcar, como eu posso usar o álcool, como eu posso usar o Rivotril. Então toda e qualquer substância que altera o psicológico, o neurológico, o biológico ele é uma droga, ele pode ser considerado uma droga. Existem muitos conceitos de droga, mas voltada para o

trabalho, nós trabalhamos muito com o conceito de substância psicoativa mesmo, e que altera o comportamento. A gente trabalha nesse sentido. (Guarda Civil Metropolitana, mulher, 55 anos)

[...] eu considero droga tudo o que possa causar um entorpecimento. Desde álcool, até algo que seja necessário, como cafeína também. Não só aquelas que são tidas como ilícitas. [...]. Eu acho, e a grande verdade é que, de maneira geral, toda a sociedade se droga. Uns com álcool, outros com cafeína, outros usam substâncias como: cocaína, maconha. Mas de maneira geral, todo mundo se droga. E sempre se drogou, desde o início da nossa sociedade. Só que por alguns motivos algumas foram estigmatizadas. Como o álcool já foi nos Estados Unidos inclusive. E, se tem essa cultura de que essa guerra às drogas algum dia vai dar resultado, se a repressão for aumentando. Mas, a gente vê historicamente, que isso só vai diminuindo. A lei anterior pune o usuário e eles já constataram que isso é uma atitude... (Defensor público, homem, 26 anos)

A droga é qualquer substância que causa alguma alteração da psique né! Qualquer substância que produz efeitos psicoativos. (Defensor público, homem, 37 anos)

A droga, ela é tudo aquilo que é utilizado pelo sujeito e que provoca alteração no psicológico, no psíquico dela e que causa dependência. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Bom.... Tirando o conceito legal da portaria da ANVISA, a gente precisa encarar a droga como um fenômeno social. Pra começar a gente tem que tirar o estigma que droga é ruim. Droga é bom e muito bom! Se droga fosse ruim ninguém usava. Então primeiramente a gente tem que considerar que a droga ela é um fator social, é um fator de agregação, né? (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Não é só o que eu considero, é levado em consideração inclusive a portaria 344 passa por uma vigilância sanitária. Droga não é qualquer coisa que causa dependência né. Coca-cola também causa, o café também causa, o cigarro também causa. Droga nos termos da legislação é tudo aquilo que gera uma dissociação de realidade. Então não é só você ficar fissurado pra comer chocolate, fissurado pra tomar café, é necessário que gere um certo desequilíbrio emocional psíquico pra que a portaria 344 entenda como droga. Droga é tudo aquilo que é capaz de mexer com o equilíbrio de alguém. São três categorias. E de acordo com essa categoria vai gerando umas alucinações maiores ou menores. Então droga, hoje, pra legislação, é aquilo que gera dissociação da realidade. Não é qualquer coisa que causa dependência não, porque isso cigarro causa, a Coca-cola causa, o café causa, mas é só aquela que mexe com o nosso equilíbrio e com a nossa percepção da realidade. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

[...] são substâncias que causam alteração, é... O ser humano e essa alteração tanto psicologia quanto biológica mesmo no próprio organismo e ao ponto de desestabelecerem a questão de consciência, a questão do sistema nervoso e é claro que, além disso, tem consequências diversas tal como o envolvimento dos usuários, dos adolescentes usuários, com atos infracionais. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Assim, na prática, todo produto que causa dependência, né, e que chega ao ponto de tolher do ser humano a livre, a livre consciência, a livre disponibilidade dele mesmo, e nós deparamos com isso aqui diariamente né, gente que é escravo daquela

substância, então deixa família, deixa tudo que é normal no cotidiano por conta da droga. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

É tudo aquilo que te tira do normal. Que é químico né? Ou não, não sei se eu posso chamar... O álcool é químico? É, né? Mas é tudo que me tira do estado normal. Pelo menos as experiências que eu tive de atender pessoas sobre o efeito de drogas, tanto o crack, o crack a experiência é tenebrosa porque as pessoas ficam muito agressivas [...]. O álcool é o mais comum. Eu diria que 80% das minhas ocorrências hoje têm o álcool. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Droga é todo aquele que vem fazer mal pra sociedade. Pra mim droga não é somente maconha, cocaína. A droga maior que nós temos aí e que ninguém olha e deixa e está matando demais é o álcool. (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Há resumidamente, no contexto da palavra, é toda e qualquer substância que causa dependência física e psíquica. É... Desde da maconha, que até mesmo seria uma droga, considero polêmica, em alguns países já foram legalizados seu uso e comercialização em pequenas quantidades, até as drogas de maior impacto, viciante, tal como crack, cocaína, né, derivado da cocaína em geral, a meu ver, são as drogas de maior, que causam maior dependência física e psíquica, né, no usuário. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

[...] tá lá nas portarias da ANVISA o que é que seja droga, a própria ANVISA que disciplina. O que é droga ou não deveria o princípio psicoativo que ela tem pra causar dependência ou não em uma pessoa. Pra mim eu sei o que tá na portaria. Está lá é droga? É droga. Mas nós sabemos que nós temos drogas lícitas e ilícitas né? Aqui nós tratamos das drogas ilícitas que vão entrar na Lei Antidrogas né, na Lei 11.343. Mas nós sabemos que o álcool – apesar de ser uma droga lícita – ele é o grande propulsor que ocasiona vários problemas que tá relacionado também a criminalidade. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Droga é tudo aquilo que transforma ou modifica a parte sensorial humana e que pode trazer consequência psicológica ou inclusive fisiológica. Altera a fisiologia do ser humano. Essas drogas para o Ministério da Saúde se separam em duas; as legais e as ilegais. Essas ilegais fazem parte da portaria do Ministério da Saúde que consideram aquelas drogas proscritas e elas não podem circular e tal. E é essa que a gente faz o combate. A pior droga que eu conheço, atuando há 17 anos como delegado, é uma que eu faço uso, não muito, mas eu faço de vez em quando que é o álcool. De vez em quando eu uso o álcool (risos). O álcool socialmente é o mais danoso. O álcool e violência doméstica, 60, 70% tem envolvimento com o álcool. Violência contra criança e adolescente, mais ainda. Homicídios, acidentes de trânsito, ela é infinitamente maior do que qualquer outra. E ela não é uma droga porque tem um apoio econômico muito grande. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

A droga pra mim pode ser um momento de prazer, pode ser um momento de loucura, droga pode ser... Droga é um motivo para se ganhar muito dinheiro, como motivo para desviar muito dinheiro. Droga é um tabu. Desde sempre existiu drogas, e droga é cultural. Droga pra mim é cultural. Agora é utilizado por um discurso: droga é o que move por interesse de outros. E moralismos, né, que queira que o Becker fala de empresários morais, é utilizada para destilar o moralismo de alguns, se impondo sobre a grande parte. Então a droga ela é muitas coisas, né? Acho que não é uma coisa só. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

[...] são substâncias que geram efeitos psicotrópicos, etc.... E definidas por agências de regulação, como nosso caso a ANVISA, isso do ponto de vista criminal é obviamente que nem toda substância que traz esses efeitos está nessa lista das substâncias proibidas. O álcool produz, o cigarro produz e são os exemplos mais corriqueiros e comumente citados. Mas, por alguma escolha se diz que essas não são permitidas e são diversos fatores que levam a essas escolhas né? Política criminal, mas essa política criminal ela está associada a quê? A quais critérios? Então esse tema é tema que deve ser amplamente debatido e esclarecido, né? Porque que tal droga... Tal substância é proibida e outra não, né? Até onde vai esse limite? (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

[...] droga é tudo, desde o remédio que você compra na farmácia, ele é uma droga. Só que ele é uma droga controlada e os médicos mesmo usam. Só que é uma droga boa, uma droga que vem fazer o bem. Porém se alguém quiser suicidar, querer fazer o mal pra alguém é só misturar alguns remédios que ele viram um possante letal. Então é uma droga, mas ela tem controle. Controle de remédio é maior, o cigarro que é comercializado é uma droga que hoje causa um prejuízo para o estado de uma forma geral muito grande por que as pessoas fumam e é a nicotina que vem muito lixo ali dentro, eu não fumo graças a Deus. Então alias pessoas têm hoje mil e uma doenças que é uma droga, mas é lícita. A bebida, o álcool, quando ele é usado comedidamente, ele é prazeroso e tudo, por que ele é lícito; mas quando ele excede, ele vira uma droga prejudicial. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Drogas que eu to me referindo são as drogas ilícitas tá? O que são drogas ilícitas, o que tem o maior consumo hoje, quase tudo, é crack. Também tem maconha num percentual bem menor, cocaína, heroína a gente praticamente não vê, tá? Então hoje em dia droga mesmo que a gente vê que tá causando um grande problema é o crack. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

[...] a diferença entre a droga e o medicamento na verdade é a dose, então na verdade tudo que é droga ela tem um quê de pensamento medicinal, um lado que serve pra melhorar às vezes a vida das pessoas, e dependendo da dose e do modo que ela for usada ela (inaudível) entorpecente. O que é o que me parece que difere pra efeito de pesquisa são as drogas lícitas e as drogas ilícitas, quer dizer, é essa que é a diferença, as drogas ilícitas são aquelas que o legislador diz que são ilícitas, a gente tem uma discussão, por exemplo, assim dizer, o álcool... É uma droga? Nessa amplitude sim, mas ela é lícita, o legislador não incluiu dentre as drogas ilícitas. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

[...] Eu considero droga todas as drogas lícitas e ilícitas [...]. 98% dos problemas... 96% dos problemas que existe no mundo é por culpa do álcool. Então eu acho que álcool é a droga mais... È... Que prejudica mais a população porque existem muitas famílias que ninguém mexe com drogas é... Ninguém usa droga ilícita e o álcool ele tá praticamente em todas as casas que a gente conhece. Então quer dizer pra mim droga são todas as lícitas, que é o álcool. Acho que é pior ainda que as outras, as ilícitas. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Na minha opinião, as drogas hoje elas vêm de diversos crimes, né? Como o álcool, como cigarro, o que, acho que o agravante disso aí foi um estímulo maior e a facilidade das pessoas de iniciarem o seu consumo. Porque a droga sempre houve, mas um percentual muito baixo da sociedade tinha acesso, queria ou se interessava. Hoje não, hoje a propaganda, nós temos um protagonista que é o álcool, que é terrível, só que é legalizado então, e por causa disso as pessoas não consideram, não veem álcool como danoso, ou algo assim. E a causa de acidentes de trânsito, de brigas, homicídios, o

álcool traz na mesma quantidade da maconha, da cocaína, a merla... [...] A diferença que as drogas têm é que tem a presença do traficante, então hoje, essas drogas ilícitas ela tem a figura do traficante, então hoje a sociedade, essas pessoas, elas controlam e se faz de tudo pra distribuir. E elas causam tanto dano quanto o álcool e outras drogas lícitas também. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Droga é um inferno (risos). Droga é um inferno porque é o que temos hoje de, de crimes do menor ao maior ele gira em torno das drogas. Ao meu ver são as drogas e a corrupção os dois grandes câncer da nossa sociedade porque os dois andam juntos, andam juntos, tanto a corrupção política quanto de diversas outras, né? Até no setor, até no meio judiciário e em todas as, as instâncias e... Corrupção e o crime são fenômenos naturais de uma, de uma sociedade, a gente sabe disso, mas, têm níveis aceitáveis e o Brasil hoje vive um nível muito além do que a gente pode imaginar inclusive. Então pra mim a droga são os dois, dois é, tá entre os dois problemas maiores que a gente tem tanto de desordem quanto de crime, né, porque ela incentiva e fomenta outras coisas. Pra mim é uma das causas do caos que a gente tem hoje de Segurança Pública. (Policial Militar, homem, 34 anos)

Hoje eu vejo que a droga tá relacionada muito com a saúde pública, e infelizmente o consumo hoje é muito grande, e a facilidade das pessoas é muito grande, então com a facilitação do uso da droga passando pelo sistema criminal potencial, o que a gente vê constantemente, tá patrulhando na rua, você vê sistematicamente o aumento das pessoas usuárias de drogas e infelizmente a estrutura do Estado em geral não dá condições para que essas pessoas se recuperem, muitas das vezes eles se perdem no meio do caminho, não conseguem, não tem retorno. (Policial Militar, homem, 47 anos)

[...] drogas são as substâncias que influenciam na maneira da pessoa agir, na maneira da pessoa pensar, são substâncias que realmente influenciam na maneira da pessoa agir e pensar, e claro que a gente entende que as drogas têm os dois grupos, tanto as lícitas como as ilícitas, muitas pessoas acreditam que droga é só maconha, cocaína, mas a gente tem que ver que existe as drogas lícitas também o álcool, o cigarro que são tão danosos quanto às ilícitas. (Policial Militar, homem, 40 anos)

Bom, a droga, como característica própria, é uma substância que causa dependência. Toda substância que causa dependência é droga, ela submete ao individuo uma condição precária de dependência, de submissão á aquela substância química que o corpo dele está estimando a sentir esse prazer químico. Droga no meu ponto de vista é o mal, é uma coisa que está desgraçando a família de muitas pessoas. (Policial Militar, homem, 39 anos)

Drogas seriam substâncias aptas a modificar a consciência do sujeito, vamo resumir por aí. Então seria, a partir dessa referência, a gente poderia ter como drogas diversas substâncias, não aquelas apenas definidas como ilegais na legislação. (Promotor Público, homem, 47 anos)

3.1.2. Drogas como pauta atual de debate

Ao tratar sobre o debate das drogas no cenário atual, percebeu-se nas falas dos representantes do Sistema de Justiça Criminal um entendimento que esse fenômeno ganhou alta

notoriedade social, sendo tema de discussão em diversas esferas da sociedade civil, por agentes do Estado e a mídia. Se por um lado houve aumento de discussão sobre o tema, deve-se, sobretudo, segundo a fala de alguns entrevistados, à disseminação das substâncias psicoativas ilegais em Goiás, principalmente o crack. Por outro lado, além da disseminação de tais substâncias, sobressaiu o fato de que se antes o consumo de drogas estava alocado entre as camadas mais pobres, o debate atual ganhou força porque o consumo, sobretudo a dependência, atingiu também a classe média. Ressaltam também que a facilidade em acessar informações, destacaram a internet, possibilitou que a discussão sobre o fenômeno se ampliasse e ganhasse força social, justificado pela necessidade de conhecimento face ao medo das drogas.

Assim, eu acho que essa discussão é por causa disso mesmo, o aumento da criminalidade. (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos).

Olha pela vivência que eu to tendo nos últimos três anos, eu acredito o que assustou muito é uso da droga nos espaços públicos. Por que o medo da droga ilícita, sempre foi maior que qualquer medo que existe para os pais. Para os responsáveis por crianças e adolescentes, vamos dizer assim, no imaginário dessa família droga é tudo aquilo que se fuma escondido, que o menino adquire por meio ilícito, ou que a droga é a droga ilícita. [...] Então eu acredito que isso que assustou, e outro aspecto que traz muito é a mídia. A mídia traz um sensacionalismo enorme essa questão do uso de drogas. Usa-se drogas desde que o mundo é mundo, se usa álcool e outras drogas, outras que nem existem mais. (Guarda Civil Metropolitana, mulher, 55 anos)

Porque a droga ela foi disseminada, e antes creio eu que nos anos 60-70 quando a droga chegou aqui, ela era utilizada mais pela classe média, média alta por filhinhos de papai. Agora com a criação de novas drogas como, por exemplo, o crack. O crack surgiu agora depois que eu formei, surgiu de uns anos pra cá. Em Goiás surgiu em 2008 por aí, e com o surgimento do crack, o crack atingiu essa população, essa baixa renda. Então ele disseminou e surgiram as cracolândias, o tráfico aumentou e ele também, as drogas hoje em dia são mais fáceis de achar do que antigamente. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Porque o filho do rico hoje usa droga. Porque o boyzinho do condomínio fechado hoje teve contato com a droga e devido a isso hoje se discute tanto droga. A gente tem cocaína a muitas e muitas décadas, né? Ah... Droga sempre teve... Só que pela falta de oportunidade criou-se um mundo criminoso que gira em torno da droga. E o fato de pessoas com poder econômico maior estarem diante do problema, hoje todo mundo tem ou conhece uma família que tem alguém com problema de drogas, então isso daí virou a culpa é das drogas, não a culpa é do estado! Drogas sempre teve. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Nos últimos anos, na minha visão foi, é... A violência que circunda a droga hoje. Porque ela se revelou hoje um mercado muito rentável, muito rentável, que, onde transita quantidades extremamente vultosas de dinheiro, e como ela é proibida, ela não tem regulamentação pra comercialização, a maconha, a cocaína, então criou-se um estado paralelo que vive e se sustenta disso, e chegaram a números estrondosos, e aí a sociedade tá voltada pra isso agora. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Porque eu acho que está cada vez mais próximo de nós, né? Isso é social é um fenômeno social, o consumo de drogas hoje é uma questão de saúde pública mesmo, né? Não adianta mais eu querer marginalizar o usuário de drogas por que... Eu tenho problemas com minha família, meus primos, com meus irmãos, com meu pai, enfim... Eu acho que ele tá extremamente democratizado. Eu não tenho mais como dizer que a droga é um problema da periferia. E eu acho que enquanto era um problema da periferia ninguém se importava muito, né? É aquela história enquanto tá morrendo só negro e pobre ninguém tá muito preocupado, mas aí começa morrer gente lá da situação de gente mais nobre, de famílias enriquecidas, né? Aí, você começa a perceber uma preocupação maior ou uma cobrança maior, a própria imprensa. Porque imprensa valoriza, não adianta a gente falar que não, mas ela valoriza determinados crimes em detrimento de outros muito embora às vezes tenha a mesma gravidade, né? (Delegado da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Olha, acredito que pelo seu alto poder é... Viciante, né, e pela fácil disseminação do uso, né, desenfreado, a produção desencadeada em outros países, até mesmo dentro do Brasil, temos um problema já de ordem pública, não só aquele problema individual, familiar, como no passado, talvez há 30, 40 anos atrás, hoje infelizmente se popularizou o uso da droga. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Eu acho que tem duas motivações aí. Uma boa e outra ruim. A boa é essa questão da internet, de todo mundo ter um livre acesso, da gente fugir da mídia formal. Então são discussões mais qualificadas, a gente consegue discutir isso de uma maneira mais aberta, sem ser através da Globo com uma opinião mais formal e isso é legal. Outra coisa, é porque a repreensão as drogas, há poucas coisas que afetam a classe média alta. Então como a gente afeta, de vez em quando a gente pega filho de alguém ou alguém que se julga intocável e essa pessoa se revolta. Então você tem essa discussão das drogas como se fosse um pródroga. Então eu acho que essas duas vertentes, faça com que a gente discuta muito esse assunto. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Acho que é principalmente pelo fato das famílias de médio e alto poder aquisitivo que acaba sendo os formadores de opinião, são as pessoas que conduzem o país elas estão todas elas contaminadas por algum membro amigo participante da família que está sendo atingido pela droga e isso fez com que fosse disseminado nos meios de comunicação dessa questão da droga como o mal do século, pelo fato da droga ter atingido muito fortemente as famílias de alto poder aquisitivo. Que são essas pessoas que pautam o jornalismo, e também via de consequência as famílias mais carentes também tão lá sofrendo mais ainda, porque tem a questão do tráfico que é uma droga muita barata e de potencial danoso a saúde gigantesca, então acaba que a droga monopoliza um pouco em razão disso. (Delegado da Polícia Civil, homem, 52 anos)

Eu acho que é, embora a gente esteja passando por um momento muito ruim politicamente, né, que a gente tá vivendo uma série de processos de direitos fundamentais e sociais no Brasil. [...] Estamos no momento “democrático” no mundo, democrático no sentido da globalização, no sentido dos direitos fundamentais, e com todas as suas ilicitudes. Eu acho que isso aí ocasionou maiores aberturas para se... A globalização veio acabou com tudo que é barreira, o Bauman gosta de falar disso e acabou... A própria questão da religião, a religião, ela segurava muito a questão das drogas, e hoje as religiões estão desfaceladas, né? Por mais que os neopentecostais estão crescendo, acabou aquele tradicionalismo, isso aí deu abertura pra gente falar sobre tudo. E hoje com essa coisa da internet chegando, hoje a globalização. Com a internet, se questiona tudo e as pessoas têm... Como a nova direita hoje, vou colocar assim, não tem vergonha de colocar a cara, também os movimentos sociais entre aspas, tá? Progressistas também estão mais organizados, estão mais vorazes em

questão das pautas de minorias. Eu acho que isso aí tem muito a ver com isso aí, como esse momento. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Me parece que o, existe um salto decenal, é uma evolução decenal, que é um tema interessante de se observar. Era crime e vai minorando essa compreensão até finalmente descriminalizar. Por aí se percebe que é, essa discussão ela tem muito mais, muito além de qualquer fator, qualquer aspecto puramente jurídico, ou até de cunho, na área de ciências médicas, é muito mais aspecto moral. É... quer dizer, você percebe que é mais uma maturidade da sociedade, uma lei quebrando essas barreiras (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

Eu acho que tá discutindo nessa intensidade pelos problemas que as drogas estão causando na sociedade. Ela está assim destruindo muita coisa. [...] Então acho que hoje a gente tá discutindo muito por conta disso, alguma coisa precisa ser feita porque o mundo tá acabando, tá acabando, então isso aí tem que tomar providência e com urgência. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Eu acho que ela se torna pauta por uma série de coisas. Um primeiro é a modificação, modificação cultural, um conhecimento melhor das pessoas em geral a respeito desses princípios ativos, a respeito do que são drogas lícitas, ilícitas, e... Um fato que é, eu acho relevante é a incapacidade dos governos, aí não é só do Governo Brasileiro, mas dos governos acho que do mundo inteiro em realizar um controle específico das drogas chamadas de ilícitas. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Eu acho que a razão é a seguinte, que a sociedade ela vive um momento, vamos dizer, caótico e muito disso, a gente tem percebido, que tem sido atribuído a isso. Como eu disse, tanto as drogas lícitas como as ilícitas. As ilícitas geram vários outros problemas em razão da criminalização, da questão da venda, da questão do financiamento do tráfico, da questão... Do envolvimento com as crianças nesse processo que acabam é... Vamos dizer perdendo até a parte social, vamos dizer dessa forma. (Policial Militar, homem, 40 anos)

É porque toda, quase toda violência está direcionada a algum tipo de drogas, lícitas ou ilícitas, então esse é o motivo. (Policial Militar, homem, 44 anos)

[...] o assunto droga é tão evidente na sociedade porque, pela quantidade de droga que está disponível no mercado, e principalmente a quantidade de usuários, porque hoje, antigamente o usuário de droga, ele tinha um perfil, em sua maioria, da pessoa de baixa renda, da pessoa com baixa escolaridade, hoje não, hoje o consumo de droga ele independe de classe social, independe de nível cultural, é um fator que assola toda a sociedade. (Policial Militar, homem, 37 anos)

[...] a gente percebe que há uma tendência a se discutir as diferenças de uma maneira geral dentro da sociedade do ponto de vista patológico, né, como se qualquer diferença de comportamento do sujeito significasse algum tipo de transtorno, algum tipo de doença. Então você patologiza esse comportamento e a partir dessa percepção limitada do que é o sujeito a partir de uma diferença, e a drogadição faz do sujeito que abusa de drogas, por exemplo, é uma pessoa diferente daquela que a população entende entre aspas como normal, isso acaba favorecendo uma discussão superficial sobre o problema. Não se discute, por exemplo, o que leva o sujeito a fazer uso de substâncias psicoativas, mas sim a discussão se limita normalmente a o que fazer com o sujeito que faz uso de substâncias psicoativas, então há uma distorção aí no foco, que poderia ser melhor delineado nessa discussão, o que leva então a soluções as mais

mirabolantes. Quando se tem o uso de substâncias psicoativas como um problema, parte-se então para propostas de soluções que no senso comum são pautadas por ideias que não consolidadas por conhecimento técnico, científico, acadêmico sobre o fenômeno em si. Então nesse contexto, sobressai, fica bem evidenciado que a resposta mais comum é a resposta que simplifica a questão, há uma lógica de que quem usa drogas é anormal, quem usa drogas é um doente, quem usa drogas então precisa de tratamento e, quem sabe até contenção e essa abordagem também leva a diversas consequências e o que se tem como mais evidente nos últimos tempos da discussão que tem havido aqui no Brasil particularmente, que nos outros países tem havido avanços significativos, né, mas aqui não. Aqui então a solução acaba sendo simplificada com o populismo manicomial. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

3.2. Motivações para consumo de psicoativos

O uso de drogas na sociedade atual é percebido por uma parte expressiva dos entrevistados com uma tentativa de fuga da realidade, obtenção de satisfação imediata, recreação, ou mesmo uma tentativa de se sentir pertence a um grupo e a um estilo de vida. Todavia, para alguns, a posição socioeconômica tem, significativas vezes, relevância nas motivações dos usuários dessas substâncias. Enquanto, para os jovens de classe média alta, o consumo de drogas estaria relacionado à diversão e busca de novas sensações e prazer, para as camadas mais fragilizadas da sociedade, o uso se daria como uma tentativa de fugir da realidade e dos problemas cotidianos, como desemprego, desestrutura familiar, pobreza, abandono. Outros irão definir a partir de um julgamento moral, em que o uso das drogas se daria de um aspecto comportamental e de caráter do usuário, que está ligada à personalidade aventureira ou pela falta de caráter.

Acredito que aquela sensação de liberdade, aquela fuga, às vezes a pessoa se droga pra querer fugir de alguma realidade, que às vezes a realidade pode ser uma que ele não queria e ele tem esse pretexto pra usar droga e ficar de boa digamos assim, ficar legal; eu acredito que é uma fuga, uma falta de estrutura familiar talvez. Quem usa droga deve ter alguma coisa que tá faltando, tá buscando alguma coisa diferente. Eu acredito que seja, a falta de estrutura familiar, às vezes a falta de oportunidade de algumas coisas. Às vezes a pessoa busca nas drogas alguma sensação de realização de alguma maneira; acredito, penso assim. Mas assim, também isso de uma maneira geral, acredito que existem outros fatores que podem influenciar, ou seja, o meio que ela vive, algumas influências de algumas outras pessoas. Se a gente for colocar assim podem existir muitos fatores que podem determinar em a pessoa usar droga ou não, não é só uma coisa, podem várias coisas. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

As drogas é algo assim... Que se busca para ter um entretenimento, eu vejo assim, a questão da primeira busca é modismo, influência, e depois dependendo da pessoa, da reação biológica dela e de outros fatores, aí sim, vai virar um vício, vai virar outra coisa, mas a primeira busca é modismo. [...] O que te leva pra droga é o modismo, a influência dos outros, aí depois que você usa e permanece. Aí vai depender da sua reação biológica e outros fatores também se você continua com as influências, mas é

assim a busca da droga é... Como eu posso dizer, é fútil, um entretenimento, não tem uma necessidade, você não tem a necessidade de ter droga, tá lá à toa com seus amigos influenciando... Você vai lá buscar a droga. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Eu acho que a droga tira a pessoa um pouco da realidade, faz ela fugir um pouco dos problemas, então a pessoa que não tem muita estrutura psicológica ela entra na droga para se divertir, às vezes por um momento, e não consegue sair[...]. [...] Eu acho que primeiro, uma parte delas é a curiosidade. O adolescente, o jovem quer conhecer, quer falar que, quer participar da roda de amigos e tudo. É um pouco para aparecer e conhecer, curiosidade. E eu acho também um pouco de distância de pai e mãe, às vezes a família, o pai e a mãe ficam brigando, a criança, o adolescente... Eu acho que o início da droga é na adolescência, infância para adolescência. Eu acho que uma pessoa já formada, estabilizada, ela não vai entrar nisso, uma pessoa mais... Com a cabeça no lugar. É desestrutura familiar e também a curiosidade do adolescente que quer ficar na rodinha, acha legal, na escola às vezes alguém oferece, fala: “Ah, larga de ser bobo, vamos experimentar”. (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

As drogas é principalmente, a gente que lida com prevenção às drogas, elas sempre foram motivos de fuga né? Elas sempre foram tratadas como aquele caminho alternativo né? [...] A pessoa busca, né, aquela busca de alguma alternativa, então, a pessoa busca esse caminho mais simples, tá, e às vezes, ela se vale dessa ilusão de que a droga é uma alternativa para saída de algum caminho que eles não encontram né? [...] A pessoa nessa fuga, dessa dificuldade, onde ela busca as drogas, tá, e hoje, é pela dificuldade que tem o mercado de trabalho, né, dificuldade que tem às vezes da pessoa conseguir uma estabilidade emocional, né, conjugal e etc., sempre ela busca, tá, essa alternativa, essa saída, pelas drogas. [...] Quando a pessoa não consegue suportar os problemas, na maioria das vezes é quando elas buscam o uso das drogas, né, isso geralmente acontece, tá? Então pode ser desde uma simples timidez, né? Que é um problema, que não ser tratada vai se intensificar, e se a pessoa tiver bem destinada, aberta ao uso de uma droga lícita ou não, ou ilícita, ela vai intensificar também o uso dessa droga, até mesmo um problema maior, problema financeiro, né, um problema é, de doença, de patologia e etc. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Eu trato droga como entorpecente que traz um prazer momentâneo e que para muitas pessoas servem como fuga, como abrigo. Eu acho que alguns substituem a refeição do dia a dia, o cara se sente alimentado com a droga, eu acho que o que eu vejo por aí quando alguém pede uma moedinha é isso, ele substitui mesmo, porque ela também é energético. Estou falando assim, não como eu vejo e estou vendo como um jeito geral, e para muita gente é um meio de sobrevivência também, é trabalho, é renda. (Major, homem, 50 anos)

Eu acho que, isso passa por diversos fatores, a insatisfação com algumas questões da vida, e as pessoas se sentem incapazes e buscam no entorpecimento algum escape. (Defensor público, homem, 26 anos)

Porque droga é muito bom de ser usada. O usuário de cocaína gosta do que ele sente, o usuário de maconha gosta do que ele sente e o usuário de crack gosta mais ainda do que ele sente, então é por isso que ele usa. E outro fator a gente já comentou aqui que é o fator social, os amigos dele usam drogas e se ele não usar droga ele não tem como se inserir dentro desse meio. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

A regra é que as drogas sejam utilizadas em contextos de desequilíbrio familiar, econômico e certamente ali elas potencializam coisas ruins. Não necessariamente, por

exemplo, o uso da maconha por uma pessoa psicologicamente equilibrada tenham os efeitos perniciosos que a gente vê a mídia divulgando, entretanto eu não trabalho com curvas nesse meu padrão mediano. O meu padrão mediano é que as pessoas buscam a droga no sentido de fugir dos seus problemas, sejam familiares, sejam econômicos, e é aí que tá o problema. Então aqueles que fazem um julgamento ou uma defesa apaixonada do uso de drogas os fazem se levando em consideração, utilizando o seu próprio equilíbrio psicológico tentando fazer que por meio de indução isso seja a regra e não é. A regra é que pessoas desequilibradas se utilizam de drogas e aí o efeito pernicioso é maior. Então quando você vê uma defesa de certos intelectuais sobre o uso de drogas, certamente a droga não tem um efeito, talvez não tenha efeito pernicioso sobre ele, mas na linha geral, o padrão de homem médio, aqueles que se utilizam de drogas já tem um abalo psicológico, já tem uma fraqueza psicológica, associada a drogas que geram dissociação de realidade. A uma conjuntura dessas certamente é uma forma não muito boa. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

É, na verdade, o uso de drogas, né, vem se tornando uma situação e um problema que deve ser enfrentado pelo poder público, uma vez que o usuário de droga, ele deve buscar o que? Um tratamento! E a gente vê que, muitas vezes, o poder público, ele não disponibiliza um tratamento a contento, né, pras famílias que estão envolvidas com essa questão do uso de droga. A gente vê que o uso de droga, ele causa uma desestrutura familiar muito grande porque a maioria das pessoas não estão preparadas pra lidar com o usuário de drogas, e as que acham que estão preparadas, no momento em que estão na situação ele vêem que elas não estão preparadas para lidar com isso, então, é muito complicado. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

E você vê o estímulo da cobiça, né, porque o pequeno traficante aí ele ganha coisa de mil reais em uma semana, 15 dias. Enquanto o trabalhador passa o mês todo e ganha 500 reais. Então estimula a cobiça desses jovens e acaba colocando esses jovens dentro do tráfico, uma vez dentro do tráfico, se ele não souber só traficar, ele vai usar também e acaba pegando aquele dinheiro que ele ganhou e vai gastar no uso e na hora de pagar o traficante não tem, ou ele vai roubar ou ele vai ser morto. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Então assim, eu acho que é um problema social é cultural, acho que ás pessoas tão ficando muito ociosas, acho que existem poucas oportunidades de emprego, é... Ou as condições são de subemprego mesmo, profissões ou condições de trabalho muito degradantes, então acho que o álcool se tornou quase que uma válvula de escape. O álcool, quando eu falo álcool, porque o meu contato maior é com o álcool, né? Mas todas as drogas em geral eu acho que é o ócio, a educação ruim, a desestrutura familiar [...]. [...] Acho que as pessoas são muito influenciadas por outros usuários, isso é fato! Eu já vi muito adolescente entrar em latada porque o companheiro do lado dele entrou. Praticou um crime porque o outro... Claro que as pessoas têm o livre arbítrio, né? Elas podem escolher o caminho a percorrer, mas eu acho que se você é influenciado por um cara que maquia aquilo ali, que fala que é legal, que não tem problema, o fato de você já ser muito jovem, seu senso crítico também já não é tão, ainda não é tão aguçado, eu acho que isso facilita muito o consumo de drogas e essas outras condições mesmo, é o desemprego, a falta de estrutura familiar, pessoas com muitos problemas, assim... Eu acho que pessoas enfraquecidas são mais acessíveis, são mais vulneráveis ao consumo de drogas, pelo menos. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Eu acho que, infelizmente, as drogas lícitas propulsionam as ilícitas, né? E você começa ali, na, na questão da, do álcool aí você vai pra drogas, né, as drogas em si realmente que falo de um modo geral que são as ilícitas que elas proporcionam as pessoas através de... Falta de políticas públicas né... Elas vão nisso como um meio fácil... Primeiro delas serem elas se tornam usuários e depois elas entram no mundo da droga mesmo como “aviõezinhos”, até para sustentar o próprio vício e depois vão

crescendo no âmbito do tráfico de drogas. Falta políticas públicas porque a família, ela está totalmente desestabilizada, nós não temos mais uma base familiar, então acaba que as pessoas hoje em dia elas não tem mais a questão de moral, de princípios a serem observados. Então isso proporciona que elas entrem nas drogas e, conseqüentemente, no mundo do crime. Infelizmente esse mundo é muito fácil, você ganha dinheiro muito rápido. Então ao invés de você trabalhar e estudar você prefere entrar nesse meio, você ganha dinheiro e também a punição está sendo ínfima, está sendo muito pequena. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

O consumo de droga ele tem uma série de motivações, as pessoas, até porque são diversos também os efeitos da droga, há drogas que são deprimentes, drogas que são excitantes, então isso aí é uma série de fatores que levam as pessoas a consumirem droga. O início nas drogas normalmente é elevado fatores recreativos. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Na verdade, a sociedade nossa de consumo, ela traz uma perspectiva de uma evolução de felicidade muito rápida. Ai você vai ter uma felicidade assim momentânea, você vai ter uma felicidade rápida, então, a busca dessa felicidade que a gente tem como prazer, ela leva a sociedade consumista a tratar mais sobre a questão de drogas, e aí inclusive se envolver mais com a droga, já começando desde o cigarro até o álcool, no mínimo. (Policial Militar, homem, 39 anos)

[...] um deles é a familiar, né, é, pode acontecer da pessoa ter alguma desilusão, eu já vi... Pessoa idosa, depois de 50, 60 é... Acho que tinha 71 anos, usar drogas você acredita? Deu uma desilusão, foi pra rua e começou a usar droga, então tem a questão familiar, tem menina rebelde, sai de casa, vai pra rua, aí encontra influenciado por um ou por outro, aí encontra tudo lá fora, droga fácil né, tem os aliciadores, que justamente fazem isso: “Não, vamo!”... Tem aquela questão do adolescente que quer conhecer tudo, então tem diversos fatores que fazem a pessoa chegar lá, mas acho que o principal mesmo é muitos deles que vão por curiosidade. [...] muitos que me falam que foi amigos, por conta de amizade, saíram e tal, “não, só um pouquinho, não sei o que”, o cara usava, depois viciou, não dava conta de largar. Desilusão amorosa, mas é... Igual ele falou, gente não experimenta, que se experimentar pela primeira vez essas... Drogas brava e o crack. (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos)

Bom, o que levam as pessoas a usar drogas independente de qual ela é, se ela é o café, ou é a droga ilícita; é uma necessidade. Eu vou falar o que eu compreendo, eu compreendo como uma busca de prazer, de resposta; depende da droga que utiliza. Uma busca do prazer é uma resposta, uma busca de uma resposta de algo que internamente ele não compreende é também uma resposta pro uso. O meio em que ele vive influencia sim! Por que às vezes não consegue essas respostas outras que não seja pelo uso da droga; tem pessoa que não tem outra resposta! Vivem em meio uma violência tamanha, que não tem; eu digo isso desde adolescente até adulto, ele vive num ambiente que mais traz resposta pra ele a tranquilidade, o instrumento, o vivenciar que mais trás pra ele uma certa tranquilidade é o uso de alguma substância. (Guarda Civil Metropolitana, mulher, 55 anos)

As razões são muitas e varia muito da substância... Por um exemplo? A situação de rua, muitas vezes desencadeia o uso do crack. Nas Universidades Federais, a gente vê o uso mais propagado da maconha entendeu? Isso varia muito de... Com relação à droga, com relação ao público e também em relação às drogas lícitas, né? Tem se verificado o aumento do consumo de bebida alcoólica. (Defensor público, homem, 37 anos)

Com relação à população de baixa renda pelo o que eu vejo os nossos assistidos, às vezes um morador de rua, consomem para tentar escapar da realidade, e não tem muito o que fazer ali e para fugir da realidade consomem a droga, é basicamente isso, e os outros seriam para experimentar, vai muito pelo modismo os amigos está usando: “Ah eu vou experimentar também!” Aí o amigo fala: “Ah você não é de nada se você não experimentar!”. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Então, existe o usuário que usa por uma questão lúdica, que é uma questão só pra se divertir, pra ficar mais relaxado e esse efetivamente não é a regra, esse é o indivíduo intelectualizado que tem uma boa família e resolve fazer isso só pra até experimentar novas práticas. Essa não é a regra. A regra é que efetivamente é que pessoas que já tenham um contexto desfavorável da vida, seja desequilíbrio familiar, seja um desequilíbrio social, seja um desequilíbrio lá no seu emprego, e esses utilizem isso como forma de fuga. Então as pessoas buscam a droga por vários motivos, o lúdico, que não é a regra, ou para dar fuga a problemas sociais que lhe afetam. E é nesse contexto que a gente tem problema, cada vez mais o indivíduo vai buscando algo que lhe entorpeça para que ele se esqueça dos problemas que lhe afligem tanto e ai há uma porta, uma droga é uma porta de entrada de outra, é a porta de entrada de outra, e sempre eu vou buscar algo mais gravoso e é ai que a gente perde as pessoas. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

É, na verdade, o uso de droga, eu acredito que ele esteja muito relacionado à questão de amizades, do meio em que o adolescente ou a pessoa maior de idade ela está se relacionando... É claro que não é só isso, mas eu acho que é um fator que influencia muito. Muitas vezes esse adolescente ou mesmo uma pessoa maior de idade não saber, às vezes se relacionar ou lidar com problemas diários, então isso faz com que haja uma fraqueza mesmo na pessoa e que ela busque uma solução em algo que, na verdade, vai se tornar um problema maior, possivelmente. Então, o que eu acho que influencia muito é essa questão da pessoa não procurar fortalecer o seu próprio interior para situações vivenciadas no dia a dia que todos passam, e né? E que acontece com todas as pessoas, mas que algumas pessoas, elas se sentem um pouco mais fragilizadas frente às situações. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Eu trabalhei muito com adolescente infrator e eu tive uma experiência... Por mais que as pessoas discordem, mas eu acho que faz parte. Acho que as pessoas são muito influenciadas por outros usuários, isso é fato! Eu já vi muito adolescente entrar em latada porque o companheiro do lado dele entrou. Praticou um crime porque o outro... Claro que as pessoas tem o livre arbítrio, né? Elas podem escolher o caminho a percorrer, mas eu acho que se você é influenciado por um cara que maquia aquilo ali, que fala que é legal, que não tem problema, o fato de você já ser muito jovem, seu senso crítico também já não é tão, ainda não é tão aguçado, eu acho que isso facilita muito o consumo de drogas e essas outras condições mesmo, é o desemprego, a falta de estrutura familiar, pessoas com muitos problemas, assim... Eu acho que pessoas enfraquecidas são mais acessíveis, são mais vulneráveis ao consumo de drogas, pelo menos... E eu falo isso não do que eu ouço falar não é do contato que eu tenho com usuários, todos os dias. E drogas que eu falo é drogas de todos os tipos, mas eu acho que o mais grave ainda é o consumo das drogas ilícitas mesmo, né? Nesse ponto eu esqueço, vou deixar o álcool de lado, mas as drogas ilícitas. Então você vê que é realmente um meio muito vulnerável de jovens, quase sempre homens, né? Quase sempre não, mas a grande maioria de homens, né? Que eu acho que se veem mal influenciados, acho que falta cultura, falta apoio familiar, falta estrutura familiar, é uma série, questão de coisas que fazem com eles cheguem a esse caminho. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

É o eu te disse, eu acho que isso tudo é fator social, a desestabilização começa tudo, a desestabilização familiar, falta de políticas públicas. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Eu acho que é a oferta, você ter à disposição. Eu acho que é a curiosidade e por outro lado, a falta talvez de uma clareza maior de informação. A informação que chega pra ela, como você não pode discutir isso abertamente, é um assunto meio tabu, então eu tenho certeza se eu conversar com uns jovens a respeito do crack, dificilmente eles vão querer usar crack porque é uma porcaria. Faz muito mal. O custo benefício é muito baixo. Você tem aquela alucinação legal no começo, mas, é muito baixo. então a falta de informação mais fidedigna sobre isso, eu acho que leva ao consumo e daqui a pouco você já se vicia. Outra coisa é a educação formal que a gente não tem aqui no Brasil, a falta de acesso à educação é muito grande e outras opções de outras coisas para fazer. Goiânia é uma cidade que pra mim, eu não sou daqui, sou de São Paulo, aqui tinha tudo pra ser a melhor capital do Brasil, mas não, é péssimo, é ruim. Ou você tem dinheiro e vai para shopping e bar ou você não faz nada. Não tem nada pra se fazer na cidade, absolutamente nada. Os parques são feitos por construtoras no meiozinho de prédios caros. O parque Flamboyant era um pântanozinho, o Ari Barroso fez um acordo com a prefeitura, e foi liberado para construir prédios maravilhosos e fizeram o parque Flamboyant. Toda vez que alguém da periferia entra, já começa a chamar a guarda municipal. Vaca Brava é um dos poucos locais aonde a turma ainda vem, mas é um lugar para caminhar do pessoal ali. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Curiosidade, mal estar. Freud, né? Mal estar da sociedade, mal estar da complexidade urbana, prazer. [...] Sociabilidade, exatamente! E o mal estar de alguns também. Deslocamento do mundo de hoje, a gente ser deslocado dele. E é uma forma de amparar como sempre, né? O relaxamento no caso da maconha, relaxamento que às vezes é até mais barato, embora mais perigoso no sentido social, policial, né? (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Bom, eu acho que primeiro: curiosidade. A informação é rápida demais, então o jovem hoje tem acesso á tudo; ao que quiser. Qualquer pessoa! Estou falando do jovem, mas porque você me perguntou, e mais disseminado aí, os adultos também muitos usam. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

É uma pergunta difícil essa tá? O que é que leva a consumir eu acho que tem uma, não em um motivo específico na minha opinião. Têm vários, vários fatores: desajustamento familiar, amizade, tem problemas de depressão entendeu? Desemprego, a gente vê vários motivos que leva a pessoa a passar a usar drogas até aquele problema, às vezes, que o cidadão tem, às vezes desajustamento familiar vai morar em rua e na rua a facilidade pra conseguir droga é muito grande entendeu? Fora, as questões até sociais porque têm muita que usa, a verdade é essa não adianta tapar o sol com a peneira tem muita gente que usa drogas nas universidades, hoje em dia tem conhecimento que fumar maconha está se tornando algo assim é... Não anormal entendeu? Você vai em festa e você o povo fumando maconha, as autoridades já não tão nem preocupação mais em reprimir isso mesmo porque a legislação se tornou uma legislação tão, tão frágil que o cidadão é preso, no outro dia já solta, não se pode aplicar pena de prisão pra usuário, então isso aí de certa forma incentiva também um pouco. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Pra começar a usar tem pesquisa que fala que é a curiosidade, eu acredito que sim que seja a curiosidade mesmo. Por que a maioria dos adolescentes tem problema e vai buscar a saída a... O escape através dos amigos, porque a criancinha, a criança quando tem um problema ela chora e vem para os braços do pai, quando começa a ser a adolescente tem um problema ela não procura os pais vai procurar a amizade e se essa

amizade não for sadia ela vai encontrar aí a droga e por curiosidade ela vai usar. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Eu vejo como a questão do distanciamento da família. Da perda da estrutura familiar. Hoje a gente tem visto muitas pessoas, às vezes, dos seus casamentos destruídos, muitas das vezes, até nem casamentos, mas relacionamentos eventuais que acabam gerando filhos. Então, assim a falta dessa estrutura familiar eu vejo como principal fator para contribuir nessa situação. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Pra mim hoje droga está associada muito à moda. O padrão de sociedade hoje que é imposto, pode ser até pela mídia mesmo, que impõe que é natural, que é bacana. E eu penso que hoje a sociedade, a maturidade ela é muito estendida. A pessoa hoje, o jovem para que ele seja considerado uma pessoa que tem consciência daquilo tudo que acontece, ele tá chegando muito mais tarde. Aí isso ele não tem uma opinião formado e ta indo por modismo mesmo. (Policial Militar, homem, 35 anos)

Primeiro que as pessoas gostam de desafiar, né... A autoridade. A autoridade dos pais, autoridade imposta pela sociedade, autoridade imposta pelo Estado. E também tem muitas pessoas que vai também porque não tem, é... Autoestima elevada, e é sabido que... Quase todos os tipos de droga ela altera o estado da pessoa mental, uns... Cada uma tem um motivo, mas na maioria das vezes é para sair timidez ou então pra agradar um grupo social, é o que vai levando todo mundo nesse rumo. A pessoa geralmente com autoestima elevada geralmente não tem necessidade de usar drogas lícitas ou ilícitas. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Primeiramente, é a falta de orientação, a falta de educação desde o princípio que nós estamos aqui na sala de aula, entendeu? Muitas crianças você pergunta o que é droga “Ah, não sei”, mas ficam curiosos pra saber o que é, às vezes o coleguinha conversa com ele a respeito, “ah, o fulano tava usando maconha”. Então eu acho que a droga ela tinha que ser mais difundida entre as nossas crianças, pra ensinar as crianças que droga, só à palavra já é uma droga, pra que as crianças não se sintam curiosas a descobrirem por si só, nós temos que ensinar pra nossas crianças que droga é uma coisa que tem que ser extirpada do nosso vocabulário, né... E correr de pessoas que até nos ofereçam né, eu acho que tem que ser feito isso, tem que começar pela sala de aula, não tem outro caminho, e a família tem que tá ajustada e sintonizada com os educadores pra que passe a difundir entre suas crianças que droga é inaceitável, é proibido. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Então muita gente, eu vejo até os defensores dos direitos humanos que a maioria desse pessoal é por falta de oportunidade, é por falta de local onde morar, eu já penso que não. Eu acho que personalidade da pessoa, ela já nasceu daquele jeito e que não consegue mudar e que a gente até encabula, né. Você vê famílias que os meninos crescem e o pai foi morto por causa de droga, mãe foi morta por causa de droga, irmãos mortos por causa de droga e ele ainda vai pro mundo do crime. Então eu acho que é da pessoa, não é o problema da sociedade não, ele ta na pessoa mesmo. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Falta de caráter, saber, a pessoa sabe que não presta e usa. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Bom, eu já pensei algumas vezes nisso, sobre o que leva a pessoa a usar droga, e pra mim o que leva pessoa a usa droga é a desestruturação da família, talvez a insegurança psicológica, a fragilidade. E após essa fragilidade, existe uma outra circunstância que

leva a pessoa a usar droga, que é o meio que está envolvida. A partir do momento que ela é colocada, inserida principalmente o adolescente e a criança em locais em que a droga tem fácil acesso você tem ali um indivíduo apto a usar pela primeira vez a droga. É isso, primeiro uma base familiar fraca, uma estrutura psicológica fraca, e aí ele está uma vítima frágil, uma vítima fácil, no dedo de quem oferece droga, a pessoa sabe, a pessoa que usa droga ela conhece, identifica bastante essas pessoas. Outras, com poucas conversas a gente identifica a pessoa frágil psicologicamente. (Policial Militar, homem, 39 anos)

Eu acho que essa é uma questão muito pessoal, pra falar a verdade, porque, às vezes, as pessoas querem colocar culpa na estrutura familiar é... Mas eu acho que é questão de escolha mesmo. Porque, às vezes, se você for olhar pra história, você tem história de pessoas que tiveram um histórico de vida tão, se você olhar assim: “Ah, tinha tudo para se atirar na marginalidade pra escolher um caminho desse, no entanto, escolheu outro”. (Policial Militar, mulher, 43 anos)

3.2.1. “A maconha é porta de entrada para outras drogas?”

Pesquisa realizada pelo Programa de Atenção a Dependentes Químicos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), concluiu que mais da metade dos usuários de maconha não consomem outras drogas, o próprio uso da maconha é esporádico entre os usuários. Contudo, construiu-se no imaginário coletivo de que a maconha seria a droga que serviria como “porta de entrada” para outras substâncias psicoativas mais “pesadas”. Essa ideia é bastante divulgada pela mídia e por profissionais da Segurança Pública, por acreditarem que a maconha faz parte de uma estrutura hierárquica de substâncias psicoativas que a experiência com ela demandaria do consumidor, após o corpo se acostumar com os seus efeitos, a procurar outras substâncias e novas sensações. Além dessas afirmações, colocou-se em debate que a maconha, por ser natural, causaria menos receio de ser experimentada, diferentemente de outras substâncias, porém isso poderia provocar um alto risco, pois os consumidores ficam mais propícios a experimentarem outras drogas.

Contrariando essa opinião, outros entrevistados ficaram reticentes em confirmar o pensamento ou duvidaram sobre tal afirmativa. Alguns disseram que na verdade seria o álcool a substância que atinaria ao consumo de outras substâncias, e não a maconha. Indo mais além, outros entrevistados apontam que esse pensamento não corresponde aos efeitos, pois usuários de maconha não gostam dos efeitos, por exemplo, da cocaína ou crack, enquanto a primeira é depressora as outras são estimulantes.

Olha, eu não tenho uma opinião definida, porque realmente o povo fala muito disso, mas não sei se isso é um jargão geral. Quem fuma maconha vai mexer com todos os outros, necessariamente seguir... Mas numa opinião pessoal, não dá pra afirmar que essa frase é verdadeira, pode ser que sim, pode ser que não. (Risos) Ficou bem vago,

né? Mas infelizmente não dá pra cravar uma opinião de que isso é verdade ou não é (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Eu concordo porque como eu falei a droga como eu falei, ela é por lazer, porque a pessoa não vai ter a necessidade de droga a não ser por lazer, ou pra fugir da realidade como o pessoal fala o que não deixa de ser um lazer também porque não queria enfrentar a vida de frente, os problemas de frente aí é... Acho que a maconha por ser mais, digamos, ser mais tranquila não vicia... Esses outros mitos que a pessoa inventa, ela acaba sendo a porta de entrada, que ela vai criando uma tolerância, o usuário vai querendo buscar coisas mais fortes, na mesma festa que ele encontrou a maconha ele vai encontrar outros tipos de drogas abrindo esse leque para as outras drogas, às vezes mais viciante, não porque maconha não vicia, porque as outras tem o poder de dependência mais rápido, o crack mesmo fala que na primeira vez que utilizar cria um vício já, dependendo um pouco do organismo da pessoa. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Ah, eu acho que é verdadeira, porque eu acho que a maconha ela é mais, ela é... Maconha tem em qualquer esquina, isso aí a gente vê todo... A gente, por exemplo, aqui é do lado do Serra dourada, aqui onde a gente trabalha aqui no Serra Dourada, todo dia de jogo apreende aquela molecada com maconha, ou seja, um vai mostrando pro outro, aí começa a achar interessante, bonito, acha bonito mesmo, acha bonito ser feio, é o que eu falo. (Risos). Aí vai num traficante, fala: “Ah eu tenho essa maconha, mas tenho essa cocaína, quer experimentar?” Então, vai atrás da maconha, já conheço outro e vai indo e acaba não conseguindo sair, depois de um tempo, se perde... Eu acho que a maconha é mais difundida, lógico que tem casos e casos, tem gente que já começa direto na cocaína, gente que começa direto no álcool, que apesar de ser lícito é uma droga, mas eu acho que a maconha é a que mais... O pessoal acha que não faz mal, que é natural, tem muito... A gente escuta muito isso. (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

[...] concordo e às vezes discordo. Eu discordo no ponto que a gente pensa sempre, existem outras drogas com acesso muito mais próximo até a própria maconha, eu atribuía essa responsabilidade até o próprio álcool e o próprio tabaco que seria hoje, tabaco estaria abrangendo hoje o “narguile”, aquela essência de “narguile”, que o “narguile” é só um instrumento, o cigarro, o cigarro de palha, o cigarro de canela, que o pessoal, principalmente a juventude, tem muito de utilizar, cigarros aromáticos e o próprio cigarro mesmo, industrializado, o cigarro de palha e etc. Então assim, nesse ponto, eu discordo que a maconha seria essa porta de entrada porque existem outras drogas que tem um acesso muita mais fácil que ela. Por outro lado realmente ela tem essa responsabilidade também. Por quê? Como eu falei pra você na entrevista, às vezes a pessoa ela busca na droga uma saída para um determinado problema e às vezes ela tem que passar por várias drogas para encontrar aquela que traz a satisfação maior para aquele problema dela. Às vezes a pessoa é muito depressiva e etc ela busca uma droga que traga o efeito estimulante só que ela não conhece essa teoria como eu conheço, então ela, antes disso, ela passa por outras drogas. Às vezes ela conhece a maconha e a maconha vai intensificar aquele poder às vezes de depressor que a pessoa sente. Então ela não se adapta a maconha, e ela busca outras drogas até ela encontrar uma droga que tenha um poder estimulante até que se iguale às necessidades dela. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Eu concordo plenamente. Ela é porta de entrada sim. Por mais que a pessoa fala que não, que não tem nada haver. Porque, nunca usei uma droga, eu tô falando porque eu conheço algumas pessoas assim, eu nunca usei uma droga: “Ah... mas maconha não é droga não, de boa e tal!” Aí continua usando, aí vai chegar um dia em que alguma pessoa vai falar pra ele ou ele vai querer sentir necessidade de um negócio mais forte. (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos)

Eu discordo. Pelo menos do que eu li, não vejo nenhuma relação entre isso. Como se tivesse um grau, “Ah, a maconha não é o suficiente, vou pra drogas mais pesadas.” O que a gente vê, é que o mercado se adaptou né? Eles desenvolveram o crack, pra tornar substâncias mais acessíveis, com o potencial até mais destruidor, porque eles misturam coisas que ninguém sabe o que é aquilo. Eu não acho que tenha essa progressão do uso de drogas, como se a pessoa começa na maconha e a vai pra cocaína, pro crack. Eu acho que as pessoas utilizam aquilo que elas têm vontade. Algumas fazem o uso problemático de drogas, como o álcool inclusive... E acabam por testar novas substâncias. Mas, eu não acredito que exista essa correlação, essa escala de crescimento de uso de droga, onde você começa com uma droga de menor potencial e termina numa de maior potencia. [...] inclusive hoje esse debate tá bem em foco. As pessoas já começaram a ver que... Se for ver potencial lesivo de droga por drogas, o álcool é extremamente mais danoso. Enquanto da maconha, o que eu conheço as pessoas que eu converso e que eu li, na verdade, não tem nenhum estudo comprovado, em um potencial danoso considerável. Em contrapartida do álcool, existem vários efeitos, desde doenças do trato digestivo, até o próprio vício, mas as pessoas ainda não abriram os olhos quanto a isso. (Defensor público, homem, 26 anos)

Acredito! Porque a maioria dos assistidos principalmente esses de roubo, e que eu já vi eles começaram ali fumando uma maconhasinha, um baseadindo e foi aumentando, aumentando. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Ela é errada. Quem gosta de maconha geralmente não gosta de cocaína. Quem gosta de cocaína não gosta de maconha e quem gosta dos dois geralmente não gosta de crack, né? Cada organismo tem uma necessidade que é suprida por determinada droga, no caso da maconha ela pode dar acesso ao traficante, mas nunca a outras drogas. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Não, não acho que seja a maconha a porta de entrada até porque depende muito da oportunidade de um indivíduo. Se alguém lhe oferece de pronto o crack a porta de entrada é o crack. Entretanto é claro que a maconha ela é mais popular do que as outras drogas. A maconha ela entra numa categoria idearia das pessoas de que parece que ela é a mais fraca, parece que ela é mais tolerada, talvez por isso o consumo inicial das pessoas seja em relação à maconha. Não que ela seja porta de entrada, não existe uma regra: começo a usar maconha e termino na heroína. Não existe isso. Depende muito da oportunidade. E cada vez mais que a gente vê as outras drogas se popularizando elas se tornam porta de entrada tanto quanto a maconha. É uma questão de oportunidade. Se eu tenho mais maconha no mercado a porta de entrada mais costumeira do usuário é a maconha. Se começo a aumentar o índice de cocaína pura no mercado talvez a porta de entrada passe a ser a cocaína. É uma falácia, isso é uma falácia. (Delegado da Polícia Civil homem, 36 anos)

É, na verdade, eu acredito que essa afirmação ela realmente, ela tenha veracidade, porque a maioria dos atendimentos que a gente faz os adolescentes, realmente, eles iniciam utilizando maconha e depois eles vão se envolvendo no ciclo de amizade, eles vão buscando naquilo uma fuga pras próprias dúvidas que surgem durante a adolescência que ele não consegue lidar, e a família, muitas vezes, não consegue lidar com a situação e a partir daí, ou seja, a partir do uso esporádico de maconha ele passa a usar outras substâncias entorpecentes que venha causar uma dependência maior. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Então assim eu acho que maconha te tira do seu estado normal. É droga... Eu não tenho condições de afirmar que é a porta de entrada, eu acho que ela pode sim ser a

porta de entrada desde que se tenha acesso a outras substâncias. Então o cara que te vende maconha pode te vender outras coisas também. Eu acho que às vezes a questão do cara não estar satisfeito com aquela sensação que a maconha provoca, ele que outros, ele quer sentir outras coisas, né? Outras emoções, né? Mais adrenalina e às vezes parte pra drogas mais pesadas, né? Eu acho que não é uma regra, mas pode sim ser a porta de entrada. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Pode ser como pode não ser. O álcool pode ser uma entrada para as drogas, a pessoa pode começar direito no crack, dependendo da situação que ela se encontra, eu não acho que a maconha seja a porta de entrada como se a gente pode ter outras portas de entrada também, né... Nós temos pessoas que, dependendo de um poder aquisitivo não começam da maconha, podem começar da cocaína. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

O álcool, né? Principalmente o álcool. A primeira sempre é o álcool, mas a maconha também é porque ela tem um nível de alucinação não tão grande e às vezes o cara quer é mais, quer mais, quer mais, quer mais... E quer com mais rapidez, então ela é sim. Além do que o meio social de se conseguir maconha é o meio social de se conseguir as outras que são mais viciantes e mais lucrativas para os traficantes. Então você acaba socialmente induzido a outras drogas. Você é fisiologicamente induzido, principalmente na minha opinião, socialmente induzido a usar outras drogas. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

[...] é uma bobagem isso aí, você falou bem é senso comum. E com senso comum é... Né, já diz muito mais, as pessoas falam demais [...]. [...] hoje em dia existe aquele efeito do ajambrado, da mistura. As pessoas usam maconha até pra suavizar um pouco o crack, pra poder ficar mais saudável, inclusive. De repente a maconha está servindo até como, um dia que a pessoa está usando pra não piorar a saúde, se você for olhar dependendo do enfoque. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Na realidade a porta de entrada das drogas eu acho até que é o álcool. Hoje o cigarro comum já não é mais um cigarro comum. Por ele ser lícito a pessoa ta fumando e acha que logo serve. Mas eu acho que o jovem quando ele começa a beber cedo ele começa a enturmar mais cedo, ele começa a querer e fazer programas, viver emoções. Aí a maconha seja mais acessível, talvez por ser mais barata; eu não sei a diferença de preço de uma da outra não. Talvez por ela ser acessível, tem um cigarrinho vários fumam; vem a curiosidade da adolescência, vem a curiosidade da pessoa . E ela pode ser sim uma entrada, porque tecnicamente, ou cientificamente ela tem um poder de atuação do físico menor que outros tipos de drogas, como é o caso da cocaína que é mais forte; o crack que é outro tipo de substância que é um pouco mais forte. Eu tenho ouvi dizer que o crack vicia na segunda, terceira vez que usa. Parece que a maconha, ela não tem esse poder viciante da primeira. Segunda vez que usa. Por isso que as pessoas falam que ela é a porta de entrada, a pessoa fuma cigarro depois ela quer experimentar o crack, depois a cocaína, e outras e outras coisas. Um desses comprimidos de boate que eles tomam pra ficar louco. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Olha, a experiência e observação têm comprovado que de fato é possível, mas não é. Não me parece que é porque os efeitos da maconha são diferentes, o que acontece é que a maconha sempre foi uma, um entorpecente, uma droga, uma vamo chamar aqui de substância ilícita de maior facilidade de aquisição, então as pessoas acabam que principalmente os mais jovens, acabam se iniciando pela maconha, depois utilizam outra droga, outra, outro entorpecente, outra substância ilícita, mas é natural essa situação de porta de entrada, me parece porque ela é de mais fácil aquisição. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

É porque isso tem um fundo de verdade porque é uma droga considerada de fácil acesso, por quê? Devido ao custo, né? Porque uma pessoa não vai começar, principalmente a maioria dos usuários, eles não vão começar com a cocaína que é de elevado preço, né? Então a maconha já é tem um custo mais fácil e a pessoa por curiosidade ela vai começar, realmente, por uma coisa que... Eu acredito que a maconha é que começa tudo. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Eu já acho que quando ela chegou na maconha ele já era um usuário, ela já tinha uma predisposição ao uso de outras drogas. Porque se você perguntar pro cara que usava drogas, se ele usava álcool, ele vai falar que usava. Agora se você perguntar pro cara que nunca usou álcool e que já começou usar maconha uma coisa muito improvável. Então não é a porta de entrada, a porta de entrada hoje, seriam as drogas lícitas... Por exemplo, o pai bebe, a mãe bebe, ele começa usar, ele não vê efeito naquilo, aí ele começa na maconha. Então eu não vejo que a maconha seja a porta de entrada, pra ele ter coragem de colocar maconha na boca ele já usou o álcool há muito tempo. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Eu vejo como sim. Apesar de que, podemos dizer das vistas que a própria bebida vem trazer. Podemos dizer que a bebida acaba sendo a primeira que é uma droga permitida, vamos dizer assim. Mas, no tocante ao aspecto das ilícitas eu vejo dessa forma como sim, como sendo a porta de entrada. Mesmo porque todo um comércio é movimentado em razão daquilo. Então, a questão, trazendo para a criminalidade, às vezes, aquele fato de pensar não é só uso para o meu consumo, mas existe toda uma situação que exige por trás daquele, daquela porta de entrada, vamos dizer assim. (Policial Militar, homem, 40 anos)

[...] quando a pessoa usa uma droga ilícita, acho que seja mais desse motivo, “já que a gente tá usando a maconha porque não as outras sendo que o problema é um só, tudo é ilícito”. E quem fuma maconha, ele tem facilidade de fumar crack também porque é mais complicado pra pessoa que nunca fumou nada, que nunca engoliu fumaça, né. Ele pegar e já engolir diretamente o crack. Geralmente é a pessoa, aquela que fuma cigarros, ele não vai ter dificuldade em fumar maconha, ele vai só sentir alguns efeitos, né, mas ele já tá acostumado a engolir fumaça, então é sucessivamente é por isso. Primeiro porque ele tá acostumado a desrespeitar as regras da sociedade e também até engolir, né. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Não. Eu acho que é a bebida alcoólica. Começa pela bebida alcoólica, a pessoa toma um pouquinho de cerveja ali, aí às vezes começa a ficar no grau, meio tontinho ou tontinha, aí um amigo começa a oferecer maconha, e realmente a maconha por esse lado, ela é o início. [...] A pessoa começa a tomar álcool, aí depois empolga com um colega, ou um amigo “ai, experimenta isso aqui, não isso é só pra você ficar ligado” eles falam assim, né, “isso é só pra você ficar ligado, maconha não vicia ninguém não” Vicia sim. Entendeu? Aí a pessoa passa a usar maconha, logo a maconha se torna como se fosse algo normal pra ele, como se tivesse tomando um copo d’água, não faz mais efeito, aí ele se sente na obrigação de experimentar algo novo, né. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Concordo plenamente porque geralmente a pessoa quando ela começa a usar, ela já não vai direto no crack, na cocaína, não ela geralmente começa pela maconha, porque teoricamente é uma droga mais fraca. Ai como tem aquela conversa de que a maconha não vicia o cara começa geralmente por ela. Mas aí meu pensamento de que a maconha sim vicia porque a partir dela, a pessoa começa a fumar raramente ela larga. Então se ela não largou é por quê? É porque ela viciou né. Esse é o meu pensamento, então pra mim a maconha ela é uma porta de entrada por ser uma droga teoricamente menos agressiva onde a pessoa acha, vai na onda dos amigos falando que aquilo não vicia e

dali parte pro crack, dali pra cocaína, vira dependente químico mesmo. (Policia
Militar, homem, 33 anos)

3.2.2. “Só não larga as drogas porque não quer”

Ainda dentro dos mitos criados entorno das drogas, abriu-se o debate acerca da ideia de que a pessoa “só não larga as drogas porque não quer”. A maior parte dos entrevistados apontou que isso é uma inverdade, e pontuaram, a partir de relatos de experiência, casos em que pessoas pediram ajuda, queriam e não conseguiram. Nesse sentido, destacaram que para a pessoa deixar de consumir o primeiro passo é justamente ela tomar essa decisão de parar, caso contrário qualquer esforço não adiantará. Ao mesmo tempo, ressaltaram que é preciso elencar outras questões como família, oportunidade, ocupação do tempo, religião, etc.

Além desses apontamentos, outras pessoas entrevistadas disseram que é preciso levar em consideração o tipo de droga, pois, em suas percepções, deixar de consumir maconha é menos complexo do que decidir parar de usar crack. Na mesma linha, discutem também que é preciso fazer uma diferenciação entre o usuário usual do dependente, enquanto o primeiro tem uma maior facilidade em tomar sua decisão e conseguir realizá-la, o segundo, pela relação química ou psíquica com a substância, terá um processo mais difícil e doloroso.

Então, no meu ponto de vista, também não é uma frase de verdade absoluta. Tem que ver ali porque que a pessoa tá ali fazendo uso de droga. Então assim, às vezes, ele tá sendo influenciado, às vezes, cooptado, às vezes pela falta de oportunidade que ele teve em alguma coisa ou outra a pessoa tá fazendo uso disso. Então assim, tem que olhar caso a caso, pra ver se é safadagem mesmo, ou se é uma questão de dependência mesmo. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

[...] eu acho que esse início [quando a droga é oferecida pelas primeiras vezes] que não se afasta quem não quer! Agora sair das drogas eu acho que é mais difícil, a partir de um determinado momento que ela já se torna dependente daquilo que daí você já precisa de todo um aparato não só familiar, como do Estado mesmo pra poder sair, você não consegue pegar um craqueiro ali que já tem um mês de uso e tenta tirar ele... Não é só você falar “sai que você consegue, só querer sair”. Reações físicas do corpo dele mesmo vão dificultar muito isso pra ele. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Eu acho que não é bem por aí não. Eu acho que a pessoa ela tem que querer pra largar, mas tem vários outros fatores... A pessoa às vezes tá fragilizada emocionalmente. Ela realmente tá com dependência física... Ela não tem estrutura familiar... Ela não tem estrutura psicológica. Então se ela não tiver uma ajuda muito forte dependendo do grau de dependência que ela está, ela sente dor física, ela tem delírio... Eu já vi muita gente se debatendo, porque tá presa e às vezes não tem a droga. Eles sentem dor física... E então não acho não é bem por aí não... Quando a pessoa já está na dependência física, né, da droga. Eu acho que precisa de uma ajuda do Estado, da

família em primeiro lugar, mas você vê que a maioria dos dependentes não tem família estruturada... Para chegar no ponto de dependência física, né, psicológica, você vê que uma pessoa que tem família desestruturada, pai bate na mãe. A gente vê muito isso, né. E tem as exceções também... Tem a família bonitinha e tudo e vai pras drogas. Aí é o que não presta mesmo, né? (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

Eu acho que isso é uma... Isso é uma informação totalmente errada, tô falando porque que eu conheço, não é... É a mesma coisa da depressão, a pessoa fala “ah, depressão isso é frescura”, não é, quem conhece, quem já teve depressão na família sabe que isso não é frescura, se não tiver um tratamento é... Adequado à pessoa não larga, dependente químico se ele não tiver um apoio não larga. Dependente químico se ele não tiver um apoio... Eu já vi gente tremer assim pedindo “pelo amor de Deus, ajuda”, e... Ele quer largar e não dá conta de largar. Então isso não é: “Eu largo! Isso é frescura da pessoa”. (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos)

Completamente equivocada! Eu penso que são total desconhecimento, ainda uma mentalidade ainda muito voltada pra avaliação do caráter da pessoa. Se você é bom você não usa droga, se você é do bem você não usa droga. Agora se você é do mal, se você é pervertido, você usa droga. Pra mim é um completo equívoco, acho completamente equivocado. (Guarda Civil Metropolitana, mulher, 55 anos)

Essa aí é a coisa mais errada que podia fazer, a gente sabe que a pessoa não vai largar a droga porque não consegue. Eu sou dependente químico, eu fumo uma carteira de cigarros por dia e não largo porque não consigo, querer eu quero. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos).

Não, se eu parto do pressuposto que a portaria trezentos e quarenta e quatro da vigilância sanitária ela leva em consideração esse caráter de causar dependência e causar dissociação da realidade pra definir o que é droga eu já começo a entrar num ponto de desequilíbrio em relação a essa pergunta. Se eu sei que causa dependência é claro que as pessoas às vezes elas necessitam de uma ajuda externa para sair desse quadro de dependência. Seria um contrassenso se eu estivesse afirmando que isso aí é verdadeiro. Não é. As pessoas num grau de dependência passam a ser considerados inclusive pela Organização Mundial da Saúde como um doente, como um drogadicto. Acho que é essa a terminologia. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

Eu acho que talvez um usuário usual, talvez se aplique essa afirmação a ele. Ou seja, ele vai numa festa, é... De dois em dois meses e ele acha interessante, naquele momento, estar usando uma substância entorpecente pra satisfazer um prazer momentâneo. Mas, infelizmente a gente sabe que não é. Não é só isso porque muitas pessoas, elas se envolvem com as drogas e ainda que depois ela veja que aquilo é um meio de destruição ela não consegue sair. Então, é uma situação muito complicada e eu acho que o mais difícil é que a maioria das pessoas que estão envolvidas nesse mundo, elas não percebem a extensão daquilo e aí muitas vezes elas não conseguem assumir que elas precisam de ajuda. Então, isso é mais complicado, porque se a própria pessoa não tem consciência é muito complicado que outra tenha por ela, né? (Delegado da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Eu não concordo. [...] eu acho que vício é vício e é físico, né? Eu sou muito leiga nisso, mas assim, eu sei que isso altera suas terminações nervosas, ligações nervosas lá no... Isso te traz reações, um exemplo disso eu tomo um remédio, eu tomo antidepressivos, eu falo no plural, mas eu tomo 1 todos os dias porque eu tive uma crise uns 3 anos atrás e não tive como não fazer uso do medicamento e por minha

conta eu resolvi sair do medicamento eu parei de tomar, eu tive crises de abstinência horróricas de vomitar mesmo eu não sabia que isso existia, de ter tontura, de não conseguir dirigir, de virar a cabeça tipo 20 graus e o mundo girar pra mim e eu cair no chão e aí eu fui no médico porque eu não sabia eu não contei pra ninguém que eu tinha parado o medicamento, aí o médico falou, não você parou o medicamento. Então eu acho que a droga se for algo parecido com isso então é físico, mas eu não acredito que sai quando quer não. Eu acho que precisa de ajuda sim, precisa de ajuda médica, precisa de ajuda química, acho que substituir por outros medicamentos. Eu não acredito que a pessoa deixa o vício espontaneamente. É possível, mas eu acho que muita gente precisa de ajuda. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Se você quiser, você sai. Só que você tem graus disso. [...] Criar condições de facilitar essa saída. Essas portas de saída, ela tem que ser facilitadas através de tratamentos psicossociais, de entrega de medicamentos, através de um ambiente familiar que você pode conversar sobre isso. O que você não pode é... Já é difícil sair e você pega e fecha a porta. Aí vira tabu, você não conversa, você criminaliza e manda o cara pra cadeia. E onde mais tem droga no mundo é na cadeia. Então você acaba fechando portas. Agora eu acho que quem quer sair, sai. Mas o que você tem que fazer é abrir o máximo de portas possíveis pra que ele saia. Facilitar a saída. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Agora falar assim, o jovem usando drogas como essa que são fortes, o crack se ele tem esse poder de viciar assim da segunda, terceira, ele não larga só porque quer não. É muito difícil, parece que ela é muito pesada no organismo. A maconha eu acho que deve ser que nem um cigarro comum. Eu acho que ela é beem mais fácil de largar; acho, não sei! Estou falando pra você leiga. E a cocaína também que ela é pesada, a pessoa tem que querer e fazer um tratamento, se internar, desintoxicar o organismo; porque o organismo pede. Dizem que o organismo treme, ele reage, ele vibra. A pessoa não consegue. Eu conheci pessoas que foram viciadas em álcool, que foram alcoólatras, e não achavam que eram alcoólatras. "Eu não sou, eu paro quando eu quiser", mas o dia que teve que parar, tremia, acordava de manhã que não conseguia segurar um copo de água. Teve que internar um mês para poder parar de tremer, então você que o corpo tá tão acostumado com aquele produto que ele cobra da sua mente, "eu quero, eu quero, eu quero". Então não acho que é só assim, só se eu quiser largar. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Olha eu acho que, eu tenho que discordar dessa situação porque nós estamos cansados de ver pessoas que são realmente dependentes, e hoje a dependência química é reconhecida pela medicina como uma doença. Então, não me parece uma afirmação correta, se ela é reconhecida como uma doença não me parece uma afirmação correta. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Discordo, porque aí... Porque na verdade ela já virou parte zumbi. Então aí já não é questão de querer, aí já é questão fisiológica da pessoa. Tem pessoas que fumam, bebem que falam que vão parar e param. E tem gente que não dá conta, então aí já não vai porque ele não quer, aí já vai da predisposição de cada organismo. Que se essa droga começar a fazer parte do organismo for necessário pra essa pessoa, pra realização de atos e tal, como trabalhar, ter felicidade, ou alguma coisa, e aí já não uma questão de querer ou não, requer ter um tratamento muito intensivo pra ele largar. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Não, eu não concordo. Porque tem muita pessoa doente, tem pessoa que não larga porque não dá conta. Porque se às vezes ela para, deixa de usar a droga hoje, amanhã

de manhã ela tá descabelando, irritada, nervosa, a pessoa faz atrocidades por causa da droga entendeu? Então eu não concordo, eu acho que a pessoa, ela tem que ter ajuda pra sair das drogas, não pode simplesmente deixar por conta dela não que é muito difícil. (Policial Militar, homem, 49 anos).

Concordo cem por cento. A pessoa só vai deixar de ser usuário de droga o dia que ele quiser, não adianta internar. Não adianta fazer nada se não for da vontade dela. Quando ela realmente quer ela larga até sem tratamento, há não ser quando ela é dependente química. Mas assim num grau mais avançado onde ela mesmo com vontade ela não consegue, ela não conseguiria sozinha. Mas mesmo com ajuda se ela não quiser ela não larga. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Não, isso aí eu já penso que depois que ele entra, ele já precisa de ajuda, né? Até, a gente tira base pelo próprio cigarro, tem pessoas que tem mais uma força de opinião, mas eles sofrem para se livrarem da nicotina, da dependência. E da mesma forma eu vejo que se não tiver uma ajuda, se não tiver um tratamento, vai ser mais difícil. Alguns conseguem, mas é muita força de vontade. (Policial Militar, mulher, 43 anos)

3.3. Usuários, dependentes e traficantes

Podemos observar em alguns discursos uma perspectiva que considera os aspectos socioeconômicos e a marginalização com fatores importantes para a compreensão do fenômeno das drogas na sociedade atual, perspectiva essa que escapa de um juízo meramente moral ou embasado na fala médico-sanitarista, utilizada pela Segurança Pública, em alguns desses mesmos discursos, o usuário de drogas ilícitas é representado de maneira contraditória, ora como doente, ora como um criminoso de fato ou eminente, uma vez que a categoria usuário aparece na maioria das vezes associada à categoria traficante, especialmente, quando se trata das camadas mais pobres da sociedade.

Muito embora exista uma parcela da sociedade de pessoas que tenha dinheiro, que utilizam, e muita droga. E que as pessoas pobres são sempre marginalizadas. Você vê atores recentes da Globo, como usuários de cocaína, e ninguém tratou eles como criminosos. Porque, de fato, hoje, o usuário é um criminoso, apesar de não ter pena privativa de liberdade. Eles trataram ele (o ator) como um doente, inclusive ele voltou a atuar depois disso. E é o questionamento que fica, será se todos tivessem essa oportunidade, será que eles se recuperariam? E inclusive, eu pessoalmente, não acho que todas as pessoas que usam drogas são doentes, nem todas são dependentes. (Defensor público, homem, 26 anos)

O dependente é aquele que não consegue ficar quando está sozinho sem a droga, sem a substância. É diferente do usuário social, né? Então o cara tá dentro de casa e dá vontade não de ver os amigos e sim usar droga, esse é o dependente. Já aquele que se

encontra numa festa com amigos e vai cheirar cocaína só quando toma cerveja com amigos e faz isso de forma esporádica na minha concepção ele é um usuário usual. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Então, existem pessoas que não, mesmo utilizando esporadicamente a droga, como não é uma questão de fuga, isso é evidente, quando as pessoas têm que fugir de problema. Como os problemas são recorrentes ela acaba buscando drogas no sentido de esvaziar sua cabeça e se esquecer desse problema, por isso esses têm uma tendência maior a serem dependentes. Utilizar a droga seja como um gatilho psicológico pra esquecer dos problemas, seja porque efetivamente aí o seu organismo já começa a pedir drogas. Esses indivíduos que se utilizam de drogas mais como um meio lúdico para externar às vezes as suas vontades, se divertir, esses indivíduos talvez não se tornem dependentes. (Delegado, homem, 36 anos)

Eu... Assim, na minha opinião, eu acredito que traficante eu acho que tanto o usuário tanto a pessoa que mexe com droga tudo vai traficar, porque se eu to comprando a droga pra usar eu to financiando o tráfico. Eu considero, eu, na minha opinião, Você ta perguntado a minha opinião. Eu considero que isso é tráfico, inclusive eu acho que essa lei, de considerar o usuário como um doente, como uma pessoa que não tá cometendo um crime, eu acho errado por que... O crime, o tráfico, ele é sim... Ela tá sim participando do tráfico, porque ele tá comprando aquele produto que é ilegal. (Policia Militar, homem, 44 anos)

O usuário de droga, na verdade é aquele que, tem alguns usuários, já deparei com pessoa desse jeito, que usa principalmente nessas baladas à noite, né, usa droga simplesmente pra passar a noite, pra farrear, pra se desestressar, achar que é o cara né etc. Agora o dependente mesmo, dependente da droga, é aquele onde ele se entregou, é aquela pessoa que realmente precisa de internação, ele precisa de ajuda psicológica, ajuda médica, tem que ter uma purificação, o organismo dele tem que ficar livre dessa droga, mas infelizmente Karen, o que se observa é o seguinte o dependente, o dependente químico mesmo, ele por si só pra sair disso é difícil, não sai, é muito difícil, olha que eu vou fazer 30 anos de serviço na polícia militar, entendeu? Se teve um ou dois casos que o cara era usuário e falou “eu parei porque quis” olha que eu não me recordo, entendeu? Mas aquele que você vê realmente igual eu já tive oportunidade de participar de palestras num sanatório que meu pai teve internado lá, meu pai certa época tentou suicídio, graças a Deus ele saiu disso, eu participei de uma palestra de dependente químico, é triste viu... Você ver um depoimento de uma pessoa que tá ali se tratando e abstinência fala alto viu, abstinência o cara come a unha assim e dá no sangue, entendeu? De ficar doido por causa da droga, então tem que ter um tratamento mais firme, tem que ter muitos profissionais, desde um bom psicólogo até um bom médico, né, remédios né, pra... Porque a pessoa sai de si, não, é difícil sair, sozinha é muito difícil. ‘ (Policia Militar, homem, 49 anos)

Bom aí que tá, o usuário usual ele não vai ter noção que é dependente até o momento em que ele tenta para, então na hora que ele tenta para ele vai perceber que ele é dependente, então o usual muitas das vezes ele pode até ter tolerância e vai tendo tolerância o resto da vida, o resto não porque uma hora a tolerância acaba. Mas eu acho que ele ainda é usual até o momento que ele ainda não tentou parar e ver que a droga já começou a criar uma dependência pra ele, então pra mim a grande diferença é essa, muita gente hoje se acha usuário usual “Ahh não eu só uso maconha de vez enquanto e tal”. “Só na festinha uma vez ou outra e tal”. Mas aí se você for ver “E aí quanto tempo você ficou sem usar já? Qual foi o máximo de tempo que você ficou sem usar já? Ahh uma semana, um mês!”. Então acho que essa diferença é muito dessa questão da pessoa se toca que a droga já começou a criar dependência nela, tolerância que vai causando dependência, então acho que a grande diferença é essa, é a pessoa se toca, vê que ela se tornou dependente da droga aí a partir do momento que depende

ai é a falta de um tratamento mais efetivo mesmo, é algo que vai afasta ela realmente da droga. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

3.3.1. Usuário que comercializa para o próprio consumo

Ao tratar sobre aquelas pessoas que comercializam para obter o dinheiro ou a própria droga para consumir, percebeu-se que para os entrevistados, independentemente da situação de dependência, esses indivíduos devem ser vistos a partir do rigor das leis. Nesse sentido, a justificativa da categoria “doente” é vencida pela categoria “bandido”, pois ele passa do ato de ser vítima para contribuinte, não mais passivo, do alastramento desse mercado.

São todos [traficantes]. Daí a gente não pode tirar nenhum dessa, dessa... A gente se encarar o problema do tráfico como problema não só social, mas um problema de polícia aquele que... Pica 100 gramas de crack pra manter seu vício também é traficante. [...] A gente não pode falar só quem financia a droga é o traficante, só aquele que comercializa uma tonelada é traficante, não aquele que picota droga na frente da casa do vizinho que é aquele que enche a paciência da vizinhança, ele é o que mata. Ele que é morto, nas disputas de território. O grande traficante não tá nem sabendo disso. Normalmente não põem nem a mão em arma, quiçá em drogas. Então assim, se, a gente fosse encarar o problema das drogas como um problema de segurança pública, não tem sido tratado como problema de segurança pública, a gente teria que combater pequeno, médio, grande traficante. (Delegado, homem, 40 anos)

Eu infelizmente se eu deparar com essa situação, um exemplo, eu abordar um jovem, uma pessoa que seja “ah, eu realmente fui ali e comprei 10 pedras de crack, tem cinco no meu bolso, eu vendi cinco”. Entendeu? Ele é um usuário, mas infelizmente aquelas cinco pedras que ele vendeu de acordo com a lei também ele é traficante, tem que apresentar ele pra autoridade competente, no caso o delegado de polícia, aí sim o delegado vai analisar os “poréns” né, se vai autuar ele ou não, se tem elementos ou não, mas pra nós policiais ali naquele momento a gente num cabe muito fazer juízo de valor ali. Por que: “Ah você comprou dez pedra, você fumou cinco, vendeu cinco... Ah, pode ir embora!” Não é bem assim, eu vou tá incentivando ele a fazer mais, aí semana que vem ele compra 50 entendeu? Tem que pegar aquele jovem e levar ele pra autoridade competente né, ele se explique lá pelo que ele fez. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Se ele vende pra consumir ele acaba entrando pro traficante. Por que assim, o usuário é aquele que vai alí e compra e usa. Tá, mas ele vai lá e compra 100 gramas, usa 10 e vende 90, ele acaba sendo traficante. Ele pode ser um micro, mas se ele acaba fazendo isso pra ganhar dinheiro, pra ter mais dinheiro pra poder comprar mais droga ele é um traficante. O juiz acaba... Não vou dizer por que cada julgamento é um caso; tô falando em caso hipotético, normalmente o juiz avalia isso na situação, se ele ta vendendo e, "ah eu sou usuário e vendi só um pouquinho pra poder comprar mais", mas é um pequeno traficante. Ele pode até ser condenado numa pena menor e aquele que tinha 52 pacotes vai ser condenado a uma pena maior. Proporcionalmente você já vê que tem uma diferença. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Isso aí tem dois tipos: aquela pessoa que vende pra consumir, que precisa mesmo. Pega por exemplo os usuários de crack, eles precisam consumir a droga e eles pegam cinco pedras, vende quatro para poder consumir um. Esse cara é viciado mesmo no

crack e ele usa, trafica justamente por conta do seu vício. Essa pessoa, então talvez o direito penal, se a gente for pensar tecnicamente na teoria, o direito penal sequer teria como pegar porque ele estaria com alguma causa que excluísse [o crime]. Talvez o estado de necessidade, ou a inabilitabilidade de conduta adversa... Alguma coisa conseguiria excluir. E tem aquele outro que na realidade junta com outras pessoas para comprar mais barato. É uma outra realidade. Essa pessoa não entra nesses casos, pelo menos segundo a legislação atual que é a inabilitabilidade de conduta adversa ou de estado de necessidade. Tem que distinguir essas duas. (Defensor público, homem, 37 anos)

Traficante usuário, usuário é o que compra. O traficante é o que vende. Simples assim, a partir do momento que o usuário começa a vender ele também é traficante. A partir do momento que ele tá fazendo a mercancia ele é traficante. Ou então ele tá colaborando de alguma forma para o comércio ilícito de entorpecentes, né? (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Na verdade o seguinte, assim que chega a denuncia se for destacado uma equipe pra checar ela é obrigada a fazer um levantamento, então ela começa a ver a movimentação em volta, conversa com um vizinho e com outro e as vezes o próprio vizinho diz " Esse cara é traficante mesmo, ele entra e sai o dia todo da casa dele, não esse cara ai ele é usuário ele senta ai na porta ele é um coitado", então a gente procura foca nosso trabalho no trafico, o usuário não é o foco e não tem como ser, e nem da conta. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Daquela diferenciação que eu fiz do traficante, o profissional com o pequeno traficante né. É o pequeno traficante. Na verdade é o traficante mais vítima porque ele não visa o lucro ele visa manter o seu vício. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Como eu disse dessa questão, a partir do momento em que essa pessoa está só usando, poderemos entender como usuário. A partir do momento em que ele começa, também, a comercializar pra poder garantir ou, vamos dizer, o consumo dele, também, então, essa, fica muito é... Hoje a gente vê pessoas que acabam plantando nas suas residências pra ter seu consumo ali, mas acabam convidando um ou outro. Queira ou não, indiretamente mesmo que ele não esteja tendo recurso pecuniário, ele está contribuindo para o aumento do consumo que, às vezes, vão partir para outros meios para poder adquirir. Então, fica muito complexo essa questão de que "ah, até onde é só usuário!". (Policial Militar, homem, 40 anos)

3.3.2. Usuário x traficante

Mesmo apontando a lei como base no processo de diferenciação entre usuários e traficantes, a maior parte dos entrevistados argumenta que não há critérios bem delimitados que separam as duas categorias. Nesse sentido, colocam que é preciso olhar caso a caso, pois não é apenas a posse e a quantidade de drogas fator decisivo para a tipificação penal, mas também todo um contexto que caracteriza a mercancia das substâncias.

Além dessa questão, pontuam que essa diferenciação não ocorre somente entre usuário e traficante, mas também entre os próprios traficantes. Dizem que a lei de drogas precisa distinguir no processo de punição a partir das diferentes posições desses sujeitos dentro desse

mercado, avaliam que ser o dono de uma boca-de-fumo tem peso menor do que ser um aviãozinho, e assim deveria a lei acompanhar.

Pois é o que acontece, tem vários níveis de traficante: a gente tem a boquinha, o traficante médio porte, tem o traficante grande porte, entendeu aquele traficante grande porte ali às vezes ele nem usa droga, às vezes ele tem uma vida pacata com a família dele, numa casa alto nível no setor no setor Bueno, Alphaville. E aí tem o médio porte que às vezes ele usa só pra lazer e tal, não tem aquele vício e na boquinha lá a gente encontra o cara que às vezes só trafica mesmo pra conseguir o dinheiro, o cara que trafica e usa o cara que gosta da bagunça, tá nem aí pra vida e faz da casa dele um antro pra utilização de drogas, né, então a gente tem né, essa... Motivação pra usar drogas vem desde lá do traficante grande porte que vai soltando aquelas porções de drogas e tudo pra ir começando a viciar o pessoal do setor, a divulgar o produto, né, até o cara lá de pequeno porte que às vezes tá sem emprego sem nada e tá querendo um dinheiro fácil aí faz esse tráfico de pequena boca, né, que chama assim, acaba sendo mais lesivo pra sociedade... Existe o caso do traficante de grande porte, mas esse de boquinhas lá é que faz o cara roubar, pra ir comprar um pouco de droga, faz ter um assassinato porque um cara tá devendo o outro, faz então esses outros crimes análogos, é parceiros, né, do tráfico. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

[...] usuário é o que compra. O traficante é o que vende. Simples assim, a partir do momento que o usuário começar a vender ele também é traficante. O comércio [é o que diferencia usuário e traficante]. A partir do momento que ele tá fazendo a mercancia ele é traficante. Ou então ele tá colaborando de alguma forma para o comércio ilícito de entorpecentes, né? Independente se ele é pequeno ou médio. [...] o que em seus gabinetes muitos juízes, promotores esquecem é do problema que aquele traficante pequeno causa a sociedade, a sociedade não tá nem aí pra traficante que anda de helicóptero e vai pro Country Clube, nem os amigos desses traficantes tão nem aí. A sociedade se incomoda é com cara que vive com a porta dele cheia de usuários que rouba, furta ali na redondeza. Isso que a gente deve acabar. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos).

Olha, hoje com o avanço da tecnologia às vezes a gente consegue identificar o traficante, e muitos casos da PM quando a gente aborda o traficante, por exemplo, até então a gente faz a abordagem de rotina, as vezes há informações que o serviço de inteligência levanta pra gente que certa pessoa é um traficante em certa área, a gente passa a monitorar essa pessoa, a gente sabe que ele é traficante até a gente dar um flagrante nele. Mas há situações Karen que a gente faz abordagem de rotina, por exemplo, você tá no seu carro “ah, vamo abordar aquela moça” abordou aí você tá, por exemplo, ali três papelote de cocaína, dois papelote de maconha, dois pedrinha de crack aí ela “não, eu sou usuário” Tudo bem, há casos, por exemplo, que a gente pega o celular da pessoa, o celular da pessoa já começa “ow traz uma pedra de 10, uma pedra de 15, uma pedra de 50, uma pedra de 20” Hoje o preço do crack é 10 reais, 15, 20, 50 entendeu? “ah traz isso” Então muitas das vezes a própria tecnologia nos auxilia. Durante a abordagem, às vezes o auxiliar fala “subtenente, olha aqui o celular dele, olha o tanto de pedido, olha o whatsapp dele aqui óh o tanto de coisa” E também a situação da pessoa, só de você conversar com a pessoa você identifica se ela é usuária, se ela é um dependente químico ou se ela é um traficante, entendeu? A pessoa conversa com você, às vezes tá dirigindo carro, aconteceu com a gente já, a gente abordou o indivíduo ele pegou bituca de maconha dele e, pois debaixo do tapete do carro, entendeu? Universitário o cara, cara inteligente “não, eu só fumo de vez em quando isso aí” Ele é o usuário “esporte” entendeu? Aquele nesse caso aí eu creio que ele tem, se tiver um pouquinho de vergonha ele para com aquilo. Agora há situação que a pessoa realmente não dá conta. E há situação também, tem traficante né que deixa umas duas bituca queimada de cigarro entendeu? Pra tentar persuadir a gente

né, a gente sabe que ele tá vendendo, que ele é um usuário. Tem traficante hoje que se passa por usuário, só pra simular a gente e não ser autuado em flagrante. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Assim, basicamente a lei estabelece isso tá? A lei estabelece porque se a pessoa ela é usuária é que ela tá consumindo a droga ela compra droga para o consumo próprio, como no caso de tráfico seria a pessoa que vende, que dá, que doa, que faz qualquer ação no intuito para outra pessoa, principalmente no intuito de comércio de ganhar dinheiro né? Então a diferença seria estabelecido pela lei. E isso na prática, apesar de eu não mexer com essa situação, cada caso é analisado de forma individualizado, entendeu? Assim, é, verifica-se naquela circunstância se a pessoa tava com aquela droga pra consumo próprio ou se era para o comércio. Normalmente o tráfico ele, numa questão de lógica ele visa, visa ganhar dinheiro as custas do sofrimento da deterioração da pessoa tá? Então é, uma espécie de criminoso muito nocivo à sociedade que precisava de ter uma intervenção grave, precisava de ter uma intervenção severa em cima dele, mas não tem, não tem. Não, não senpoderia se admitir nenhum tipo de tráfico, hoje em dia tem “ah! é a primeira vez”. Não! Se tivesse uma legislação muito severa, muito dura não teria incentivo. Hoje em dia você vê lugares estabelecidos lá no Rio de Janeiro, aqui em Goiás mesmo têm lugares assim que são comuns a utilização de drogas. (Juiz Criminal, home, 45 anos)

Não me parece essa questão fácil de ser é... De haver um discernimento do usuário daquele que é usual. Porque às vezes nós dizemos uma pessoa é o usuário eventual e que não se tornou dependente de um determinado entorpecente, outros que usam pouquíssimas vezes e já se tornam amplamente. Se tornam muito dependentes daquele entorpecente, então varia muito do tipo de droga, mas a diferença me parece na frequência até né, a pessoa que usa muito frequentemente ela acaba se tornando naturalmente um dependente, aquele que usa recreativamente, eventualmente e esporadicamente pode não ser considerado talvez um dependente, mas isso é uma questão mais afeta a outra área que não a jurídica, mas afeta a área me parece, a área aí da medicina, psicologia, psiquiatria etc.” (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Nós temos tido avanços importantes na legislação processual penal, e nem por isso esses avanços têm sido assimilados pelo sistema, de forma então que questões culturais não se resolvem necessariamente com mudanças legislativas. Não dá pra determinar ao policial que ele interprete esta ou aquela situação, segundo este ou aquele princípio. O que vai determinar a sua atuação na rua é muito mais a sua formação, a sua, enfim, as suas bases, os seus princípios de vida, aquilo que o orienta enquanto pessoa, do que propriamente, do que deveria ser o que seria desejável, mas isso não acontece, do que propriamente aquilo que determina aquilo que diz um dispositivo legal. Se o sujeito determinar a atuação lá na ponta é que se o sujeito é pobre, está em situação de rua, tá mal vestido, tá em situação que revela a sua vulnerabilidade social, a sua precária condição socioeconômica, esse sujeito vai ser identificado como, quase que necessariamente em grande parte dos casos, como traficante, né. O que não acontece se esse mesmo sujeito for uma pessoa bem vestida, for uma pessoa de boa condição socioeconômica, que, na grande maioria das vezes, sequer é abordada, o que mostra então que essas definições, embora pudessem ser talvez desejáveis, embora elas já estão na lei até. A Lei de Drogas define o que é uso, o que é tráfico. O que isso tem significado na prática? Muito pouco. Então eu penso que essa discussão deve ser um pouco mais profunda, um pouco mais aprofundada pra se trabalhar a regulamentação do uso de drogas, escapar da lógica proibicionista, que ela é manicomial e excludente, e passar pra uma lógica de inclusão, de tolerância, e que possa significar sim uma resposta que tenha na dignidade das pessoas o fundamento. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

Porque a legislação é muito clara. Quando a pessoa se dá a droga que está em seu poder para alguém, para com ele naquele momento utilizar em conjunto, de forma esperada, de forma esporádica, de forma não usual, habitual, ele é considerado uso compartilhado, que é desclassificado, e vai para o uso compartilhado que é aplicação imediata de pena. Já aquele, nessa situação tem que ficar bem evidenciado que não estava vendendo, que ele não estava cedendo a droga de qualquer maneira, estava chamando o amigo pra fumarem juntos né. Ai enquadra nessa situação. E com relação à comercialização pra tirar o prejuízo né ao seja vender uma parte, fazer, pra manter o vício dele, é tráfico, é considerado tráfico. Mas é lógico que na dosimetria da pena você não vai dar a mesma pena pra uma pessoa que ta vendendo uma grande quantidade ou que tenha aquilo ali como atividade comercial usual. Então muitas vezes nessa situação, em decorrência da situação, do vício da pessoa, situação de que vai esporadicamente, a pena às vezes fica até abaixo do mínimo legal. (Promotor do Ministério Público, homem, 53 anos)

Tem na legislação então não tem dúvida, o usuário é aquele que consome a droga e... Ele tem para próprio consumo. Toda pessoa que comercializa, que... Vende com o intuito de arrecadar um dinheiro ele é o traficante então. (Guarda Metropolitano Municipal, homem, 40 anos)

Hoje a legislação fala que pela quantidade de droga, pela circunstâncias da apreensão. Legislador tentou criar uma fórmula pra isso. Mas é claro que depende muito do olhar do operador do direito que analisa o caso concreto. Eu tenho que olhar a quantidade de droga, se pegou com balança, se pegou com dinheiro picado. Então são alguns objetos específicos né bem delimitados que iriam indicar que se o indivíduo é traficante ou usuário. É bem comum que esses pequenos traficantes sejam ao mesmo tempo traficantes e usuários. É um tráfico de subsistência. O indivíduo que trafica com a finalidade específica de manter seu próprio vício. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

É complicado porque a maioria, como no Brasil é... Muitas famílias são carentes, o usuário, com o passar dos dias ele fica, tornando viciado, aí ele já não tem mais renda, ele acaba também sendo um pequeno comerciante, um revendedor. Ele não é um produtor né, ele é alguém que recebeu e vende pra se manter. Como lucro ele ganha um pouco de drogas né. Às vezes é tão forte que ele acaba usando o que era pra vender e aí a lei lá não perdoa e acaba matando, porque a lei deles é terrível. Então no início a pessoa é usuário, depois ele continua dependente e o dependente, quase todo dependente, a maioria deles também é um pequeno vendedor. Agora não é o traficante, o mega traficante aquele que vai lá e corre e traz lá de fora né, porque esse geralmente não usa drogas, é um comerciante sem escrúpulos. (Policial Militar, homem, 44 anos)

3.4 Avaliação sobre as políticas de drogas da instituição

Nesta temática buscou-se compreender quais as percepções dos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal sobre as políticas de drogas construídas pelas instituições em que trabalham e como as avaliam. Ficou evidenciado, nas narrativas dos entrevistados, principalmente dos guardas municipais, policiais militares e policiais civis, que a repressão é o principal modelo adotado pelas instituições para lidar com a problemática das drogas. Apontam que as três instituições têm produzido políticas preventivas por meio de um processo

educacional e informacional sobre as drogas, a partir do discurso de demonização de tais substâncias e voltada para crianças e adolescentes. Os entrevistados dessas instituições criticam a falta de investimento material e pessoal nesses programas, sendo colocados como secundária face ao gasto com combate repressivo das drogas.

No âmbito jurídico, percebeu-se a falta de qualquer de programas que pensasse a questão das drogas, sobretudo, para o usuário. Os entrevistados disseram sobre a dificuldade de implementar programas sobre drogas em suas instituições, devido, sobretudo, por aspectos burocráticos e por brigas políticas em tratar uma questão tão delicada como é o das drogas. O único programa citado pelos entrevistados foi “justiça terapêutica”, que a maior parte apenas conhecia de nome e não conseguiram explicar qual era o seu objetivo e sua dinâmica de funcionamento.

O grupamento aéreo, por ser uma unidade pequena, vamos dizer assim, em questão de efetivo, e é uma unidade também criada para apoiar as demais unidades, tanto unidades de área quanto unidades especializadas, nós não temos muita condição, apesar de até tentarmos fazer, mas nós não temos muita condição de trabalhar com o policiamento comunitário, com a prevenção para esse tipo de crime, o tráfico e até mesmo o uso de drogas, então nossa função é uma função mais repressiva. (Policia Militar, homem, 44 anos)

A melhor que a gente tem que é foco, que assim que é pra prevenir é um programa que é conhecido como Proerd, que ele coloca policiais assim na função de professores dentro dos colégios públicos ai, acho que até dentro de privados. E ai faz essa campanha de prevenção com crianças, assim evitando com que elas. Eu acho que o Proerd, eu acho que se tem uma coisa que deu certo na polícia foi o Proerd assim. Porque ali a gente ta trabalhando ali com a formação da pessoa né. Então é uma criança assim, se você, ela tendo ali, porque ela vê o professor, é o referencial dela ali. Se ela ver o policial falando ali que droga é ruim, que vai acabar com a sua vida, então ajuda a formar a mentalidade dela, a maturidade, ela vai ter condição de identificar e, como fala, processar essa informação e chegar a uma conclusão pra ela. (Policia Militar, homem, 47 anos)

Nós temos uma sessão que tem o PROERD né, que ele visa isso, faz palestras com... Ele difunde essas conversas que estamos tendo aqui de traficante pra os familiares. Então nós temos essa porta que é muito boa, que essa questão de difundir um pouco. Só que tem que a parceria de outros órgãos, a polícia faz a parte dela, ai precisaria de outros órgãos, como a polícia civil, a polícia federal cada um ter a suas escolas fazendo isso né? Não deixar só pela educação, não deixar só pela PM, cada um tem que fazer sua parte. Porque é uma coisa que quanto mais difundir melhor seria. (Policia Militar, mulher, 43 anos)

Na questão do que é feito assim, a gente vê que por mais que a gente veja grandes operações que são desencadeadas à gente tem consciência de que tem muito mais que estar ainda adentrando os nossos estados, principalmente, o estado de Goiás por fazer limite com vários estados, assim, uma rota de trafico de drogas, então, a gente vê que tem muito a ser feito. A gente já tem percebido muitos programas de interação entre os estados federados a própria união com alguns programas de fronteiras que visam

minimizar isso. Mas a gente falar em termos de equipar totalmente é complexo porque nós temos 11.000km de fronteira seca, né? Que não tem como ser/ter policiamento o tempo inteiro porque como eu disse 11.000km de fronteira seca dificulta muito. O estado de Goiás está no meio de toda essa... (de um monte de coisas – fala da entrevistadora). Então, muitas operações, tem sido feitos os grupos, por exemplo, como o Code (Comando de Divisas) que acaba fazendo esses trabalhos nas fronteiras, esses trabalhos nas rodovias visando minimizar. Sempre tem várias operações deles que tem/trazem grandes resultados e as parcerias da PM de Goiás com outras PMs também tem resultados muito positivo. Mas, é muita coisa que a gente ainda precisa, a gente tem consciência, eu tenho consciência disso, que a gente precisa fazer muito, ainda, pra poder evitar completamente, mas como eu disse, teria que envolver muitos outros órgãos pra que isso pudesse ocorrer, de forma a evitar, porque só tem essa grande incidência porque tem muitos consumidores, se não houvesse consumidores não teria essa preocupação toda. Então, até voltando na questão do consumo, se tem consumidores vai ter demanda, vai ter que atender/abastecer essas pessoas porque vai ter procura. (Policia Militar, homem, 50 anos)

Bom, a gente trabalha com, com foco preventivo e repressivo né? Nós temos ações preventivas como, por exemplo, o PROERD, que é um programa que trabalha nas escolas e em relação às drogas né? Escolas sem drogas. Então nós temos preventivo e nós temos repressivo. É, boa parte do policiamento que é empregado, em áreas é operacionais, digamos assim, são empregados na parte repressiva né? Apesar de que a gente faz abordagem que é preventivo, a gente faz operações é... De bloqueios, tudo isso é, é preventivo. Mas de forma geral quem trabalha nas áreas atuam de forma repressiva é... Abordando usuários, abordando é, é mapeando locais onde são é, ocorrem o consumo, porque onde tem um consumo tem uma pessoa que vende. Têm lugares que a gente vai e era só um local pra usuário que a gente chama de “mocó” né? A pessoa vai pro mocó só usar a droga, mas existe alguém que fornece essa droga pro consumo. (Policia Militar, homem, 45 anos)

Atualmente o Programa Escola Sem Drogas conta com mais ou menos noventa e seis palestrantes cadastrados e ativos, tá? Como funciona o Programa Escola Sem Drogas dede a sua origem, né? O programa Escola Sem Drogas surgiu em 1993. Teve um decreto governamental que atualizou algumas partes da gestão da Polícia Civil, onde novamente garantiu né? A atuação do Programa Escola Sem Drogas, isso em 1998. Então nós contamos no Programa Escola Sem Drogas há mais de 23 anos, e uma característica do Programa Escola Sem Drogas é o seguinte: formar palestrantes, policiais né? Para que eles possam trabalhar essa parte da prevenção primária, né? Dentro da Polícia Civil que é uma instituição que tem uma atribuição de repressão, trabalhar esse campo da prevenção. Como funciona isso? Os policiais continuam no exercício das suas funções habituais, é, e nas horas vagas, como uma espécie, tipo de uma forma voluntária eles atuam, tá? Praticando essas palestras, só que pra isso, antes disso, eles precisam passar por um curso de formação muito bem elaborado, tá? Que tenha um prazo, exigência, que tenha uma avaliação e etc para que eles possam ter o mínimo tá? De comprovação de que realmente estão habilitados a ministrarem essas palestras e atuarem no campo da prevenção. O nosso campo de atuação, ele não tem discriminação. É o único critério que a gente coloca que é, o discurso nosso que nos habilita a trabalhar com pessoas acima de 12 anos, né? Então a gente pega aquela transição entre a criança e adolescência, tá? Então a partir de 12 anos é o público qual a gente foca o nosso trabalho. É, veja bem, o Programa Escola Sem Drogas é convidado, principalmente para as escolas, né? Escolas públicas, particulares, né? Universidades, tá? CMEI'S, é centro de idosos, é OVG onde tem um núcleo das gestantes, então não temos discriminação em relação ao público, apenas temos essa limitação em relação à idade, né? O público acima de 12 anos, também, sem uma limitação, é, uma limitação final da idade também... Então nós atuamos, é, com a transição da criança para adolescente, até a fase idosa, tá? Com todo esse público, goiano, principalmente. Também temos alguns casos onde a gente estabelece, é, alguma parceria com os outros estados e recebemos convites de formação de

professores, formação de profissionais para que também, com a transferência do nosso conhecimento possam também atuar como, no campo de prevenção como nós atuamos. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Não! Ainda não existe. Nós ainda estamos engatinhando, mas nós já estamos desenvolvendo algumas coisas nesse sentido né! Para buscar... Porque o problema da droga... A defensoria pública não é só o problema da droga em si. A droga está muito veiculada sobre tudo em relação ao público alvo da defensoria pública à criminalidade patrimonial. Porque a defensoria pública, ela atua... Imensa maioria dos roubos e furtos que ocorrem, é a defensoria pública que atua na defesa. E muitas vezes esses crimes são cultivados pelo uso da droga. O usuário de crack que dá a fissura, ele não mede as consequências, ele nem consegue... No direito penal, a gente fala que para o cara receber a punição, ele tem que entender o caráter ilícito do fato e tem que se comportar de acordo com esse entendimento. O usuário de crack, muitas vezes, embora ela compreenda o caráter ilícito, ele “eu sei que não posso roubar”, ele não consegue se comportar porque ele está na fissura do crack e ele não se contém e pratica o crime para usar a droga. Então a defensoria pública primeiro, na minha opinião precisa trabalhar mais nesses casos para demonstrar mais a imutabilidade dessas pessoas, sobretudo desses usuários de crack, precisa de um suporte não jurídico, mas um suporte melhor na área da medicina, da psicologia, pra conseguir demonstrar melhor essas situações. Uma outra questão que seria interessante a defensoria pública tentar junto com o Estado, que o Estado proveja clínicas para essas pessoas porque muitas dessas pessoas são... Ela rouba e é colocadas dentro do sistema carcerário. Ela sai do sistema carcerário, ela rouba de novo e volta para o sistema carcerário. O problema dela é um problema de vício de droga. Então ao invés dela ir presa ela vai para uma clínica tentar que essa pessoa fique, se recupere dentro de uma clínica pra não ficar esse vai e volta pra dentro do sistema penitenciário. Isso é algo que a defensoria pública e em muitos casos, muitos juízes se sensibilizam pra esta questão e vê que essa pessoa é usuária de droga e a Defensoria consegue tirar para encaminhar para clínicas, mas são clínicas que à parte, geralmente os familiares procuram juntamente a uma instituição religiosa, procura uma vaga, mas não tem do Estado. E essa é uma questão de saúde. É um direito de ele ser tratado. Então essa é uma questão que precisa ser mais melhor trabalhada dentro da defensoria pública pra ver o que fazer... E isso reflete obviamente e diretamente nos índices de crimes patrimoniais nas cidades, que são dois grandes indicadores de violência, os crimes... As taxas de homicídios e os crimes patrimoniais. Que são geralmente os crimes patrimoniais que trazem a sensação de insegurança à sociedade. Então trabalhando com os usuários de droga, a fim de resgatar, se assim pode se dizer, “curá-los” e resgatá-los a cidadania né! É medida muito mais efetiva. (Defensor público, homem, 37 anos)

Então, eu tenho, eu titularizo uma delegacia que cuida de furtos e roubos de veículos né. Não é meu grande enfoque, mas a instituição leva muito a sério essa questão porque o tráfico ilícito de entorpecentes ele fomenta outras atividade. Não porque ele seja a pior prática ilícita, mas porque ela traz mais poder. Ela envolve mais dinheiro. Então a guerra de grupos ela é absolutamente proporcional ao domínio econômico que determinado ser social. Se o indivíduo domina o tráfico de drogas lá no Setor Novo Mundo, por exemplo, Jardim Novo Mundo, evidentemente não é só uma questão de poder simbólico, é uma questão também de que ele tem proveito econômicos sobre tudo aquilo que tá acontecendo ali na área dele. Então a gente se preocupa principalmente pela moldura das facções que foram sendo criadas. E como eu te disse a facção que faz a venda de droga naquele contexto ali também rouba carro, também estupra, também mata. Então não é uma atividade absolutamente dissociada das demais ilicitudes. E se o grupo não pudesse mais vender droga porque o Estado faz licitamente, ou seja, se houvesse a legalização da venda de drogas, esse grupo ainda iria tentar manter o domínio econômico sobre aquela área seja por meio de oferta, que esse exemplo fica muito claro: por meio da oferta de segurança. Nós vimos que no Rio de Janeiro em um momento tal os traficantes foram expulsos do morro e quem foi tomar esse nicho para manter a possibilidade de exploração econômica daquele lugar

foram às milícias. Onde existe o vácuo do poder existe a possibilidade de ganhar dinheiro. Seja o traficante explorando economicamente uma determinada área, seja o próprio Estado por meio dos seus agentes corruptos dominando a área, fazendo a venda de segurança. Sempre que tivermos um vácuo assim alguém vai ocupar, seja quem vende droga, seja quem rouba carro, seja quem vende a sensação de segurança, que é o caso das milícias. Assim, nos limites que nos são postos, é porque talvez fique insólito pra vocês que nos servidores públicos somos obrigados até por uma questão de garantia dos demais cidadãos agir conforme a lei. Os limites que nos são impostos, com as ferramentas jurídicas que nos são impostas, apreensão de drogas, ela é considerável. Entretanto nos sabemos que enquanto existir um pólo querendo consumir e acreditar que esse consumo não é ilícito, criando tipos de resistências, uma desobediência civil das normas postas, nos vamos continuar fazendo o trabalho de enxugar gelo. Apreender drogas, mas sabendo que sempre existiram pessoas acreditando que o consumo dessa droga não gera nenhum efeito outro que não o próprio mal a sua saúde. Mas nos sabemos que esse contexto todo organizado ele traz repercussões sociais e traz repercussões que extrapolam muito o corpo do próprio indivíduo que utiliza. Essas doutrinas de que, é uma doutrina fundada no pensamento de John Locke, de que o corpo é meu eu faço o que eu quiser com ele, ela é interessante, porque quando efetivamente esse indivíduo se vê entorpecido pelo uso de drogas e absolutamente dependente. Parece que ele se esquece desse conselho inicial por liberdade e passa a buscar agora o Estado de forma tal que o Estado é obrigado a lhe voltar ao status quo, ou seja, lhe curar. É um contra-senso, a pessoa no primeiro acreditava que era livre pra usar drogas inclusive não acreditava que isso era errado, tanto é que compra droga dos traficantes fomentando todo um ciclo criminoso, mas quando efetivamente as coisas não vão como ele esperava, ou seja, gerando a sua dependência física, psíquica, ai ele busca o amparo do Estado. Então é necessário que nos passemos a olhar novamente e ai é necessária a conscientização social para saber se é isso que a gente quer; que o Estado haja como saneador das minhas escolhas individuais porque quando o indivíduo usa droga lembre-se as repercussões não ficam só com ele, tanto é que existe a possibilidade do Estado, isso geralmente é clamado a todo momento a todo ao próprio Ministério Público, de que o Estado custeie esse tratamento. Então o que nos precisamos é um grande debate que efetivamente o uso de drogas não é algo que se encerra, se exaure, na pessoa do usuário. Ela transcende, inclusive movendo políticas públicas e retirando dinheiro de políticas públicas prioritárias como a saúde das pessoas que efetivamente não buscaram uma doença e agora então, para a educação. Esse dinheiro vai ser remanejado no sentido de criar políticas públicas no sentido de restaurar a saúde e integridade, desde psicológica do usuário. É necessário que haja um debate maior porque é nesse contexto o usuário também não é uma vítima total. Ele talvez seja responsável pela sua decisão e é uma decisão livre que ele poderia ter tomado, mas depois que as coisas não vão tão bem quanto ele imaginava ele passa a responsabilizar o Estado pela restauração da sua saúde então é uma coisa que tem que ser discutida. O papel do usuário nesse contexto, o papel do traficante, que se efetivamente é um contexto que não gera efeitos sociais ou que gere. Inclusive movendo políticas públicas de lá pra cá. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Olha a gente vê algumas, mas a gente sabe que é difícil, e tem a dificuldade as vezes de interagir até mesmo porque eu vejo que aquela política de saúde ela não é levada até seu ultimo nível que é da essa assistência, então eu fico meio naquela, pó não adianta eu ficar aqui conversando, mais eu sempre disse que a droga, que as vezes a gente faz palestra, e ai eu sempre digo que a droga, ela não pode ser um problema de polícia só! Polícia é um dos, é repressora, mas educação e saúde tinha que ser primeiro. Tratamento em escola, leva esse assunto em escola, trata esse assunto lá no inicio, primeiro vem de família né, mais tem muitas famílias que você sabe que não tem condição, culturalmente e tal, sobrou para o Estado, começa na escola, junto com a saúde publica que é tirar os dependentes da onde eles estão hoje, da condição de vida que eles estão hoje. Mais as políticas, por exemplo, tem um programa municipal de combate a droga, eu vou ser sincero e tenho até vergonha de dizer isso, já teve 3 reuniões e eu não consegui ir em uma. E ai eu vejo o município tentando, por exemplo,

atuar numa área que eles reclamavam muito que é aqui em Campinas, ali não adianta polícia ir lá e pega aqueles usuários que estão em situação de miséria, os caras tão numa situação deplorável. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Que eu conheço é o trabalho repressivo da DENARC, que eu sei que é bem eficiente, a DENARC é uma delegacia, assim, de ponta no que se refere ao combate ao tráfico, e socialmente eu sei que a escola sem drogas atua, né? Ligadas a academia de polícia civil e parece que eles têm um bom trabalho. Eu não acompanho o trabalho da escola sem drogas, né? E outras ações que eu diria que são preventivas é esse contato que, às vezes, a polícia tem com o cidadão. Eu como delegada e acho que outros delegados fazem isso também a gente dá palestra nas escolas, eu acho que quando voce mostra força que uma profissão tem, o acesso que, assim, quando você cresce profissionalmente, você mostra que deu certo, eu acho que você incentiva os outros a fazer igual, eu acho que a gente precisa de exemplos, eu acho que a gente precisa disso, eu acho que a gente contribui também dessa forma na parte repressiva e quando você transmite respeito ao seu trabalho igual quando eu vejo o trabalho do instituto de identificação, da mesma forma... Não posso falar é mentira eu não vejo a mesma forma criminalística não, a criminalística e o IML pra mim eles só estão me dando dor de cabeça ultimamente, mas assim eu tenho muito respeito. Eu acho que quando a gente tem essas pessoas que demonstram bom trabalho, acho que é importante, acho que é isso que a gente faz, pode ser positivo né? (Delegado da Polícia Civil, homem, 54 anos)

A guarda trabalha em duas vertentes, a operacional né, e a... A parte de prevenção primaria, na parte operacional nós tamo divididos nas sete regiões administrativa e... A gente tem sempre prendido diversos traficantes, principalmente em porta de escola, em parques, em diversos locais onde eles estão... É atrapalhando a sociedade, é... Aliciando menores, crianças, a guarda tem sempre tá atuando nessa parte aí, inclusive junto com a DENARC, em diversas ações e operações. Nós fizemos, temos um projeto com o governo federal, nós temos vídeo monitoramento no parque vaca brava e lá na praça universitária, nós fizemos, na primeira operação que foi feita, em cerca de 30 dias de investigação lá na praça universitária, nós prendemos em um dia 21 traficantes, conseguimos mapear e prender esses traficantes, maior parte na parte operacional, na parte mesmo preventiva, nós temos os nossos projetos de prevenção que é coordenado pela diretoria de política sobre drogas, que é os “anjos da guarda” que atende aí, ano passado nós atendemos mais de cinco mil crianças na rede pública municipal, estadual de ensino, igrejas, é... Parques, praças, em diversos locais que a gente é convidado a gente faz esse trabalho de prevenção principalmente com as crianças, quatro uns doze anos que é nosso foco mesmo, que é, onde nem a PROERD, nem a “escola sem drogas” da polícia civil e polícia militar, atendem, então esse é o foco da guarda em relação a prevenção primário, né. O guarda mirim também faz esse trabalho com diversas palestras, é, com esma, inclusive levamos a vários passeios, mostramos prá...pros guardas mirins. (Guarda Metropolitana Municipal, homem, 40 anos)

Nós, havíamos um projeto, nós já estávamos em conversações há seis meses antes de estourar aquela ... porque existe uma dificuldade até operacional em relação a polícia militar e a guarda, então teve que ter um ajuste, então esse é um projeto da Secretaria de Segurança Pública com a guarda e a polícia militar, só que quando o Ministério Público entrou aí secretaria pediu pra gente acelerar o processo porque tinha todo um processo em andamento de ... de ...a gente ia doar o som, a gente ia entrar com uma parte e eles iam ter uma contrapartida, até a gente fez esse serviço sem receber essa contrapartida para ajudar o Estado que tava naquela dificuldade tanto que é que deu uma diminuída grande na... em relação a quê, nós começamos atuar em outubro do ano passado, e aí bem no finalzinho de outubro ou dezembro, não me lembro certinho, no finalzinho do ano alí, que tava mais crítico mesmo, foram feitas diversas apreensões, prisões, flagrantes, quadrilhas, que a guarda... Nós fizemos... O eixo tem cinco terminais, então nós colocamos uma equipe em cada um, com uma viatura no

terminal e nós pegamos as câmeras de vídeo e monitoramento, colocamos os guardas pra monitorar, e com as câmeras a gente ia. Muitos crimes foram identificados pela câmera, chamava o guarda, o guarda dava o flagrante, até estupro conseguimos prender, tinha uma menina de uns 15 anos, andando pra lá e para cá, não dava para ouvir, o guarda identificou, pediu pra abordar ela com a mãe, quando chegou a menina tinha sido estuprada pelo próprio pai, aí nós identificamos, o autor tava lá, prendemos o autor. E roubo, assalto, é... Quando tinha veículo roubado e muitos roubam o veículo e deixava ali pra esfriar né, com as câmeras, a gente identificava, checava e conseguia recuperar. E um projeto “Goiânia mais segura”, que nós lançamos esse ano também em parceria com o governo federal, onde a ideia é que a guarda pudesse fazer o trabalho do policiamento comunitário juntamente com a polícia militar e todas as outras secretarias da prefeitura envolvida ali daquela região, e tentar fazer um trabalho de prevenção, então COMURG, CEINTRA, iluminação, limpeza, de, né, lote baldio, tudo isso tem por traz, e o trabalho dos “Anjos da Guarda”, fazendo palestras naquela região, com a educação, com a SMT sinalizando o trânsito, a ideia é que diminuísse a violência naquele local e com a nossa atuação, principalmente a guarda nos comércio, fazendo muitas vezes comunitária, e tentando com a nossa presença e da polícia militar, diminuir a criminalidade. Super positivo, nós tivemos uma reunião, segunda feira, terça feira agora, e lá foram um pessoal do CONSEG lá, pedir pra a gente não sair da região, porque o projeto ele é itinerante, porque o crime migra, ele migra, então a ideia é ficar três meses ali e sair, então quando eles ficaram sabendo que a gente ia sair, eles foram lá, fizeram um abaixo assinado, tem um abaixo assinado com 400 e poucas assinaturas, outro com 800, eles tão com outro lá com mais de mil e quatrocentas assinaturas pra gente não sair de lá. Já foram até ao prefeito, o prefeito até me ligou pedindo pra gente dar um tempo, mas assim, é bom saber que o projeto deu certo. (Guarda Metropolitana Municipal, mulher, 55 anos)

Eu não sei exatamente, é não sei não. Mas existe um atendimento ao usuário, um encontro, não sei exatamente se é semanal, ou depende do indivíduo que tá sendo atendido ali, e uma série de coisas, não sei exatamente o que é feito na prática, se é apenas encontro orientações, discussões sobre o assunto, ate que ponto. Mas funciona aqui. Segundo uma pessoa, ela é psicóloga, ela é psicóloga ou né é assistente social, enfim. El faz uma grande diferença. (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

No nosso trabalho aqui, como eu lido com o homem e a mulher presa depois de condenado; então eu lido com pessoas condenadas, o nosso trabalho aqui é lidar com a entrada de drogas em presídio. Então evitar que se entre, justo com as diretoras das áreas prisionárias pra que não entre drogas dentro da área prisional. De vez em quando se faz uma revista, ou analisa a comida, as coisas que as pessoa levam justamente pra evitar que entrem, esse é o nosso trabalho. Agora a gente não tem como trabalhar a pessoa que está condenada e presa com o uso da droga, por que aí infelizmente lá dentro nós não temos. Um único presídio que a gente tem que tem uma ala que a gente encontra a pessoa que ta muito, quando ela entra em crise, quando ela está muito mal e entra em crise de abstinência que pessoa fica revoltada, muito nervosa; agride, bate com a cabeça na parede, às vezes ele se machuca. Aí a gente tira e coloca ele numa ala que a gente chama de justiça terapêutica lá dentro da unidade. Aí vem o médico da o medicamento, o calmante, algo que dê pra ele dormir e se acalmar, que dê pra passar aquele efeito da abstinência, isso a gente faz. Tem alguns casos aqui que a gente tem; agora na maioria das cidades do interior eles não têm uma ala separada pra isso. Não tem nem espaço. Aqui a gente consegue, tem uma ala que a gente chama de ala da enfermaria psiquiátrica; que na verdade até pedi pra tirar o nome psiquiátrico, por que psiquiátrico é tudo o que é problema da cabeça. Na realidade não é isso, toda pessoa que... Tem gente lá que é esquizofrênico, que é epilético, tem gente que precisa tomar remédio controlado pra isso tipo de problema que a gente chama psiquiátricos. Eles são separados nessa ala, por que fica mais fácil o pessoal fornecer o medicamento; por que chega numa ala que tem 300 homens e vou levar um remédio psicotrópico pra ele; é mais fácil os outros tomarem o dele. Que são remédios que pra outra pessoa vai fazer um efeito, então toma o dele. Então a gente pega essa pessoa e

coloca na ala psiquiátrica, vai ser uma outra ala que vai ser maior e que separa as pessoas que precisam tomar esse medicamento, por que lá vai ser mais fácil entregar pra cada um, e o controle ser maior. A gente não entrega caixa de medicamento pro preso, eles ficam guardados, e entregam a medida que for necessário. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

A Justiça Terapêutica ela tem toda uma estrutura aqui de coordenação, de assistentes sociais, de psicólogos, ela tem toda uma estrutura própria que faz e presta assistência a essas pessoas. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Não. Você vai encontrar em alguns lugares algumas iniciativas precárias, algumas iniciativas que parte muito mais do voluntarismo de quem tá trabalhando ali dentro do sistema prisional, e se depara com esse fenômeno, que dentro das prisões o consumo abusivo de drogas talvez seja maior que aqui fora em algumas prisões, o problema da facilidade ao acesso, o problema da segurança que se tem para o consumo dessas substâncias dentro do presídio. Então o abuso tem sido muito comum, e não há políticas, existem algumas iniciativas, algumas tentativas, em 20 anos que eu trabalhei nesse ramo, eu presenciei algumas, nenhuma teve sequência, nenhuma teve uma duração significativa, não houve desenvolvimento no curso do processo, algumas iniciativas morreram logo no início, logo de cara, outras ainda perduraram algum tempo e morreu pelo meio do caminho e, enfim, não há uma política voltada para essas pessoas e para lidar com essa questão. Já houve de tudo, tem se de tudo, essas experiências estão pipocando o tempo todo. Mas uma delas que eu acompanhei, que se chamava Projeto Renascer, dentro do CEPAEGO, ela tinha de fato o propósito... Ela deve ter acabado há cinco anos. Ela partia da ideia, dos propósitos da redução de danos, retirava o sujeito, trabalhava com ocupação do tempo dele por terapias ocupacionais, por algumas possibilidades que são pequenas dentro do presídio, de enfrentamento dessa questão, com a separação do dependente químico da população carcerária, pra de alguma forma ele ter uma assistência diferenciada, isso era acessível a muito pouca gente, mas, por conta dos obstáculos que o sistema prisional impõe, essa prática morreu também, embora fosse uma prática interessante que pudesse ter sido desenvolvida, ela acabou se encerrando e hoje não funciona mais. Existe talvez um nome lá, de um lugar, de uma sala, que o Projeto Renascer era uma sala que virou muito mais, quando eu inspecionava, um lugar de separação do dependente químico do que propriamente um espaço de tratamento desse sujeito. Outras iniciativas, e a maioria delas são assim, se pautam pela religião, pela ideia de que o sujeito abraça uma determinada denominação religiosa e seja orientado a partir daquela denominação religiosa e uma das condições é a abstinência. Isso não chega bem a ser um tratamento, mas é uma forma de enfrentamento do problema dentro dos presídios. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

Isso foi muito bom essa sua pergunta. Quando eu assumi aqui a promotoria do combate ao tráfico eu quis desenvolver um projeto aqui chamado: socorrer. O que era esse projeto “Socorrer”: era pegar o dinheiro que foi apreendido com drogas, e como eu vim da área da coordenação, da área da saúde, eu conhecia o sistema de saúde, sabia dos hospitais que atendia álcool e drogas, sabia o valor ínfimo que o Estado pagava para aquelas áreas. Eu propus o projeto, chamei os hospitais que internavam drogados, viciados e propus ai esse de comprar vagas. Apenas um aceitou e falou tudo bem eu aceito, eu entro no projeto, eu te forneço essas vagas sem prejuízo no número de vagas do SUS desde que você me pague o valor que a associação dos hospitais estabelece como justo. Tudo bem, ia assim nos fizemos uma conta específica de recursos do tráfico na sentença era destinado para o projeto “Socorrer” e na medida que a defensoria pública atendia parentes de presos, de usuário de droga com dificuldade de internação, encaminhava para o hospital então assim nos fizemos. Atendemos uma grande quantidade de pessoas, se você se interessar nos temos estatísticas. Veio a corregedoria do Ministério Nacional fazer uma inspeção no Ministério Público de Goiás como um todo e deparei que na minha promotoria existia

um inquérito público instaurado que visava coagir a Secretaria de Pública a melhorar o inquérito policial na área de drogas que era mal feito. E também tratar desse projeto “Socorrer” que era pra usar esse recurso. Para se ter idéia no nosso projeto ele era quase meio Credeq, ou seja, sem nenhum custo do Estado nos estávamos atendendo metade que um Credeq vai atender ainda com recursos altíssimos para a construção e manutenção. Ai determinou que quando não tivesse atribuição eu tivesse que mandar esse processo pra quem tivesse atribuição e depois veio uma determinação da corregedoria do Ministério determinando que eu encerrasse o projeto porque eu atribui valor ao serviço público. Eu não atribui valor ao serviço público, no acordo você faz a sua proposta ai eu aceito ou não, ele fez a proposta com um valor tabelado de uma associação. E que não poderia recorrer porque a lei mandava que fosse (ruído) a favor da União. A lei manda fazer o perdimento da União. Se fizer o perdimento da União ter que ir pro SENAD. O juiz na liberdade dele ele pode decretar perdimento e evasão de outras coisas e o retorno dentro da sociedade é muito mais fraco, sendo que aqui na cidade estava recuperando. Mas ai, ou seja, o projeto “Socorrer” foi morto pelo próprio Ministério Público. Eu acredito que do tempo do Ministério Público, nos meus vinte dois anos aqui, não teve um projeto que fosse dessa natureza. Tentar recuperar as pessoas envolvidas com drogas utilizando o dinheiro da droga sem trazer prejuízo para o poder público, no entanto teve uma opinião divergente e assim foi feito. (Promotor do Ministério Público, homem, 48 anos)

3.5. Legislação sobre drogas

No Brasil, a legislação sobre drogas foi intensamente influenciada pelas Convenções das Nações Unidas e pelos Estados Unidos, se enquadrando na maior parte do tempo no modelo proibicionista radical, pois criminalizava o traficante, que representava uma ameaça à “Lei e à Ordem” e o usuário, denominado viciado, era tratado como doente. Sob essa influência, foram editadas várias leis e códigos, em diferentes períodos, e todos mantiveram a tendência de endurecimento penal para traficantes, e a estigmatização sanitário-moral de usuários de psicoativos ilícitos (Rodrigues, 2006). Com o processo de redemocratização no Brasil e a promulgação da Constituição de 1988, um marco para a garantia de direitos e liberdades individuais, emergiram novos discursos sobre o fenômeno das drogas, em oposição à política repressiva característica da Ditadura Militar. No entanto, o Estado brasileiro manteve o modelo proibicionista e o endurecimento das penas criminais.

A “Lei dos Crimes Hediondos” (Lei Nº 8.072/1990) que incluiu o delito de tráfico de “entorpecentes” exemplifica esse endurecimento penal, pois restringiu garantias à fiança, liberdade provisória, anistia e indulto, bem como a possibilidade de responder em liberdade e de progressão de regime prisional (Brasil, 1990). Em 2002, através do Decreto Nº 4.345/2002, foi criado o “Sistema Nacional Antidrogas” que instituiu a “Política Nacional Antidrogas” (Brasil, 2002), delimitada pelo ideário proibicionista da prevenção, tratamento e repressão: o uso de drogas permanece como ameaça à sociedade, pois seria o principal responsável pela criminalidade e para os usuários o tratamento previa também internação compulsória.

Atualmente, o que vigora é a Lei N°11.343/2006, que estabelece a distinção entre usuários, dependente e traficante, bem como o fim do tratamento obrigatório para dependentes de drogas (Brasil, 2006). Os usuários e dependentes não recebem mais pena privativa de liberdade e passam a ser submetidos a medidas socioeducativas aplicadas por juizados especiais. Os traficantes continuam sendo julgados em varas criminais comuns, com pena prevista de cinco a quinze anos de detenção, podendo ser também enquadrados sob o crime de financiamento do tráfico, cuja pena varia de oito a vinte anos de detenção. Além disso, foi instituído o “Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas”, com o objetivo de “articular, integrar, organizar e coordenar as atividades de prevenção, tratamento e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, bem como as de repressão ao tráfico” (BRASIL, 2006).

Os promotores, defensores públicos e juízes, em sua maioria, avaliam como positiva a legislação sobre drogas no país. O ponto destacado como negativo por eles seria a forma como ela é executada. Por outro lado, para agentes da polícia militar e polícia civil, a legislação apresenta um déficit, sobretudo em relação ao usuário de drogas.

Legislação? Então, eu ainda não tenho uma ideia definida assim se ainda precisa endurecer mais, ou se tá boa. Eu realmente, eu não sei. Por que fala muito em legalizar, mas eu não sei se realmente é esse o melhor caminho não. Então eu acredito, eu não sei, eu acredito que poderia até endurecer mais pra droga né? Eu não sei. Por que a gente sabe né, a droga é pano de fundo pros crimes né? As pessoas fazem muitos crimes para fazer uso de drogas, pra esse consumo da droga. Então, se eventualmente combater com mais eficiência a questão do tráfico, do uso, de repente seria bom pra melhorar os índices de criminalidade. Eu acredito que poderia melhorar. (Agente da Polícia Civil, Homem, 37 anos)

Eu acho que aqui a legislação ainda é muito amena ainda com o crime do tráfico, eu acho que o crime do tráfico em si, teria que ser mais rigoroso a punição deles, bem mais rigorosa, a gente tem as cadeias, os presídios elas são verdadeiros centros de comando e controle do crime lá de dentro do presídio ele consegue controlar toda a rede de tráfico dele que ocorre fora, e fora que ele ainda tá seguro lá dentro, porque não corre o risco de tá aqui no meio da rua e perde droga, leva um tiro né, ou qualquer outra coisa, ele tá lá dentro da segurança das paredes lá dentro e controlando todo o tráfico do lado de fora então a gente tem, eu acho muito ameno ainda pra é... Por mal que o tráfico em si causa na sociedade, acho que o tráfico causa um mal muito grande na sociedade, abastece muitos outros crimes, motiva muitos outros crimes e teria que ser combatido com mais rigor, isso na questão da punição, tempo de punição, redução de progressão de regime, redução de diminuição de pena a questão do menor também punir com mais rigor quem tem o menor no tráfico, o próprio menor é algo que tem que ser discutido também porque ele acaba sendo um funcionário blindado para poder atuar no tráfico, isso ajuda muito, e então a gente tinha que ter uma ampla mudança no código penal, nos nossos presídios que tange a rigor mesmo de entrada de coisas lá dentro, de o jeito que é o presídio e várias coisas né, falta de contato do preso com quem tá fora, eu acho que a gente ainda tá muito branda em questão ao combate do tráfico de drogas. E assim eu acho também que o usuário, descriminaliza o usuário eu acho errado também, não tem que haver, hoje ainda não é descriminalizado, o usuário

é criminalizado, é um crime ainda né, é punido com substituição da prisão, o TCO, uma outra coisa e ainda é um crime e eu acho que não tem que ter essa campanha pela descriminalização do usuário não tem que bota pra ele saber que o que ele ta fazendo é errado. Drogas aqui é proibido? Então é proibido não tem de ser usado, num tem que ter isso, tem que continua tendo até mais rigor na questão do usuário também ao meu ver. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Certo. Veja bem é, nós vivemos sob um regime democrático, às vezes democrático ao extremo, então assim, a legislação atual relacionada às drogas se eu for introduzir em questão a legislação focada no usuário, ela é uma legislação adequada a Constituição que nós temos. Se a gente partir para uma outra análise e for observar a legislação focada no tráfico de drogas, na punição daquelas pessoas ou associação ao tráfico que produzem ali né? Que fomentam a questão das drogas no nosso país, eu considero que é uma legislação inadequada. Deveria ter um pouco mais de rigidez, deveria ter uma alteração, já deveria ter ocorrido alteração bem mais significativa. E se a gente olha por um outro lado no tratamento da legislação que atua com foco nas drogas lícitas também é uma legislação superada, tá? Por quê? Veja bem, principalmente essa questão das drogas, da legislação que atua nas drogas lícitas, é, peca demais nesse fator, igual eu falei pra você, fiscalizatório. Hoje temos uma legislação que não permite consumo, é, o comércio de bebidas alcoólicas nas margens de rodovias, não obstante, acontece. Sabemos que praticamente acontece. A legislação que nós temos do Estatuto da Criança e do Adolescente não permite o comércio de drogas, é, drogas lícitas que são o álcool e outras drogas para menores de 18 anos. Não obstante, essa fiscalização ela praticamente torna essa legislação ineficaz né? Deixa cair em desuso. Em relação a legislação que trata do tráfico de drogas, esse comercio, esse fomento das drogas ela também deveria ter um tratamento com uma visão um pouco mais, um pouco mais rígida né? por quê, veja bem, se confunde muito deixa muitas brechas pra que a pessoa tanto daquela forma que a gente discutiu onde o usuário pode ser considerado um traficante, também dá interpretações onde o traficante pode ser considerado usuários ou uma pessoa que esteja em posse de drogas apenas. Igual eu te falo, eles lançam muito esse fator determinatório para as ações do policial, e nem sempre essas ações elas conseguem culminar em um crime ou outro, às vezes, muda muito esse parâmetro. Então nesse ponto eu acho ela superada. Em relação a questão do uso de drogas, como eu falei pra você, por ser uma sociedade democrática, uma constituição atual ela não dá muita margem, a gente exigir um pouco mais. Por exemplo, eu não sou partidário de internações compulsórias, pra, eu entendo que a pessoa tem de ter um mínimo de vontade para que ela possa buscar uma ajuda. Então, mais mesmo assim, essa legislação ela carece, ela deixa a desejar e o que é que a agente observa com tudo isso, que quando a legislação não é a legislação presente, eficaz, acaba outras pessoas em volta sugerindo e mudando muitas sugestões. Então acaba o Judiciário atuando no campo legislativo e etc. Isso é prejudicial porque não cria um padrão, quando não cria um padrão não surge ideias focadas naquele problema. Aí é onde a gente acaba perdendo chances de achar, de encontrar uma solução correta, pra aquela problemática que a gente atualmente faz o debate aqui. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Olha eu acho que, até que ter legislação a gente tem demais né, eu acho que o que falta mesmo é cumprir essa legislação, eu acho que, é...tem muita coisa errada, tem muita coisa errada, por exemplo, presídio, não tem presídio suficiente, apesar de há... Não importa... Mas tem que ter, tem aquelas pessoas que tem que ser encarceradas então, não... Os poucos que tem, não socializa ninguém. (Guarda Metropolitana Municipal, homem, 40 anos)

É... Como a gente vai pensar política sobre drogas não tem como você esquecer toda a trajetória que o Brasil fez desse tema, e vamo começar a partir de agora. O Brasil começou a falar sobre drogas por meio da repressão lá dentro do ministério da justiça, lá dentro das forças de segurança. A partir daí vários pensadores, vários cientistas,

vários pesquisadores se interessaram e começaram a dizer, "não pera aí droga é uma coisa, dependência química é uma coisa e repressão é outra". São espaços diferentes, saberes diferentes, precisamos pensar isso diferente! Então, pensar a política sobre drogas no Brasil ainda não está sendo no meu entendimento de uma forma científica, interessante, buscando efetividade nos serviços públicos que tem que ser ofertados a essas pessoas, por que ainda não conseguimos a integração dos diversos saberes. Quem tá lá na saúde quer pensar sobre drogas naquele lugar; quem tá lá na assistência social quer pensar sobre drogas naquele lugar; quem tá aqui na segurança pública também. Então nós precisamos dessa interdisciplinaridade, dessa enterdisciplinaridade, nem sei que nome dá nisso mas em alguma coisa que essas pessoas que conhecem; essas pessoas que pensam tem que pensar junto. Por que é multifatorial, não tem jeito! Tem que pensar junto, eu acredito que a política não avança, não avança também por que é muito forte o interesse econômico. Tem jeito de pensar a droga falando só em droga ilícita? O Brasil pensa a droga só no caminho da ilícita por que essas não têm um defensor lá dentro do nosso congresso nacional. A ilícita ela não é defendida publicamente no seu comércio, ela não é defendida publicamente no seu negócio; na sua organização. Por que pra todo efeito ela é um crime! Mas a lícita nós temos pessoas que defendem as drogas lícitas no meio econômico, por que você vai fazer políticas efetivas que realmente atendam se tem pessoas que defendem que tem que ter um mercado pra vender as drogas lícitas. Outro mercado; isso é minha opinião pessoal, minha opinião institucional não é a instituição que pensa isso não. Deixar claro que é do meu entendimento pessoal mesmo. A rede de hospitais a quem interessa? A rede de clínicas, a quem interessa que uma pessoa deixe de usar drogas? Você sabe quanto custa a diária de uma clínica que oferece o atendimento interdisciplinar que a pessoa tem ali um atendimento pra toda e qualquer demanda sua? Você não consegue menos de 1.200 reais a diária. Então a realidade nossa, aqui, no Brasil é essa; a quem interessa a diminuição do uso abusivo das drogas? Eu não sei a quem interessa pra quem tá ali na lida, na militância, quem tá ali vendo o sofrimento do outro por que tá sofrendo do lado; mas quem tem o poder da caneta... Eu não sei a quem interessa por que nós não conseguimos efetivar essas mudanças. (Guarda Metropolitana Municipal, mulher, 55 anos)

Eu escuto muitas pessoas criticarem. Porque atualmente pra pessoa... Existe uma causa de diminuição pra pessoa que é primária, não faz parte de nenhuma organização criminosa, que a pena dela é atenuada substancialmente. Porque a pena do tráfico, ela varia muito, ela vai de 5 a 15 anos, e pro juiz dosar isso ele vai pegar algo totalmente abstrato, de embasamento científico de potencialidade lesiva da droga. Que droga é mais gravosa do que outra, a quantidade de droga, a partir disso ele dosa a pena nesse patamar. As pessoas que são primárias e não integram organização criminosa, a pena pode ser atenuada, e muito, em até 2/3. Então existe nesse aspecto, considerando que temos... A lei ela faz um escalonamento, eu diria assim, normalmente a pessoa que é condenada, o pequeno traficante, como a gente tava falando, condenado pela primeira vez sobre tráfico de drogas ele é condenado a uma pena de 2 anos, 1 e 8 meses a 2 anos e meio no regime aberto, substituído por restritivo de direito. Mas, eu acho essa legislação equivocada. E essa diminuição, sofre crítica dos que acreditam que devia ter uma restrição, que acham essa pena baixíssima, que tem que jogar esse pessoal na cadeia, encarcerar. Como se a cadeia já não tivesse cheia de pessoas por esse fato, e como se a prisão não fosse uma violência em si, que não resolve em nada essa problemática. Mas a legislação atual, eu acho que ela é melhor do que a anterior dando algum crédito. (Defensor público, homem, 26 anos)

Ela é uma legislação boa, mas, porém, a 11343, ela peca no seguinte aspecto, a conduta do uso da droga, ela não tinha que ser criminalizada, isso aí é uma verdadeira falácia, balela, criminalizar o uso da droga. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Bom a legislação sobre drogas a cada vez mais... Cada vez que tem um novo entendimento dos tribunais a gente já espera que... Lá vem bomba! Então assim além

de ser extremamente benevolente não só a legislação referente ao tráfico de drogas em torno da legislação processual penal é... Elas não atingem seu objetivo já que não segregam aquela pessoa que tá cometendo o tráfico de drogas enquanto a gente tiver gente acreditando que o tráfico vale a pena o pessoal vai continuar traficando é simples assim. Se tiver muito oferta a demanda tende a crescer porque vai baratear, quanto menos oferta eu tiver menor vai ser a demanda e tem muitos usuários que ainda são usuários eventuais de tanto eles consumirem cocaína, sempre bebe cerveja vai ter uma hora que ele vai chegar, vai criar tolerância como o uso de qualquer outra droga e vai tá em casa sozinho e vai querer droga, cheirar uma carreira de cocaína. Daí se ele tiver um telefone onde ele ligue e pega com o primeiro traficante da esquina com certeza ele vai se tornar outro dependente químico. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Então eu acho que é uma legislação que caminhava relativamente bem porque, não em relação à quantidade de pena, mas a questão de trazer a responsabilidade para todos que compactuam nesse contexto. Se a questão das drogas afeta o Estado, afeta a saúde coletiva, temos que entender que nesse elo se existe impunidade em relação ao traficante tem que existir em relação ao usuário. É algo ilógico tratar aquele indivíduo que quando ainda estava são, quando ainda tinha liberdade em relação as suas convicções e as suas opções adentram a esse mundo e não entender que ele faz parte dessa engrenagem. Até concordo que o indivíduo em terminada ponto ao ser considerado absolutamente dependente ele já serve como uma engrenagem morta dessa grande máquina. Entretanto no momento inicial age ele de forma importante no sentido de alimentar essa máquina. Que quanto mais você tem gente comprando drogas mais você fortalece o traficante, mais ele compra pra vender, mais ele vicia outras pessoas que não só aquele. Então não tem como eu fechar os olhos para entender que isso é sistema e que ele é uma engrenagem importante. Então esquecer isso, colocar ele somente como um sujeito passivo nesse contexto é esquecer que esse sistema vai muito além do traficante. É um sistema que conta com a leniência do Estado, é um sistema que conta com a irresponsabilidade do usuário que lá no primeiro momento quando tem liberdade de opção opta por entrar nesse mundo de vícios. A responsabilidade é maior do traficante que além de viciar as pessoas retira o lucro sobre isso. Então existe toda uma engrenagem que todas as peças tem que serem pensadas. Se hoje nos temos uma legislação que puni o traficante, não me parece racional não punir o usuário. Se nos tivéssemos uma legislação que não punisse o traficante me parecia lógico não punir o usuário. Agora me parece desapropriado que eu tenha uma engrenagem onde eu só puna um só ponto. Sendo que eu acabei de te falar que as vezes esse pólo também é usuário de outro traficante. É uma engrenagem concatenar. Tem o usuário que compra desse traficante. Esse traficante que também é usuário compra desse outro traficante. Se é para efetivamente punir ou não punir que se faça em relação a toda engrenagem. Não me parece racional você deixar de punir o usuário e punir o traficante, sendo que pra mim ambos contribuem para a retroalimentação desse sistema pernicioso socialmente. Então acho que tem que ser a racionalidade. Ou pune um ou não pune ninguém. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

É complicado porque onde há uso de droga você não tem a aplicação da pena de prisão, né? Na verdade você tem penalidades diferenciadas enquanto que ao trafico de drogas realmente você tem a aplicação de uma penalidade, é... Bem mais severa com relação ao traficante, então da lei 11.343 de 2006 – que é a lei que trata com relação à questão das drogas, é uma lei que vem buscar esse enfrentamento do uso das drogas tentando coibir tanto ao uso quanto o trafico, né? Então, tem esse caráter preventivo, embora ali estejam exemplificados crimes que, quando cometidos, vão levar a adoção de penalidades. Então, muitas vezes, a gente escuta que uso de droga não é mais crime, então, isso não é verdade porque o que a lei estabelece não é isso – a lei não discriminalizou. A lei, na verdade, buscou uma penalização diferenciada. Então, talvez, é isso é que as pessoas muitas vezes, elas não tem essa noção, né? Porque a gente não tem uma legalidade com relação ao uso de droga,

né? Na verdade, o uso de droga é um problema e é um problema mais do que criminal é um problema social. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Bem, a princípio, no Brasil, temos um certo abrandamento quanto a interpretação das normas penais, hoje o traficante é visto como uma vítima da sociedade. Em partes, a meu ver, cada caso deve ser, é... Tem a sua particularidade, sua peculiaridade, mas de uma forma geral notamos que, há um grande abrandamento, não só no que tange a aplicação da pena da prática do tráfico, mas também, inclusive recentemente, tava uma decisão um pouco polêmica, referente ao aplicativo whatsapp e a sua utilização usada nos atos de mercancia, de comunicação entre traficantes e usuários. Então, a partir daí, interpreta-se um elasticamento das normas, é... Repreensivas né, o que é muito ruim, ao contrário de outros países em que há uma repressão muito mais, é... incisiva, mais objetiva e, eu não diria grave, porém mais atuante neste sentido. Infelizmente no Brasil, as normas de natureza recriminatória, elas tão sendo muito abrandadas. (Delegado da Polícia Civil, homem, 52 anos)

Eu acho que é mais ou menos o que a gente já falou. Acho extremamente defasada. O mundo inteiro é e aqui também e criou esse mito que o traficante é o pior problema nacional, é realmente uma tragédia um marginal, um bandido só que a solução tem que vir de outras formas. Não estou falando que não seja, mas tem que vir de outras formas. A legislação até que é boa por que ela prevê. A gente quando fala em legislação, a gente só fala do crime, mas tem pouquíssimos artigos na legislação falando sobre crimes. A legislação sobre drogas no Brasil, ela tem um milhão de outras coisas que ela fala e nada é cumprido, ninguém liga, ninguém cobra, não tem nenhuma pressão social sobre isso, mas a legislação que ser fazer cumprir. Então o problema é de foco. Eu acho que a gente tinha de fazer um foco profilático, prevenção, educacional e eventualmente de tratamento médico. Mas só criminalizar, longe de dar certo. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Eu acho que o 28 é um aborto, aqui a gente nunca... A gente declara inconstitucional, sempre declarou e eu acho que o 33, assim, ele poderia dar mais liberdade de pro juiz em termos de... Não de aumentar a pena é infundamentabilidade. Mas, eficaz pro juiz... Por exemplo, uma pena igual eu faço às vezes, dar um perdão, não perdão judicial, na verdade deixar de aplicar a pena por desnecessidade. Isso eu faço eventualmente, muito eventualmente porque se você banaliza a coisa você acaba perdendo a credibilidade. E aí ferra em tudo, e aí tu tem que saber no caso... Mas se a legislação me permitisse, por exemplo, deixar de aplicar a pena, poderia ter escapes até acho que as penas em si já meteram. O 68 que era de drogas é o artigo 12 antigo né? A pena era de três a quinze então, assim, às vezes quando condenava pro tráfico era três não tinha jeito de diminuir. Ou então a gente... Apesar de ser cinco a quinze hoje em dia, as penas são menores. Assim, tem aquele que tem má vontade, também não adianta. Porque juiz positivista não adianta. Aí pessoal fala, por exemplo, aqui a gente dá penalidade de um ano, um ano e oito meses, em Aparecida eles dão sete, dão oito, no mesmo tipo de droga, mesma situação. Aí é muito pelo positivismo. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

É uma legislação que está sempre em evolução, acho que apesar de ela já tem, talvez seja à hora partir dessa decisão se encaminha no STF, é um momento de uma nova reflexão sobre ela, né, uma nova revisão. Mas fica difícil imaginar isso nos dias atuais né. (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

Eu acho que o problema mais sério não é nem a legislação, não é nem mudar o que a lei atualmente determina, eu acho que temos que ter um trabalho pra poder recuperar essas pessoas que já estão envolvidas, porque a parte da repressão a Polícia Militar já

faz e basta melhorar isso aí e aumentar, mas na parte de ajudar as pessoas que já tá com problema, então o usuário, não como criminoso, se não quiser tratar continuar do jeito que tá e não quiser tratar como criminoso quiser tratar ele igual, mas precisa de fazer a coisa certa, porque a gente leva ele pra delegacia, faz o TCO e a punição dele é tratar, tratar a onde? Não temos um lugar pra ele tratar, manda ele pagar então isso não resolve, então eu acho que tá faltando mais sobre drogas é tratar as pessoas que estão usando, porque isso tem mãe que pede a gente, pro policial, eles acham que a gente tem poder de resolver todos os problemas deles, eles pedem a gente chorando ajuda pra ver se tira o filho daquela vida porque senão ele vai morrer ou pela droga ou assassinado, então eu acho que as leis... Eu não sou muito de mudar a lei, de criar novas leis, eu acho que tem que dar suporte pra essas leis e cumprir ela como ela é na teoria só que na prática, cuidar dessas pessoas porque o combate ao tráfico está sendo feito, direto você tá vendo na televisão aí que a Polícia Civil, Polícia Militar, Federal tá prendendo, então eu acho que o serviço está sendo feito, eu acho que a gente tem que dedicar mais, mas aí já não depende da instituição, depende mais de forças políticas, né? (Policial Militar, homem, 44 anos)

A legislação sobre drogas hoje, nós vivemos numa situação assim, não só as drogas, mas como muitos outros crimes, a punição hoje, só a punição por si só não resolveria. Teria que ter, ser criado, feito políticas pra criar apelos morais em torno disso. Não só punir, não só deixar preso e tal. Tem que dar condições e valorizar moralmente as pessoas pra dizer pras pessoas que aquilo ali não é o certo, que aquilo não é bonito. Porque simplesmente prender e encarcerar, daqui uns dias a gente vai estar com a população toda presa. Tem que enfatizar valores morais, começando pela base, pela educação. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Bom, a gente, já existe uma lei ela até pune mesmo o tráfico, essa nova lei, ela tirou essa punibilidade do usuário, ela tirou essa idéia de que ele é um delinqüente, um criminoso, que ele é um, na verdade ele é um, como eu digo... Deixa de ser criminoso e passa a ser um cliente, não, um doente, paciente. O camarada que não tem culpa né, vê ele dessa forma. Então assim a pessoa perdeu o medo, então ela usa mesmo, chega até a afrontar, você aborda as pessoas na rua: "Ah eu sou to fumando maconha". A maconha ainda não ta liberada, então ele sabe que não tem consequência nenhuma. Ai desestimula mesmo, a PM a fazer alguma coisa com ele, a parte legal que eu digo, de conduzir né. A polícia vai dar preferência a outras coisas que vai aparecer, que vai destacar o trabalho da polícia, vai mexer com outras áreas. Hoje também a parte da audiência de custódia, de o que está acontecendo aqui, o cara ta saindo com dois dias. Hoje a PM ela prioriza os polícias na rua, que se você fazer prisão hoje você tira uma viatura ali que tava fazendo patrulhamento evitando que aquilo aconteça. Do contexto, eles vão lá prende o camarada, leva ele até a delegacia, você gasta oito horas nesse processo pra fazer um flagrante dele. É oito horas que aquela região ta sem a viatura, que vai acontecer mais tráfico, roubos, estupros, e a segue. Ai depois que terminar a viatura vai, ai dois dias depois o cara ta de novo na rua. Paciência. Difícil. (Policial Militar, homem, 40 anos)

Vish... Política sobre as drogas eu acho que um pouco estranha vou dizer assim, né. Ela é uma política um pouco deficitária porque, eu não vejo, por exemplo, num colégio uma campanha de droga, eu não vejo né, igual minha filha na faculdade né, se um chegar e perguntar pra ela, não sabe... Pouca coisa entendeu? Eu acho que a política antidrogas nossa, do nosso país ainda são poucas frentes pro tamanho do problema que estamos convivendo, entendeu? Por exemplo, você vê comercial na televisão de todo tipo, de todo tipo, mas você não vê um comercial de droga todo dia, não vê contra a droga, não vê um ou outro caso que aparece né, por exemplo, agora recentemente tivemos olimpíadas no nosso país, né, ninguém falou nada né, pegaram aqueles mendigo do rio de janeiro e tiraram tudo de lá, esconderam, pode ir lá hoje com esse problema nosso lá, tá lá... Entendeu? Então, a política hoje antidrogas no nosso país ela ainda é tímida, vamos dizer assim. Precisa alguém ter coragem,

entendeu? Pra que seja mudada, eu acho que tinha que ser inserido na grade curricular dos colégios entendeu? Começar lá de baixo até nas nossas universidades né, pra que os ambientes dos nossos universitários, das nossas crianças com relação à droga, mas cadê? (Policial Militar, homem, 35 anos)

Eu acredito que a legislação atual tem sido um incentivo, principalmente para o tráfico de drogas e o uso de drogas. A partir do momento que uma pessoa é pega igual à gente já viu toneladas de drogas e ela fica presa 60 dias, mesmo que ela vai responder esse crime em liberdade vai trazer uma sensação de impunidade, e a sensação de impunidade ou a impunidade propriamente dita ela fomenta toda a violência e todo o tráfico. Se tivesse uma legislação que realmente fosse cumprida a risca, com certeza ele iria amenizar um pouco do problema. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Eu acho que o usuário, tem dois fatores, igual eu falei pra você, eu acho que, ela atende uma pena, é uma forma de repressão, de contenção para a não-proliferação do tráfico, porque se tem que combater a causa e o efeito, você não pode combater só a causa nem só o efeito, nós tem que combater gigantemente a educação, a falta de educação na sociedade, nós temos, o estado tem que investir muito em educação, o estado tem que investir muito mesmo nos valores sociais básicos, emprego, etc, etc, etc. Agora, o tráfico ele vai beneficiar um grupo, inclusive político, vai beneficiar esse pessoal, só que o sistema, esse benefício é um sistema pesado e forte, vai alcançar quem está necessitado, é uma questão de compra e venda, o cara precisa, ele precisa comprar, ele tá viciado, ele vai comprar, então, se eu combater, informar, diferenciar, igual eu falei pra você, os valores das pessoas, olhar a questão social, o juiz tiver esse feeling e entender isso e aplicar a pena correta, não, peraí cara, você vem de sociedade, por exemplo, seu pai é um promotor de justiça, ganha tal, você aprendeu isso aqui, não, cem mil reais pra você aqui, vamos dar uma ideia, cinquenta mil, entendeu, arbitrar uma fiança, arbitrar um valor financeiro, na verdade eu acredito que não precisa de repente ser uma pena de prisão, uma pena de detenção, mas uma pena de servir, prestação de serviços à comunidade mais pesada entendeu, eu sou a favor do trabalho forçado, entendeu, eu não sou a favor de acabar com a, por exemplo, você não ter uma chance de recuperar, de repente um trabalho forçado te faz você recuperar, de repente você sentir que você estava errado, alguma coisa vai fazer você refletir, eu não sei. (Policial Militar, mulher, 39 anos)

3.6. Políticas proibicionistas e seus efeitos

Os avanços em relação à descriminalização do usuário de drogas, trazidos com a Lei Nº 11.343/2006, alteraram o modelo proibicionista adotado pelo Brasil em relação às drogas, passando do proibicionismo total ao proibicionismo moderado. Apesar das críticas apontadas às políticas sobre drogas, a maior parte dos entrevistados se posicionou contrária ao modelo de legalização das drogas. As falas trazem a representação do Estado penal, no qual os instrumentos de controle da sociedade na área da segurança pública deveriam ser ampliados e/ou intensificados (Carvalho e Silva, 2011), principalmente, em relação às drogas, por estas serem percebidas como a principal causa de violência urbana e criminalidade.

Nos discursos dos atores que compõem o Sistema de Justiça Criminal percebe-se um duplo caminho. De um lado, entre as forças policiais há uma concordância de que o

proibicionismo das drogas deve ser a política adotada pelo Estado brasileiro, pois o contrário, segundo os entrevistados seria a liberação das drogas ou, em outras palavras, o “caos”. Por outro lado, os atores que fazem parte do âmbito jurídico criticam o modelo proibicionista, apresenta os problemas que derivaram desse tipo de política e argumentam que é preciso buscar outro modelo para tratar o assunto das drogas.

Eu acho que o ser humano nasceu para romper. Ele nasceu para romper as normas independentemente de que normas sejam principalmente quando a gente fala das tradições latinas. Nós já vimos que aqui estamos codificados no direito, coisa que talvez outra sociedade não precise. Existem sistemas jurídicos que chamam common law. Esse sistema jurídico leva em consideração os costumes. Então os costumes são fortes o suficiente pra trazer essas travas sociais e as pessoas não delinquirem. É o exemplo da Inglaterra, o próprio sistema de coerção aí a gente não fala em coerção no sentido (ruído) que fala que quase tudo é coerção. É uma coerção muito mais social como são os japoneses. As pessoas por travas sociais nem sempre prescritas acabam deixando de vínculo. Nossa tradição, a tradição dos povos latinos é descumprir essas tradições, por isso que nos precisamos passar por um sistema que é Romano - Germânico e de se escrever o que se pode ou não pode fazer. O que já é uma tendência natural, falo do Brasil, falo da Argentina, falo do Chile, de não seguir as regras de costume consuetudinárias. É necessário ser descrito. Então esse bum de legislações proibicionistas só se faz necessário em virtude do tipo de postura social que a gente vê rotineiramente sempre realizados pelos cidadãos. Nos só temos normas proibindo porque existem pessoas descumprindo e a próprio descumprimento da norma que faz com que a gente queira revalidar a norma e aplicando assim a seção. Então em relação à política proibicionista em relação a droga, porque em algum momento se entendeu que a venda de drogas e o uso de drogas traz males sociais. É a mesma pergunta que você poderia me fazerem relação porque que o prendo alguém que dirige bêbado. Eu vou te falar: não, o indivíduo não matou ninguém porque que você tá me proibindo de fazer isso? Porque pelas nossas regras sociais isso costuma dar um problema maior. Por que eu proíbo alguém de andar com uma arma na cintura? Olha ele não atirou em ninguém, não roubou ninguém, ele só tá armado, você vai prender alguém por isso? Conheço bem pelas nossas regras de convívio eu sei que o indivíduo com a arma na cintura ele costuma fazer algo gravoso. A mesma pergunta você me fez agora em relação às drogas. Adriano então por que se proíbe o uso de droga? Ora, porque pelas nossas regras sociais descobriu-se que o indivíduo que passa a vender, a comercializar drogas, ele costuma praticar atos mais gravosos. É o que a gente chama de crime de perigo. É o estado criminalizando certas condutas que ele sabe que se ele não barrar daquela forma algo pior vai acontecer. E o que é esse algo pior. Se você permite a venda desenfreada de drogas e a possibilidade de domínio econômico de determinada área geográfica, esse indivíduo passa a não mais a vender droga, ele passa a dominar aquilo tudo de outras formas como acontece na prática. Matando, roubando, estuprando. E é esse tipo de impacto, esse tipo de parada, de barreira que o Estado tenta criar quando cria esse tipo de crime de perigo. Dirigir bêbado, andar com arma na cintura, cortar uma árvore, todos são crimes de perigo. É porque eu quero paralisar sua conduta naquele momento que eu sei que se eu não parar virá algo pior. Então quando você me pergunta se eu adoto ou não um proibicionismo, ou se eu acho que a proibição é correta. É uma discussão que eu falo que não é de hoje pra ontem. O direito penal ele é milenar. Durante milênios a gente tá discutindo o que é socialmente certo e errado. E com base nessas regras do que dá certo e do que dá muito errado é que a gente passou a criminalizar. Não pensa que como você abre o código penal e vê um tipo penal mais esdrúxulo que seja que aquela situação nunca aconteceu. Já aconteceu e nos deliberamos com a coletividade que aquilo ali não pode acontecer mais. Vão tentar criar um mecanismo que barre o avanço em relação aquela conduta. E é isso que acontece em relação às drogas. A venda de droga, o uso de droga, antes da lei meia três meia oito (Lei nº 6.368) era considerado uma conduta que se você não

barrasse algo pior poderia acontecer. São as nossas regras de convivência, são regras milenares que levaram a construção da nossa ordem jurídica. Por isso que se você me pergunta "Você acha que deveria abolir?". Eu te falo: só se quisesse rasgar milênios de história. Tudo que está aí é fruto de milênios de história, de construção social, de análise social pra falar que olha essa conduta não parece ser adequada e ela costuma evoluir para um quadro mais gravoso. Agora se a gente efetivamente quer fazer um movimento de toda nossa tradição histórica e analisar só agora que corramos os riscos inerentes da não análise histórica do resto da sociedade. Eu acredito que eu não consigo te garantir se a algo bom no proibicionismo. Mas eu também não posso te garantir que há algo bom surgiria da abolição. Então acredito eu, que pelas regras de experiência talvez a proibição seja uma alternativa mais viável do que a liberação. Entretanto o direito, e aí é algo que meus colegas me barrariam se ouvisse isso, o direito não é uma ciência. O direito sempre corre atrás, o direito ele espera uma desgraça acontecer pra aí sim se movimentar. Principalmente o direito penal, aí sim ele se movimenta e tenta criar um mecanismo de defesa. Ele é sempre reacionário. Ele toma uma pancada e reage. Sempre é assim. Ele não antevê, só que foi nessas reações que se entendeu que a venda de drogas contra a reação a algo ruim. (Delegado da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Eu acho que poderia ser melhor. Porque na verdade, eu acho que a policia civil ela fica pra limpar o esgoto, sabe? O esgoto já é esgoto. Eu acho que às vezes a gente assumi uma responsabilidade muito grande pra algo que não é só nossa responsabilidade somente. Eu acho que as drogas hoje, é aquilo que a gente falou, é um problema social, né? E a gente tenta resolver uma questão que não tá necessariamente ligada ao que seria efetivamente a função do meu trabalho. Eu acho que eu tenho que reprimir, eu não tenho escolha, se tá bom, se tá ruim, se é certo, se é errado, não cabe a mim fazer essa avaliação. Eu existo para reprimir. A polícia civil existe para reprimir. Agora cabe as outras autoridades fazerem seu trabalho direito, né? Com eficiência, para que a gente não chegue ao ponto que chegou. Tem que ter proibição, né? Então eu acho que uma sociedade sem limite a gente vive num anarquismo, né? Sem limites, sem liderança, sem governo. A proibição faz parte, né? Então eu acho... É difícil eu ficar falando aleatoriamente. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

A questão da proibição veja bem, é igual eu falo pra você, a liberação, a autorização de algumas drogas com poder psicoativo, elas têm.., elas têm a liberação, mas elas, automaticamente, nessa liberação criam-se algumas restrições como acontece com o álcool e com o cigarro. E nem sempre a gente consegue vedar esse foco, esse objetivo das restrições. Então esse que é o perigo, esse que é o perigo. E outra coisa, o que mais acontece, por exemplo, é a pessoa iniciar um uso de drogas por facilidades, por estar num ambiente de amizade e etc. Isso poderia potencializar. É um outro fator ainda, alguns países, muitos países praticaram a liberação das drogas e eu confesso pra você, é, às vezes, quando a gente escreve um artigo, a gente, como às vezes, uma pessoa, um repórter faz uma reportagem ele foca, ele foca numa linha né? E nem sempre mostra os dois lados. É, muitos desses países já arrependem tá? Dessa decisão de liberar algumas drogas. Já se arrependem. E outra coisa que ainda, eu conheço mais, proximamente assim desses países, muitos países fala que o pessoal tem esse discurso que foi liberado, só que a liberação é uma liberação maquiada, bem maquiada. Têm muitas restrições, como eu falei, além de restrição em relação a idade, tem restrição de quantidade, tem restrição de locais e etc. Então a liberação que a cultura brasileira busca é, não é uma liberação que acontece nos moldes da que acontece em outros países, tá? É uma pura ilusão. Se nós aplicássemos uma liberação das drogas nos moldes que acontece em outros países, com certeza, pessoas defensoras da liberação das drogas estariam ainda insatisfeitas. Como eu falei pra você. Por conta das restrições. Compreendeu? Até mesmo o álcool tem grandes restrições, muitos desses países que liberaram o consumo de outras drogas. O consumo de álcool e etc. Então o que vale á pena a gente debater é isso, debater na sua íntegra não de forma assim, dispersa, distante, então os estudos apontam pra isso,

essa dificuldade. E assim, outro em termos mais científicos, mais literais, a gente pergunta: “Se já está bem difícil conviver com pessoas que utilizam algo e vão pra direção de um veículo automotor, utiliza, igual a uma pessoa que utilizasse uma droga traria um efeito potencialmente estimulante, potencialmente perturbador, estaria imerso nessa sociedade que talvez fez a opção por não utilizar a droga?” Eu acho que a sociedade faz a opção por não utilizar a droga, ela merece mais o nosso respeito do que a sociedade que busca outra alternativa. Eu acho que a sociedade ela surge sã. Se tem algo que, que busca ali tornar aquilo não, pouco mais adoecido acho que isso é prejudicial á sociedade que deve permanecer sã. Então, é mais ou menos nessa linha não que eu faço discriminação, não que eu “seje” contra a liberação, mas o que eu faço, o que eu falo é de um suporte extremamente interno, não minha opinião pessoal, Eu acharia temerário também, mas assim, minha visão, se fala: “Ah! a liberação seria uma alternativa?” Eu digo que não! Mas também não sou contra porquê, automaticamente se eu fosse pensar eu saberia criar critérios para me proteger e etc, mas muitas pessoas não teria essa condição, né? então basicamente isso. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Bom o meu ponto positivo, igual eu te falei, é aquele que protege. A visão da legislação, principalmente, o ser humano ele nasceu para viver em coletividade e as legislações, não vamos dizer as legislações, as regras, as legislações vieram pra regular esse convívio em sociedade, então o ponto positivo é esse. Visa proteger aquelas pessoas que não buscam né? e esse mudar de estado com o uso das drogas. Então essa é a parte dessa política proibicionista, ela tem esse foco positivo nesse sentido. O ponto negativo seria aquele de que às vezes ela trata algumas drogas lícitas, que são lícitas, no entanto essa drogas às vezes ela têm mais potencial ofensivo do que muitas outras drogas ilícitas. Então ela faz á própria legislação faz essa discriminação, e pela realidade, pelas circunstâncias sabemos que, atualmente, deveria ser tratado de forma diferente, então essa é a crítica que eu faço, colocando alguns pontos, esse como um dos pontos, negativos. Do comércio? Sim, principalmente pra diminuir o acesso, diminuir o acesso esse seria, seria o ponto positivo, diminuir o acesso das drogas daquelas pessoas que talvez não estariam ali preparadas, não estariam ali, não digo preparadas, não estariam ali na condição de, de às vezes ter esse contato com a droga. Poderia ter acesso. Vamos pensar um ato contrário, se fosse liberada esse comércio poderia mais pessoas inocentes, crianças e etc ter mais acesso á essas drogas, poder, porque daí poderia gerar um armazenamento maior, uma presença maior dentro de casa e etc. Esse seria o perigo. Como temos proibições, eu falei pra você que a droga é um veneno, seria um perigo que estaria venenos, venenos colocados dentro de casa. Agora o ponto, esse é o ponto positivo dessa proibição do comércio. Como seria o ponto negativo? O ponto negativo é que realmente, também, coloca aquele fator desafio. Existe uma fase da vida humana, que é a fase da adolescência, na transição também, onde o adolescente ele busca muito desafio, superar, conhecer coisas novas, diferentes e isso seria muito vezes potencializa, muitas pessoas, muitos adolescentes acabam buscando o consumo do álcool, não pelo sabor que o álcool tem, mas pelo fator de mudança que o álcool proporciona. Pelo álcool ser alguma coisa de adulto, o álcool ser alguma coisa ali que, que é desafiador, você conviver com a coisa que te muda e você conseguir ficar naquela circunstância de domínio e etc, é isso. Mais ou menos nesse ponto aí. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Eu acho que ela não é eficiente, mas é a necessária. Tem que ter a política, tem que ter a proibição e eu acho que o que tá faltando é mais empenho para realmente proibir. Porque não adianta a polícia ficar aqui dentro dessa cidade correndo atrás de traficante sendo que as fronteiras estão abertas e entra e sai e arma e droga do jeito que tá. Então eu acho que o deveria de fazer mais, assim, dedicar mais, gastar mais com as fronteiras, cercar não deixar entrar, pelo menos a produção interna aparentemente não é grande então tá vindo muito é de fora, então eu acho que se fizesse, se colocasse essa... Eu acho que a política de proibição é certo e eu acho que o que está errado é que não tá investindo nessa lei de proibir o tráfico. (Policia Militar, homem, 44 anos)

Então, aí que eu to dizendo pra você. Deveria ser mais rigorosas para o usuário. Porque o usuário hoje ele não tá preocupado. Se você pegar um usuário hoje, não acontece quase que nada com ele. Ele pode ser encaminhado para o DP, ele pode ter feito um TCO contra ele ali de usuário, mas penalmente na lei é fraca para o usuário. (Policia! Militar, homem, 35 anos)

AH... (risos) Alguém tá ganhando com isso. Tem, tem pontos positivos sim, a gente, eu acredito que a gente não liberando de pleno o uso de entorpecentes a gente evita aí uma geração de drogados. Normalmente o filhinho de papai ele ia comprar cocaína na farmácia pra provar pro pai que ele era homem, então assim tirando esses casos o ponto positivo é que nós não teríamos mais traficantes se o governo não inventasse um imposto tão proibitivo a ponto de não conseguir concorrer com a boca de fumo do Zezinho. Um dos pontos negativos da política proibitiva é justamente esse... A gente enxuga gelo, a gente reprime, finge que reprime, a polícia finge que prende o judiciário finge que condena. (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Eu sou adepta, eu acho que infelizmente nossa cultura ainda não dá pra gente legalizar algum tipo de drogas, igual eu falo assim da maconha né. Nos EUA nós temos alguns estados que são estados realmente né federalizados e que lá os estados você tem a questão da legalização da maconha, mais pra você conseguir ela você precisa de uma prescrição médica. Nós sabemos que isso às vezes é facinho de ser burlado. Eu acho que nós ainda não temos amadurecimento, não temos cultura pra legalizar nenhum tipo de drogas a não ser a que estejam legalizadas, o próprio álcool, o cigarro e tudo mais. Agora essas que estão na portaria da ANVISA como ilícitas eu acho que a gente não tem como legaliza-las. E eu acho que o outro está bem explícito, taxativo, não precisa ser aumentado. Tento se imiscuir em alguma coisa, mas eu acho que a gente ainda muito, muito aquém do objetivo realmente. Eu acho que ainda tá faltando ter mais políticas públicas tanto de base positivas de base como até de reprimir realmente, a gente precisaria reprimir mais. Nossa fronteira é totalmente aberta. É muito, muito fácil você trazer a droga pra cá. Aí você vai precisar de efetivo. As fronteiras elas têm dependências da Polícia Federal e cadê o efetivo em si? Não tem. Então assim uma coisa atrela a outra nós precisamos realmente de, de estrutura de base. Tanto no trato na polícia como a base ali de educação, que não adianta nada você colocar uma polícia com grande aparato e tudo mais se você não dar aquela base para as pessoas né? (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Pra mim não existe nenhuma. Você não vê proibindo, você vê uma campanha falando quantos males que ela vai causar, mas assim falando droga é ilegal, ela dá cadeia e tals, ela gera outros crimes como homicídio, como tráfico de armas, outras coisas aí, não existe. Eu nunca vi campanha nacional disso aí, nunca vi. Só vi falando sobre os malefícios né e muito pelo contrario, o que a gente vê aí é novela estimulando uso, são filmes, o cara usando maconha, tirando onda de bacana. Esses dias eu vi até uma reportagem do Globo Repórter, uma mulher, aquela Gloria Maria usando droga e tipo assim é bacana então pô. Então assim, era diferente de quando eu era menino, o cara assim era a pior pessoa da rua, ninguém queria se misturar. Hoje não, hoje aquele cara é maconheiro, aquele cara é descolado. Infelizmente. (Policia! Militar, homem, 49 anos)

Pior que eu não tenho uma definição ainda. E acho válido, por que se liberasse geral, virava bagunça. (risos) Mas, cada caso é um caso, teria que ver o por que que a pessoa tá fazendo uso daquele tipo de substância e procurar entender, acho que também tem m lado social também; tem que olhar isso aí, tem todo um contexto, tem que analisar o contexto. Então, positivo eu acho que seria interessante pelo lado que assim, passa aquela sensação de que se é proibido, é errado. Então assim, a pessoa tem em tese,

pelo menos na mentalidade que de alguma maneira ela ta burlando o sistema, fazendo alguma coisa que o sistema não permite; por que já que é proibido é um tipo de enquadramento também, por que a pessoa fica, ou não, ela escolhe ficar do jeito que o sistema em tese quer que ela fique, ou às vezes quer fazer uso e ficar do jeito que quer... E esse é o lado positivo que eu vejo, que de alguma maneira intimida a pessoa a entrar e querer fazer uso. Agora um ponto negativo... Eu não sei assim direito, pode até ser eu tenha, mas não tá claro pra mim alguma coisa negativa, mas pode ser que tenha. Tem que fazer algum estudo pra saber direitinho se tem alguma coisa que às vezes não vai ser bom né? Seria bom uma pesquisa mais aprofundada, por que fica difícil emitir alguma opinião sem alguns dados, analisar alí o por que e as razões, não da pra cravar uma coisa taxativa; é assim ou não é assim. É errado é errado; é certo é certo, é por que só te ponto positivo. Então teria realmente que fazer um estudo mais aprofundado eu acredito. Os principais efeitos... Então, tem a questão da intimidação, a pessoa cresce sabendo que aquilo alí é errado, digamos assim entre aspas. Então ela já tem no subconsciente dela que não é muito legal ela fazer uso disso, uso daquilo. Então pelo menos no subconsciente já fica aquela coisa de que algo que é proibido, então às vezes intimidada a pessoa a ser curiosa ou querer experimentar né? Eu acredito que sim, pelo menos comigo foi assim, eu nunca quis experimentar; eu nunca quis, por assim, se fosse bom não teriam tantos problemas com as pessoas que se drogam. Mas não sei cada um cada né? Cada um pensa de um jeito. Eu penso assim, tem gente que gosta do proibido, que gosta do errado, vamos dizer assim; gosta de alguma coisa que... Às vezes a pessoa é mais rebelde, então cada um, cada um. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

A lei proíbe o uso de drogas, retrata o problema do uso como um problema de saúde pública, até aí tudo bem, agora tratar usuário também como um problema social e esse usuário não querer se identificar e ser tratado, o que vai fazer com esse cara? A política pública ela parar por aí, ela não resolve o problema do usuário, e ainda não resolve o problema da droga. Se ela não consegue resolver o ingresso da droga aqui que seria o principal: “Oh, não vou deixar entrar droga!” O que é que você vê um traficante de drogas preso na Indonésia? O cara sabe se ele for ele vai ser decapitado, lá é pena de morte, lá se você encontrar traficante, você vai encontrar muito poucos, acho que é muito pouco mesmo. Da outra vez um brasileiro foi pra lá, e foi preso e condenado à pena de morte, e a nossa presidenta pediu indulto pra ele, pediu perdão pra ele. Ai meu amigo se você está no estado que proíbe e você arrisca fazer isso aí, então assuma as conseqüências. O Brasil é muito complacente em relação às leis de drogas, em relação à lei de tráfico. O Brasil é a terra do jeitinho, “vamos usar assim, vamos fazer assim e aí fica tudo bem”. Pra mim preso tem que trabalhar, preso tem que trabalhar, e a comida que ele come todo dia, eu como trabalhador não tenho que sustentar preso, eu tenho esse ponto de vista. Você vai lotar cadeia que eles então sustentem as cadeias que ele está assumindo, que ele está se comprometendo que ele cometeu um indício. Superlotação de cadeia é uma conseqüência de uma sociedade mal educada, essa é a verdade, uma sociedade mal educada, logicamente tem que estar todo mundo preso, é difícil alguém no Brasil que nunca cometeu um indício, nem que seja avançar em um sinal de transito, então assim, não podemos (inaudível) colocar a legislação, e que vamos punir porque todo mundo que está errado, não, temos que eleger algumas prioridades na nossa legislação, eu acho que tem umas penas que tem que ser mais severas. (Policia Militar, homem, 47 anos)

Concordo!(risos). Como eu falei, é a gente ainda vive... O que acontece no Brasil, ele não ta preparado pra uma descriminalização das drogas igual é uma Holanda né, Uruguai também acho que não ta preparado não! Eles tentou fazer, mas assim, igual uma Holanda da vida, a gente ainda como sociedade tem que amadurecer muito pra chega nesse ponto a gente não faz isso com cigarro pó, cigarro você vê muito gente que já hoje as leis ficaram mais rigorosas você ainda vê pessoas fumando em ambiente coletivo, as vezes, não fechado porque aí o pessoal começa a falar já e ai tem leis mais fortes, mais em ambientes coletivos, ao lado de crianças, grávidas e tudo, então eu acho que nossa sociedade não ta madura o suficiente pra descriminalizar no caso uma maconha alguma coisa assim, fora pro uso medicinal eu

até concordaria, mas pro uso recreativo não. Os pontos positivos seria o controle das drogas, controle do uso da droga. Tanto pra a porta de entrada, não digo a maconha mais porta de entrada como a criança entrando, o jovem, o adolescente apto de novas emoções entra, já vai ser mais difícil de ele encontra ele não vai encontra com tanta facilidade igual ele encontra uma bebida alcoólica num bar, um cigarro numa padaria então a dificuldade dessa porta de entrada e assim é a questão também da empresa trafico a dificuldade de fazer, mesmo que fazer ateela torna mais rentável né, por isso o traficante ganha tanta dinheiro pó mexe com algo que é tão difícil ali e que da tanto problema se torna mais rentável pra ele mais ainda assim eu acho que se não fosse essa política proibicionista a gente teria muito mais traficantes ai, eu acho que o ponto positivo é isso, ainda ta tendo algum controle. O ponto negativo é que não é ainda tão efetivo né, e eu acho que a prevenção seria melhor controle que a repressão. A repressão sempre vai ter, mas a prevenção seria muito melhor. Ah, o principal efeito... Assim é... Sei até o que você quer dizer, que poderia estar aumentando o nível de homicídios e essas coisas, ou não? Porque eu acho que assim não aumenta se você tivesse essa questão do ahh proibir acaba fomentando a guerra contra o trafico, ai mais pessoas morrem, os policiais matam mais bandidos e tudo, se não for o trafico vai ser outra coisa né, embora como eu citei já aqui era lá na época da proibição da bebida alcoólica no Estados unidos os gangster matava lá por úisque e essas outras coisas então tirando a droga logo vai vim outra coisa e sempre vai ser assim o ser humano ele sempre vai ter um jeitinho de querer tirar vantagem sobre o outro e isso ai vai fomenta uma guerra interna e homicídios e outras coisas então não acho que a proibição ... É... Os males que ela causa. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

É, que na verdade, não, é que a droga não é benéfica para o organismo e para o ser humano, na verdade, isso não é objeto de discussão, né? Isso é uma constatação. Claro que quando utilizada, de maneira inadequada! Agora o que eu acho é que não é simplesmente a questão de proibir – é o que eu falo pra muitos pais de adolescentes que vem até aqui, eles chegam pra fim e falam assim: “Nossa, mais a minha filha ela fugiu de casa!”. E ai, eu sem saber da realidade, sem saber do que aconteceu eu pergunto, eu falo: “Mas, ela tem algum namorado...”, a senhora a proibiu de namorar?”. “Ah, então, eu não aceito, eu acho que ela não tem que namorar!”. Eu falei: “Pois é, mas a senhora tem buscar, ir atrás da sua filha pra perto e não pra longe! Não que a senhora tenha que aceitar tudo o que ela queira fazer, mas a senhora tem que buscar estar perto pra tentar, inclusive fazer esse papel de orientação.” Então eu acho que o simples proibir, ele não é, não trás resultado, eu acho que você tem que trazer e buscar uma conscientização, mais do que simplesmente você aplicar a política quanto à proibição. Eu acredito que seja essa questão de que a pessoa através do simples proibir, ela não tem a conscientização para entender o que é certo o que é o errado. Então isso já é uma consequência maléfica desse pensamento de simplesmente proibir e muitas pessoas, elas gostam, infelizmente – a gente sabe disso – do que é proibido. O que é muito complicado porque as pessoas, na verdade, elas se testam, elas não sabem a reação que vão ter frente aquela situação, mas elas querem se testar e elas acham que a situação é proibida ela vai trazer um pouco mais de prazer – o que é muito complicado, né? Porque ninguém tem como, as pessoas não sabem a reação que o próprio corpo vai ter frente ao uso de drogas. Então, pode ser que uma pessoa utilize maconha uma vez e nunca mais utilize. Outras vezes ela pode utilizar maconha e ela sentir falta daquilo, daquela sensação que ela teve com o uso e a partir daí ela passar a utilizar outras substâncias intorpecentes. Então, é um risco que as pessoas, se tivessem consciência das consequências, talvez elas não correriam. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Eu sou contra. Eu acho que eu por mim, tinha que não só descriminalizar o uso, inclusive o tráfico. Regular o tráfico, não legalizar, regulamentar o tráfico. O problema do trafico não é o tráfico, é a bobagenzinha de nada. É uma bobagem, é um que vende pra um cara, que vende pro outro cara que desde que não seja criança. O negativo do proibicionismo. A questão do poder da polícia, do que a gente chama de: “O mundo oculto do crime”. No Estado... É... Que era usado... Usando... Aquele lá

gente... Coisa fala... É o poder que sai do submundo do crime. Não necessariamente do crime, também daquele: “O preço legal do crime”. É a questão do estado penal, não... Esqueci o nome. Aí você dá um poder muito grande pra polícia, e eu acho que o grande problema do país é a polícia. O maior problema do país é a polícia, não é a corrupção. A corrupção é balela, é a polícia. E hoje eu até comentei com um agente, que a gente formou junto lá na federal, que a droga hoje ela é utilizada como forma de... Antigamente era vadiagem, hoje é a droga. Abordou o cara na rua, quer tirar da rua? Você joga uma droguinha no cara, o cara está preso por droga. Ele é usado como escudo, para atos invasivos do ser humano. Genocida. A droga hoje, se mata e se mata muito. Engraçado que as pessoas vêem a droga “traficante” como alguém mais “perigoso” e que é totalmente subjetivo, expressão semântica que não diz nada, do que, por exemplo, uma pessoa que lesionou, deu um murro no outro, que pra mim acho muito mais grave você chegar, machucar, quebrar a perna de alguém né. E o que importa é aquele mito, aquele medo, aquela loucura, aquela coisa meio “ah, o traficante”, aquela loucura que é o traficante, igual inimigo, igual diferente né? É genocida, na verdade é uma guerra. A questão da guerra às drogas mesmo né, uma guerra urbana isso é uma coisa, e por conta disso, vergonhosa, uma política vergonhosa e de extermínio. Não só, eu fui juiz de execução aqui em Goiânia dois anos, essa vara que você citou agora, a terceira vara criminal. Eu extinguiu com certidão de óbito, de sete a oito processos por mês, de gente que morreu per furo cortante, de tiro, e todos de alguma como envolvidos com drogas. O cara vai, e não paga no presídio a droga ele usou, na hora que ele sair do presídio pro semiaberto é o acerto de contas. Esse genocídio não vai só por conta, entre as próprias pessoas envolvidas com o dinheiro ilícito do tráfico, a atuação da polícia violenta, atuação não só formal, como também a atuação informal, porque a coisa é tão promíscua que polícia acaba se envolvendo de alguma forma, com o... Com o sistema penal subterrânea, lembrei a expressão, que é lá da Venezuela esqueci o nome dela, é Manuela não aquela outra que morreu agora... É o tribunal subterrâneo, onde a... Já nem falo dos atos de corrupção, aquela coisa não, eu falo do policial herói e que extermina porque acha que está fazendo bem, e que está limpando a sociedade. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

As políticas proibicionistas eu diria que há uma... Quando falamos em políticas proibicionistas, nós temos que dividi-las: as proibições administrativas e as proibições penais. São aquelas que são impostas, sanções meramente administrativas são aquelas que são impostas sanções penais. Então a diferença entre, é... Essas situações. Quer dizer, quando, olhamos para a área penal mais específicas, de mais de perto, a nós aqui que somos discriminados, é... Observamos que são políticas que as vezes têm se revelado também um pouco confusa. Nós temos dificuldades de saber é... Quais os casos em que as pessoas estão incorrendo, quais os casos em que as pessoas estão incorrendo, principalmente quando tratamos aí do... Daquele... Daquela pessoa que... Você inicialmente se referiu usuário/traficante, quer dizer, nós temos dificuldade de estabelecer esse tipo de coisa. Então se estabelecermos onde vamos aplicar as medidas penais, de onde são devidas meramente sanções administrativas, é talvez a perda de torque do ponto necessário de se saber pra aplicar, pra ter uma eficiência políticas. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Eu acho que o Estado está perdendo uma boa fonte de renda, tanto com relação à droga quanto a legalização dos jogos de azar, eu creio que passa pelo mesmo viés. Porque se o Estado ele conseguisse fomentar, ele ia tirar o lucro disso, ele podia pegar a receita e acabaria com essa guerra do tráfico, porque o tráfico ele fomenta tudo, ele fomenta o homicídio, roubo a maioria é isso. A pessoa rouba para comprar droga, que teria contato com o traficante, porque se ela tivesse uma liberação igual acontecesse em outros países, o usuário tem o direito de comprar x gramas de tal droga tantas vezes por mês, beleza ele vai lá desde que essa droga seja um preço acessível pra não ter concorrência com o traficante, e isso ia parar de fomentar essa guerra de arma e eu acho que seria uma excelente ideia. Não só a liberação da maconha como algumas vezes o STF já quis direcionar alguns julgados, mas também das drogas piores, por

exemplo, o crack que é a droga que o usuário que o nosso assistido da defensoria usa mais são essas mais baratas, então por isonomia já que vai liberar tinha que liberar tudo.(Defensora pública, mulher, 32 anos)

Tudo tem ponto positivo, ponto negativo. Quando você proíbe você tem uma satisfação da sociedade que entende que deveria ser proibido. Eu acho que o principal é você não ser radical. Eu sou contra isso, sou a favor disso, sou a favor disso, sou contra isso, ou seja, nos temos que ter um amadurecimento. À medida que os efeitos vão produzindo, que deixa de ser necessária a proibição você vai tirando as proibições. Não se tira proibição, ou seja, se não tá atacando as outras causas aquilo lá vai aumentar, as condutas muitas vezes ela são exemplo. Se você pura simplesmente, se não tiver não! Não vai ter mais a punição do uso, não vai ser crime, tem que continuar sendo proibido, não ser motivo de uma ação criminal, mas continua proibido e não tem que acontecer a vou liberar, tudo bem vai liberar. Comprar não é proibido. Então é uma situação que tem que ser muito bem estudada. Não podem ser feitas medidas simplesmente para no momento agradar um e outro. Nos temos que fazer a medida que o resultado para a sociedade vai ser um resultado bom. (Promotor do Ministério Público, homem, 48 anos)

3.7. A descriminalização e legalização das drogas

De um ponto de vista sintético, as opiniões dos entrevistados se resumem em ser “contra” ou “a favor” da “descriminalização” e da “legalização”. A bipolarização se apresenta em um cenário de debate acirrado, vivenciado e projetado entre protagonistas dos poderes de polícia e de justiça, replicados em argumentos que vão da impressão cotidiana ao embasamento científico. Caso a caso as opiniões também permitem entendimentos das visões diferenciadas entre os segmentos internos e os resíduos de opinião expressos em discursos sobre a prática institucional e a prática social geral. As opiniões dos membros do Poder Judiciário se apresentam mais favorável à descriminalização, com reivindicação do fato dado pela Lei 11.343 de 2006. Os protagonistas da Justiça também vislumbram de modo simpático e rudimentar, salvo casos específicos, a legalização como utopia possível. Já a polícia, em diferentes segmentos, predomina uma visão negativa sobre a ‘descriminalização do usuário’ e mais ainda sobre a possibilidade de ‘legalização das drogas’.

3.7.1 A descriminalização do uso

Os protagonistas das diferentes polícias estão posicionados de maneira mais explícita no campo contrário a descriminalização dos usuários, bem como expressam sentimentos de reprovação em relação a qualquer tentativa ou grupo organizado de construir propostas alternativas à prática de criminalização. Essa posição inclui a Lei 11.343 de 2006, que

“descriminaliza o usuário”, vista como impulso para o “consumo” e para a criminalidade relacionada às drogas ilícitas.

As falas de agentes da Guarda Municipal são pouco mais controversas que as opiniões em geral de protagonistas nas polícias sobre a descriminalização. Uma parte dos entrevistados percebe a Lei atual de drogas como um retrocesso, pois iguala “traficante” e “usuário”. A outra parte defende de maneira confusa a necessidade de políticas de prevenção e descriminalização do “dependente”.

Os Agentes da Polícia Civil são mais homogêneos em suas opiniões contrárias a descriminalização, em que prevalece a noção de que já é descriminalizado e “faz-se uso em shows, bares, no carro” de maneira “indiscriminada”. Existem ainda, traços de desconhecimento sobre as variadas possibilidades alternativas ao proibicionismo, bem como a percepção da complexidade dos debates envolvidos na temática. Os discursos dos Delegados da Polícia Civil são concisos em posição contrária a descriminalização, com um repertório de argumentos baseados na noção de que será estimulado o consumo e evocado certo descontrole do Estado com as consequências, especialmente, com os já precários serviços públicos no Brasil, bem como contra a “moral” e “família” na sociedade brasileira.

Os Policiais Militares expõem de modo ainda mais nítido os sentimentos comuns em relação à avaliação negativa sobre a descriminalização. As percepções centram em uma lógica argumentativa de ordem “moral” e “científica” de que “droga faz mal” ao *espírito* e a *saúde*, assim deve ser proibida. Observa-se também que na visão de parte dos entrevistados, os processos reivindicados de descriminalização se associam a demandas de parcelas da elite econômica, política e intelectual brasileira. No entanto, o traço mais solidamente mantido da opinião dos policiais entrevistados é de que, o “descontrole” da legislação atual estimulou o consumo e multiplicou os “delitos” que envolvem o tráfico.

Os argumentos de policiais, agentes e delegados se mostram contraditórios e frágeis de um ponto de vista teórico, mas com profundas aplicabilidades práticas em suas atuações profissionais. Ou seja, eles acham realmente estarem lutando contra o “mal da sociedade”, que são as drogas, responsáveis pela “desestruturação da família” e “da sociedade”, por tanto devem defender até mesmo a proibição do uso.

Em relação aos operadores da Justiça, as intervenções discursivas sobre a descriminalização das drogas, se apresentam em campo fértil para a busca de alternativas frente à política atual de drogas. Os juízes e promotores possuem nível elevado de conhecimento sobre a temática e são capazes de formular visões próprias sobre o tema. Os promotores não foram

questionados sobre o tema, mas juízes e defensores públicos contribuíram significativamente para a construção de visões mais acuradas sobre o fenômeno das drogas.

Os entrevistados da Defensoria Pública são favoráveis à descriminalização das drogas de imediato e na prática no Brasil. Na visão deles, a proibição aumenta o poder do tráfico e da rede institucional a ele vinculada. Mais do que a simples descriminalização das drogas, os defensores públicos esperam que a produção e a distribuição sejam *legalizadas* com regulação do Estado. Pois somente assim seriam abaladas as estruturas do tráfico de drogas, bem como haveria possibilidade de reverão das mazelas da política proibicionista (“criminalização da pobreza”, “encarceramento em massa” “violência de policiais e traficantes”).

Entre os juízes as opiniões são mais heterogêneas, com *insights* variados e apresentação de alternativas possíveis para o fenômeno das drogas. As posições alternam entre três eixos interpretativos principais sobre a descriminalização. O primeiro eixo observa que a descriminalização é um passo pequeno frente aos desafios e a legislação deveria avançar em direção a uma política de legalização. Uma segunda linha de interpretação observa que a descriminalização já ocorreu no país e podese investir políticas alternativas nesse contexto. Uma terceira concepção presente nos discursos dos juízes aponta ser contra a descriminalização, ainda que esse julgamento moral caiba ao “legislador”.

Em relação aos policiais e delegados, a postura dos protagonistas do Poder Judiciário é mais aberta às alternativas de políticas de drogas e reconhecem os danos provocados pela proibição total. Ainda que residam alguns desconhecimentos sobre o tema e posturas contrárias a descriminalização, se forem comparadas as opiniões de juízes e defensores públicos com de polícias e delegados, os primeiros travam debates mais bem informado e atualizam pontos de vistas, pretensamente, científico-jurídico, ao contrário dos segundos que pautam suas opiniões em visões morais e apostam na criminalização do “usuário-traficante”.

Por causa disso, brasileiro tá tendo essa cultura, e se não proibir a pessoa vai fazer, vai fazer a vontade, aí pra mim... Entrada é, é a porta de entrada pra outras drogas, se eu não proibir essa pequena vai embora, como diz meu primo, vai embora o “boi na carpente”. (Guarda Metropolitano Municipal, homem, 40 anos)

Olha, eu acredito que a descriminalização ela precisa acontecer sabe. Eu acredito que essa precisa acontecer, a descriminalização do uso, do dependente, isso precisa acontecer. Claro você cria os critérios do que é o dependente, isso mais isso. (Sobre a maconha) Anãooo! Eu não faria diferenciação não. Não consigo ver, eu não tenho muita autoridade pra falar sobre isso por que eu nunca fiz um estudo mais apurado sobre isso, mas não faria diferenciação não. (Guarda Metropolitana Municipal, mulher, 55 anos)

Não tenho opinião definida ainda. Pra responder assim, por eu realmente não sei se seria interessante e se seria o por quê? Eu nunca parei pra fazer essa análise, antes da gente analisar tudo, a gente teria que estudar os prós e contras de uma maneira geral. Como eu nunca parei pra debruçar sobre esse tema eu não posso falar de plano sobre uma opinião fechada, ou é assim ou é assado. Mas tem gente que fala que às vezes fala que é só a maconha, mas não adianta nada por que é droga do mesmo jeito, e não sei... Assim, no primeiro momento eu acho que não seria bom; eu acho que eu não aprovo assim a legalização, mas como cada caso é um caso teria que ver o porquê que a pessoas que são usuárias estão fazendo esse uso. Às vezes se tem alguma coisa que leva ele a fazer o uso, alguma coisa assim. Então realmente é uma coisa muito... Muito... Não é tão simples, a verdade é essa. É complicado, é um tema delicado, digamos assim. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Não, não, porque o próprio traficante ele utiliza dessa tentativa de descriminalização do usuário pra trabalhar, da um jeito de camuflar o trabalho dele, o traficante não vai anda com cinco tijolos na mochila aqui e oferecer, “Oh... Que droga e tal?” Passando não! Ele vai lá e anda só com aquele porçãozinha que configura que como uso, e o cara compra, e pega, passa, e depois ele vai lá no estoque dele pega mais uma porçãozinha e ta sempre com aquela porçãozinha de uso, então não tem como desvincular uma com a outra. o que eu digo tem que ser mais rigoroso com o traficante e com o usuário também, não tem que descriminalizar o usuário. (Agente da Política Civil, homem, 30 anos)

É a mesma coisa que eu falei né, eu não acho que deveria descriminalizar não... Do uso né? Eu acho que o pessoal já usa muito... A pena não é de prisão hoje em dia. Você faz um TCO do usuário e tudo. Eu acho que a pessoa tá muito tranquila pra usar a droga. Você vê gente usando droga em estúdio, em shows. Às vezes até em bares, de carro. Isso todo mundo vê. Eu acho que se descriminalizar vai ficar mais natural. Não concordo com isso não. Eu acho que tinha. (Agente da Polícia Civil, homem, 39 anos)

Depende de quais drogas? A gente não tem como descriminalizar o crack que é uma coisa que tira a vida da pessoa com ela em vida, né? Agora com relação à cocaína, a maconha não tenho conhecimento técnico pra falar sobre o assunto, mas se tivesse possibilidade, ah... Do Estado controlar a dependência da pessoa eu seria favorável. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Então isso era, num sei a sua idade, mas eu sou da década de oitenta e eu via muito isso. Lá nas propagandas de cigarro sempre aparecia um cara bem bonito, fortão fumando em cima do carro. Esse é legal. Implicitamente na cabeça de quem assisti aquilo, se o Estado deixa passar isso na televisão não deve ser ruim. Quando eu assisto um comercial vendo Coca-Cola sendo vendida, não deve ser ruim. O Estado deixa vender. Quando eu vejo o McDonald's vendendo aqueles hambúrgueres parecendo borracha, eu olho lá e falo ô deve ser bom, o Estado deixa vender. Só que isso não gera dependência como eu te disse não é aquela dependência que gera dissociação de realidade. A partir do momento não nesse mesmo patamar é provável que a publicidade em relação à venda psicotrônicos não seria permitido, mas a idéia que você passa pra sociedade quando o Estado aprova, abaliza aquilo seja sobre o argumento espúrio de recolher tributos, a mensagem social que você passa: não é tão ruim. Então a política proibicionista pra mim ela é o etiquetamento. É falar pra você: é ruim. Até que nos discutamos o quão é ruim e o quão bom, mas a priori é ruim. Se eu trago uma mensagem diversa para a sociedade, falo pode usar, mas na hora que der problema e a pessoa não conseguir regredir, foi uma das perguntas que você me fez, quando a pessoa não conseguir regredir, se tornar um dependente aí não tem mais como eu voltar ao status quo. Então proibir nesse primeiro momento parece ser mais

racional porque ele libera entre deixar o seu filho subir numa sacada pra andar e experimentar, que pode dar certo, ou você fala não pode subir na sacada. Você vai cair. Você prefere proibir do que permitir. Então porque que nos não somos francos em relação a isso. Em relação a riscos tão grandes a política proibicionista ela é muito mais defensiva e racional do que a abolição de regras porque efetivamente a abolição de regras nos leva geralmente a riscos maiores. É só uma questão de risco. Porque como eu te disse o direito não me dá uma certeza, mas me dá mais ou menos riscos adotar uma política ou outra. (Delegado da Polícia Civil, homem, 30 anos)

É o que eu te disse às pessoas que trazem esse tipo de questionamento são pessoas que talvez já tenham usado ou não recriminem o uso porque veem ali nas suas proximidades que se utilizam daquilo para fins recreativos. E sinceramente essa não é a regra. As pessoas que tem equilíbrio psicológico suficiente pra usar uma maconha da mesma forma que tem equilíbrio suficiente pra beber bebida alcoólica, essas pessoas não são a regra. É claro que eu não posso fazer uma comparação com droga ilícita da portaria trezentos e quarenta e quatro que é maconha, cocaína como o álcool. O álcool gera uma distorção de realidade muito menor, é pela própria categoria, pelo próprio quilate da substância química. Mas mesmo assim eu acho que a questão da descriminalização é trazida por uma elite intelectualizada que tem essa capacidade de discernimento, que tem rigidez psicológica, que tem equilíbrio e efetivamente essa droga que seria legalizada seria meramente recreativa mesmo. Entretanto não trabalho com essa curva, com esse desnível. Na verdade a regra é outra. A regra é que as pessoas que entram nesse mundo entram associando a droga a uma comorbidade, a um problema social profundo, a um problema familiar profundo, a um problema econômico profundo. E aí essa é a regra. Por isso que o debate intelectualizado sobre as drogas gera uma distorção intelectualizada sobre os efeitos porque quem julga com base na sua própria percepção e experiência acaba perdendo a utilidade porque não sabe o que acontece na prática. A grande regra, ele é uma exceção. E efetivamente eu acredito que uma pessoa que tem esse equilíbrio emocional nunca passaria por metade dos problemas que efetivamente a grande regra de usuários passa. Eu não vejo aí pessoas da classe média, classe alta morando na rua, eu não veja classe média classe alta se prostituindo por uma pedra de craque. Essa é a exceção. A exceção é o indivíduo que dá conta de utilizar droga e às vezes se torna dependente, o próprio patrimônio da família é suficiente pra poder custear o vício. Só que essa não é a regra. A regra é que as pessoas realmente parem no fundo do poço. É por isso, com base nessa regra que a gente trabalha com o padrão de homem médio, que não parece racional a todos descriminalizar qualquer droga. Porque o argumento é sempre cíclico e gradativo. Se liberar a maconha que é uma psicodislépticas, daqui a pouca porque não a cocaína, se liberou a maconha. Então se as duas são de mesma categoria com o mesmo potencial de criar dissociação porque você liberou a maconha? E aí não adianta me falar que liberou o álcool e o tabaco porque sinceramente por mim proibia os dois também mas independentemente disso existe uma gradação entre essas drogas com as drogas com que a gente tá falando da portaria trezentos e quarenta e quatro da vigilância sanitária. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

É eu acho que falta muita consciência pra população, pra que isso pudesse acontecer sem prejuízo pras próprias pessoas. Então, eu acho que talvez, é... Essa questão de simplesmente descriminalizar eu acho que não vai resolver um problema, porque o problema ele não é só criminal ele é um problema social. Então, o problema social, ele vai continuar existindo independente se o uso vai aumentar ou se o uso vai diminuir. Porque os que já usam ou que vão continuar usando eles vão precisar do apoio do poder público e aí é a hora que, talvez, eles não têm. Então, eu acho que é muito complicado, eu acho que não é uma análise isolada de simplesmente deixar de ser crime, eu acho que tem que ser enfrentado como um problema social. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

È descriminalizar né, eu sou totalmente contra. Na época que ele tava preso de pena... Você sabe o que levou aquele julgamento... Aquele julgamento... Não?! Foi um cara que tava preso dentro da penitenciária, que foi pego com uma pequena quantidade e foi feito um procedimento contra ele, TCO, mas ele tava preso, continuou e tal, respondeu o processo, mas não aumentou à pena porque não tem pena, e o defensor público, devia ta com muito tampe né, e subiu questionando a que deve descriminar. E qual é a alegação? A primordial é o seguinte, eu já estava preso, eu estava dentro de um presídio, eu estava causando mal pra mim mesmo, eu não estava causando mal pra mais ninguém! Então quem é usuário de droga causa mal a si próprio, não é o Estado que tem que vim tutelar o que eu faço comigo, se eu quiser me cortar, o Estado não pode me punir, autolesão não é punível. Então comparece o uso da droga, da maconha, da legalização da maconha, que aquele usuário ali ta causando mal só a si mesmo. Num vou longe, vai em uma família que tem um usuário e pergunta se ele causa mal só a ele, pergunta pra mãe, pergunta pro pai, pergunta pro irmão. Não esse usuário ai causa mal só a ele! Se fosse eu seria o primeiro a falar não, porque punir? Porque proibir?! Ele ta causando mal só a ele, mas não é pergunta pra família, não é só a ele, é o povo em volta, é a vizinhança, é a sociedade como um todo quando ele começa a roubar para manter o vício. Então eu não consigo entender porque é só a ele. E aí criou se um problema serio porque quando começou a votar, teve ministro que entendeu que tinha que descriminalizar tudo. O uso de qualquer droga, outros não, estamos falando só da maconha! Por quê? Não tá fazendo mal só pra ele mesmo?! E vamos descriminalizar! O que é a consequência disso? A consequência disso é que saiu com meu filho e o cara ascende uma maconha do lado dele aqui, e eu vou ter que ficar calado. A polícia hoje ela aborda, hoje ela ainda conduz, faz um procedimento que depois não vai virar nada! Mas aquilo ali ao menos impede o cara. Eu tenho um vizinho embaixo que de vez enquanto resolve ascender nós já discutimos, um moleque de 18, 19 anos, já discutimos umas duas vezes sobre isso, porque é debaixo da janela do quarto dos meus meninos, mas eu não posso discutir em nada, ele ta dentro da casa dele, e meu filho sentindo o cheiro da maconha em casa. Eu acho que a consequência disso vai ser gravíssima, nós não temos. Ai o Paraguai, não o Uruguai, que ta tentando, mas sabe, Uruguai, que cabe dentro do Estado de Goiás e ainda sobra pedaço! Nós estamos querendo comparar a extensão de um país como o nosso com o tanto de problemas que a gente tem, sinceramente, eu não sei a opinião de vocês, eu respeito. Mas eu não consigo ver nada de bom nisso, é muita coisa e não ta pouco, o legislador que mude, não é o STF que tem que fazer esse tipo de julgamento não, é inconstitucional porque lesa só a si mesmo, pergunta pro cara que escreveu 20 mil pedras no caminho se lesa só ele mesmo. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Eu não defendo nada nesse sentido, eu acho que droga é droga, é aquilo que eu falei lá no inicio, droga é tudo aquilo que me tira do meu estado normal, do meu estado consciente, onde eu possa ser dona dos meus atos, consciente daquilo que eu to fazendo, consciente das consequências do que eu to praticando e eu acho que as drogas te tira essa condição. Então eu acho que descriminalizar tá... Eu já vi várias pessoas falando o que é bom o que é ruim, a vantagem, desvantagem, mas droga é droga e eu acho que mesmo descriminalizando a gente ainda vai viver o problema social, éh... Porque eu imagino se hoje tá desse jeito, imagina quando liberar porque os viciados vão ser os mesmos, a cultura continua a mesma, meu amigo vai me oferecer do mesmo jeito, vai estar mais fácil deu adquirir, eu acho que vai ficar pior que tá. Eu não vejo como socialmente falando se eu liberar a droga a coisa pode melhorar, eu não vejo, de verdade, por mais... Eu to sendo bem rasa na minha resposta, mas todas as justificativas que você fala pra mim eu não entendo como pode ser melhorado se eu falar que você pode usar o crack, a hora que você quiser, você pode ir lá na feira e comprar 1kilo de crack pra você fumar 3 dias, eu sinceramente eu não vejo como. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Olha é um argumento favorável, eu entendo que seria aquela questão do livre arbítrio a pessoa faz com seu corpo o que ela bem entender. Faz um certo sentido se nós formos avaliar de uma, formação individual existencial, isso sem dúvida alguma.

Porém a questão principal não é uma mera escolha pessoal, porque essa escolha pessoal, a história já nos mostrou, porque a... Pelo auto poder viciante dessa substancia, o impacto social, não só a questão de saúde, de organização, mas também de segurança pública, ele se torna algo praticamente incontrolável, então o motivo pelo qual, é... O mero gosto como opção pessoal, ela acaba sendo, é... Rechaçada, perante ao interesse de ordem social, essa seria a minha interpretação, o motivo pelo qual eu não me sinto favorável por esse tipo de autorização pelo Estado. (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Eu acho que é mais urgente ainda e principalmente o da maconha. Não é pra todo mundo usar maconha não. É parar de encher cadeia com usuário de maconha e gastar com isso, gastar a polícia com isso desnecessariamente. O tráfico de maconha é um dos menos violentos. Tem essa figura de que as pessoas matam para fumar maconha, as pessoas estão matando pra roubar carro e é latrocínio. Pra vender carro. “ah! Mas é pra trazer maconha pra cá”, não. É pra vender e comprar mais carro. O que mata é a arma. O Popular deu a notícia: “A gente nuca prendeu tão pouca arma igual agora.” O número gigantesco. E nós estamos prendendo traficante de maconha. Mas ta matando com arma e é meio estranho. O Brasil está discutindo hoje dois candidatos a prefeito que eu tenho ojeriza que é o delegado Valdir e o major Araújo. Os dois discutindo pra legalizar armamento. O Brasil teve uma grande falha gigantesca no plebiscito que a gente teve para desarmamento que foi socialmente desacerto. A gente está vivendo hoje expoentes da direita falando de arma. A arma é um instrumento de ataque excelente. Então pensa num instrumento de defesa. Câmera melhor, muro melhor, conduta melhor. Eu ando armado? Ando. Mas nunca me serviu de nada e a proporção de servir ou não servir, ela é um instrumento de ataque, se alguém me irritar eu consigo acabar com a vida do cara, se eu brigar com meu vizinho, eu consigo dar um tiro nele. Eu não sei de vocês viram ontem em Rio Verde, duas pessoas mortas por causa de uma briga numa calçada que estava estragada. Aqui teve um professor de universidade Federal que matou o vizinho, um senhor de idade por conta de briga também, sociólogo. No outro dia ele teve que voltar porque não ficou preso e ver a viúva do vizinho, que ele matou, os filhos. Porque ele tava armado. Se ele não tivesse armado, ele pegava um pedaço de pau e batia na cabeça dele. Então no Brasil é arma. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Todas as drogas que existe eu sou contra, inclusive as lícitas eu também sou contra elas, mas eu não acho que deve proibir, mas eu também sou contra o uso delas por isso eu trabalho no PROERD eu tento fazer de tudo para as crianças não usar nem as drogas lícitas. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Então eu acho que, entre aspas seria praticamente... Do jeito que a gente entende aqui no Brasil, seria praticamente a legalização né? Entre aspas porque é uma coisa o teor da lei, discriminar o uso da droga, e outro seria o entendimento das pessoas, seria outra coisa. Na cabeça das pessoas, daqueles que conduzem, que usam escondidos soaria outra coisa, seria legalização mesmo. Eu acho que teria um aumento considerável. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Não concordo com isso. Mesmo por que tenho filhos e quero educá-los para esse caminho de que não é a questão: “Ah não do que causa!” é o que você pode deixar de ter utilizando. Querendo ou não por mais que... A sociedade discrimina, mesmo que de forma velada, dizer que “ah, não que é normal”, mas muitos acabam fazendo o quê? Não é comigo, deixa isso pra lá! Deixando como se fosse invisível, não esse problema não é meu, fazendo vista grossa. Mas a gente não vê que isso está muito próximo da nossa vida da nossa família. Então, a gente tem que vigiar muito, assim, a questão da educação dos nossos filhos e orientar bastante, não pela questão é proibido! Mas, sim na questão de que: “Olha se você seguir esse caminho você queria

ser, um exemplo, um jogador, um juiz, um professor isso ai vai ficar mais distante porque isso ai vai te afastar desse caminho!” (Policial Militar, homem, 40 anos)

Pois é, eu não sou radical. Assim, descriminalizar eu acho que não vai mudar nada. Eu acho que se o Estado tomasse conta de certas distribuições, colocando alguns requisitos, algumas formas, ou até mesmo explorando eu acho que ia reduzir sim, porque essa situação da ilegalidade da droga é o que causa. O cara tem que comprar uma arma para poder se defender, defender não, garantir a boca dele, a supremacia de força daquela região, pra fazer cobrança, os assassinatos. Eu acho que ia diminuir, mas assim, não adianta nada, se eu vou continuar distribuindo droga, colocando droga no mercado, vamos dizer assim, ainda vai gerar o dependente que não vai ter condição de sustentar, que vai roubar, vai fazer furto. Então eu acho que assim podia sim liberar, controlar essa venda dela, até explorar, mas assim modificando os efeitos dela, limitando os efeitos dela. (Policial Militar, homem, 35 anos)

Eu acho que ele pode fazer, mas também liberar o 180, receptação, entendeu? Já que liberou, descriminalizou todo mundo que compra drogas, que compra drogas né, então também libera quem compra produtos roubados e vamos ver o que acontece. Porque ela... É a mesma situação, eu não consigo entender uma coisa e a outra coisa, entendeu? Só porque eu sou rico, meu filho ta querendo comprar essa substância e só ele vende, aí então não é crime. Agora se eu quero comprar um produto roubado baratin, aí é diferente porque aí eu, rico, vou perder, porque aí se eu for o mais rico e vou ser o mais roubado, entendeu? Então tudo está ligado pra proteger a classe dominante, interesse dominante. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Eu acho na minha concepção, como policial né, eu acho que demos dois passos pra trás, porque antes, antes você pegava o indivíduo com uma trouxinha de maconha, um exemplo, levava pra delegacia, fazia-se o TCO dele, que é o Termo Circunstanciado de Ocorrência ele era encaminhado né, pra uma audiência pra um juiz, e aconteceu muitos casos que eu fui intimado, aonde que o juiz dava uma ensaboada nesse individuo entendeu? Nem diria que ele ia ficar preso, mas dava uma ensaboada nele, falava: “Pera aí meu filho você foi pego fumando uma maconha lá na praça, então o seguinte, você vai...” Igual aconteceu lá em Anápolis: “Amanhã, no sábado e domingo, você vai apresentar na Santa Casa, você vai lavar o banheiro da Santa Casa, vai ajudar na faxina entendeu?” “Ah não tenho dinheiro pra pagar. Vai ajudar, entendeu?” Fala: “Ah a descriminalização da droga agora... Tem que ser tratado como doente”. Infelizmente fez foi incentivar mais pessoas a usar droga... A minha concepção, entendeu? (Policial Militar, homem, 49 anos)

Olha a primeira coisa eu como policial lógico, a descriminalização da droga, a droga ela vem, ela tá inserida na sociedade há anos né, há anos, mas com o advento que usuário, eu concordo em parte que ele, ele não paga pela situação dele tá usando droga, deixou de ser crime, de certa forma, eu tô falando como policial, de certa forma incentivou muitos, muitas pessoas que usavam droga às vezes um dia, às vezes dois dias na semana, quando passou a “Não, agora o usuário tem que ser tratado como pessoa doente”. Isso incentivou muito as pessoas usar droga com mais frequência, entendeu? Porque na verdade você pega o usuário de droga leva pra delegacia, o delegado fica mãos atadas, ele não tem como fazer nada, o próprio judiciário também fica de mãos atadas sendo que na verdade deveria ter se pensado numa situação, não diria punir o usuário, mas obrigar ele a se tratar entendeu? Hoje, uma pessoa pra internar Karen, pra você ter uma ideia, é a maior dificuldade que tem, tem caso que mães procuram o poder judiciário, é onde o poder judiciário né... É... Eu já atendi ocorrência onde a mãe, um oficial de justiça acompanhado de uma mãe nos procurou pra que a gente fosse apoiar na condução do filho dela, entendeu? Um adolescente de 16 anos extremamente nervoso deu dependência de crack, pra que ele fosse conduzido coercitivamente até o sanatório espírita de Anápolis, que lá tem uma ala pra

dependente químico, deu um trabalho tremendo pra gente imobilizar ele entendeu? E eles arruma uma força descomunal, entendeu? Deu muito trabalho, e a mãe chorando entendeu? Mas infelizmente né, é difícil. (Policia! Militar, homem, 37 anos)

Eu acho que na atual conjuntura nossa vai piorar muito, se mudar a estrutura, der condições eu acho que pode ser um processo que venha trazer uma solução em um momento melhor pra o nosso país. Mas na atual conjuntura vai regredir, e é justamente por isso nós não temos um projeto para se tratar essa pessoa é tudo á toque de caixa: "Ah não, vamos fazer isso aqui que vai da certo!" Mas não tem um projeto... Projeto não porque é aquela coisa que vai fazer de imediato, e só tem projeto. Não tem um programa de tratamento de condições, para dar a sistemática para se funcionar isso. (Policia! Militar, homem, 47 anos)

Descriminalizar no Brasil, você tem vários tipos de drogas autorizados o álcool é uma droga autorizada, não para menores, mas você vem menor bebendo, você vê adolescente bebendo, você vê fumando cigarro. Então se eu liberar a maconha ou liberar o LSD, você não acha que essas drogas são extremamente dependentes, e ela destrói o indivíduo completamente. A sociedade já acostomou com álcool, mas ele mata tanto quanto outra droga né? Por uma questão cultural ela não tem uma condição de ser tirada, mas é uma questão de cultura, então a gente tem que entender que certas drogas ditas lícitas por uma questão cultural não são possíveis que você retire, mas é possível que você crie uma barreira para outras que são tão piores quanto. (Policia! Militar, mulher, 43 anos)

Eu pessoalmente, eu sei que tem varias posições, uns que são a favor da descriminalização do uso somente da maconha, por supostas alegações que ela tem menos... Menor potencial ofensivo. Eu acho que o problema não resolveria se descriminalizasse somente a maconha. Eu acho que sociedade se droga e sempre se drogou, é uma ilusão achar que vamos conseguir combater isso. Porque existem drogas que são liberadas, como é o caso do álcool. Esse argumento de que seria destrutivo a sociedade, pra mim é um argumento totalmente falacioso. Porque se você pegar a entrada no SUS, de pessoas que foram vitimadas de acidentes de transito em decorrência do álcool, isso é altíssimo também e ninguém discute isso. E da mesma forma, de outras substancias. Que ai essa argumentação, de num certo utilitarismo, como se fosse bom pra toda sociedade não são proibidas. Como, porque não impedir que as pessoas sejam obesas? Já que isso trás graves males pra sociedade. Porque não impedir o cigarro, que é o que mata, tem uma lista de tipos de tumores que a substancia causa, e nada disso sequer foi questionado de ser proibido. As drogas foram escolhidas, à meu ver, mas sem muito embasamento da visão que eu tenho, porque e uma tentativa de criminalização da pobreza, é algo assim., É o meio de vida que certas pessoas buscam, e que diante da atual conjuntura da sociedade, ela buscam o meio de sobreviver e isso foi criminalizado. E eu, pessoalmente, não acho que o argumento de que isso traria dano a sociedade procede. Porque tem outras condutas que fazem tão, ou mais, dano a sociedade que o pessoal nem cogita proibir. Eu sou a favor da descriminalização. Respondendo a sua pergunta, objetivamente, de todas as drogas inclusive. (Defensor público, homem, 26 anos)

Sim! Positivo... Positivo e são várias as razões né! Primeiro pelas razões vinculadas no próprio pedido que viole o direito a intimidade da pessoa que viola o princípio da autoridade né! Sem entrar na questão de lícito ou ilícito, o fato é que o direito penal não foi feito pra tutelar esse bem jurídico. Porque se fala assim: "saúde pública", ah ta, mas saúde pública no caso do uso é só do usuário. Então pô! Se o usuário não está fazendo mal a outra pessoa que não seja ele, pelo princípio da autoridade penal ele não pode entrar. Então, sem querer questionar nessa de se legalizar ou não legalizar. Só acho que o direito penal não tem essa aptidão pra interferir e tem se mostrado cada vez mais ineficiente pra esse propósito. (Defensor público, homem, 37 anos)

Sim, elas tinham que ser regulamentadas igual eu te falei, o estado vendendo e ser proibido a venda no particular mesmo, o estado vendendo por um preço acessível e fazendo igual te falei, pegando o exemplo dos países que tiveram sucesso, verificar a quantidade. Um primo nosso que morou na Holanda muitos anos, ele falava que lá não tem essas questões de furtos, roubos, que o próprio país o próprio estado lá eles tem tipo umas vans, ônibus que tem as drogas que a pessoa pode ir lá e usar sem precisar ir roubar o do outro. É muito complicado do ponto de vista religioso, moral, mas do ponto de vista com relação de políticas públicas é uma alternativa, e paralelo a isso o estado tem que investir na educação de base para pessoa arrumar alternativas, a não ser que ficar aí consumindo drogas. Não é que ele vai fomentar no sentido de incentivar, não seria isso não. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Ah, que nem eu falei pra ti, sou favor da descriminalização, e a partir daí uma política, mesmo a questão da redução de danos que você falou, é uma coisa bacana... Porque vai diminuir aquilo o que o que nós falamos antes, diminuir a tensão policial sobre usuários. Embora já, a gente já preveja isso, já aconteceu quando, antigamente era o artigo 12 e o 16. Quando descriminalizou, não despenalizou o 28, a gente já percebeu que houve um aumento da criminalização do tráfico. Pessoas que muitas vezes eram as jogadas no uso, acabam sendo jogadas no hoje no 33, que antes era o 16. Acabou que a própria polícia fez uma ação secundária ali, né? Eu imagino que a medida se, e vai acontecer, e acho que vai ser irreversível. O Supremo declarar inconstitucionalidade mesmo com a legalização da maconha isso acaba, o fundamento é o mesmo, a tendência pelo menos com a polícia que nós temos hoje é aumentar a criminalização do 33. Ou seja, aumentar a criminalização do usuário. É eu acho que não foi medicina. Eu acho muitos aspectos, por exemplo: um argumento que, utilizado por aqueles que inaudível a criminalização, do uso de drogas, nos argumenta de que há o, não se trata especificamente de uma ofensa a um interesse particular do usuário. Mas a sociedade estaria afetada na medida que vai demandar recursos públicos para cuidar desse indivíduo. Primeiro que isso é uma conversa. Que não há políticas efetivas de atendimento ao usuário, primeiro ponto. Segundo ponto se isso fosse efetivo, porque que não se fala também, porque não se criminalizar também, vamo voltar aos exemplos citados ao álcool e ao cigarro, que sim geram um... Traz consequências extremamente de face inclusive de paciente com situações gravíssimas, né. Em razão do uso contínuo dessas substâncias, que também afetam obviamente a coletividade. Então tem muitos outros aspectos. Agora, é um argumento, é... E aí aqueles, que defendem falam: "Não mais o álcool e o cigarro pagam muito tributo." De fato a tributação sob esses produtos é altíssima, então você troca, troca uma violação do interesse coletivo, se é esse o argumento, pela arrecadação. Uai se é isso porque também não se vale. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Descriminalizar? Não, mas já está. Hoje o uso já não é crime; hoje o usuário se ele for pego e o juiz descobrir lá na frente que ele é usuário, ele aplica advertência, ele não responde mais. Já descriminalizou o uso. Então ele não é mais criminoso, ele não vai preso por causa disso. Não, como eu não sou usuária mesmo, eu acho que foi certo porque acontece com usuário, a maioria tá tão dependente, que ele vai ali compra um pouquinho com 5 reais, com 10 reais, com 50 reais ele compra a droguinha dele por que ele não consegue largar. Aí sim, se tivesse uma política antidrogas, se aplicasse assim; você foi preso né? O juiz lá na frente entendeu que o caso dele não é de tráfico, é de uso; então você vai ser apenado da seguinte forma; você vai ser internado. Você tem duas coisas, ou você pode ser preso, ou você pode ser internado pra tratamento, qual que você quer? O cara vai lá e: "Claro que eu quero ser tratado". Ai ele tem uma clínica, leva ele lá e o juiz diz: "Vou te internar por dois meses, por três meses, por quatro meses, por cinco meses depende do tanto de tempo que ele usa; seria uma ideia! Aí eu concordo. Mas não adianta, vai lá e da advertência pra ele na rua e ele vai lá e usa de novo. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

3.7.2 A legalização das drogas

Os agentes da Guarda Municipal se mostram com opiniões difusas sobre a legalização, mas que corroboram as posições favoráveis à proibição das drogas. Os discursos para justificar tal postura se expressam pela preocupação com a “ineficácia” da medida para resolver os problemas sociais atrelados às drogas ou ainda, que o Estado não está preparado para assegurar garantias sociais para a legalização.

Os representantes da Polícia Civil, Agentes e Delegados, trazem importantes reflexões para compreender o ângulo de visão proibicionista. Os Agentes suscitam vários argumentos em relação à legalização, mais sofisticados que no tópico anterior sobre a descriminalização. A persistência de posição contrária ao tema adquire caráter, ainda que sustentada na lógica da visão de mundo tradicional da abstinência, mais reflexivo sobre os problemas do contexto atual relacionado às drogas. Nesse sentido, são mais abertos a discutir a legalização (projeção utópica) do que a descriminalização (fato jurídico).

Já os Delegados se respaldam em visões contrárias a legalização, que seriam até revertidas em gerações futuras e longínquas, mas para o momento projetam abordagens sobre as impossibilidades de se legalizar as drogas no Brasil. Os discursos são assentados especialmente, com alegação de agravar os problemas atuais, com base nas dimensões culturais e da precariedade do Estado no Brasil. Na linguagem comum, “o Brasil não está preparado para a legalização” devido a sua “cultura” e “política”.

Os policiais militares por sua vez se mostram bastantes desfavoráveis à legalização, bem como pouco receptivos a aprofundar o debate em sentido pró ou contra o tema. A posição dos policiais é muitas das vezes taxativa e sintética contra a legalização, com expressões residuais de opinião favorável a mudanças anti-proibicionistas na atual política sobre drogas brasileira. Os discursos mais recorrentes se conformam em responder o radicalismo da legalização, com um “radicalismo” proibicionista.

Os membros da defensoria pública são abertamente favoráveis à legalização, com regulamentação das drogas. Para eles, a forte regulação do Estado abrangeria aspectos vinculados às políticas sociais para essa nova realidade e, especialmente, deve balizar as regulamentações específicas para a produção, distribuição, circulação e consumo de substâncias hoje ilícitas.

A visão os defensores públicos se unem na avaliação da necessidade de mudar a abordagem do Estado sobre o fenômeno das drogas, em que deixaria de atuar na lógica do binômio jurídico-

repressivo e passaria a atuar nas esferas sociais da saúde, da educação e da economia. As diferenças de opinião entre os membros da defensoria pública residem, na indefinição e imprecisão sobre a via ser adotada para a legalização, além do grau de permissividade e regulamentação exigido para assegurar o ‘bom funcionamento do aparato Estatal’ frente às liberdades individuais asseguradas.

A opinião dos juízes em relação à legalização é bem polarizada entre os “à favor” e os “contra”. Um traço importante, que da sustentação aos discursos dos juízes defensores da legalização, é o arsenal de exemplos, argumentos e dados favoráveis à legalização. Já os contrários à legalização apresentam opiniões difusas e reticentes. A situação dos Promotores é semelhante aos dos Juízes, com maiores ponderações à cerca das políticas e os debates possíveis de serem construídos na sociedade brasileira seja para legalização, seja para a manutenção da proibição.

Não, de nem uma delas. É, uma droga que pouco tempo era utilizada como uma espécie de um bom hábito etc, como o conhecido lança perfume, trouxe e traz muitos problemas, traz grandes, traz ainda estatísticas de mortes, de adolescentes e etc. Então assim, é bem perigoso, é bem temerário, pensando numa linha, não estou dizendo que o lança perfume é menos grave que outras drogas mas, pensando no campo mínimo né? Então a legalização não seria a melhor saída. A sociedade brasileira não sabe conviver. Como eu falei pra você, nem o usuário, nem o não usuário saberia conviver com essa legalização. Então esse seria o ponto. Em relação á maconha, a maconha ela é uma droga que ela causa alguns problemas, tudo bem que hoje se fala aí muito do campo da liberdade, o respeito á liberdade cada um tem de pensamento, liberdade física, de aparência, de pensamentos e tudo. Só que veja bem, a maconha ela causa alguns efeitos, tanto físicos como psicológicos e já é comprovado cientificamente que a maconha traz prejuízos para o sistema nervoso central que são os neurônios, principalmente, traz problema de fertilidade, então assim, como eu falei pra você, se a sociedade nasceu uma sociedade sã na sua origem e a busca que sempre nós lutamos é pra busca sempre numa sociedade sã, não dá pra gente inserir qualquer substância, não estou dizendo drogas, qualquer substância que poderia fazer perder sentido por essa excelência que é buscar uma sociedade sã novamente. Sociedade nasceu sã, ela foi adoecida por certos fatores, stress, patologias, etc, então o desafio que nós temos hoje é buscar novamente essa sociedade sã. Se liberarmos essa droga, isso aí vai distanciar o desse objetivo social. Então eu acho que toda pessoa que lida com o campo social ela tem essa visão, no íntimo ela tem essa visão, se não toda pessoa, mas a sua maioria. A maioria dos sociólogos, a maioria do pessoal que lida com sociologia, eu creio que eles sejam contra essa legalização, justamente, nesse campo aí que estou debatendo com você. Que a gente busca uma sociedade sã, e as drogas elas fazem a gente perder esse objetivo. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Eu sou geral, primeiro que eu não consigo enxergar um modelo que pudéssemos usar aqui. Todos os modelos que foram discutidos até hoje, a vamos colocar na mão do Estado, nosso Estado não da conta de gerir nada! Não seria capaz. Um país muito menor que esse quis gerir isso que foi na Holanda, ela retrocedeu porque ela... O uso de drogas lá... Não ajudou em nada o país. .Dizer que com isso nós acabaríamos com o trafico, isso um dos modelos, eu vou fornecer ao usuário determinada quantidade só ele vai ter que usar em determinado local, bom se ele não quiser mais ele não vai comprar? Não mais ai... Então vai ter alguém pra vender se ele quiser mais, e ele tiver

dinheiro pra comprar, vai ter quem vai vender, porque eles vão tentar dentro da legalidade, se não é dentro da legalidade é o traficante, se é o traficante nós estamos no (risos) no mesmo tamanho de hoje, não vai muda nada, o trafico , eu vejo assim, por exemplo, a legalização do uso, não vamos legalizar o uso, mas espera ai, ele vai compra de quem? É licito ele compra um produto que é proibido à venda? Sabe essa legalização do STF só do uso causa uma coisa assim, posso usar uma coisa que é proibida a venda, eu não posso vender mais posso compra. É estranho, vamos pegar o outro modelo, abre geral ai é o Estado num vai fornecer, não mais ai vamos taxa o traficante, acha mesmo que se a gente taxa o cigarro hoje, é taxado e não tem contra bando? Vai ter contrabando do mesmo jeito. Você acha que o traficante ai abrir uma lojinha e eu vendo aqui, mas eu só posso vender tanto pra você, e o outro vai ta ali na esquina eu te vendo o resto. Hoje sinceramente eu não conheço um modelo que eu pensando nele pode da certo, eu não conheço uma implantação dessa que deu certo, falam no Uruguai, eu estou esperando porque me parece que até hoje não deram conta de regulamentar essa lei lá, não esta em, você é mais estudioso que eu nisso, e eu acredito que até hoje não tenha sido regulamentado, não ouvi dizer. Mas então tá vamos ver o modelo do Uruguai já que estão implantando, vamos observar, não é que eu seja contra não, mas eu acho que nós vamos servir de modelo, vamos puxar uma carroça pro mundo? Mas repressão deu errado, e se não tivesse tido a repressão? Como estaria? Sabe repressão, ah mais o mercado consumidor, o EUA que tem um poder econômico muito maior não tem conseguido reprimir a droga. Mas o México acho que foi leniente na repressão e nós estamos vendo agora uma consequência muito grande dos grupos de trafico que tomaram conta da fronteira. Então entre o ferro e fogo. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Olha, como diz, parece corajoso e belo, mas trouxe um produto muito perigoso! Vai incentivar muito o uso de droga, no meu ponto de vista. Nosso país tem que ter uma cultura melhor em tudo, em tudo. Hoje, faz-se cursos, não é que eu sou contra não, funcionários, tal, não é que eu sou contra não, mas nem todo mundo leva o curso a sério. Todo mundo quer ter apenas o diploma, o que não resolve! A cultura nossa devia começar no berço, educação primária bem feita pra depois pensar nisso lá na frente para o cara saber o que está tomando. Você pode dizer: “Mas nós temos droga pior que é vendida em bares que é bebida alcoólica!” Eu concordo com você, concordo plenamente. Mas temos drogas ai que mata! O crack, nós tivemos na época ainda do crack, chamava merla, eu cansei de pender gente que pegava merla eles queimavam a impureza dela para cheirar a merla, olha que desgraça na saúde dessa pessoa eu ia prender gente que pegava a folha do chuchu misturada com aldrin, e vendia o aldrin na folha de chuchu, o aldrin fumado faz a cabeça... Maconha, aquele cara é uma desgraça! Aquilo dá uma dor de cabeça desgraçada, ele está fumando aldrin com folha de chuchu! Por ai afora, vai! Você pega uma cocaína ai que o cara começa cheirando, injeta na veia, tal, os hospitais vão ficar cheios de mais! Nesse primeiro momento ficou tudo isso ou muito mais, pode falar que eu sou contra, desse normalmente eu sou radicalmente contra, por isso. Eu acho primeiro, que deveria endurecer a legislação que fala sobre droga, aconselhando um usuário nosso para que ele fosse internado. É comum, às vezes, a pessoa chegar em delegacia de polícia e pedir para ser internado e não tem pra onde você mandar essa pessoa, não existe internação compulsória. Eu era o delegado da tóxico aqui, não vou citar nomes por questão de ética, chegou uma mãe aqui falando pra mim olha, assim que está surgindo AIDS, no início ninguém sabia o que era AIDS quase, na época que estava surgindo AIDS. “Olha minha filha está usando droga!” falei: “Olha a senhora toma cuidado de mais!” Ainda falando a respeito daquela senhora, ela veio, a filha dela tinha 12 anos, 13 anos – menininha novinha – ela chegou pra mim e falou: “Olha eu acho que a minha filha está usando droga!” – Bom senhora, então, toma cuidado, procura uma orientação do psicólogo “pam, pam, pam, pê, pê, pê”, tal, pra poder ajudar a senhora. Passou... “Olha, achei droga com minha filha!” – Falei pra senhora procurar ajuda, traga ela aqui pra mim conversar com ela! “Não! Trazer minha filha na delegacia?” – Tem que descobrir quem está vendendo pra ela. “É, meu marido, eu até briguei com o meu marido porque eu gosto de deixar minha filha ir pra festa. O que é que tem ela ir, no final de semana, ela ir pra um baile, uma festa?! – Até que horas, senhora, sua filha fica? - Não, ela

chega cedo em casa, até duas horas da manhã, até três horas da manhã ela está em casa. – Senhora é uma criança, de 13 anos, 12 anos chegando três horas da manhã em casa, a senhora está brincando comigo?!” É cedo mesmo, na parte da manhã, né?! Falei: – Senhora, essa menina vai arrumar uma doença nas costas, vai ser estuprada! Não! Passou uns dias ela chega com uma roupa toda suja de sangue na delegacia, Dona Maria Lucia era delegada lá na... Dona Maria Lucia, toda suja de sangue, foi estuprada! Falei: – Senhora toma cuidado! Que essa menina vai pegar uma AIDS! Passou um mês, dois meses: “Minha filha está com AIDS!” Morreu! Eu falei: - Senhora, eu descrevi para a senhora o que ia acontecer e aconteceu! Agora, ela foi estuprada com violência real, não! Não foi violência real, foi violência presumida porque ela arrumou um namoradinho lá, o namoradinho foi ouvido: “Não ela transou comigo porque quis!” Tem violência real e presumida, foi violência presumida não real, foi porque ela quis! Quem está errado em tudo isso?! A educação começa lá atrás, tem que ser educada. Nos falamos aqui com o usuário, tem que tratar dos pais a criança tem que ter uma boa educação não privada, mas pública de qualidade, não temos! Infelizmente, não temos. Hoje o professor não pode bradar com o aluno que os pais revoltam. O educador hoje se ele brigar com o aluno, aí se ele brigar com o aluno, aí se ele falar sério com o aluno, aí se ele botar o aluno fora da sala, botar de castigo, ele vai ser preso e processado por isso! O educador perdeu o poder dele de mando na sala de aula! Se você, como educador, se você falar alto com aluno na sala de aula lá ele denuncia você na reitoria lá e você é advertido. Isso, essa cultura tem que mudar! O professor tem que ter autoridade dentro da sala de aula, infelizmente, não tem, na hora que tiver esse poder de mando as coisas mudam, se ele não tiver esse poder de mando, as coisas não vão mudar e vai ficar pior, pior porque ele não tem autoridade. Tiraram a autoridade dele. (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Eu sou extremamente contra por conta disso. Nós não temos é amadurecimento cultural pra ser feito isso né. A gente vai legalizar aí depois o pessoal ainda vê a questão tributária, que os EUA está, alguns estados estão ganhando muito além á partir do momento que você tributa isso. E infelizmente no Brasil é vale a questão da cultura. Eu acho que tudo se resolve é, a gente vai entender um pouco o jeito que o Brasil está como a nossa sociedade está se nós analisarmos nossa cultura. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

A legalização eu acho que dá pra ela acontecer, eu acho que tem de ser de todas as drogas. Porque se o álcool não é criminalizado, eu não vejo como criminalizar outros e faz um mal social terrível. Tem sessenta mil e tantos homicídios no Brasil e mais de sessenta mil mortes por acidente de trânsito. Nenhum lugar do mundo é assim. E se você ver a vinculação de drogas ou álcool, droga proibidas e álcool em relação a tudo isso, o álcool é muito mais impactante. Eu acho que a gente tem que ter um olhar muito grande do álcool parecido com as coisas que foram feitos pelo cigarro. O cigarro foi feito não por maldade, foi feito porque o sistema de saúde pública não tinha dinheiro para cuidar disso, então ele convenceu o Governo a fazer essas práticas. É mais barato. E o Governo como arrecada demais com cervejaria principalmente, não quer enfrentar esse lobby, mas é um lobby que tem que ser enfrentado. Mas eu acho que é mais ou menos por aí, a legalização é possível sim, tem que ser discutida, tem que ter bons exemplos, o Uruguai apanhou muito e agora dá pra virar um caso de estudo bom. Portugal tem uma campanha muito boa, a Holanda já reviu um bocado de coisas que ela já fez. Não precisa inventar muita coisa não. É analisar esses locais que deram certo. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Se o Brasil legalizasse (risos) Olha... Tem gente que fala que nos Estados Unidos quando criou se a lei seca que proibiu todo o consumo de venda de bebidas alcoólicas; criaram se lá as máfias e que isso gerou o caos, e a partir daquele momento em que se liberou a economia se moldou, e aquilo lá que é uma droga também se agregou na economia e a coisa fluiu né! Então há uma linha de estudiosos aí, em relação a vocês

das faculdades que entendem esse lado ai, eu não vejo no Brasil hoje a menor condição de partir para uma ideia dessa ai, tem que mudar muito, pode ser que um dia chegue, mas talvez assim, meus tataranetos cheguem a discutir isso ai, condições de tornar verdade, não é nos próximos 50, 60 70 anos não! Acho que o Brasil ainda é um Estado bastante conservador, América Latina também, fora algumas raras exceções, Uruguai, Chile o resto ainda é uma região bastante conservadora o Brasil talvez o mais conservador da América Latina, então tem que pagar esse preço, não to dizendo que seja correto legalização, mas teria que evoluir na discussão, mas não consigo enxergar um cenário disso ai não! (Delegado da Polícia Civil, homem, 51 anos)

Eu sou contra. Falou que é droga jamais. Essas que são ilícitas que permaneça. Que vão trabalhar pra tentar diminuir ela ao máximo acabar é impossível, mas ao máximo, mas jamais liberar. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Eu, como eu disse né? Que não, eu vejo que não seria o caminho. Que legalizar ia partir pra outros caminhos, sabe? Tá iria atrair, vamos dizer, para o governo recursos, porque ia ter cobrança de impostos, mas em termos de... Hoje nós temos um exemplo, o cigarro que um dos maiores causadores de câncer, é legalizado e ainda assim é comercializado, as pessoas estão utilizando, vendo que estão acabando com sua saúde. Então, se falar na legalização eu não vejo por esse lado até mesmo porque mesmo daí é um passo para cair para outras que não seriam legalizadas e que causam efeitos alucinógenos, ainda, maiores, que a dependência é ainda maior, a deteriorização da pessoa e das famílias, que é o que a gente vê nas drogas mais fortes, né? A gente tem visto a perda total da/do indivíduo... Qual é a palavra correta? Mas enfim. (Policial Militar, homem, 40 anos)

É... A maconha, o usuário defende de corpo e alma, principalmente quem tem parente usuário e quem vive mais, e... É uma coisa dominante engraçada, inclusive as pessoas que quiserem a continuação, muitos dos exilados eram usuários de maconha, entendeu como que é uma coisa engraçada, então, infelizmente temos uma lei, onde os bandidos criaram a lei pra sociedade e esse é o pensamento dominante, infelizmente é isso. Então vamos lá, faz bem? Faz bem? Vamos lá, a maconha ela faz você confundir o sinal verde com vermelho, ela faz com que você não tenha mais reflexo, não consegue pisar no freio, não consegue imaginar nada, você não consegue mais ter noção de distância, por exemplo, eu sei que eu estou a um metro e pouco de você, se eu estivesse usado maconha eu poderia confundir, talvez ia querer triscar em você sendo que você tá longe ou queria pegar nessa parede e ela estaria longe. Eu não ia dar conta de saber qual a distância daquele caminhão pra fazer a ultrapassagem, né. Ela faz com que eu perca a memória recente, faz com que eu perca a mesmo... Eu pense mais devagar, enfim, é um retardamento mental. Isso é bom pra sociedade? É esse o profissional que eu quero? Um usuário de maconha? Ta entendendo? Por exemplo, eu não confio em nenhum médico usuário de drogas, porque o que ele fizer comigo está feito e pronto e acabou não é? Eu não confio em um advogado usuário de drogas, num é? Então fica esse, porém. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Porque aí eu vou te contar... Aí nós tamo enrolado porque o seguinte aí, como policial eu espero já tá igual eu te falei, na reserva, Deus livre de acontecer isso, porque aí vai virar bagunça, porque imagina você sentada na sua casa assistindo Jornal Nacional, o indivíduo lá na porta da sua casa dentro do carro fumando crack, fumando maconha, aí você vai ligar pro policial: "Policial, tem um carro aqui na porta da minha casa, eu to vendo nitidamente que o cidadão tá usando droga!" Sabe a resposta que você vai ter? Infelizmente tá liberado, nós não podemos fazer nada, ele tá depredando seu patrimônio? Não. Ele ameaçou você? Não? Ele tá nu? Não. O que ele tá fazendo? Ele tá sentado com outra pessoa fumando maconha. Que que nós vamos poder fazer, nada? E o pior, nós vamos levar a culpa sabia? Aí tá enrolado, eu não concordo, de forma alguma. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Sou contra até porque, existem drogas que tem um poder de mudança na característica, no comportamento do cidadão, que é um poder muito pequeno, mas existem drogas que tem um poder de mudança muito grande, e que podem fazer com que aquela pessoa se torne uma pessoa que ela não queira ser, e podem fazer também, trazer alguns maus pra saúde daquela pessoa. (Policial Militar, homem, 34 anos)

Bom, eu discordo dessa situação. Até porque, vai resolver o que? Vai só dar mais liberdade do que ele já tem pra estar usando! Porque hoje você vai em todos os lugares está a vontade, você chega na praça e o pessoal usando droga lá em público, então, ninguém faz questão de esconder mais. (Policial Militar, mulher, 43 anos)

Absolutamente. O modelo, também tenho minhas dúvidas. Sobre qual seria ideal, seja do Uruguai, Washigton, também adotou um. Mas eu vejo... Vejo que eu não sei se seria interessante as pessoas venderem, ou estado teria o monopólio. Eu tenho uma visão, sem muito embasamento, de que se o Estado mantivesse o monopólio eu acho que o problema se manteria, porque pessoas tentariam vender isso de maneira mais barata. E eu acredito que, talvez devesse ser liberado com alguma regulamentação, como é uma drogaria. Até por fins de qualidade que é... Porque a partir do momento que você fala que o Estado manteria o monopólio, continua sendo proibido as pessoas comercializarem, eu não acho que se resolveria os problemas. Acho que as pessoas teriam que ser livres, com algumas restrições á comercializar isso. (Defensor público, homem, 26 anos)

Não sei se eu me expliquei ou soube me explicar, eu acho que tem que descriminalizar, eu não sei se tem que legalizar tudo, eu até acho que sim, ou então fazer como...Se bem que na Holanda não é que...Ela está em zona de tolerância, vamos ver assim. Mas como se faz com o fumódromo hoje em dia, de repente. Embora estigmatize, mas é melhor a estigmatização só social do que uma estigmatização criminal né, que a já seria um passo. Eu sou favor não só do uso, inclusive do tráfico, para evitar o dinheiro sujo, essa é a questão, a organização do dinheiro sujo. Eu acho que, a princípio teria que ser do Estado, se pudesse encaminhar assim. Eu não sou privatista, mas assim a princípio, até porque a transição tem que ser vista com cuidado né? Eu acho que talvez o Estado... Nunca pensei sobre isso, não... Não necessariamente vai ser o estado sempre, mas que de início, para a transição e depois a coisa vai se encaminhando. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Ah, eu sou contra! Até por que a gente sabe que é um negócio ruim, que faz mal; como que você legaliza o crack? Se você olha numa crackolândia como aquele, a pessoa parecendo zombie, aquilo não é possível. A maconha não sei, a maconha foi liberada na Holanda, dizem que eles tão tendo que fazer um retrocesso, lá você pode fumar normalmente durante o dia, só que dentro dos estabelecimentos; dentro de bares, chega alí e fuma normalmente tranquilo. Não pode é fumar na rua e em local público! Eu não sei se essa experiência lá na Holanda valeu. A gente tem drogas aqui licitas né? Como é o caso do álcool, como o caso do fumo comum, que prejudica o estado por que nos causa problemas. Por exemplo, o álcool, problemas de trânsito, acidentes, tem muita morte no trânsito por causa do álcool. O cigarro da muito problema de saúde, mas não atinge todo mundo, por que não é todo mundo que fuma. Não sei, acho que se liberar vai ser pior. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Eu acho no Brasil não passa. No meu ponto de vista acho que não passa isso no Brasil. Pelo menos nuns vinte próximos anos, não acho que passa. Isso vai acontecer; ter que tomar conhecimento. Pública a respeito disso ai e eu acho que no lugar dessas pessoas ficar esses esforços, gastando esforços nesse sentido, tinha que gastar esse esforços

em pedir o poder público de ter ações efetivas. Entendeu? Não de ficar pensando em colocar cadeia, mas de ter ações inteligentes pra no mínimo evitar, se você quer usar tudo bem, mas ele não encontrar tão fácil. Hoje é uma tem muito mais fácil, extremamente fácil. Então tem que dificulta. E tudo bem, além de dificultar aquele que quer sair dá a mão pra ele pra tirar ele das drogas. Então eu acho que isso aí que o Estado está ali fazendo uma ação muito positiva. Agora com relação a esse movimento, que legalizar porque muita gente gosta e quer, mas eu acho que isso aí ainda num teria, no Brasil não passaria, eu acho que não passaria. (Promotor do Ministério Público, homem, 53 anos)

3.8. Comunidades terapêuticas e internação compulsória

3.8.1 Comunidades terapêuticas

Para maior parte dos entrevistados a internação de usuários em comunidades terapêuticas deve ser a partir da voluntariedade do mesmo em busca do tratamento, caso contrário questionam a eficácia a sua eficácia de recuperação. Contudo, boa parte dos policiais coloca que, dependendo da situação do usuário, se apresentar grau elevado de dependência, quem deve decidir pela internação é a família ou o Estado, em caso de periculosidade social.

Se por um lado temos a repressão como principal forma de enfrentamento ao tráfico, percebeu-se que entre os operadores do Sistema de Justiça Criminal, em especial policiais, a defesa das comunidades terapêuticas e, também, da utilização de internações compulsórias no tratamento de usuários de substâncias psicoativas. Ressaltam que é necessária a fiscalização sobre esses espaços, para que não se tornem locais de desvio de verbas públicas ou de maltrato aos usuários. Além disso, algumas comunidades terapêuticas são vistas com certo receio quando oriundas de algumas instituições religiosas. Não questionam ser de igrejas em si, mas colocam em questão sobre a necessidade de que as comunidades sejam pensadas para além da cura espiritual.

Assim as que eu já entrei em contato foi tudo tranquilo, mais assim eu já vi também por noticiário outras coisas que... Comunidades que num, levavam ali seu objetivo a finco né, então não adiantaria nada internar um dependente compulsoriamente e interna ele num lugar igual à gente observou naquele filme bicho de sete cabeças, pra ele fica mais louco ainda, não acho que vai valer! Então tem que ser discutido também, tem que ser melhorado. Igual no quesito prevenção que eu falei que tem que ser melhorado, é a questão dessas comunidades e ta, e da política no combate ao uso de drogas no geral, acho que a gente não tem que partir da descriminalização e aceitação disso como normal, a gente tem que começa a trabalha mais essa questão de mostra os maléficos que ela faz, tenta mostra que não é bem esse caminho e tenta mostra que a pessoa que vai entra naquele caminho tenha bastante visão do que vai acontecer com ela, bastante ciência do que vai acontecer com ela. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Eu acho que se for voluntária, a pessoa está se sentindo bem, tá tendo bom resultado, ela tá realmente se livrando de drogas, tá fazendo algo produtivo e melhorando a qualidade de vida, eu acho interessante. Desde que não seja nada fora da lei ou imposto. Mas se tiver uma sociedade, uma comunidade que realmente está ajudando e as pessoas estão saindo das drogas e procurando um emprego e tal, melhorando de vida... Eu acho que é válido. Difícil falar sobre isso né? (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Eu vou te falar eu nunca tive problema com esse tipo de grupo. Nunca tive atuação sobre eles, é até difícil eu falar. Agora nessa aí eu tenho que me abster de falar. Me falta material pra eu dar opinião sobre isso. Num sei como é a atuação deles. Num sei se ficam dependentes, se não ficam. Não sei qual a quantidade que usam. Então fica difícil de eu até tecer um comentário. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Não, eu não sei muito sobre comunidade terapêutica. Talvez eu não conseguiria te explicar sobre isso, mas eu acho que todo tratamento ele pode ser válido desde que ele venha a resgatar a pessoa que é dependente de droga daquela situação de própria marginalização que ele está vivendo, né? Porque acaba que a pessoa fica marginalizada. Não que todo usuário de droga, ele venha cometer outros crimes, outros atos infracionais, mas ele se insere numa situação onde ele está mais suscetível a isso, além de degradação do próprio corpo, né? A degradação do próprio organismo. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Tem muitas ONGs, né? As igrejas têm muito isso, a igreja evangélica tem demais, né? Vários... Eu, assim, sem querer entrar no mérito da religiosidade, da questão, mas eu acho que é importante se as pessoas conseguem se... Acho que... Fugir disso, porque eu acho que isso é fuga, não sei se a igreja também usa medicação, eu acho que é impossível você deixar isso sem medicação, porque eu acho que é químico e você precisa de outra química pra sair de lá, mas se ela consegue estabelecer isso e salva as pessoas tira a pessoa do vício, afasta ela do vício, nossa eu acho extremamente válido. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 32 anos)

Não é que sou contra e nem a favor, eu acho que elas têm um papel muito bom. Eu conheço porque eu fiz parte do conselho estadual de drogas, e conheci boas e ruins. Eu acho que a religiosidade muito grande delas é um defeito. Grande parte delas está no nome de religiões e confunde muita coisa e pouca tecnicidade, tem que haver uma fiscalização muito maior com mais técnica, mas apoio governamental. Só que é fácil criticar, mas eles são os únicos que fazem. É um pastor falando na cabeça dos caras e da família, mas é pra onde você leva. O estado não tem. Eu acho que você tem que ter é controle, avaliação e apoio e ensinar, aproveitar que tem gente que quer fazer e tocar. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Inclusive eu tenho contato com pessoal da igreja universal aí e eles fazem um excelente papel aí nessa área, e eles tem o resultado positivo, ou seja, eles vem tendo um resultado positivo e demonstrado um resultado positivo. Que não vai libertar das drogas 100%, mas resolve um pouco, de um grupo de 100, você livrando 3 efetivamente durante um período de seis meses, quatro meses que eles fazem esses tratamentos lá, eu concordo, eu sou a favor. (Policia! Militar, homem, 40 anos)

Então, como eu não conheço nenhuma assim, não dá pra eu opinar. Eu não vou opinar sobre uma coisa que eu não sei. Eu acho interessante, qualquer coisa que leve o bem para uma pessoa, seja ela desintoxicação, ou alguma coisa nesse sentido que for pra melhora dela, é bom. Agora não dá pra avaliar como eles fazem lá dentro, como eles fazem esse tratamento, mas se for um tratamento pra melhorar a pessoa, reabilitar a

peessoa pro conviveu social, é bom; é uma coisa boa. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Sou a favor daquelas que trabalham de forma séria, voltadas não apenas pra obter lucros e manter resultados. Eu acho que tem que ser visualizada essa questão. O resultado, qual é o resultado? Qual o índice de aproveitamento que estamos tendo em termos de retornar essas pessoas para a sociedade? De forma é, da forma que deve ser da pessoa voltar livre, realmente, das drogas, livre daquele mundo, totalmente liberto daquela situação para que ele possa continuar a vida dele. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Eu sou a favor. Eu acho que deveria ter em todo bairro deveria ter uma, tem muitas igrejas católicas, assembleia de Deus que tem comunidade que fazem reuniões semanal, uma vez na semana né, que chamam essas pessoas, a família né, de doentes, eu concordo, tem que ter mesmo, eu sou a favor. (Policial Militar, homem, 34 anos)

Não, eu conheço ali no rio Formoso , mas nunca tive contato. A gente vê sempre as reportagens, essa semana mesmo a reportagem que passou em Aparecida de Goiânia, parece, que os presos. Presos não ,desculpa, os usuários que estavam nessa clinica estava em uma situação copiosa... Mingau... As coisas tudo mal feito, sem comer, sendo espancado, sendo torturado lá dentro, isso não sara ninguém, pelo ao contrario vai só piorar a situação. (Policial Militar, homem, 39 anos)

Eu sou a favor desde que o dependente vá por vontade própria, mas é uma política muito boa de recuperação, mas precisa da vontade da pessoa. (Policial Militar, mulher, 43 anos)

Eu sou da ideia de que comunidades terapêuticas são de livre adesão. A pessoa vai lá, se ela comparece, busca tratamento, se for voluntário, se ela quiser, e não tiver outra restrição de liberdade, eu acho válido. Porque existem pessoas... Assim, existem pessoas que usam drogas e estão muito bem, e se consideram usuários. Eu sei, em especial, um que a gente visitou que era pra criança e adolescentes, que eu até esqueci o nome agora. Que é um programa excelente, não era encarceramento, era uma fazenda. Era uma fazenda, algo assim. Confesso que lá eu tive muita esperança. Se tudo fosse daquela maneira, com aulas... Assim achei excepcional o programa. Têm vários animais, aulas, respeitando as culturas dos meninos, aula de pintura, de rap, de grafite, e entre várias coisas, de dança. Tudo que você faz errado você tem que escutar música erudita e fazer aula de matemática, nada disso! E você... Dava pra você ver que os meninos gostavam muito daquilo lá. Índice de fuga era baixíssimo. Se eu não estou enganado, eles até tem uma escola lá dentro só pra atender o pessoal. Porque geralmente quando eles tinham que ir pra outra escola, a família acabava tirando a eles de lá. Eu acho que esse tipo de coisa era o que devia ter desde que as pessoas queiram tratamento né. E o caso das crianças e adolescentes pode ter alguma discussão, que o âmbito de autodeterminação deles é um pouco menor, apesar de não ser tão menor. Mas caso uma criança, assim, de 11 anos que use drogas é... Mas eu acho que de maneira geral eu sou contra o encarceramento de pessoas que usam drogas. (Defensor público, homem, 26 anos)

Se a pessoa... Eu não tenho ciência pra poder falar de dentro delas né? Eu acho que, assim, qualquer ato que se faça que é pra ajudar a pessoa, de alguma forma, e se a pessoa quer ser ajudada e acha que precisa ser ajudada, eu acho positivo assim, nesse aspecto, desde que a pessoa queira, e ache que precise de ajuda e ache que tem problema. Não os outros, o julgamento externo falando: “Ah que você tem um problema.” (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Não, eu não sou contra, eu sou favor, desde que seja fiscalizado. Saiu num jornalzinho aí, aquele jornalzinho que O Popular tem, uma clínica dessa dizendo assim: "Lá dentro comete tortura". Que dizer, na denúncia de que tão torturando as pessoas que tão lá dentro. Ou seja, estão aplicando para eles um tipo de rigor, método, que seja até torturante que seja até sofrível. Então tem que ser fiscalizado, mas as clínicas ajudam muito; essas clínicas religiosas, espíritas, católicas, evangélicas tem ajudado bastante. Tivemos muitos casos, muitos casos de que eles vão se recuperam e saem e continuam o trabalho, e vivendo uma vida normal e saem dando palestras pra pessoas, pra escolas; explicando o que eu fui, como que eu era, como eu mudei; as clínicas ajudam bastante. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Tá o conhecimento superficial que eu tenho é... São comunidades onde a pessoa vai por vontade própria, entendeu? Porque ela quer... Ela quer se libertar, entendeu? Ela quer, quer ficar livre das drogas ela vai, principalmente, a maior parte que eu vejo um número maior que eu vejo são de entidades de cunho religioso tá? Sem ser de cunho religioso, eu tenho conhecimento de poucas tá? Poucas e caras. É caro também tá? Então precisaria de uma abrangência maior. Eu acho que precisaria do Estado ele se preocupar mais, ele olhar mais... Que essa situação está destruindo o país, tá? Está caminhando pra um rumo muito ruim. Corre-se o risco de aqui virar a antiga Colômbia do jeito que era, entendeu? Hoje em dia a Colômbia já conseguiu corrigir muito. A Colômbia avançou mais que a gente. Eles investiram pesado lá e deram conta, deram conta de corrigir a...As FARC começou com uma situação política e depois acabou virando um braço do narcotráfico e hoje em dia parece que tá corrigindo isso, entendeu? Então o Brasil precisava investir nisso aí, tentar corrigir efetivamente, de verdade essa questão de tráfico e adotar posturas pra combater criminalidade. Eu falo assim, pegar experiências de lugares que deram certo e aplicar aqui essa ideia de que não se admitir crime de uma espécie, se a pessoa ser punida quando cometido o crime é uma ideia muito boa. Mas infelizmente não é colocado em prática. Vou dar um exemplo pra você de coisa que funcionou lá fora e aqui ninguém...Hoje em dia quase todo roubo que tem é com moto. Roubo é... Tráfico é muito utilizado por moto. Na, na própria Colômbia eles corrigiram isso aí de uma forma tão fácil e aqui no Brasil eles não adotam, querem obrigar que todo motoqueiro usasse um colete e um capacete com o número da placa da moto. Pronto eles resolveram o problema! (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Com esse populismo manicomial tem-se aberto mais claramente o caminho da internação como resposta a quem usa drogas, como se a internação fosse um recurso terapêutico necessário sempre e na maioria dos casos, o que não é verdade. A internação é um dispositivo de saúde importante e pode ser utilizado em diversas doenças, mas no campo da saúde mental ela tem-se mostrado um problema, na verdade e que o movimento da luta antimanicomial vem denunciando há muito tempo, o que fez, inclusive, com que aquela população que era tradicionalmente recolhida em manicômios, hoje já não seja tanto assim. Com esse movimento, as psicoses passaram a ter outras abordagens terapêuticas e o manicômio então tem perdido a sua importância como recurso nesse caso. Mas ao mesmo tempo, no que diz respeito às drogas, temos visto aí o caminho inverso sendo percorrido e isso tá muito demonstrado no Brasil com a proliferação das comunidades terapêuticas, que de terapêuticas tem muito pouco, salvo raríssimas exceções, são entidades de caráter, de cunho religioso, que propõe a cura do drogadito a partir da religião, a partir da oração, de práticas religiosas, o que não tem cunho científico algum, mas que tem conseguido aí, principalmente no meio político, na população em geral, e inclusive tem obtido até canais de financiamento público para o seu funcionamento. A par dessa lógica manicomial para o atendimento da pessoa que faz uso de substâncias, tem um outro aspecto também, que é a incidência muito grande da prisão de pessoas que têm relação com, que fazem uso de substâncias psicoativas. No Brasil, cerca de 70%, em torno de 70% dos presidiários, é um número muito grande, é um número que eu obtive

recentemente, até na palestra que, por ocasião da palestra que eu assisti num curso que eu fiz na USP sobre o método em Marx, conversando com o professor Maurício Ditter, ele trouxe essa informação que eu achei, eu reputei muito importante. Em torno de 70% da população carcerária está presa justamente por conta de alguma relação com as drogas ilícitas, seja na prática do próprio tráfico, seja na relação do consumo da substância com crimes patrimoniais, com crimes contra a vida, enfim, com diversos tipos penais que acabam sendo aí, estando presentes quando essa população que faz uso de drogas se envolve em atos de violência. Então essa lógica da exclusão, né, que resume bem o populismo manicomial e o encarceramento em massa, essa lógica da exclusão é o que vem sendo, é a marca principal da política de drogas no Brasil. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

3.8.2 Internação compulsória

Ao tratar sobre a internação compulsória, percebeu-se que a maior parte dos entrevistados policiais, militar e civil, eram a favor da internação compulsória, justificado pela incapacidade do usuário em tomar uma decisão sobre si, sendo, portanto, a família habilitada para intervir e decidir por sua internação. Entretanto, por outro lado, temos a maior parte dos entrevistados da promotoria, defensoria pública e juízes que não apenas discordam da internação compulsória como diz ser uma medida que vai contra os direitos humanos e que não há comprovação de sua eficácia.

Por que a pessoa que eventualmente ela já cega num ponto onde ela é dependente e... E... E que rotineiramente incide nas mesmas práticas, que geralmente são práticas criminosas e que geralmente são acarretadas por esse uso das drogas compulsivas; vamos dizer a pessoa quando ela chega nesse ponto ela não tem o discernimento de internar, é ora de: “Eu preciso fazer um tratamento, por que se eu continuar assim eu vou morrer!” E tal. Então às vezes a pessoa não tem a condição necessária, mental, pra saber o que é melhor pra ela. Então a internação compulsória, lê pra casos específicos; eu acho necessária. (Policia! Militar, homem, 40 anos)

Eu sou a favor, porque uma parte que é aquele ponto que eu já toquei, que a diferença do usuário usual e dependente muitas vezes é só a consciência dele pra saber que ele já ta dependente da droga, então muitas das vezes ele nem sabe dessa dependência dele, e ai eu acho que a internação compulsória é bom por esse ponto e por outro ponto é porque muitos não vão querer sair daquilo ali, eles estão naquela fase de entrega de que assim eu já não to nem ai pra minha vida e alguém tem que pega parar e fala assim pera ai vamos resolve esse assunto , vamos te deixa um tempo ali, vê se você tira isso da sua cabeça tal, e limpa seu organismo da droga , faz uma limpeza, então eu acho que é bom sim. (Policia! Militar, homem, 37 anos)

Veja bem, tratamento compulsório, muitas vezes, não é destinado a alocar, locais totalmente apropriados. São muitas vezes esse tratamento compulsório ele é se dado a locais alternativos e muitos locais, locais alternativos eles têm uma ideologia, uma ideologia às vezes muitas vezes religiosa e etc que às vezes distancia daquele sentido, daquela vontade também, novamente, daquela pessoa. Então ele fica vivendo aquilo, alimentando aquilo dá a entender, o ser humano tem essa capacidade, ele mesmo se auto engana, engana até mesmo o profissional , naturalmente, isso funciona

naturalmente. É as vezes quando a pessoa recebe ali ele é entendido que tá na conclusão que foi o conclusoo seu tratamento, ela retorna a estaca zero novamente. Muitas críticas se faz justamente a aplicação em alguns locais de internação compulsória onde se aplica essa, essa ideologia de, de religiosidade extrema. Isso não funciona muito bem. Funciona para aqueles que aceitam, aqueles que não têm a prática, que não o convívio com esse tipo de ideologia pra ele não vai ter muito sentido. Tem o sentido temporário, mas depois no final desse tratamento ele vai cair na estaca zero novamente. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Eu sou contra a internação compulsória porque na prática percebemos que a internação compulsória ela resolve na maioria das vezes um problema não do dependente, ela resolve mais o problema familiar do dependente, um problema do, do local de trabalho do dependente, então, eu acho que toda internação ela tem que ter um mínimo de vontade daquela pessoa em solucionar aquele problema da dependência, uma vontade pessoal do usuário, do usuário da droga, do dependente da droga, porque quem está adoecido ali é ele. Suponhamos que a dependência é uma doença. Se eu estou cometido de alguma doença, se eu não quero tratar dessa doença é impossível eu alcançar a solução dessa, da cura dessa doença. Impossível. Então o tratamento compulsório pode funcionar até um determinado momento, então sempre vai ter, ele vai voltar, vai voltar a estaca zero se ele for totalmente compulsória. Tem que ter um mínimo de vontade do usuário dependente pra que ele possa ter um efeito satisfatório dessa pessoa. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Pois é, eu acho que o Estado entra muito na família... Já internei bastante assim... Eu acho que tem que ser a internação do dependente apenas... Acho que tinha que ficar a carga da família. Se ele não tivesse família, a não ser que ele esteja sendo um perigo para a sociedade... Se por exemplo, ele estiver agredindo outra pessoa... Aí no caso seria caso de polícia mesmo, desde que com ordem judicial. Agora o problema do usuário em si, do dependente eu acho que seria da família né? Internação compulsória... Pois é... É tão complicado falar isso né. Eu acho que deveria passar pelo crivo do judiciário para analisar caso a caso; ver o tipo de dependência, o tipo de vida dessa pessoa... Não em qualquer caso. (Delegada da Polícia Civil, mulher 32 anos)

Depois de certo tempo o dependente não tem controle sobre o seus atos, então ele começa a bater em pai, matar a mãe, a gente tem casos aqui de mães que foram mortas pelo usuário, por usuários de drogas em crise de abstinência, precisa de uma pessoa que responda por ele nesses casos e determine a internação. Já que a gente não tem uma legislação própria pra isso, isso normalmente é suprido por mandatos de segurança é extremamente, é o mínimo que a justiça pode fazer, já que a justiça não assume seu papel de manter o cara preso então vamos fazer pelo menos o direito, dá o direito da pessoa tentar engordar um pouquinho mesmo que quando ela saia de lá volte a usar drogas. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

Então se você partir da premissa que a internação compulsória ela é necessária pro restabelecimento, restabelecimento não porque ninguém volta a ser uma pessoa normal depois de se tornar dependente de droga. Eles vão ser sempre ex dependente, se você acreditar que aquilo é necessário pra preservação da integridade física, da saúde, da própria família eu acho que é uma medida viável. Entretanto eu quero que você note lá no paralelo que eu fiz no começo da entrevista. Quem paga essa conta? O Estado. Então não me venha com política liberalista fundada em pensamento de John Locke: o corpo é meu. Porque quem paga a internação é o Estado. Então se todas as repercussões forem custeadas pelo próprio indivíduo que opta por se drogas ou não ai seria uma questão meramente dele, mas você vê as repercussões em relação ao Estado, em relação a saúde de outras pessoas, em relação a vida da família da pessoa,

são repercussões que depois nos socialmente pagamos. Por isso droga não é uma questão individualista não. Droga é uma questão coletiva. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Eu acredito que sim porque muitos pais procuram aqui a delegacia e muitas vezes eu explico né?! Que na verdade o procedimento criminal, ele não tem o objetivo de tratar o uso de droga, então, eles confundem muito isso, eles vêm á delegacia e falam: “Eu preciso que o meu filho trate!” Eu falo: “Uai, mas a delegacia é pra investigação e formalização procedimento criminal!” Talvez, essa normalização de procedimento venha fazer com que seu filho tenha um pouco mais de consciência com tal uso. Pode ser, mas pode ser que não tenha esse resultado! Então, por isso eu sempre oriento que se a pessoa está numa situação de dependência ao ponto de ela não ter juízo próprio pra saber que aquilo esta sendo um processo de destruição, eu acho que talvez a internação compulsória possa ser interessante. Claro que no inicio você tem aquela questão de ser compulsória, de ser contra a vontade, mas é como se a pessoa não tivesse o livre arbítrio naquela situação porque ela esta num tal grau de dependência que ela não tem condição de responder pelos atos, ou seja, ela não tem condição de falar assim: “Não eu realmente quero isso pra mim.” Porque ela não sabe o que ela quer pra ela, né? E, é um processo de destruição não só da pessoa como da própria família. Então, eu acho que isso é muito complicado. Eu acho que em algumas situações, eu acho que não tem que ser utilizado de maneira aleatória, eu acho que tem que ser utilizado de maneira necessária. Então, quando você tem uma realidade que seja necessário essa intermediação do Poder Judiciário, eu acho que é interessante. (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Excelente. Acho que a gente faz pouco. Acho que a gente tinha que fazer verdadeiras, assim, fazendas de segurança máxima... Lá dentro lindo, sabe? Cachoeira, né? Playground, montanha-russa, sabe? Sabe aquele filme Nosso Lar? Fazer um muro bem alto, tipo, 50 metros de altura para eles não terem condição de sair de lá e usar droga, com excelentes profissionais, médicos super tops, psiquiatra, com todo tipo de medicamento acessível pra eles pra ajudar, porque eu acho que essa pessoa não tem a menor condição de entender que ela precisa de ajuda, tem gente que não sabe que precisa de ajuda, então eu acho que a internação compulsória é necessária, ela tinha que acontecer mais vezes de forma mais simples. Eu recebo mãe aqui, velhinha de 70 anos, que caiu no cacete que o filho bateu porque tava drogado. Esse menino tem condição de tomar alguma providência? Não tem, não tem. Ele precisa de ajuda, ela precisa de ajuda e a gente ajudou porque eu prendi ele, mas e aí? Ele foi solto na audiência de custódia. Então eu preciso da internação compulsória, eu acho que ela é muito burocrática. Eu acho que ela tinha que acontecer mais. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Eu vou falar pelo lado das famílias pois acho necessário, as famílias sofrem demais por conta disso. Em alguns momentos, o usuário não tem condições de se organizar e eu acho mais importante e é um instrumento mais útil que a criminalização. Se o cara chega nisso, agora tem que ser sobre critérios né! porque a gente tem muito preconceito. Eu conheço pai que é colega meu que o filho começou a usar maconha e ele queria internar, na primeira. Eu não sei se acontecer isso com meu filho, eu conversaria muito sobre isso e tal. Ele como é fechado e não gosta, pra mim seria fácil, não sei... Se minha filha usasse maconha eu a colocaria num hospício. Então tem que ser sobre critérios bem definidinhos pra não ser... Não sei se você viram o “Bicho de sete cabeças”, fumou maconha, vai internar... Mas tem oportunidades que você tem que internar compulsoriamente. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Eu... Vejo os dois lados. Eu já fui em locais aonde estão presos compulsórios. É uma... Pessoas inescrupulosas cria esses lugares, eu não vejo diferença deles dos traficantes, eles só acharam outra forma de ganhar dinheiro também com o usuário de drogas,

entende. Eles pegam, coloca as pessoa lá, numa, numa cadeia, alguns deles já cometeram vários crimes, mas tem deles que ainda não cometeu ainda, ele numta usando drogas porque a família ta pagando né. Aí cê imagina, eu vejo lá as pessoas sendo espancadas...elas tão sofrendo o que os presos não sofrem. Por exemplo, os presos, penais, né... No complexo penal, os direitos humanos tá lá o tempo inteiro cuidando deles, alisando, e cuidando adivinhando o pensamento dando três exemplos, já os internados compulsório não, eles estão é como situações de prisioneiro de guerra, entendeu? Então, quer dizer, se fosse pra ser bem...Tratado é...Não é pra ir embora, mas que não tivesse passando fome, principalmente fome, num é? Eu acho que deveria internar sim. É a forma, é. E não deixasse ele ir embora, mas também fizesse o tratamento psicológico, motivacional. Eu não acredito muito na força do homem de esquecer aqueles 900% de prazer, cê entende? (Policial Militar, homem, 37 anos)

Isso aí, a internação compulsória, eu acho que ela é necessária porque não tem como ninguém vai... É muito difícil uma pessoa, ela aceitar que ela é viciada, que ela tá com problema, ela jamais, assim, muito pouco, acontece muito poucos da pessoa pedir ajuda e quando ela pede talvez tem alguma coisa por trás o problema é que elas querem se livrar da cadeia e querem se internar, eu acho que a internação compulsória seria desse trabalho que eu falei que tá precisando pra cuidar dessas pessoas que já usam é umas das políticas que eu acho que tinha que ser... Tinha que dedicar nela, eu acho que a internação compulsória é sim necessária porque não tem como você esperar, se você for esperar a pessoa pedir ajuda, se ela pedir, ela já tá lá no quarto estágio e é viciada. (Policial Militar, homem, 46 anos)

Disso que eu estava falando, eu sou a favor de que fosse dessa forma até mesmo porque muitas famílias já se vêem sufocadas disso e não tem essa possibilidade porque, muitas das vezes, tem que ser uma vontade da pessoa. Mas a gente precisava rever a questão dos projetos, das instituições que estão fazendo esse trabalho, que estão participando desse trabalho de retornar essas pessoas, de devolver uma vida social a essas pessoas pra que a gente possa realmente trazer um resultado positivo não ser apenas um local onde o cara vai ficar ali trancado, ne? (Policial Militar, homem, 51 anos)

Eu sou a favor. Eu sou a favor porque muitos casos o dependente químico ele deixa de raciocinar o certo e o errado né, a família sabe o que é o bom pra ele, o que é certo. Então a compulsória, muitos casos a gente entende que ela tem que ser, é a forma correta de tratar a pessoa. Ela é dolorida, é. Infelizmente a vítima, o doente que vai passar por internação compulsória, ele vai sofrer eu diria nos dois primeiros meses, ele vai sofrer, mas é pro bem dele, infelizmente né, é melhor ele chorar um pouquinho agora do que a família dele chorar muito no futuro, entendeu? (Policial Militar, mulher, 39 anos)

Bom, a internação, eu falo isso que eu conheço pessoas que são usuários de droga, são parentes muito próximos de amigos meus, e a gente vê que a internação na maioria das vezes, ela não surte efeito, em algumas vezes sim, mas eu acho que é uma minoria, a internação compulsória acho que é uma tentativa, né porque igual eu te falei conheço pessoas que usam, já estão no fundo do poço, vamos falar mais especificamente do crack, né, pessoa que é trabalhador, que é uma pessoa de bem, que chega no final do mês ele pega seu salário e em dois dias ele já não tem mais nada, e se a família fala pra ele se internar ele não quer, então a única forma é a internação compulsória, mas a probabilidade de, nessa internação, essa pessoa conseguir se livrar desse mal, eu não sei por qual motivo mas ela é muito pequena, infelizmente é o que a gente vê, eu não tenho pesquisa, não tenho informação, sei lá, acho que a cada dez que se internam, se três conseguem sair já é muito, igual eu te falei, pela média que a gente vê aí, mas é uma tentativa né, pra quem já está perdido, igual nesse caso específico que eu citei,

acho que toda tentativa é válida, e a gente não sabe também o porquê de não ter esse sucesso na internação, se é devido a forma, a seriedade com que esses internos são tratados nas clínicas, porque essas clínicas hoje, qualquer "doutor" se vê no direito de abrir uma clínica dessa, não existe um órgão sério e específico pra fiscalizar, e o que a gente ouve é que lá ocorrem barbaridades com esses internos, e que se a gente for olhar, não vão adiantar de nada, inclusive falam que os próprios funcionários vendem droga pra eles lá dentro, então é complicado se você não tem um local sério pra tratar essa pessoa com certeza ela não vai obter o resultado pretendido. (Policia! Militar, homem, 50 anos)

Eu tendo a ser contra internação compulsória. Eu acho que existem sim, pessoas que fazem o uso problemático de drogas, e que já tinham outros problemas, e que pode ser potencializado por problemas de ordem psicológica, que pode se potencializar pelo uso de drogas. Mas eu acho que contra vontade da pessoa é algo realmente algo difícil de se defender. Na hipótese de que a pessoa cometa crime, digo não crime de uso de drogas, como um crime de que a pessoa tem problema psicológico e comete algum crime. Eu acho que talvez ela tivesse que ser tratada por algum profissional. Agora, no caso de uma pessoa julgar que o outro é dependente e encarcerar-lo para tratamento, eu acho isso absolutamente impensável. (Defensor público, homem, 26 anos)

Quando eu falo em internação compulsória, eu tava me referindo a essas instituições. Pois instituições manicomiais que eu acho que não faz sentido com esse público. Eu acho o seguinte, as internações compulsórias, primeiro que é... Se qualquer tratamento envolvendo as drogas, que não seja voluntário, não dá certo porque o cara sai e vai voltar se ele quiser. Então, trabalhar compulsoriamente é problemático. Agora, o que eu tenho defendido é o seguinte, nos casos de prisão preventiva à substituição por internação compulsória daquele que são efetivamente usuários de drogas. Daí a gente vai estar trabalhando com medidas que produzem algum efeito. Porque: "Tá preso para garantir a ordem pública!". Enquanto estiver preso não vai cometer, pelo menos diretamente, crimes patrimoniais fora. (Defensor público, homem, 37 anos)

Do ponto de vista fático, resolve o problema da família porque tira ele momentaneamente do seio familiar onde ele está praticando furtos, violência domésticas. Do ponto de vista terapêutico, a minha mãe ela tem especialização nessa área e trabalha com isso e não resolve, porque a internação o tratamento tem que ser voluntário, isso aí resolve só temporariamente essa internação, tira ele do seio familiar, tira ele da sociedade. Mas se ele não tem vontade de se tratar ele sai e vai fazer tudo de novo. (Defensora pública, mulher, 32 anos)

Eu acho é a liberdade de cada um. Eu acho que se a pessoa quiser internar bacana. Sou contra á princípio, mas assim a principio eu sou contra, eu acho que se ela quiser se livrar do problema, é que ela acha que é um problema, ela tem que ter vontade, e vontade na força não se faz. Agora a gente ver casos excepcionais de que realmente à pessoa, ela realmente está... Ela já perdeu todo e qualquer sentido. E assim o que tem acontecido algumas vezes, a gente tem percebido, a família, ela entra com pedido de interdição da pessoa na vara cível, e depois interna. Mas a internação compulsória por lei, aquela coisa do estado, eu sou contra. Agora a atuação familiar, conforme o caso e se comprovado que...Igu! como a pessoa naquele instante ela se tornou, eu vou usar uma palavra forte, estigmatizante, se tornou um doente naquele momento, naqueles casos extremos, como as vezes a pessoa é interdita por outros motivos. Antigamente no Código Civil no pródigo, a pessoa que gastava demais a família interditava, no caso ridículo hoje né? Isso, a família envolvida, e houver uma comprovação de que a pessoa está... E ela que ela tem direito inegável de ir pro fundo do poço, mas se essa pessoa ir pro fundo do poço sozinha é uma coisa, mas ela está, por exemplo, agredindo a família, aquela coisa toda, aí eu já não sei. Eu sou muito por caso concreto. A

princípio, não, mas eu entendo quando acontece, o drama que é. (Juiz Criminal, homem 44 anos)

É... Eu acho que foge completamente o sentido da reabilitação, do tratamento, eu acho que é complicado isso, não pode ser feito. E aliás é uma das políticas da justiça terapêutica justamente grave. Eu até me chamou atenção porque tem muitos na concessão de liberdade, alguns réus condiciona ele a frequentar a justiça terapêutica. Eu posso gerir, mas condicionar não, não posso obrigar o indivíduo, é a mesma coisa que eu disse pra ele que eu já tive uma situação dessa, que um promotor que trabalhava comigo, e ele era um evangélico daqueles radicais e ele queria obrigar o indivíduo a ir a igreja, falei: "Não nós podemos aconselhar ele ir a igreja!" Mas, obrigar isso, não pode ser condição em uma decisão judicial, de jeito nenhum". (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

Eu sou a favor em alguns casos assim. A pessoa está num estado físico e psicológico de tal fato que não tem como ele decidir. Tipo, aqui em Goiânia tem umas cracolândia ali pelo centro. São Paulo tem um lugar lá que eu vi a Cracolândia que eu fiquei horrorizada, o cidadão ali não tem como decidir por si. "Ah eu não quero, eu quero". Tem alguns que até falam: "Eu quero ser internado". E chega lá, foge! Por que não consegue ficar. A família ela tem que ta junto, ela tem que ser... A família que tem que chegar junto: "Doutor, juiz, meu filho..." Por que geralmente a internação pra tratamento ela é voluntária; toda internação pra tratamento ela é voluntária. A pessoa tem que aderir ao programa, ela não pode ser presa lá dentro. Quando se junta a fala do juiz que agora eu posso judicialmente determinar a internação; bom agora tem que ter um local onde ele realmente possa cumprir a obrigação de ficar. Ou seja ele tem que ta em um lugar onde ele não possa fugir, aqui em Goiânia por exemplo, até agora nós não temos nenhuma clínica que faça isso. Todas ela você tem que ficar... Se você não quiser você foge, lá não é presídio, às vezes é muro baixinho, é cerca viva. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

A compulsória a gente precisa fazer uma diferenciação. A internação involuntária é aquela que a família vai ali, aproveita um surto; vamos dizer assim. Chama uma clínica e leva pessoa a força. Você ta mexendo ali, você ta mexendo com a autonomia da pessoa que ta lá bem garantidinha na lei, não é? Seus direitos... Pra isso, depois você tem que procurar um juiz e dizer: "Ou eu internei, eu queria que o senhor desse aí um aval." Por que ninguém, ninguém na lei pode ser impedido de fazer alguma coisa. A não ser que ele esteja declarado imputável. Então a compulsória é diferente da involuntária! A involuntária é aquela que a família faz e acontece toda hora, nesse momento ta acontecendo. A cada segundo, a cada hora, tem alguém numa clínica. Eu não vou chamar ela de comunidade terapêutica; que a comunidade terapêutica hoje pela resolução 01 de agosto de 2015, ela ta expressamente proibida de fazer isso que ela fazia de pegar um involuntário. Mas as clinicas não, se ela tiver médicos que atestem, a família pega esse laudo e leva lá pro juiz. Então a internação involuntária eu sou completamente contra! Agora a internação compulsória eu posso ser contra, mas ela só foi dado por juiz. Um juiz que entende que a pessoa naquele momento não está respondendo por ela, ela está inimputável por que inimputabilidade dela está prejudicada por algum motivo, aí o juiz dá uma autorização que tem que ter um tempo por que isso invade as liberdade individuais da pessoa que está presente lá no 227. Então eu penso que no artigo 5º da constituição, tô ligado no 227 por causa do ECA. Então eu penso que assim, que a compulsória se você considerar tudo o que tem hoje, de estudado a compulsória também não funciona. Mas em que contexto ela ta acontecendo a gente tem que refletir. Por que se a pessoa ta aqui, a pessoa ta tentando se matar eu devo deixar? Eu nem entro nessa ceara, por que se fosse filho meu eu não deixaria ele se matar, por que eu amo demais. Então a compulsória você tem que pensar o contexto que ela ta acontecendo. Agora involuntária totalmente contra. Involuntária é aquela que a família vai lá, e dois vai atrás do juiz. Agora o juiz pra dar uma compulsória, pra decidir; eu tô falando uns termos que não são técnicos, mas pra

ele dar essa decisão pra uma família ele tem que ta cercado de elementos. O ministério público já pacificou essa discussão viu. O ministério já pacificou, ele é contra essa internação. O de Goiânia! Eu já discuti isso com a Karine, eu tô falando uma discussão que eu tive com a doutora Karine do ABRUSCO, da infância; e ela diz que isso está pacificado lá. A não ser que eles tenham mudado de uma hora pra outra, está pacificado lá, internação compulsória eles são contra. Então o processo de adolescente passa pelo MP como os criminais passam, não sei o que que os criminais pensam mas parece que vai pacificar dentro do MP. (Guarda Metropolitana Municipal, mulher, 55 anos)

3.9. Redução de danos

Os programas de Redução de Danos têm a finalidade promover a diminuição da vulnerabilidade pela reinserção social, busca-se minimizar as consequências adversas do consumo de drogas, “privilegiando o direito a saúde de todos e o respeito a liberdade individual daquele que não deseja ou não consegue interromper o uso da droga” (MACHADO, 2013). O diferencial dessa política é não considerar o usuário de drogas como um doente, mas como indivíduo que fez uma escolha de comportamento social, que não deve ser estigmatizado, mas acolhido.

Quando levada a discussão sobre a redução de danos no campo das drogas, percebeu-se, em um primeiro momento, o desconhecimento pela maior parte dos entrevistados sobre essa política, sendo muitas vezes necessárias explicar e exemplificar. Depois dessa situação, constatou-se que existem duas opiniões sobre o desenvolvimento deste tipo de política. De um lado, entrevistados se posicionaram à favor, sobretudo, por ser uma medida que colocam a questão do uso de drogas dentro do campo da saúde, sem o estigma e a criminalização da segurança pública. Do outro lado, temos diversos policiais, principalmente militares, que argumentam que esse tipo de política é uma forma de facilitar o uso e a disseminação das drogas. Os argumentos das duas formas de pensamento são:

Não, assim posso conhecer por outros nomes. Tem como? (Policial Militar, homem, 44 anos)

Não conheço. De redução de danos? (Agente da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

Não sei, explique pra mim o que é redução de danos. (Delegado da Polícia Civil, home, 45 anos)

Não conheço a política de redução de danos, perdoe-me a ignorância. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Já ouvi falar disso na esfera da infância e juventude, na esfera das drogas não. (Juiz Criminal, homem, 48 anos)

Sim, a política de redução de danos, eu que sou um pouco legalista eu poderia dizer né? Que eu não seria partidário, mais, eu sou partidário dela num campo do tratamento, no campo do tratamento, não política de redução de danos aplicada e distante de qualquer orientação. Eu hoje tenho muito convívio com profissionais da área psicologia e convivo com profissionais da saúde e política de redução de danos, em todos os campos, ela sempre trouxe grandes efeitos positivos. Então eu avalio como uma política positiva, interessante. Então, veja bem. Até mesmo na psiquiatria, no campo do tratamento psiquiátrico pro dependente de drogas se utiliza um medicamento elaborado, um medicamento pra pessoa conseguir deixar o consumo, a dependência de uma outra substância que não medicamentos. Muitas vezes de um medicamento pra suprir a vontade de um consumo de outro medicamento, tudo bem. Mas muitas vezes utiliza um medicamento, que é uma droga, pra suprir o consumo de uma droga, às vezes, ilícita. É assim que funciona mais ou menos no campo da psiquiatria, do tratamento psiquiátrico independente. Então é nessa mesma linha. Às vezes têm drogas onde a pessoa têm um conceito, tem um domínio maior sobre aquele efeito e que ela poderia suprir o efeito mais devastador que não se adequa, de forma nenhuma. Por exemplo, igual eu falei pra você, muitas vezes a pessoa faz um círculo de experimento de droga até encaixar em uma. Então a redução de danos seria basicamente esse retorno inverso, então pessoa sai daqui onde ela encaixou, ela começa experimentar algumas outras drogas e depois até ela alcançar o uso de medicamentos e deixar o uso de qualquer tipo de drogas, até mesmo medicamentos. Então a redução de danos, traduzindo, é isso. É o uso de uma droga em substituição a outra. Muitas vezes quando se fala na, na origem dá, dá palavra redução de danos a gente entende que é o uso de uma droga ilícita em substituição a outra droga ilícita. Essa que é o sentido maior, quando a gente fala a gente entende. Então mesmo assim ainda acredito, eu acredito, como eu falei pra você, têm drogas que são elaboradas, criadas com aquele sentido de tornar a pessoa dependente e têm drogas que são plantadas, igual, o curioso que na minha experiência de, minha experiência de, de trabalho com prevenção uma certa vez eu estava, então nessa experiência, nesse, com as palestras uma vez uma religiosa, ela buscando informação no balcão de informações da gente também que é uma parte de nosso trabalho, ela fez um comentário que, que, quando ela era criança ela já era uma pessoa que tinha aparência de uns 60, 65 anos e ela comentou que quando era criança lá no Estado do Maranhão onde ela morava, perto de uma região, a região que ela morava tinha bastantes rios e etc, e o pessoal tinha o hábito de jogar algumas folhas dentro do rio pra que os peixes pudessem ficar mais fáceis de serem capturados, então aquela folha que tinha, o pessoal tinha essa prática se traduzia ela disse que era bem semelhante ao mostruário que a gente tinha ali no balcão de informações, um mostruário de drogas que a gente leva, de drogas reais bem semelhante a folha que ela se recordava dessa prática. Então, essa, a maconha também, ela traz, ela traz esse efeito. Você vê que ela traz esse efeito de, de também, de mudar as ações tanto animais quanto humanas, então, nesse ponto também é bem prejudicial. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Olha você ta incentivando, não! Ele vai usar! Ele vai usar a droga! Se você distribuir as vezes ele não vai ser contaminado, e esse rapaz de 20 mil pedras no meio do caminho ele diz que realmente eles pegavam a seringa e no início do uso cada um tinha a sua e na hora que estava todo mundo doido ai.. Acabou... Ele falou olha eu não sou Aidético, não tenho sífilis é porque Deus não quis, porque eu fui exposto a tudo. Ele diz que escapou disso, essa doença foi porque Deus num quis mesmo! (Delegado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

Óh, essa das seringas eu acho legal. Porque assim, é aquilo que eu... Acho que a gente volta à mesma tecla, né? O viciado, ele é doente, né? Dificilmente ele vai deixar de ser viciado se não tiver ajuda. Se ele vai usar a droga e eu posso limitar os efeitos

disso, transmissão de doenças, né? Eu acho que é muito comum, né? É... Tá. Eu acho que faz parte, né? Infelizmente a gente tá enxugando gelo, mas, né? Eu concordo. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 34 anos)

Eu acho que é só mais um processo pra legalização, só mais um... Um sei lá um subsídio pra legalização uma vez que você está aceitando... “Ah nós temos o usuário então agora nós temos que cuidar do usuário ao invés de combater a droga.” Você tá, você tá... Cuidando do usuário você está aceitando a condição que a droga né? Mais assim, de forma geral eu não sou nem contra, nem a favor, muito pelo contrário (risada). (PoliciaI Militar, homem, 35 anos)

Olha, interessante essa pergunta sua. Eu acho que é um pouco, assim dizendo, é uma faca de dois corte, porque principalmente distribuição de materiais que levam a pessoa a usar droga, com relação ao preservativo, tudo bem, você tá preservando a integridade da pessoa, que ela contraia doença mas eu não concordo com essa metodologia de ser fornecer ao usuário apetrecho pra ele usar droga, você tá incentivando ele a não sair da droga, você tem que pegar essa pessoa e tratar ela né e ensinar pra ela o que é errado. Eu não concordo. (PoliciaI Militar, homem, 40 anos)

Assim dos males é o menor né? Eu só favor, é melhor você ter só um usuário que possivelmente, futuramente ele possa sair desse mundo das drogas, do que ter um usuário de droga de que estejam com um doença e que não tem como controlar. (PoliciaI Militar, homem, 39 anos)

Concordo totalmente. Tive em São Paulo atualmente e é muito mais útil do que o esforço criminal. O prefeito Haddad chegou a alugar vaga em hotel, distribuir seringa e aí todo mundo revoltado. “Poxa! Eu aqui trabalhando, pagando imposto e pra um vagabundo, usuário de crack recebendo uma seringa e uma diária de hotel”. É revoltante? É muito revoltante. Eu pago imposto e a gente não deve fazer isso por amor, eu não tenho amor nenhum. A gente não faz essas coisas por amor, a gente tem que ser convencido por eficácia, não tem... Ninguém é bonzinho o suficiente pra dar o bolsa família pra alguém. Mas o bolsa família melhora o mercado interno, o bolsa família tira gente da pobreza. Então eu acho que por amor, a gente não consegue convencer ninguém disso. A gente tem que convencer por eficiência. Então você gasta menos com a saúde pública. Então com a política de reduçã ode uso, você tem que investir muito na avaliação dela pra comprovar a utilidade. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Eu acho que essas medidas elas oneram o Estado, oneram pra caramba. Não resolve porque não tem fabricação sempre sistemática desse tipo. Eu penso assim ela começa legal e pode acertar em um determinado modelo, mas a pergunta é, o estado vai manter isso aí por quanto tempo? É a mesma coisa de eu fazer um programa de doação de cesta básica para uma família e nunca dar um emprego pra ela, ela vai ficar dependendo de mim, da sexta básica a vida inteira então a gente tem que providenciar essas políticas paliativas mas elas não vão resolver o problema, nunca vão resolver. A gente tem que entender é fazer o que é? Uma política do usuário, já que ele quer ser usuário não quer largar isso aí então que ele arrume um trabalho que ele vai se sustentar. Esse processo de trocar seringa por outra seringa então por meio de outro mecanismo de diminuição de valores, constrói uma farmácia popular, preço de venda pra esse tipo de pessoa á preço de custo mas que isso não venha ser uma política paliativa. (PoliciaI Militar, mulher, 43 anos)

Eu acho importante, porque a partir das políticas de redução de danos é que a gente vai chegar a menos criminalidade, então... É necessário ter essa política de redução de danos sim, na minha opinião. (Guarda Metropolitana Municipal, mulher, 55 anos)

Olha eu conheço essas políticas de redução de danos, eu penso que é um dispositivo... Dispositivo é coisa do direito, como eu sou do direito, eu devo... Tenho que falar com a linguagem da saúde. Mas ele uma ferramenta, ele é um procedimento, no meu entendimento no mais adequado que hoje a gente pode ter pra minimizar as conformidades, minimizar as consequências que se... Na realidade hoje a política de redução de danos, muitas vezes é nossa porta de entrada para o estabelecimento de vínculo. É claro que tem as da assistência social que é, a assistência social trabalha com abordagem que não é, no mesmo viés que a da redução de danos, mas a política de redução de danos que é hoje praticamente uma política dentro da área da saúde, ela é a nossa porta de entrada, e eu acredito, na eficácia e na eficiência da política de redução de danos. Mas nós já temos um entendimento á esse respeito em outras áreas, acho que isso não ta com tanta resistência como já houve em outros espaços. Agora, é óbvio que se eu for falar de um setor mais proibicionista que trabalha com drogas, se eu for falar de comunidade terapêutica e redução de danos é impossível de acontecer. (Guarda Metropolitana Municipal, homem, 40 anos)

Já ouvi, mas de maneira bem... Eu tenho algumas amigas que fazem; da psicologia lá em Uberlândia e elas atuam em conjunto com os CAPS e... Mas eu conversei muito pouco com elas, e elas relataram que eu vão até o lugar onde as pessoas usavam drogas e conversava com eles, perguntavam porque que fazia, tipo de droga que utilizava, se ele não tinha desejo. Não é... Pelo que elas me falaram é uma abordagem bem pessoal. Eu diria assim, ela não é um agente do estado querendo para fazer a pessoa para de usar drogas, como se ela tivesse com algum problema. Que eu me recordo, era mais de alertar sobre os riscos daquela conduta, se ela não desejava mudar, ter alguma outra possibilidade... Eu acho interessante isso, inclusive, a própria posição adotada em São Paulo pelo Haddad, que foi algo novo. De parar com aquela política anterior, de que tinha de estigmatizar esse pessoal e sair fora...esse dá bolsas de estudo e oportunidades. Eu acho que se tem alguma esperança passa por isso, porque eu acredito sim, que tem pessoas que começaram a fazer uso de drogas e que não tem condição de por conta própria de parar. Até mesmo porque não tem estímulo, a gente tem a tendência, sempre, de olhar a partir da nossa perspectiva pro outro. Falo assim né, o homem, branco, que tem emprego, “porque é que essa pessoa usa drogas, porque que eles não vão trabalhar?” Mas não sou eu que não tive educação, que não tive oportunidade de emprego, que não tive família estruturada. Então acho que, se tem alguma esperança, passa pelo afeto com pessoas, não julgá-las. A gente não julga quem faz uso de álcool todos os dias, a gente até aplaude. (Defensor público, homem, 26 anos)

Sim! Sou amplamente favorável a política de redução de danos. É bem sucedida nos locais que fazem. E não só na política de substituição de drogas, por exemplo: “Ele está viciado em crack, então vamos tentar levar ele para a maconha...” Mas não só isso, mas sala de uso compartilhada. O problema da droga, sala de uso compartilhado, a droga não é um problema da droga em si... A pessoa em situação de rua, quando vai pra droga ela fica submetida à violência da rua. Ela é muito vulnerável. A qualquer momento ela pode morrer. A qualquer momento um pode matar ela. Às vezes pode matar por uma pedra de crack. Desentende por causa de uma pedra... Então local adequado para essas pessoas, enquanto usuárias ainda, eu acho que o Estado tem que trabalhar ainda, de retirar essas pessoas do abuso das drogas. Porque se a pessoa faz uso recreativo, como por exemplo: eu sou um bebedor de café inveterado. Eu bebo café o dia inteiro e final de semana eu tomo minha cerveja. Até pouco tempo atrás, eu fumava tabaco, porém não fumo mais. O uso, eu acho que o Estado não tem o direito de interferir nesta questão. Agora o abuso, da mesma forma e isso com tudo. Por exemplo: Se a pessoa começar a abusar, fazer abuso de comida, ele vai ficar gorda,

gorda, gorda e vai ser um problema de saúde. Da mesma coisa o usuário. Se ele abusar, vai tornar um problema de saúde. Sou amplamente favorável as políticas de redução de danos. Aliás, esse é o caminho. (Defensor público, homem, 37 anos)

Eu creio que elas têm que ser mais estudadas, tem que haver pesquisas, não pode ser feito nada sem fundamentos e ser adotadas sim! (Defensora pública, mulher, 32 anos)

É o caminho do meio, né. Nesse contexto de proibicionismo, a redução de danos, ela aparece como uma tábua de salvação até, de forma que o sujeito ao invés de ser excluído, né, uma dessas políticas que estão estabelecidas, ele vem a ter um atendimento de saúde, um atendimento psicossocial, muito mais do que saúde, né, psicossocial, e que possa ele próprio tentar amenizar os efeitos do eventual abuso da substância, então é um caminho do meio importante, mas ele também é um caminho do meio que enfrenta toda sorte de obstáculos, pra quem usa drogas mais agressivas, seria interessante. Quem milita na questão da saúde, da saúde mental fala isso, seria interessante, por exemplo, né. Entretanto, o tratamento não pode fazer uso dessas substâncias, que elas também são proibidas, que faz da política de redução de danos também, nesse momento, uma quimera, uma ilusão porque ela não é factível, e não se pode conduzir uma política pública com base em fundamentos, com base em promessas que fatalmente não serão cumpridas. Isso vale tanto pra quem trabalha nesse ramo como para o usuário. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

Justamente, você tratar efetivamente, ter uma política do pós tratamento. Esse projeto que nos estávamos fazendo, o "Socorrer" que ele envolvia, no primeiro ponto você dá o tratamento, no segundo ponto um tratamento extra hospitalar, num terceiro ponto uma política de banco de empregos, para dar emprego para aquela pessoa, e dar uma condição da pessoa não voltar para aquela situação anterior que ele estava. Ai você tá reduzindo dano, você tá reduzindo a proximidade dele continuar na droga, se acabar e até vir a falecer né. E nos sabemos que você fazer uma pesquisa da quantidade de pessoas que morrem, quando a pessoa que tá efetivamente envolvida no tráfico geralmente ela não passa de vinte e cinco anos. Ela não passa, ela morre cedo. E também a questão da pessoa, que o usuário utiliza drogas pesadas, vai chegar um ponto que mesmo que ele pare ele vai tá com a saúde mental totalmente arrebitada e não vai ser uma pessoa produtiva e nem uma pessoa com saúde pra poder ter uma vida tranquila. (Promotor do Ministério Público, homem, 53)

Sou favorável á política de redução de danos. Na hora que fala de redução de danos, foi a hora que surgiu no penal, e nas drogas também tem a política de redução de danos. Até começou com a Telma lá em Santos. E nessa política ele prevê o uso, né, de alguns artigos e incisos pra permitir essa redução de danos, dessa política de redução de danos. Eu acho que tem que ser acentuada, essa redução de danos (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

3.10. Drogas e violência

Os impactos do uso e comércio de drogas na dinâmica da criminalidade, especialmente a violenta, têm sido foco de acirrados debates no meio social, político e intelectual (Antillano e Zubillaga, 2014 Ramos e Fernandes, 2010 Friedman, 1998). No âmbito acadêmico uma

abordagem cada vez mais comum nos estudos que buscam investigar a relação drogas/violência pauta-se na aplicação do quadro conceitual tripartido proposto pelo autor americano Paul J. Goldstein (1985). Nesta perspectiva, drogas e violência se relacionam a partir de uma integração dos modelos psicofarmacológico, econômico compulsivo e sistêmico. No primeiro modelo, as práticas criminosas e a violência seria o resultado do consumo de diversos tipos de drogas que geram comportamentos violentos, irritabilidade, paranoia e variações de humor. O segundo se refere aos crimes cometidos por usuários com o intuito de obterem dinheiro para financiar a dependência de drogas. Por fim, o terceiro modelo, diz respeito aos atos delituosos e violentos cometidos no contexto do funcionamento dos mercados de substâncias ilícitas, atividades de venda, distribuição e consumo de droga. Embora possuam algumas limitações, haja vista a complexidade dessa associação (drogas/violência), esses modelos são bastante norteadores e facilitam a compreensão e o entendimento da problemática.

Diante desses debates e considerações teóricas o estudo em questão buscou perceber a compreensão dos operadores de Segurança Pública do Estado de Goiás, acerca das possíveis relações entre uso e comércio de drogas e violência, buscando entender se elas existem e como funcionam. A partir das falas apresentadas, foi possível verificar que, embora, outros aspectos tenham sido problematizados no que diz respeito à relação em questão, como o proibicionismo e a corrupção e violência extralegal por parte de agentes do Estado, os quais discutiremos um pouco mais adiante, os aspectos contemplados pelos modelos de Goldstein (1985) foram com maior ou menor ênfase utilizados pelos sujeitos de pesquisa para explicar o modo como a criminalidade e violência urbana atuais se relacionam com a problemática da droga.

Embora haja, por uma parte significativa dos entrevistados, um entendimento de que o consumo de substâncias psicoativas não afete de modo padronizado e universal o comportamento daqueles indivíduos que fazem seu uso, devendo ser levados em consideração fatores pessoais e ambientais capazes de influenciar essas alterações, a potencialização ou mesmo o encorajamento para o cometimento de determinados crimes, foram recorrentemente atribuídos ao uso de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas. No caso das drogas lícitas, destacou-se uma forte associação entre o uso de álcool e a criminalidade psicofarmacológica, sobretudo crimes violentos, como os casos de violência doméstica e abuso sexual. Em se tratado das drogas ilícitas, as consideradas estimulantes do sistema nervoso central, como cocaína, crack e anfetaminas, também foram mencionadas como suscetíveis de desencadear comportamentos agressivos e criminosos, bem como a síndrome de abstinência dessas substâncias.

Eu acho que eles estão ligados, eu acho que até alei isso anteriormente, que o motivo é eu as vezes a pessoa quer levantar um dinheiro pra poder pagar a droga, pra fazer uso pessoal, digamos assim. Ai é onde ela não tem esse dinheiro e vai fazer esse crime pra levantar esse dinheiro e comprar essa droga pra poder ter o seu prazer saciado. Então a droga ta ligada sim á criminalidade, sem dúvida. Então, basicamente nesse ciclo que as pessoas precisam da droga pra se saciar e eventualmente não vai ter o dinheiro pra comprar a droga, e pra ter dinheiro pra comprar a droga é onde elas cometem crimes, vamos dizer pra levantar o dinheiro pra comprar a droga. Eu entendo que funciona basicamente assim. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

É assim totalmente ligada, é o que eu falei as boquinhas principalmente, elas fomentam muito o trafico da região ali, elas precisam. O cara ali precisa do dinheiro pra pode alimenta o vicio dele então é inteiramente ligado. O próprio combate contra as drogas ele vai ter suas baixas porque uma hora o policial vai acaba morrendo, hora um traficante vai acaba morrendo e tudo. E como assim eu tive esse contato tanto no trafico , quanto agora no roubos e furtos de veículos, eu vi que os traficantes são muito menos violentos com policiais , do que os ladrões né, o que a gente chama de 157. Os traficantes eles são muito mais violentos com os próprios usuários ou outros traficantes na própria vida interna deles, do que com os próprios policiais, diferente dos ladrões mesmo de assalto a comercio, a veículos, a banco, os caras mesmo mais violentos são os assaltantes a banco, os que tem mais armamento mais coisas. O que tira um pouco dessa visão de que no trafico estão os bandidos mais perigosos. Perigosos com o meio dele lá, com os outros traficantes com os usuários que não pagam eles mais com os policiais mesmo... A gente encontra muito mais perigo com um assaltante de banco mesmo. Pelo fato de o trafico fomenta outros crimes ele acaba assim, o cara geralmente que mexe com o trafico ele não mexe só com o trafico , geralmente ele também usa carro roubado pra vende, adultera carro roubado e tudo e vende, o caro que fica lá no presídio, que como eu falei o presídio é um centro de comando e controle do crime, um cara que atende telefone lá no presídio ele negocia questões de droga e questões de um carro que foi roubado, de um comercio que ele pegou um funcionário de lá passou um horário que a droga é... Que o dinheiro é levado, horário que é feita a troca de turno e essas coisas e tudo. Então é tudo ligado, acaba que assim essas delegacias aqui especializadas elas são muito ligadas, furto e roubo de veiculo, a Denarc, a Deic , os crimes são muitos ligados , a gente não é tão ligado com a Derccap que fica em outro setor , agora aqui assim é muito ligado, os criminosos muitas das vezes acaba atuando nos três campos. Estelionato, no que eu digo assim, de lavagem de dinheiro, tráfico, roubos de veículos. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

É assim. O que é que que ocorre. É, o problema é que a droga ela está imersa no fator que promove o crime, que é o ator, então o que é que ocorre; nós costumamos dizer no campo da análise criminal que o crime para que ele possa existir ele tem que ter autor, vítima e ambiente. Então a droga quando você olha pro fator crime que traduz essa questão de violência urbana a droga ela se encaixa num desses três tripés, num desses três, desses três vértices do triângulo. Ou o ambiente é um ambiente favorável à droga ou o autor está correlacionado as drogas ou a vítima deu motivo a um acontecimento em virtude das drogas. Agora, sei que a droga foi a razão pela qual se praticou aquele crime aí sim essa não é uma afirmação verdadeira, não é. Ela está correlacionada, às vezes, mais que indiretamente, não diretamente, na maioria dos crimes. Está relacionada diretamente também , mas não na maioria dos crimes, essa correlação é indireta, Então assim, numa análise, veja bem ,num crime de roubo de veículos, geralmente, em muitos casos de roubo de veículos têm sim o foco na droga, aquisição de drogas, às vezes a pessoa rouba um veículo, leva ele para o exterior, Paraguai ou outros locais e troca esse veículo em drogas, pra trazer pro Brasil novamente, praticar o tráfico internacional e drogas e destruir essa droga aqui dentro. Então esse é um tipo de crime. Veja bem, crime de homicídio, muitas vezes o crime de homicídio é cometido por vingança a um não pagamento de drogas, então sempre tem essa correlação de drogas mas não, não , eu digo assim , ela estaria imersa na

maioria dos crimes, mas não todos em sua totalidade. Agora, aumentou bastante esse fator criminal, violência urbana depois que as drogas ganharam a proporção maior. Existe no campo da Segurança Pública, até uma crítica que se faz que depois que descriminalizou, não descriminalizou; despenalizou o crime de uso de drogas é onde aumentou mais esse índice, por quê? O usuário ele perdeu o temor da punição e ele começou a utilizar mais abertamente as drogas, outras pessoas tiveram mais acesso e etc. Então, assim, as drogas realmente hoje elas tão ligadas à maioria da prática dos crimes, mas nem todos os crimes. Na maioria com certeza têm relação. Na prática mesmo tem relação, infelizmente é um, é um debate que se faz... Existe mesmo. Eu praticamente eu tive atuação no entorno de Brasília, eu tive atuação, eu tive atuação primeiro no sistema penitenciário. Lá a maioria das pessoas que estavam presas era em virtude da problemática de drogas, ou tráfico de drogas ou a algum outro crime correlacionado as drogas, principalmente. Depois na minha atuação em torno de Brasília também foi evidenciado isso, eu percebi isso. Então em minha trajetória toda, quando eu passei no departamento de inteligência, em muitos casos lá tinha correlação com drogas, os casos mais graves tinha correlação com drogas também e depois a atuação nos plantões, 1ª DP fiquei um pouco tempo; delegacia da mulher, tanto que na delegacia da Mulher, o fator droga ele corresponde a 85% dos casos dentro da delegacia da Mulher. (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

Com certeza, tem a lavagem de dinheiro que, diversas coisas, eu já vi prisões aqui de donos de postos de gasolinas, teve, tem muitos de ter várias prisões, de donos de concessionárias né, de compra e venda de veículos, pessoa tem uma dessas só de fachada, a compra e venda de veículos, tem diversas formas que eles utilizam pra lavagem de dinheiro, empresas é... Stand de futebol também, então tem muita gente envolvida. (Guarda Metropolitana Municipal, homem, 40 anos)

[A droga] A maior propulsora do número de crimes. As pessoas falam de drogas e às vezes até o liberamento de maconha, de maior organização do mercado, colocar o governo pra controlar isso e tal, mas o que eu consigo ver hoje é que a droga é propulsora de muita desgraça [...]. [...]o roubo em si já tá ligado ao tráfico. Eu acho um câncer muito grande e assim eu não vejo melhora em relação a isso, às vezes eu tenho a sensação que a gente trabalha, trabalha, trabalha e não chega a lugar nenhum. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos).

A família, em consequência a sociedade, vai ter uma pessoa que não trabalha, que vai entrar para a criminalidade, você pode ver que a maioria das pessoas que são apreendidas tem... Fazem o uso de droga, muita gente... E... Eu acho que a discussão maior seria essa, da desestrutura familiar e da sociedade. E a vida da pessoa que usa droga também que... Acaba, né? (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos).

[...] então com o crack aumentou muito a violência, então a discussão é porque incomoda a sociedade, incomoda a pessoa de bem, tá indo trabalhar, a mulher hoje vai trabalhar, rouba a bolsa dela, tá indo cedo trabalhar, o menino tá indo pra escola, rouba o celular dele, que a maioria dos meninos hoje tem um celular, isso aí incomoda a sociedade inteira [...] (Guarda Civil Metropolitana, homem, 40 anos).

Sim. Entre o tráfico e o homicídio é aquela questão da regulação. Eles se auto regulam com violência. Então o mercado, que delimita hoje pra você abrir uma farmácia, o Estado vai falar: "Aqui não pode ter o alvará de funcionamento, porque essa farmácia está ao lado de algo que não pode." E nas bocas não existe isso. Elas vão resolver entre elas. Vão resolver com violência e com morte. E o uso também pode estar relacionado a casos de homicídios. A gente vê, por exemplo, não quero pegar exceções pra fazer regra que não é correto mas, a gente viu nos últimos anos alguns casos

emblemáticos envolvendo um chá de Santo Daime. Alguns casos que desencadearam. Talvez mais... Um fator tem influenciado mais que do próprio chá, devia ser a propensão dessas pessoas a doenças mentais... E podemos dizer que no uso do crack, se chega a uma situação que o cara já se despiu de sua dignidade só por conta do uso da droga, ali a vida passa a ter muito pouca importância. E sempre que a vida passa a ter pouca importância pra pessoa em si, ela não valoriza a vida do outro né! E pode levar igual eu falava... Esses dias um caso no tribunal do júri, a pessoa dormiu e ela tava com uma certa porção de crack no bolso, e na hora que ela acordou, o cara que estava consumindo com ele não estava no local e ele não achou a porção de droga que tinha no bolso dele. Ele foi até essa pessoa, se desentenderam e um matou o outro por causa de uma porção de droga que eles estavam consumindo junto. Um dormiu, o outro fingiu que dormiu, o outro foi lá e pegou a droga do que dormia, os dois se desentenderam e gerou homicídio. Então, infelizmente está relacionado, mas vamos pensar na realidade, por assim dizer, o álcool. Primeiro a taxa de dependência do álcool é altíssima. A chance de a pessoa virar dependente no álcool é altíssima comparado com outras tantas drogas. E, além disso, o álcool está relacionado com mais da metade dos homicídios ocorre com o álcool circundando de alguma forma, ou a localidade era um bar ou uma distribuidora, as pessoas estavam alcoolizadas. Então, se for pra pensar nisso, igual eu to falando, se for pensar assim, vamos proibir primeiro o álcool, vamos proibir tudo. A questão da violência está sempre vai estar sempre relacionada. É que a gente vê de fato que houve um aumento da criminalidade. E isso reflete necessariamente no combate às drogas. O crime organizado, ele tende a ir pra onde ele ver lucro fácil. O crime organizado, não vai para as drogas porque acha legal “drogas”... Ele vai pra ali porque o lucro é fácil. A partir que o Estado proíbe, tem se um risco maior empresarial de tocar a coisa, mas o lucro é alto, justamente por causa da proibição. E dentro desse contexto de “guerra às drogas”, do aumento da criminalidade, fazendo a associação que a mídia de um modo geral faz entre a droga e criminalidade, aliado cada vez a uma representação mais conservadora na sociedade brasileira, nos seus parlamentos... Enfim, tem levado a essa questão a ser tratada cada vez mais sobre esse viés. (Defensor público, homem, 37 anos).

[...] não dá pra gente falar que a droga é responsável por parte significativa dos homicídios, pela maioria dos homicídios, isso daí é uma balela! Tanto que a gente não tem como dados estatísticos pra isso e isso a gente pode até falar depois. Aqui em Goiás a gente não pode falar isso. [...] O que a gente vai conseguir liberando é tirar essa pequena parcela de casos onde o usuário é morto pelo traficante e brigas entre traficantes rivais isso vai parar o homicídio, mas não é isso, esse não é o caminho eu provo por a mais b que a gente não tem dados pra isso. [...] A gente vê vez por outra autoridades, inclusive que se dizem estudadas, dizendo na televisão que a maior partes dos crimes é em decorrência do uso e do tráfico de drogas, a gente não tem dados pra isso, a gente só investiga quem não está... Em Goiânia, por exemplo, 40%. Não existe se a gente falar em motivação do delito de homicídio antes do relatório final de ou pelo menos o despacho de indiciamento, ah... A gente fez, pegou uma pesquisa, dos anos de 2011, 2012, 2013, 2014, a parcela das vítimas desses crimes elucidados pela delegacia de homicídios que tem antecedentes criminais vem diminuindo a cada ano, o que não condiz com a realidade. Pra você ter uma ideia em 2011 era de 30% depois passou 29, 27, 26 e 25%. Isso só quer dizer uma coisa, que esses crimes são melhores investigados do que aquele preto, pobre e cheio de passagem. E isso não só por conta da vontade política dos gestores, dos policiais ou da cobrança da sociedade, isso também principalmente pela inserção da polícia civil nos bairros mais pobres. Porque no bairro mais pobre é muito mais difícil da gente saber de uma testemunha que foi responsável pelo cometimento do delito. Então nesse sentido é necessário a gente elevar o número de elucidações para daí sim a gente ter uma visão macro da motivação. Pelo o que a gente percebe no dia a dia o tráfico de drogas já perdeu ah... No ranque já algum tempo. Hoje a maior parte dos crimes de homicídio é motivado por vingança. Pessoal acaba brincando com o videogame, menino mata outro, que vem o primo daquele outro morto vem e mata ele, simples assim, acabam no final das contas matando sem saber o porquê. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos).

É, acho que errasse no enfoque. Nesse contexto não é o usuário que se torna violento. É a mercancia de um objeto ilícito que gera violência. Acho que é o enfoque que tem que se dar de forma diferente. A associação de que o usuário que é violento talvez não seja correta. A associação de que a venda, a comercialização desse objeto seja o causador da violência. Então quando eu te falo que é a disputa de poder que poderia ser gerada por vendas de drogas, por carro roubado, pela venda de material roubado dentro de uma residência, que esse é o fato gerador de conteúdos, de luta por poder setorial, isso é uma regra. Então não é o uso da droga que faz com que as pessoas deliquem, na verdade as pessoas costumam se deteriorar com o uso da droga. É claro se num estágio muito inicial onde as pessoas fiquem eufóricas talvez seja possível que de forma repentina praticam ação penal, mas essa não é a regra. A droga só gera violência pela disputa territorial de poder. O usuário de drogas não costuma mudar muito o seu grau e virar uma pessoa extremamente violenta. Ai eu te dou um exemplo que é uma exceção no caso daquele menino, acho que Cadu, que associou drogas a sua comorbidade, que ele já tinha uma comorbidade psicológica ai isso potencializou pra que ele ficasse mais violento, mas não é uma associação lógica que o usuário use violência. O contexto tratado de droga e violência e a guerra por espaço na venda de drogas. Agora os efeitos perniciosos relacionados ao usuário são outros e não a potencialização da violência mas a potencialidade de tirar ele como ser humano útil para a sociedade, como ser humano completamente desequilibrado, desequilibrado emocionalmente. Então é o indivíduo que não tão produtivo quanto os demais. Ele passa a ser um dependente, um doente pelos termos da Organização Mundial de Saúde. Então não é o usuário que vira violento, é o contexto da guerra por venda de drogas como qualquer outro objeto ilícito daria, que faz com que a violência aflore. Quem entra no mundo de tráfico de drogas entra pra ganhar dinheiro. Entra pra vender droga, entra pra vender droga, entra pra fazer qualquer coisa que dê dinheiro. Num existe essa fixação toda de vender droga. Porque vender droga dá dinheiro, como dá jóia roubada, como dá carro roubado, então não é essa fixação toda. A não ser aqueles que trabalham em larguíssima escala, que são pouquíssimos os traficantes em larga escala. Mas o indivíduo que é um criminoso pequeno, criminoso mediano ele entra no jogo da ilicitude pra ganhar dinheiro. O que der dinheiro ele efetivamente se dedica. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Primordialmente pelas drogas ilícitas né. Droga lícita também né, mas eu digo assim... O álcool, ele envolve muita violência de trânsito etc, a droga envolve aquela violência direta mesmo. Mas a ligação não tenho dúvida nenhuma. A maconha não... A maconha ela não tem o condão de dar aquele efeito de tornar a pessoa agressiva, e ela também pelo que nós percebemos, ela não traz aquela dependência, aquela... Vamos dizer assim numa linguagem mais coloquial, aquela fissura que leva a pessoa a roubar, a matar. O crack sim, o crack que é aquele subproduto da cocaína que... Subprodutos da cocaína, heroína etc, que trazem essa dependência então, quando eu estava, por exemplo, em Goianira, que era uma delegacia só pra uma cidade muito violenta, muito carente, a gente percebia que a maioria esmagadora dos casos de furto, eram de dependentes químicos, dependentes de crack, porque a cocaína hoje, ela não é acessível às pessoas de baixa renda, é o crack. É, roubo... Roubo acontecia e acontece muito envolvendo pequenos e médios traficantes, hoje eu entendo assim, que o pequeno e o médio traficante, na grande maioria das vezes e isso eu falo pela experiência que eu tenho aqui, pela experiência que eu tive no roubo, da DEIC, eles oscilam entre esses dois delitos, às vezes ele é um pequeno traficante, ele pega com outro traficante uma determinada quantidade de droga pra distribuir, mas às vezes ele não conseguiu dinheiro pra pagar o fornecedor, ele tá apertado, ele vai fazer um roubo, que ele consegue dinheiro de imediato. Então vamos dizer assim, há essa ligação entre furto, roubo, latrocínio que é um roubo especificado né, quando a vítima reage normalmente, e também é... O crime patrimonial, eu acho que é o que mais acontece aqui em Goiânia, que é o roubo de veículo, né. Então a ligação muito forte do roubo de veículo com os traficantes principalmente do Paraguai, a sessão de automóveis pra lá, e também traficantes de porte maior que acaba sempre tendo carro, precisa transportar uma droga precisa de alguma coisa, ele precisa de um carro. Então a

ligação com os crimes é muito grande, e principalmente com homicídio, você vê que muitas vezes... “Ah, todo homicídio é envolvido com droga”, nem todos. Mas a esmagadora maioria, as vezes não é uma dívida de droga, às vezes não é um acerto de contas, às vezes não é uma disputa de espaço de mercado pra vender droga, mas são pessoas envolvidas com droga... Usam crack, ficam transtornadas, por exemplo, tava até conversando com amigo meu delegado aqui, tá na homicídios de Anápolis hoje, e ele me falando da estatística dele, e ele disse que as vezes não é o problema da droga, mas o traficante naquele setor de periferia onde a presença do Estado é muito limitada, ele acaba tendo um tipo de vida mais desregrada que ele mata por uma besteira, às vezes você que tem... Alguém mexe com sua mulher, você pode até discutir e tal, mas você não vai matar aquela pessoa, o traficante mata. Ele cria aquela... Aquele entendimento de que ele é o patrão, de que ele é poderoso, que o Estado não alcança. Então a grande maioria dos crimes violentos, “quicá” todos estão envolvidos com o tráfico de drogas hoje. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Sim, sim. O cara hoje, ele furta um celular para vender e comprar droga. Nós tivemos aqui semana passada, uma equipe da polícia militar, que aprendeu um cara ai com mais de cem celulares bons, tal, celulares caros. Infelizmente, o pior de todos pra mim é aquele que está receptando esse material roubado porque o cara para roubar ele vai matar, vai fazer acontecer para furtar um celular, como esse que matou aquele por causa de um celular e um relógio. Por que ele rouba? Ele rouba para vender e custear/pagar o trafico e/ou pra comprar droga. Então, a droga estimula o roubo, aumenta a criminalidade? Sim, aumenta. Falar que não aumenta é inegável que aumenta, aumenta e muito. Agora, por que aumentou tanto esse tráfico esse tanto de droga? Porque a lei no despenalizar o usuário de droga ficou muito fácil, então, o cara não tem cadeia, não vai ficar preso, não vai ser tratado, não vai ser nada ele sabe onde comprar aqui ele vai ali e vai comprar outra, vai ficar por isso mesmo! Fica, ele vai e volta, vai e volta. Por isso volto ao meu antigo artigo científico e eu acho que não pode ficar solto tem que internar cadeia também não resolve. Não adianta cadeia, não adianta espancamento, não adianta nada disso. Se espancar/bater resolvesse alguma coisa não tinha bandido no país, não existia, né? Um bandido bate no outro lá e estava curado já. Não existe isso, espancamento e violência não leva a nada, a nada! Se levasse quem cai numa CPP, cai na CEPAI não queria voltar porque ele é espancado lá por outros presos, ele não quer voltar nunca. Então isso não cura, porque cura seria um trabalho diferenciado: internação, tratamento, assistência, realmente, social ali, não só com ele, com a família também. O ruim que, às vezes, o que maltrata mais ai não é nem na sociedade é em casa. Eu tive vários, vários casos que a família chega e já chega chamando “seu bandido!” Ora quem usa droga não é bandido... “Você é um bandido, você usa droga, você é um safado, você não presta!” E o cara sai de casa mais revoltado ainda. Precisa ser tratado não somente quem usa droga, mas a família do usuário de droga para poder respeitar o outro porque, infelizmente, muitos não respeitam. (Degelado da Polícia Civil, homem, 56 anos)

A associação existe. Então, como é um mercado paralelo e a criminalidade e a violência são um mercado paralelo, eles se interligam. Não quer dizer que as pessoas roubam carro para comprar droga. E mesmo que existisse isso, é muito mais fácil você combater o traficante a combater o roubo de veículo. O homicídio a gente investiga pelo próprio homicídio, rastro, deixa informação. O que eu acho maldoso e maléfico nesse discurso da mídia, é... “Eu estou investigando a droga, o resto vai vir de consequência.” E é justamente o contrário. O resto é muito mais importante de ser investigado. É muito mais fácil, é muito mais técnica, muito mais óbvio e as penas são muito mais grandes. Se você prende um traficante por homicídio as chance dele ficar dez, quinze anos preso é altíssimo. O rei da maconha ficou quatro meses preso. Então assim, é muito mais racional. A vinculação é uma vinculação social. Como ela é externa ao ambiente oficial, formal da sociedade, ela se vincula para criminalidade. Exemplo: violência doméstica e droga zero, ou muito menos que o álcool. É uma causa muito mais social, o homem bate porque ele acha que pode bater. A mulher apanha porque ela acha que não tem que falar. O que tem haver a maconha com isso?

Nada. “Ah! Ele me bate porque usa maconha.” Ele bate porque bebe e socialmente ele pode beber. Homicídio, então o homicídio tem haver com a droga? Sim por quê? Porque o mundo criminal, o mundo da droga, ele não tem regulação oficial. Ele tem que se auto regular e se auto regula por questões violentas que é matar. Agora, como você combate as drogas? Combatendo a violência. Toda vez que se matar um usuário de droga, não se fechar: “Ah! Tem passado!” Porque aqui se começou com isso né! Então foi uma ante passagem. A PM chega numa casa, invade essa casa, mata quatro pessoas onde os quatro tem passagem e beleza, não se investiga ou não se dá o tratamento que tem que se dar. Então eu acho que se tem um a relação social. Há uma vinculação social, mas as políticas de repreensão é completamente diferente. A política de repreensão ao tráfico tem que ser um e a de homicídio tem que ser outro. Então por exemplo: rouba-se carro pra comprar maconha, não interessa pra que ele vai comprar, o que me interessa é que ele está robando. Tem como evitar a volta desse veículo com uma canetada. Com a legislação você acaba com a *robauto* no dia seguinte. E não se quer fazer isso e essa vinculação existe mas ela não é motivo pra se jogar nas costas do tráfico de drogas a violência. Ela se potencializa. Ela potencializa o crime pois elas vivem num ambiente social que não tem a iluminação do setor oficial. Então acaba se misturando, mas ela não é uma relação fundamental na ocorrência de crimes. O crime ocorre de uma maneira independente. A violência se expressa de uma maneira independente. E ela tem que ser combatida de uma maneira independente. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Cara, se você ofender a minha honra, nós dois tamo sóbrios, dá pra contornar a situação, mas se eu tivesse alcoolizado já não daria pra contornar a situação. Marido e mulher tem muitas desavenças por que... As vezes é conflitante, você quer que a pessoa faz uma coisa e ele quer que você faça né, é briga por responsabilidade. Duas pessoas sóbrias tem muitas facilidades de... Né! Fica magoado, emburrado, mas depois entra num acordo. Duas pessoas drogadas, qualquer tipo de substância, lícita ou ilícita, o marido e a mulher, os dois sob influência né? Pode ser de álcool mesmo, dois bêbados brigando pelos problemas familiares, o quê que dá? Entendeu? E é toda a situação. Então é o usuário que quer usar droga, ele quer tomar o que você tem, o seu objeto, porque no Brasil agora você não tem mais direito a propriedade. Também é outra violência. Então... Realmente, é muito difícil ter alguma violência que não tá... Tenha alguma coisa relativa a alguma droga. Dois acidentes fatais, dois acidentes... Acidente fatal, quer dizer, onde têm duas partes né, um bateu no outro né. É uma coisa assim, geralmente, pode até que um lado não ingeriu nada, mas o outro lado é difícil quando não está, porque o automóvel num tem falha, o que tem falha é o homem porque ele está com o estado mental alterado, né. Um automóvel bate de frente com outro, é difícil alguém não ter ingerido algum tipo de substancia que não deveria, ou me... Até medicamente que fez um efeito enquanto ele estava dirigindo. Então é por isso que é relacionado e não tem como pensar que é exagero porque não é. Eu sou policial a 16 anos, muito difícil eu ir em uma ocorrência onde ninguém usou nada, muito difícil, e quando eu vou, sou chamado pra essa ocorrência, poucas palavras já resolvo essa situação, entendeu. (Policial Militar, homem, 33 anos)

Eu acho que estão extremamente ligadas porque a gente pode ver que sempre/em várias situações que você vai de outros/prá atender outra situação, você verifica que a droga está ou a pessoa trás consigo ou você, durante as verificações/averiguações, você vai fazer, você verifica que tem o envolvimento de droga no meio. Vamos dizer em termos mais macros, as quadrilhas, você verifica que elas estão, além, de estarem trabalhando com drogas, estão cortando caixa eletrônico, explodindo caixa eletrônico, então, está tudo interligado. Ele acaba fazendo aquilo como sendo, vamos dizer assim, aquele comerciante que ele resolve explorar outra área pra poder continuar tendo renda. Então, está muito ligado. A gente vê muitos fatos onde, as pessoas de dentro das cadeias, estão coordenando suas, vamos dizer, facções criminosas de forma a ter uma sela que mexe só com a parte de roubar banco, aquela que mexe só com a droga, aquela que fornece os armamentos. Então, está tudo muito ligado. A gente percebe isso, que está muito ligado. São raras as é... Vamos dizer, no mundo do crime que ele

fica: “Não, eu faço só isso! Só roubo banco!” Só!? Sempre tem, a gente percebe esse envolvimento entre as ações delituosas. Então eu percebo que sim, está muito ligado. (Policia! Militar, homem, 40 anos)

Igual os exemplos que eu te dei, esse percentual que eu imagino que deve tá em torno de 80%, 85% dos crimes de Goiânia dolosos contra a vida têm relação direta ou indireta com droga é um negócio assim enorme, tá causando um mal enorme na sociedade. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Eu acho que a droga hoje ela é determinante para outros crimes que acontecem. Então por causa dela, o fato dela ser ilegal, no caso da maconha, da cocaína principalmente, traficantes tem que se armar, cometem homicídios pra cobrar essa droga e pra se impor no mercado ali mesmo. Os usuários muitas vezes eles praticam roubo e furtos pra alimentar o seu vício. Então eu acho que ela é fator determinante para o aumento da criminalidade hoje. (Policia! Militar, homem, 35 anos)

Então você vê que todo o sistema criminal ele gira em torno do tráfico de drogas, hoje eles roubam para se comprar a droga, vender a droga, entendeu? Então gira tudo, toda a criminalidade o roubo, o furto. O roubo de veículo, o furto a pessoa... O roubo de veículos na maioria das vezes eles roubam o veículo e trocam a troco de droga, vão para fora do Brasil ou fazem dinheiro com esses veículo roubado para ir buscar a droga. Fazem esse intercâmbio dessa forma. E esses pequenos furtos são justamente para esse usuário comprar a droga. Então a droga ela quase que, não vou falar numa totalidade, mas tem um percentual muito grande, ela movimenta a criminalidade infelizmente. (Policia! Militar, homem, 47 anos)

Essa questão das drogas, eu particularmente eu posso afirmar que com certeza que a droga hoje ela impulsiona 70 % das ocorrências da polícia militar, de 70 a 80% das ocorrências que a polícia militar é chamada a droga está envolvida. (Policia! Militar, homem, 40 anos)

É por causa da violência que a droga proporciona, porque querendo ou não a maioria dos crimes são cometidos por causa da droga. Desde o homicídio ao furto. Ou seja, o cara é usuário de droga, ele começa a furtar, ele começa a roubar, ele começa até interceptar produtos e através dela vem o homicídio, porque envolve dívidas e outras coisas mais. Então hoje o crime gira em torno da droga. (Policia! Militar, homem, 33 anos)

Eu acho que precisava de uma campanha, é... Do governo no sentido de mostrar pra sociedade o que é que a droga faz os malefícios, mostrar pra sociedade o seguinte: que o consumo de droga tem tudo haver com a criminalidade então a pessoa reclama da criminalidade, reclama que está sendo assaltada, que ela não tem mais segurança, mas ao mesmo tempo ela está consumindo droga. Entendeu? Então uma coisa vai gerando a outra. Então precisava fazer isso. Primeiro mostrar pra sociedade, pra sociedade engajar no combate efetivo as drogas porque ela tá destruindo. Hoje em dia ninguém tem segurança pra caminhar em quarteirão, em rua à noite tá? Segundo, precisava de um combate assim extremamente grave, de legislação extremamente dura com o tráfico. Do jeito que tá não vai funcionar. Precisava ter mais presídios e desculpe a opinião contrária tá? Mas precisava ter mais gente na cadeia. Porque hoje a gente tá com uma filosofia de deixar o cidadão solto, não, não colocar na cadeia. Então estão querendo resolver o problema carcerário do Brasil é colocando gente na rua, o que é que acontece, o povo tá prestando atenção que isso aí incentiva a criminalidade porque o cidadão ele é preso e se sabe que daqui a pouco ele tá na rua de novo, então, dentro desse raciocínio ele faz que daqui a pouco não vai fazer diferença. Então precisava

inverter isso. [...] Existem determinados tipos de crime que precisa ter uma pena muito severa e ela precisa ser cumprida no sistema fechado e por muito tempo porque aí antes alguém cometer um crime ele pensaria duas vezes, entendeu? Do jeito que está tá mostrando que não funciona, então, essa ideia de, de não colocar na cadeia tá... Transformando tudo num caos total. (Juiz Criminal, homem, 45 anos)

Eu acho que, eu lembro quando comecei na magistratura raramente chegava, droga era muito, era maconha pouca relação que é hoje, e tinha era latinha como é que chama, ela estava começando a merla, a maioria dos homicídios eram praticados, envolvidos por cachaça, impressionante tipo 73% dos homicídios, o cara tinha tomado cachaça. É uma coisa impressionante, hoje acabou você não vê mais cachaça, hoje é droga. Só que não mais tem motivo, o homicídio aumentou? O homicídio aumentou, a droga é um item? Eu acho que a droga é um item sim, mas a própria cidade também aumentou, e eu acho que tem muito mais a ver com a complexidade do mundo que com a droga em si. A droga é uma consequência da complexidade, acredito. Agora, por outro lado, o dinheiro ilícito gerado pelo tráfico, isso mata muito mesmo, isso mata pra burro. Por mais que eu queira falar que isso é mito e tal, mas se mata muito por causa do dinheiro de droga, mas muito mesmo. Porque é um mercado emplacado, e emplacou mesmo. E a briga, por exemplo, agora mesmo está tendo uma briga que eu vi ele ontem aquele que eu comentei contigo, "Topete" está briga dele com o "Interleigas", há muito tempo estão se matando, e se mata muito mesmo, isso assim igual eu falei pra você, são 7/8 por mês que são extintos de gente. O sistema prisional, o que foi captado por ele é a minoria, e tudo por conta, além da polícia, é claro, por essa questão do tráfico. Então assim, eu acredito que além da atuação policial que acentua isso, a droga também, ela é um fomentador pra essa guerra, e é um fomentador do discurso inclusive. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

De uma certa forma sim; tem sim! Eu não acredito que o cidadão usa droga e... "Ah eu usei droga, por isso que eu roubei!" Isso é a mesma coisa de falar assim: "Ah eu tomei uma garrafa de Whisky por isso que eu entrei na casa de fulano e assaltei." Tem nada a ver uma coisa com a outra não, uma pessoa quando ela tem intenção ela tem intenção. Não vem falar pra mim eu nunca acreditei nisso. Só se tiver um trabalho técnico científico que comprove que a pessoa não sabe o que ela tá fazendo. Mas pelo acesso, eu sempre comparo com álcool por que o álcool é um droga que eu vivencio, por que eu vejo pessoas que são presas por que bateram ou por que mataram na hora; porque tava bêbado e pegou um negócio na hora e bateu, pegou carro e atropelou. Às vezes nem lembro quê que aconteceu, mas é o seguinte, não acho que a droga o fator que leva a pessoa a roubar. Na sua mente, faz que a mente dela mude. Não acho que a droga faz a pessoa roubar por que a pessoa deve tá mais solta, tá mais corajosa, e precisa de comprar mais droga e precisa de dinheiro pra isso. Então ele acaba praticando um crime pra poder fazer essas coisas. Acho que a ligação tá mais por aí. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Existe uma mistificação do consumo de drogas, existem crimes muito graves que acontecem em que se envolve, por exemplo, o consumo de bebida alcoólica. Entretanto essa abordagem midiática, fatos assim não chegam ao sensacionalismo de culpar o álcool, a substância pela prática criminosa. Quando se tem envolvido o crack, a maconha ou a cocaína, a culpa parece que é da droga, você então demoniza a substância e esquece de que existem pessoas que estão envolvidas naquele contexto. É muito comum isso, é um fenômeno recorrente na atividade policial, por exemplo, que quando acontece uma morte violenta na periferia, a polícia primeiro investiga a vítima. É como se o crime fosse ser resolvido a partir do momento que se conhecesse o comportamento da vítima. E a primeira notícia que sai na imprensa é que a vítima tinha envolvimento com drogas. E essa explicação resume a investigação policial, como se isso justificasse a morte daquela vítima. Então a investigação criminal não acontece, e a vítima, que já morreu, é punida por um comportamento que tinha no passado, enquanto ainda era viva, então há uma percepção dessa violência como algo

naturalizado. E quando a violência envolve drogas, está explicada e já está resolvida. Se o sujeito era envolvido com drogas ilícitas, ele morreu porque deveria morrer. Não interessa quem matou. Há essa naturalização, essa banalização do homicídio, e não há investimento, investigação que viesse de fato a esclarecer as circunstâncias daquele homicídio. O discurso de que as drogas são responsáveis pela violência é apenas cortina de fumaça, do meu ponto de vista, né, eu não sou pesquisador nessa área, apenas cortina de fumaça pra encobrir os reais problemas que a sociedade enfrenta, as principais, as reais causas que levam à violência. Como a criminalização da pobreza, como a ausência de políticas públicas essenciais no campo da educação e da saúde, né, então você ao invés de investir, de investigar as questões que são fundamentais, você cria um discurso que explica todos os problemas pela demonização do uso de drogas. Então você ao invés de resolver o problema de fundo, você acredita, passa a acreditar no discurso que traz isso e a mídia contribui bastante pra esse discurso se reproduzir, que se você prender traficantes, a vida será menos violenta. Só que essa lógica, ela não se sustenta porque o Brasil nunca prendeu tanto como atualmente. Prende-se muito e nem por isso temos respostas significativas nos índices de homicídio, por exemplo. De outros crimes também. (Promotor do Ministério Público, homem, 47 anos)

3.11. Funcionamento e dinâmica do tráfico em Goiás

Goiás pode ser considerado, segundo os entrevistados, como um entreposto do tráfico realizado pela fronteira, em especial pelo Paraguai, Bolívia e Colômbia, em direção aos grandes centros e as regiões do Brasil, que nos últimos anos tem visto o crescimento do consumo e do tamanho do mercado para drogas, entre elas a maconha, cocaína e seus derivados, como o crack e drogas sintéticas no estado, intensificando a violência e os índices de crimes relacionados aos tráficos, como homicídios, crimes contra o patrimônio, em especial o roubo de carros, sendo estes utilizados no tráfico, e a disseminação do tráfico pelo interior e pela figura do usuário-traficante, que pulveriza a distribuição das drogas e caminha na tênue linha da lei entre a definição de usuário ou traficante.

O tráfico de drogas em Goiás, segundo os entrevistados, se associa a outros mercados ilegais e a outros crimes. Apesar da proibição, as drogas ilícitas continuam sendo amplamente consumidas, e ganharam alto valor, sobretudo, porque nela está embutida o risco em comercializá-la, seja pela prisão ou os conflitos que derivam dos mercados criminalizados. A dinâmica desse mercado, conforme os atores do Sistema de Justiça Criminal, demanda, no varejo, de um número grande de pessoas e, pela alta taxa de violência e prisão, rotatividade daqueles que participam.

Além da própria necessidade de se armarem para proteger o negócio, segundo os entrevistados, aqueles que participam desse mercado sofrem atualmente com o aumento da disputa territorial e comercial desse mercado. Se antes ele era pouco percebido ou quase não havia concorrência, a ampliação não apenas gerou disputas comerciais, assim como, produziu grupos rivais, nada comparado às facções do Rio de Janeiro, que se confrontam em busca do domínio comercial de partes de regiões da capital e do Estado de Goiás.

Como se dá a dinâmica? Goiás é meio que rota do Paraguai pra São Paulo, então eu acredito eu passa muita droga por aqui né? E o pessoal daqui consome muita droga, por que a gente vê direto grandes apreensões. Então Goiás é um estado realmente privilegiado por ter essa passagem de drogas, rota de escape para grandes centros; como São Paulo, Rio. (Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Aqui é aquele negócio que eu já citei! Aqui a gente é um Estado de transição, muita das drogas que veem boa parte fica aqui, mais muito vai ser distribuída a partir daqui, vai pro Nordeste, Sudeste, pro Litoral, Pro Norte. Então a gente aqui é um ponto central que acaba sendo um ponto de distribuição para os outros setores e em cima disso a gente tem um grande trânsito de drogas aqui dentro. Da pra ver pelas apreensões que a gente teve só nesse início de ano agora, teve mais de seis toneladas de drogas. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Então o tráfico em Goiás ele tem um perfil específico. Goiás é um Estado, é um Estado no meio, então o perfil do tráfico aqui, assim, eu não sou a pessoa mais indicada pra dizer, mas pelo contato que a gente tem eu posso fazer alguma análise. O perfil de tráfico aqui em Goiás é mais um perfil de distribuição. A droga sai de algumas regiões, passa por Goiás já com a familiaridade de ser distribuída pra outras regiões, então ele tem mais esse perfil. E acontece sim também o consumo de drogas, muita droga no Estado de Goiás. Principalmente em cidades turísticas, uma característica que a gente nota é que a maioria das cidades turísticas elas têm essa correlação com o consumo de drogas, então geralmente quando se aproxima alguma festa, algum momento de festa em algumas cidades do interior de Goiás, possivelmente você faz uma relação das , da , da publicidade, da , da apreensão de drogas e etc, ou se não se essa apreensão acontece de forma antecipada ou , aquela pessoa que esteve envolvida com a investigação , possivelmente, ela vai declarar isso, aquela droga seria vendida em tal festa e etc. os interiores seria a venda a varejo, o pessoal que seria mais encontrado aí em toda a região da capital mais atacado, assim, são os maiores traficantes que tem um foco de distribuição já pontual. porque o, das outras partes do Brasil eles já têm um contato maior com as fronteiras, principalmente, então a gente pensa na região norte, ali pro lado do Amazonas já tem ali a região da Colômbia. O Rio de Janeiro está no extremo, no extremo, no extremo ali do sudeste, então ele já tem, já não tem esse perfil de, a droga que chega ali às vezes ela chega por outro lado, ou passando por Goiás, ou passando ali, às vezes, pela zona, pelo nordeste descendendo via, via Oceano Atlântico, etc. Então tem toda essa nuance aí. a aquisição da cocaína ela é adquirida na base, assim, é complexo porque, o vendedor de rua geralmente ele não , ele não sabe selecionar e ele, que às vezes tem algum contato com o cliente mas muitas vezes a droga têm até marca, ela tem até uma grife. Pouco tempo atrás foi preso um grande traficante aqui na região da Cidade de Goiás e ele, que essa droga que comercializava era uma droga com teor de cloridato de cocaína mais apurada, mais selecionada, mais incrementada, mais puro, então criava-se uma preferência, uma busca por essa marca de droga, então nem sempre era ele que comercializava diretamente com o usuário, mais assim, que, que a pessoa leva pra dentro de uma, cria-se uma festa pra utilizar não! Criou-se em pouco tempo em Goiânia um ambiente semelhante á esse, que era umas festas na madrugada, o pessoal se projetava, ia, principalmente na região dos motéis, tem um motel famoso onde acontecia essas festas onde tinha muitos consumo de droga, principalmente cocaína, mais aí se distanciou muito, acabou bastante e continuaram mais com as drogas sintéticas que é o Ecstasy, LSD e etc. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Turmas que usam drogas resolvem traficar drogas, as vezes acabam tendo um conhecimento por uma pessoa que... Vende uma quantidade considerável acaba começando como um pequeno traficante logo ele já tá trabalhando para pessoa que ele não conhece de dentro do presídio, conhece apenas por telefone. Depois de um tempo ele descobre que ele pode buscar essa droga e ganhar mais dinheiro daí começa o problema da disputa por território, porque esse território que antes era do criminoso

preso ele quer agora trabalhar por conta própria. Então ele rouba uma camionete aqui e vai pra Paraguai pra comprar drogas pro exemplo, quando ele vem ele vai distribuir essa droga num ponto que ele já vendia só que ele vendia a mando do criminoso preso, o criminoso preso não aceita isso, essa independência dos traficantes menores, e acaba aliciando outros traficantes para ir lá e mata-lo. (Delegado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

Aqui é rota né. O Centro-Oeste é uma rota. Aqui o estado por ele ser muito central boa parte desse fluxo de drogas que transita pelo Brasil acaba passando por aqui. Boa parte das drogas não passa por meio aéreo, passam pelas vias terrestres mesmo. Então acaba passando por aqui. Por isso que a quantidade de apreensão é considerável. (Delegado da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Nós fazemos divisa com dois Estados que são fronteiras com países produtores, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul tá na fronteira de países produtores, então a facilidade de entra drogas nesses Estados é grande, consequentemente Goiás também, Goiás está no centro que hoje é feito de interposto pra manda droga pro Nordeste, pro Norte, Estados como Pará, Maranhão, Piauí, já pegamos cargas de todo jeito que tinha destino esses lugares. Então nem sempre a droga que a gente consegue apreender aqui dentro tinha destino só aqui, ela seria destinada pra fora também. Os grandes traficantes estão baseados na sua grande maioria nessa região nossa metropolitana de Goiás, eles estão aqui primeiro porque é mais fácil de esconder em um local maior, mais fácil aluga uma casa pra servir de depósito, tudo é mais fácil do que numa cidadezinha pequena. E daqui essa droga é distribuída quase que pro Estado todo, quem é traficante de médio, porque o pequeno não vem aqui, mais o médio traficante de Posse, de Porangatu que vem aqui buscar ou vai até Posse no DF que está no entorno ali, então hoje basicamente nos temos o grande depósito na área metropolitana e no entorno que são os grandes depósitos de droga de Goiás e a distribuição ramificada assim, impressionante, cidades que a poucos anos não ouvia falar que não tinha crack hoje não tem mais isso, pode entra em uma pequena cidade de 2 mil. 3 mil habitantes que o crack tá lá, firme na porta. Ah mais porque? Porque vicia, dá dinheiro, porque quem vende tá ganhando. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

Goiás não é interposto de drogas, Goiás tem um mercado gigantesco, então a dinâmica é o seguinte, um traficante, normalmente começa pequeno, passa um tempo ele se torna médio e se ele não morrer, a mortalidade desse pessoal é muito grande, então quando ele consegue chegar nesse nível um pouco maior, ele consegue acesso aos fornecedores do exterior. Então Goiás, não importa droga de outras unidades da federação, busca na fonte, os traficantes que abastecem Goiânia buscam na fonte. Descem... Não é gente rica não, principalmente a maconha que é uma droga mais barata, então ele consegue o acesso lá e a gente cansou de ver o cara vai lá, enche uma camionete e vem, a expressão é cavalo doido, vem peitando todo mundo e chegou bem, não chegou, logo ele sai e continua. Então a dinâmica é o seguinte, Goiás importa, manipula e distribui. Compram e trabalham com ela aqui, aumentam o volume e depois dilui ela, chega na cocaína, chega no crack e distribui. No começo de 2015 nós conseguimos identificar um laboratório aqui que era um laboratório gigantesco que tinha máquina pra embalar a vácuo. Já era quase uma produção pré industrial. Goiânia não deixa nada a desejar a São Paulo, Rio. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

É eu vejo que antes Goiás era um Estado muito consumidor de drogas de não drogas não pesadas e agora o Estado passa a ser um centro de distribuição, não de produção porque a droga vem de fora, mas Goiás sem dúvida nenhum até pelas grandes apreensões feitas aqui tem demonstrado que virou um centro de distribuição, talvez pela localização geográfica aqui é rota para a região sudeste tanto da droga vinda da Bolívia como da droga vinda do Paraguai, então em razão disso estrategicamente

sendo um Estado visado por pessoas que pretendem fazer daqui um eixo de distribuição, é uma logística tem acesso por rodovias principalmente para todas as demais regiões do Estado. Eu acho que hoje o principal problema de Goiânia é a droga sintética, do ponto de vista de tráfico que gera uma lucratividade alta para as quadrilhas por via de consequência começam a atuar em outras vias também, roubo de carga, latrocínios, homicídios, roubo a banco, então esse é um fato que afeta diretamente a segurança pública e claro o crack porque afeta questão de saúde pública então são duas questões as drogas sintéticas e o crack. Tem os comprimidos aí chamados êxtase e derivados que tem amplamente comercializados principalmente em boates, em bares na vida noturna de Goiânia e tem cada vez mais atingido pessoas mais jovens temos percebido muito isso aí. Tanto é que a Denarc tem feito diversas apreensões de drogas, cada dia surge uma droga aí mais potente de efeitos mais rápidos então eu vejo que o principal problema é esse aqui em Goiás. (Delegado da Polícia Civil, homem, 42 anos)

Então, aqui acaba sendo esse ponto de passagem aqui que, como eu disse, nós fazemos, se eu não estou enganado, fronteira com cinco Estados. Então, é algo complicado e é uma fronteira muito grande, muito extenso, é um Estado extenso, então, a gente precisaria de, assim, um efetivo maior, não só estadual como federal. Então, assim, são várias coisas que a gente precisa para poder tentar minimizar isso aí. Mas volto a dizer que se não houvesse clientes, não haveria essa demanda (Policial Militar, homem, 40 anos)

O tráfico aqui ele tem, pra mim, ele tem duas escalas. Ele tem desde aquele camarada que compra de um quilo a dois quilos e revende em praças ou até mesmo na casa dele, chamado boca, ou em parques ou em matas mesmo, aquele pequeno traficante. Esse pequeno traficante, aquele camarada lá do Parque Santa Cruz, que tem um histórico de tráfico, de pessoa com baixa escolaridade, baixa renda, que ele vende ali pra aumentar o status econômico e social. O que que ele faz, ele não, aquele dinheiro que ele tem ali ele não converte pra melhorar a situação dele. O que ele faz, ele compra uma roupa melhor, ele quer comprar um carro, aí ele quer comprar um carro assim que dá um status pra ele tipo um Honda Civic, um Corolla, ele quer comprar um Honda Civic e meter roda, quer colocar som. Então assim é fácil identificar esse traficante. Ele desponta ali dentro da comunidade dele. Tem aqueles que são melhores financeiramente que tem um problema de relacionamento com a família, então ele conhece por causa do consumo ele começou a usar, aí o pai cortou um pouco do dinheiro dele aí ele tem um relacionamento com o traficante começa a pegar pra alimentar aí quando vê ele já tá se favorecendo dessa grana. Então tem esses traficantes aqui, são os pequenos traficantes. Só que aqui em Goiânia se você, principalmente aqui em Goiânia, a gente tem os grandes traficantes, que é o pessoal que compra de tonelada. Que maconha, eles compram o carro roubado, desce pro Paraguai e sobe com uma tonelada, uma tonelada e pouco. E tem os megas traficantes, esses dias até prendemos uma família conhecida, que trazia toda semana vinte toneladas pra cá, e armazenava em tonéis, preparava tudo, falava que era Petrobras e que ia pra região norte. Então aqui em Goiânia a gente tem desde o pequeno traficante bairro, ao mega, ao mega traficante que vai buscar tonelada e que recebe mais de vinte toneladas e distribui pros outros povos aqui nas outras regiões do Brasil. (Policial Militar, homem, 44 anos)

A dinâmica de tráfico no estado de Goiás, ela é complexa entendeu? O máximo que nós policiais militares, e olha que a polícia militar de Goiás, ela criou um grupo especializado, eu acho que vocês deveriam fazer entrevista com eles, entendeu? Teria como fazer um trabalho fantástico, é o COD, esse grupo do COD são policiais entendeu, que trabalham na fronteira aí nas nossas rodovias Karen, essa resposta seria direcionada a eles, ao comandante do COD, por incrível que pareça eles estão aqui fazendo um curso na academia, você pode pegar o gancho, esses policiais fazem um trabalho fantástico, entendeu? Eles tão prendendo droga demais da conta. Mas você

fala “ah vão conseguir acabar” Não vão... Entendeu? Por mais que eles estejam treinando, já estão treinando aqui, conhecendo novas técnicas de abordagem, novas formas de abordar o traficante, como descobrir se vai utilizar um cano, se vai utilizar um raio x, se é isso, aquilo, nós somos poucos e somos, não diria frágeis, mas somos poucos frente ao tráfico de droga. Somos entendeu? Com relação ao combate ao tráfico de drogas no estado de Goiás, ele vem sendo feito com seriedade, isso eu posso dizer, tanto a polícia militar quanto polícia civil todos os dias fazem grandes apreensões de droga, mas igual, volto a repetir, esse pessoal do COD, seria uma pessoa interessante, o comandante do COD seria uma pessoa interessante de você fazer uma entrevista com ele, são policiais excelentes, tão dando o sangue trabalhando na rodovia, olha que eu trabalhei em muito lugar na polícia militar, os caras tão fazendo a diferença, tão fazendo muito diferença aqui no estado de Goiás. (Policia Militar, homem, 37 anos)

Bom, nós temos entradas aí por pelas fronteiras né? Pelos estados que são fronteiriços também, é...Mato Grosso, Mato Grosso do Sul são as principais portas de entrada, entram no Estado, são distribuídos e vão picotando até chegar no pequeno consumidor, acho é basicamente isso. E a maior parte desse, dessa logística ela é coordenada por pessoas que já estão, inclusive, presas, a maior parte, que são os patrões, ainda têm os gerentes que estão soltos e isso aí é um, uma logística hoje que a gente nem, nem consegue é estabelecer ela assim: “È assim, assim e assado”. Acho que depende muito de quadrilha, mas as portas de entradas elas são as fronteiras né? Isso aí é sem lógica. Não tem lógica vigiar um tanto de fronteira que a gente tem aí com países que, que produzem droga, grande quantidade de droga: Paraguai com a maconha, Bolívia com cocaína, complicadíssimo. Entra num Estado e um Estado passa um pro outro é assim que é a logística. (Policia Militar, homem, 40 anos)

Aqui em Goiás, a gente que trabalha na ROTAM geralmente a gente faz operação com a Polícia Federal e com a Polícia Civil aí conseguimos prendes alguns grandes traficantes. Então a política de tráfico aqui em Goiânia funciona mais ou menos assim, é os chefes a maioria estão de dentro da cadeia, eles colocam que eles chamam de bebê pra roubar. Eles vão e roubam uma caminhonete ou um carro, pega esse carro, vão geralmente pro Paraguai, maioria pro Paraguai, mas vão pra Bolívia ou esses países das fronteiras ai e troca ele por droga.(ruído) e vem com ela de lá pra cá e chega aqui distribui. De lá pra cá eles pegam geralmente são chamados de lula, pessoas que não grandes criminosos, são aqueles que ganham uma quantidade de dinheiro ou uma quantidade de droga pra atravessar essa droga pra cá. Ou seja, a maioria das grandes apreensões de drogas você nunca pega o traficante, você só pega os lulas. São mais ou menos assim, uns roubam, os traficantes dentro da cadeia ou até mesmo quando eles tão soltos, eles colocam os bebês pra roubar, eles roubam, encaminham pro Paraguai ou vai pra fronteira, trocam droga e trazem pra Goiânia onde será distribuído. Aqui pra outros, mega traficantes, que fazem suas vendas, mais ou menos assim que funciona o tráfico de drogas no estado de Goiás. (Policia Militar, homem, 49 anos)

Olha... O tráfico de drogas ele têm diversas modalidades, até porque é amplo demais e são diversas drogas, né. Nós temos, por exemplo... “Ah a maconha”, a maconha tem uma dinâmica própria. Por que? Porque o usuário dela é um... Nós temos a cocaína, a dinâmica dela é outra, por quê? Porque o usuário final dela é outro, é uma pessoa com maior poder aquisitivo. Nós temos o êxtase, a dinâmica dela é outra, porque o usuário dela é outro. Então essa dinâmica ela varia muito, de acordo com o usuário final. O usuário do crack, a gente sabe, são pessoas que estão em grande situação de rua, o usuário de crack é muito diferente do uso do usuário de êxtase, por exemplo. Às vezes um está em uma camada social baixa, no pé da pirâmide, e outro talvez esteja mais próximo ao topo. Então a dinâmica é diferenciada de acordo com o usuário, de acordo com a quem vai fazer a aquisição. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Tem. Por exemplo, maconha, nos não temos notícias de grande plantação de maconha em Goiás. A droga, a maconha ela vem de fora, geralmente do nordeste ou do Paraguai. É não se fala produzida aqui dentro, não tem. O crack é uma lata e fogo, mas você precisa da matéria, que é a pasta base, e essa pasta base não é produzida aqui em Goiás. Ela vem de fora, ou seja, nos temos laboratórios em Goiás de refino. E sempre tem laboratorizinho pequeno, sempre tá pegando. Num é aquela coisa assim muito grande mas tem. E isso tem e fecha, quebra um, abre outro, mas, ou seja, tem que ter um policiamento maior de fronteiras. Tem que ter uma efetividade da ação policial. Enquanto a DENARC podia tá gastando todo o esforço dela nessa mega operação fica só socorrendo o serviço mal feito da cidade. Por isso que a minha luta ali continua, vou continuar, de criar o GENARC em Goiânia. Não tem em Goiânia. Que é o grupo de combate ao tráfico que é o varejão, e deixa a DENARC só para megas operações e muito bem fortalecidas, muito recurso, muitos policiais, pra poder conter que ser isso ai. E fazer o trabalho, ou seja, ai a partir disso ai e paralelamente o serviço de evitar o uso da droga. Porque não adianta realizar a operação e não tem como por, que se for fazer uma operação dessa mesma vamos supor que você coloca lá na DENARC cinco vezes a estrutura que ela tem, ela vai prender cinco vezes mais e como colocar se não temos cinco vezes mais vagas nos presídios. Então é lógico que é um efeito positivo mas tem que ter uma política penitenciária diferente. De cadeias, você realmente precisa de cadeias, vai conversar com... O tem de gente lá com 180, e mega traficante precisando ficar preso então precisa ter uma coerência também do uso daquela escassa vaga no presídio. (Promotor do Ministério Público, homem, 53 anos)

Eu creio que é muito diverso, mas normalmente o tráfico envolve a família toda, a esposa começa a praticar, o filho, mãe o pai e principalmente que Goiás ta no meio né! Pode vim de tudo quanto é lugar, mas vem muito do Paraguai eu sei que vem. Aqui o que eu já ouvi falar muito é que tem muito roubo de carro, roubo de caminhonete para levar para o Paraguai para trocar por drogas, trocar por armas isso aqui é muito comum. Um das maiores rotas do tráfico é saindo ali do Paraguai, passa por Ponta Porã Mato Grosso para chegar aqui. (Defensor público, homem, 37 anos)

3.12. Polícia, drogas e tráfico

A expansão do mercado ilegal das drogas não apenas possibilita o maior emprego da violência policial motivado pela “guerra às drogas”, como também, ampliam as possibilidades do envolvimento de atores públicos com casos de corrupção, ainda mais quando se trata de um mercado altamente lucrativo. Nesse sentido, dentre as informações salientadas pelos entrevistados, pode-se notar alguns pontos relevantes. Por unanimidade, os agentes reconhecem a existência de ações desviantes, remetendo ao envolvimento com o tráfico e corrupção, dentro da instituição de segurança pública, com alguns destaques também para o Judiciário e legislativo.

A maioria dos entrevistados remete a participação de agentes públicos no tráfico de drogas motivado pela questão financeira, no qual, alguns passam a se envolver com meios ilegais como uma forma de complementação de seu salário, considerado por estes, um valor insatisfatório. Em uma menor proporção, alguns entrevistados associam tal participação ao

caráter desviante do sujeito, sugerindo que tal caráter foi composto antes mesmo de adentrar à instituição, sendo um fator determinante para tal prática. Fora estes fatores, os entrevistados destacaram, em uma proporção menor, a possibilidade destes sujeitos já estarem envolvidos com o tráfico antes mesmo de adentarem para as instituições, prestando concurso para facilitarem a atividade criminalizada.

Além de tais pontos, outros quesitos destacados em relação a polícia são o comportamento e/ou postura do policial frente ao usuário/traficante, participação em grupos de extermínio, (associando este às discussões referentes ao envolvimento de atos ilegais), a formação do policial militar, (como estando em um ambiente em que muitas vezes não possuem voz, ou seus direitos individuais garantidos, podendo propiciar o desencadeamento de algumas doenças físicas e psicológicas), bem como o destaque de alguns entrevistados no qual salientam a viabilidade da mudança do modelo de formação no sentido desta ser/estar atualizada em sua forma prática.

Uai... Quando ocorre eu acredito que é a pessoa se aproveitando da situação ali, às vezes se corrompe. É por isso se aí, se a pessoa for eventualmente pega nisso, eu acho que a lei tem que valer pra ele, ser a mesma pra ele; por que quem tá fazendo coisa errada tem que ser punido. Não importa se é agente do estado ou não. Eu acho errado, e muito feio inclusive. E como policial, fala que um colega me que faz isso, dado a esse tipo de pratica, é uma vergonha né? Talvez pela facilidade, às vezes ele sabe o que ele observa o que tá rolando, alguma investigação que ele sabe que tem, algum lugar eventualmente que ele sabe que vende droga aí ele se corrompe evitando às vezes de prender. Por que a função dele era de prender esse usuário. Mas às vezes pra ganhar um dinheiro mais fácil ele vai lá e suborna. Corrompe no sentido de, apreende pra ele, e ele mesmo vende. Pode ser que aconteça isso, então é nesses casos eu acho que se a gente descobre coisas assim ele tem que ser tratado que nem um bandido; por que ele tá agindo que nem um bandido, então não tem que alisar pra ele não. Eu penso assim!
(Agente da Polícia Civil, homem, 37 anos)

Sim, a gente ultimamente houve um maior grau de instrução do próprio policial que entra tanto pelo concurso já, o segundo em nível superior, assim, concurso mais concorrido e tudo as pessoas que vão entrando elas vão se tornando mais críticas e até mais assim profissionais, sem se envolver nessas questões da corrupção. Isso aí também vem muito de uma tradição antiga, não né, tradição não! Mais algo antigo que acontecia porque o cara ganhava mal, o cara não tinha estudo não tinha nada e queria da o jeito dele de subir de vida e tudo e ele acabava entrando nesse meio da corrupção, aí muitas das vezes ele pegava e tinha contato com traficante, com assassino e tudo facilitava algumas coisas, deixava algumas coisas passar, extorquia alguma coisa assim, pelas próprias facilidades que ele tem né, de saber onde o traficante morava, ter o contato do traficante, ter as provas que incriminam o traficante, ter arma pra poder amedrontar o traficante tanto que como eu falei, sobre mais essa questão das drogas o traficante não é tão perigoso para policial, o ladrão é mais perigoso para o policial do que o traficante, e acabava que o policial usava dessa questão desse respeito que o traficante, respeito em termos né! Porque o traficante tinha dele pra conseguir tirar seus por fora, suas vantagens ilícitas, mais isso aí já vem

mudando muito tanto pelo amadurecimento da própria polícia que tem combatido muito isso , a policia tanto a militar quanto a civil, de uns 20 anos pra cá a gente vem batendo muito nessa tecla , de que não tolera corrupção, não tolera! É muito em cima disso, como da própria sociedade também mesmo que devagar amadurecendo esse ponto, ela sabe cobrar mais né, fica em cima disso, ela sabe que ela tem os direitos delas e os policiais tem os deveres deles. Num é bem assim se eles falarem alguma coisa, impor aquilo lá você tem realmente que fazer aquilo lá, então a gente tem tido um crescimento de conhecimento da população que tem feito com que isso empeça e ai na contramão disso a vê algumas coisas que como eu falei no inicio um governador que quer fazer um salário de 1200 com descontos pro policial, ele vai fazer o que?! 1200 pro policial e às vezes igual eu, sou casado e tenho uma filha, ai eu vou senta eu, minha filha, minha esposa, 1200 reais, eu não porque eu prefiro sair e ir pra um outro meio que eu tenho formação superior eu tenho experiência com outras coisas, ir pra outro meio do que me sujeitar a isso né porque então , mais ai não vão ter pessoas que elas já tem isso na própria criação dela , ela já tem essa falta de escrúpulos da própria pessoa mesmo que vai aproveitar essa situação pra poder começa essa política enorme que..." Ah o governo já ta pagando mal, eu tenho essa arma aqui na cintura , eu tenho a minha força da policia atrás de mim, eu vou usar disso pra poder tirar minhas vontades ilícitas também." Entendeu?! Isso ai foi contramão do extremo do Estado de botar um salário desse pro policial , contra essas evolução que havia acontecido na policia. (Agente da Polícia Civil, homem, 30 anos)

Eu sei que tem... Tem policial que envolve não só com tráfico, mas com todo tipo de crime. Como também tem na área médica, tem na área de professores... Essa sociedade, infelizmente, é formada por vários setores, não só da polícia e não tem e não vai conseguir um quadro de policiais 100% honestos. Nem de médicos, nem de fiscais da receita... Eu acho que não é policial que ele não vai fazer isso. Eu acho que é uma classe que deve lutar pela diminuição da criminalidade, mas que é muito mal vista. Eu acho que tem muito policial bom, honesto e que quando um faz coisa errada, suja a imagem de toda a corporação. Porque a imprensa cai em cima... Porque é complicado né? Eu nos meus 16 anos de polícia eu nunca conheci um policial que tivesse envolvido com drogas. Já vi usuários, mas não com venda, com tráfico. Já vi policial alcoólatra... Mas pessoalmente eu não conheci. Nunca teve problema com tráfico. (Agente da Polícia Civil, mulher, 39 anos)

Acho que uma das principais é esta questão da rentabilidade também, igual a gente falou, trabalha um mês pra ganhar x, e o x não é suficiente, e acaba que no nosso meio acaba deparando com todas estas situações, e acaba que pode influenciar e como tem uma oportunidade muito grande. (Guarda Metropolitan Municipal, homem, 40 anos)

Olha, vamo pensar... Pra mim, no meu entendimento volta tudo pra esse estado caótico que nós temos. Por que, que há corrupção, há em qualquer estágio, em qualquer sociedade, em qualquer tempo histórico, em qualquer profissão, em qualquer ser humano. Agora por que um envolvimento tão sistemático das forças de segurança? Por toda essa configuração que agente tem de segurança pública, de saber o entendimento sem nenhum estudo! Por essa configuração da segurança pública a gente tem, pela formação, pela pouca valorização do profissional; pelo salário caótico que ele recebe. Pela situação do poder que ele exerce, institucional. O estado ele ta vestido do poder do estado, do poder de policia do estado, o poder de polícia do estado; o profissional da segurança pública, ele estuda que om poder de polícia do estado é tudo. Ele estuda isso, ele é formado pra isso. Eu estou carregando o estado aqui ó! Eu sou o estado. E o estado ele é opressor, entendeu? É uma figura terrível, é uma figura terrível. Então eu acredito que alie essas duas coisas. (Guarda Metropolitan Municipal, mulher, 55 anos)

Pela mesma forma como o Estado trata o traficante. O traficante é tratado pelo Estado como coitadinho, um policial muitas vezes se vê prendendo traficante no outro dia ele é solto, prende, solta, prende, solta, 10, 12 vezes a mesma pessoa. Isso acaba servindo de fator motivadamente pro mal policial se envolver com o mundo criminoso, mas isso daí é exceção. Essas notícias são bem esparsas, tem muitos membros do Ministério Público envolvido com o tráfico de drogas, com pareceres comprados, tem muitos juízes também envolvidos com tráficos de drogas, com decisões compradas, então não dá pra falar que isso é só policial, né? (Degelado da Polícia Civil, homem, 40 anos)

A proximidade desses indivíduos com o mundo em que esse gera muito dinheiro tornam pessoas que não são moralmente muito firmes a essa pré disposição a querer aquele quinhão de dinheiro também. Então quando os traficantes começam a ganhar muito dinheiro acabam chamando muita a atenção dos agentes do Estado. E o indivíduo quando vai fazer uma relação lógica da sua fortuna pra fortuna do traficante vê que o traficante ta ganhando muito mais que ele. Isso se torna atraente pra determinados policiais que falam: Espera ai não adianta nada eu prender esse cara, ele vai sair, então eu vou fazer o seguinte vamo explorar ele economicamente e é ai que ta o problema. Essa linha tênue que as vezes alguns policiais passam ela é transponível mas não há volta. Então esse dinheiro, esse acesso a mulheres, as vezes seduz. Seduz não só o jovem mas seduz também aquele policial que não é lá muito vocacionado. (Delegado da Polícia Civil, homem, 36 anos)

A gente sabe que existe, e como dizem, a gente pode tomar conta da nossa casa, mas na rua a gente... Hoje graças a Deus são cinco anos sem um caso de corrupção, de disse que houve corrupção. Então pra nós isso é uma alegria muito grande. A gente sabe que existe, a gente sabe que como em toda profissão tem um mau profissional, o trafico ele como gera muito dinheiro ele é facilitador da corrupção policial, é facilitador do judiciário, nós sabemos que ela existe também no judiciário. Não estamos livres disso, nós lamentamos muito sabe, deparamos com situações na rua e às vezes a pessoa vira e diz “Pó vocês passaram ontem, paguei três mil reais aqui oh!” Tiveram aqui e num sei o que! Éh você é policia! O cara sabe, num conta! Morre de medo! Eu sei casos que existe, tomar dinheiro, tomar droga pra passar pra outro, infelizmente, ai é um problema que tem que ir eliminando na medida que for identificando, mais não é fácil não. (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

E isso é uma realidade, infelizmente, presente. Eu convivi isso de uma maneira muito, vamos dizer, direta em Goianira, não sei se vocês lembram da operação resgate que tinha um suposto grupo de extermínio e houve a prisão de 18 policiais militares. Depois me inteirei do inquérito e a rigor não era um grupo de extermínio, quando se fala grupo de extermínio pressupõe pessoas matando pra exterminar determinada classe, a classe dos traficantes... “Vamos matar traficantes?”, “Vamos”, “Vamos matar as pessoas em situação de rua”. Não era isso. Lá era exatamente isso que você disse, eles supostamente, isso vai depender do processo, comandavam o tráfico. À traficantes, tano em Goianira como em Anápolis, era a mesma coisa... Agora, nós precisamos um pouco desmistificar essa questão da polícia, porque a gente sabe que tem muita corrupção no judiciário também, entendeu? E lá os valores são muito mais voluptuosos, então o grande traficante tem potencialidade pra corromper no alto escalão e isso acontece, não é tão perceptível porque quanto mais alto o grau de poder da autoridade, mais difícil você chegar naquilo, né? Mas a gente sabe que acontece também. (Delegado da Polícia Civil, homem, 31 anos)

Com a corrupção, né? A corrupção é o mal, assim, eu acho que eles devem ser punidos mais até do que o próprio traficante, porque o cara ser policial e se corromper ele é mais lixo do que qualquer outro bandido, porque se você quer ser bandido vira só bandido mesmo não vira policia. Então que da mesma forma... Eu não concordo com a justificativa ganha pouco por isso que é corrupto ganha pouco por isso que vai

traficar. É um mau caráter mesmo, o cara não presta mesmo, sabe? Às vezes ele teve até a boa educação, ele teve a estrutura familiar e ele se vendeu pro crime, porque é o dinheiro fácil é a certeza da impunidade, eu to aqui dentro eu vejo que não tem resultado, então eu vejo que não tem resultado eu vou fazer também. Então eu acho que a gente precisa de pessoas mais éticas, eu acho que falta ética hoje. Tem muita gente boa, graças a Deus a grande parte é de gente boa de gente certa de gente honesta, mas infelizmente a gente vai conviver com o desvio em qualquer função. A gente ouviu falar de juiz que é corrupto, promotor que é corrupto, presidente da república que é o corrupto, presidente do senado. Enfim... Então, é acho que a corrupção é igual violência doméstica é extremamente democrática, ela está presente em todos os meios e eu acho que a gente tem que combater corrupção, hoje ela é um grande problema. Claro, claro. É como se o Estado tivesse ao meu lado, a meu favor, né? Quando eu to praticando crime. Não... Tá tranquilo o policial lá fulano de tal me conhece, vou chegar lá na delegacia vai ter um acerto e tal ou aqui na rua mesmo a gente já resolve não vai nem chegar lá na delegacia, não, não, vou conseguir um acordo ali com o desembargador com o juiz e tal, pode ficar tranquilo. Eu acho que isso favorece o sistema, claro. Você tem o braço do Estado que existe para te reprimir e esse braço do estado de auxilia na prática do crime nossa eu to com um playground uai, vou continuar fazendo. (Delegada da Polícia Civil, mulher, 38 anos)

É muito difícil a gente... Mas quando a gente percebe isso, que a gente só ouve, e volta e meia e, a gente absolve muito (inaudível), igual eu falei pra você, a rota quando chega aqui, a ROTAM você conta, então que dizer, a gente sabe que tem coisa errada, tem, dependendo da boa fé do policial, se o policial é bonzinho e tal, me trata bem, eu trato bem isso aí é outra coisa. Mas a gente... Intuíse muito claramente que tá essa intenção pelo subterrâneo, está apodrecendo, igual eu te falei, pra mim o grande problema do Brasil é a polícia, e aí onde tem mais grana, é na droga, dentro do crime e aí essa associação é, não tem jeito, ela é... Ela existe! Ela é muito clara. E o que acontece, a Denarc hoje, Denarc aparentemente até os quatro anos atrás era um rolo, era um negócio de limpeza lá. Nunca tive queixa da Denarc, realmente se precisava de uma limpeza, tem gente saiu, e ela hoje tá pegando droga como nunca, uma coisa de louco. Todo dia apreensão de 200 quilos, 100 quilos, assim coisa... Porque, mas um tempo atrás isso não acontecia. Mas assim, esse mesmo policial que a gente está falando, tá em outras delegacias. Antigamente a gente aquela percepção, 20anos, 30 anos atrás, que policial militar é correto, mas era bruto. E o policial civil ele não era tão esperto, mas ele não é tão bruto, esperto malandro. Hoje penso que está se igualando um pouco. (Juiz Criminal, homem, 44 anos)

Ah tá. É a carreira policial, independente de onde você tá, Guarda, Guarda é... Guarda civil, Polícia Militar, Polícia Civil, PF... Nós temos uma linha muito tênue entre a legalidade e a ilegalidade. Você, você tá ali desenvolvendo o seu serviço, tudo, se você não tiver discernimento e saber o que você tá fazendo você pode, um ato que é legal ele pode se tornar ilegal. E aí que entra muitas vezes o envolvimento com o tráfico, porque você tem o acesso mais fácil né, você sabe onde funciona as coisas, onde que tem a , a questão da droga em si, aí você já tem uma tendência pra isso você acaba se envolvendo, se fala: “Não eu vou começar aqui porque fica, está tranquilo.” Então acho que vem, vem a questão realmente de ética da pessoa de moral, de princípios né, dela deixar se envolver com isso ou não. Igual a questão aí que você pega tudo, se não pega corrupção, você vai pegar peculato você vai pegar tortura, você vai pegar abuso de autoridade, não só a questão da droga em si. Mas por conta disso o acesso é mais fácil porque você trata com criminoso, você trata com todo o tipo de crime e aí se você tiver a índole eu vou me envolver com esse tipo de crime por quê? Porque ele vai me dar dinheiro mais fácil, nessa relação direta com o tráfico. (Delegado da Polícia Civil, homem, 34 anos)

As polícias são retro alimentadoras do crime. O nível de corrupção no Brasil é gigantesco, todas as polícias militares, civil, federal, rodoviária. Eu entendo que da

polícia civil de Goiás tem diminuído, já foi uma coisa muito mais institucionalizada muito mais pessoal. Agora por quê? Porque a legislação é dúbia, o que é traficante, o que não é traficante e fragiliza. Os sistemas convencionais das polícias brasileira, nós temos corregedoria geral, polícia civil, ministério público, mas é pra inglês vê. A atuação do ministério público é ridícula em frente à fiscalização das polícias. Aqui em Goiás parece que eles tem medo da gente, eu também tenho rs e eles não tem que ter. A corregedoria nunca é prioridade. O poder econômico dos traficantes é gigantesco. As oportunidades de se corromper são diárias. Eu só não acho que é salário. Porque eu trabalhei no Finsocial e eu via muita gente lá carregando papel e não tinha coragem de pegar uma balinha no supermercado. Não é um policial que ganha R\$ 4.000,00 dizer que o salário é baixo e isso me corrompe. O salário mínimo de um policial é de R\$ 4.000,00. Tem professor que não ganha isso em dois empregos. Então, só não é isso, só não é salário. Os salários são baixos, mas não é isso que faz ter corrupção. Corrupção é falta de controle, falta de punição, legislação meio dúbia, a seleção é muito ruim, o concurso público, com a gente é um país de mal caráter, não tem outro jeito, tem que ter concurso público, mas as academias, batem muito pouco nisso, a formação de caráter, na formação humanística das pessoas. Então é isso, educacional, falta de controle. (Delegado da Polícia Civil, homem, 41 anos)

Como ocorre eu não sei. Mas que já ocorreu isso já aconteceu! A questão é a seguinte, vou falar de agente carcerário que é o que eu conheço. Nós temos agente carcerário de carreira, que aí tem carreira e aí já são mais preocupados... Já que eles podem progredir, hoje ganho dois mil, amanhã eu posso ganhar daqui a pouco três ou eu posso ganhar cinco; eu posso daqui a pouco ser diretor, eu posso vir a ser gerente de uma área superintendente, então o cara tem ambição de crescer na carreira como todo mundo; como todas as carreiras. O bom da carreira é que você tenha ambição, o bom da ambição é que ela é saudável, ela é estimulante. O quê que acontece, tão acontecendo, o estado contratou uma mão de obra de agentes temporários por um ou dois anos e que ganhavam 1.200 reais líquido. Então, duas pessoas, tava você ganhando 3.800, e o outro ganhando 1.200 fazendo o mesmo trabalho, isso favoreceu assim... Foi a mesma coisa de jogar açúcar para formiga. Por que a facilidade do cara entrar lá com uma garrafa de pinga, um celularzinho, um é isso, um aquilo, uma comida diferente; tudo isso acaba sendo tráfico não de elementos... Nem tudo alí é ilícito, mas é corrupção. Aí a corrupção ela começa com um babaginha, aí depois o cara já entra com uma droguinha. (Juíza Criminal, mulher, 52 anos)

Ah não, na verdade a... O envolvimento de agente do estado, outros agentes, no tráfico de drogas é como qualquer outro crime. Nós temos agente do estado envolvidos em roubos, nós temos em quadrilha, em crime de corrupção, em crimes de... Quer dizer, termos um tráfico de drogas é como qualquer outro crime. A meu ver não há incidência maior nesse ou em outros crimes. É como qualquer outro crime. Na verdade a pessoa tem uma... Ele brinca e diz assim: "Ele está agente do estado, mas na verdade ele é o criminoso". Então se ele é o criminoso, qualquer desses crimes ele pode nele adentrar e praticá-lo, o que precisa é ser descoberto e punido. (Juiz Criminal, homem, 51 anos)

Porque isso aí é onde as polícias vai complicando, porque é um dos problemas mais sérios que tem é isso aí é corrupção do agente do Estado que seja ele o que for, seja polícia, seja o que for, ligado com esse pessoal, por que? Aí a coisa começa a complicar porque existe estados aí que a coisa tá fora do controle por que? Culpa de quem? Culpa dos próprios agentes do Estado que corrompeu e agora perdeu o controle, mas eu acredito quem em Goiás que ainda nós estamos muito menos do que está acontecendo em outros estados porque aqui no geral os agentes são de confiança. Não tem nada 100%, mas a maioria são pessoas honestas. (Policial Militar, homem, 44 anos)

Isso aqui é Brasil. É Brasil. O problema do Brasil é o brasileiro. Essa cultura. O brasileiro, por mais que ele fala que é honesto, eu posso falar pra você eu sou honesto, eu me considero uma pessoa muito honesta, eu tenho um pequeno desvio de caráter que seja. Todo brasileiro tem. Então assim, o policial, o agente do Estado, de segurança pública, seja policial militar, federal ou civil, ele é da sociedade. E ele vem da sociedade, então ele carrega esses vícios, aí muitos quando cai e são presos, descobertos, eles falam condição de trabalho, salário, mas não é isso. Tá relacionado a cultura do Brasil, é de ser esperto, é tirar vantagem de tudo. Eu não posso falar aqui assim que não tem, a gente sabe que tem, é difícil até a gente mexer. Eu já prendi policial por tráfico de drogas. Foi a partir de abordagens, peguei com uma quantidade aí ele falou quem que é dono é um policial militar. É desconfortável prender um policial militar, assim a gente faz a nossa parte. A gente que espera é que esse processo seletivo de policial seja melhor. Ele tem que ser melhor, hoje entra, esses concursos, entra qualquer um mesmo. Essa avaliação social que é feita, porque tem a fase da prova, tem o teste físico, psicotécnico e depois o social. Essa avaliação social é feito só depois que o policial entra. (Policial Militar, homem, 49 anos)

Não! Assim, é provado, que ficou comprovado que não tiveram muitas pessoas punidas por grupo de extermínio, então assim, o que acontece também que às vezes é muito prejudicial pra sociedade como um todo é que muitas vezes o que chama atenção da imprensa é a publicidade de um, de ali um assunto que chama atenção, só que nem sempre esse assunto ele, ele tem o seu direito à réplica. Então às vezes ao final de um processo, todo um processo legal, procedimento que não comprova a atuação de grupos de extermínio não é dada a chance da, da defesa pública pra essa pessoa que foi taxada como exterminador, participante, integrante de grupo de extermínio, era mostrar que realmente o processo não culminou na sua punição, não tratou ele como acusado, como um autor de fato! Então que acontece é isso. Aqui em Goiás, é, existe essa conversa, mas assim, esse, muito essa publicidade que há grupo de extermínio e etc, mas não tiveram muitas, muitas punições por grupos de extermínio não. Eu que me recordo sou muito ligada a esses detalhes mais, que eu me recordo já tem bastante tempo que houveram algumas punições por grupos de extermínio. A última que mais se destaca, que se fala foi aquela operação sexto mandamento onde que na verdade a maioria dos seus, dos seus acusados ali eles foram presos, mais presos pra resolver um problema procedimental. Eles não foram presos por que ficou comprovado, foram condenados por ações por práticas de grupos de extermínio. Então é assim, é temerária gente analisar, falar sobre esse assunto sendo que a gente não tem nada concreto, concreto. O que se têm são evidências e isso aí está em fase recursal, está em fase procedimental. Aquelas prisões que houveram foram procedimentos, não foram conclusões de um processo que culminou numa sentença ruim. (Agente da Polícia Civil, homem, 33 anos)

Nesse ponto aí em Goiás, não enxergo dessa forma não, eu enxergo que há violência, que há violência policial, mas não a ponto de... Nós já investigamos aqui, já conseguimos prender policial militar traficando. Mais ele traficava pra ele, não trabalhava pra alguém, colocava outro pra trabalhar pra ele, mais não que ele prestasse serviço para outro. Lendas, a gente ouviu várias, por exemplo, o Marcelo nós ouvimos aqui várias vezes que ele só andava escoltado por policial militar, que Marcelo era... Que os caras que andavam com ele só andava de fuzil, que por isso não ia preso. Ouvimos aqui que Interley só andava aqui com policial do lado, armado, com metralhadora, que por isso não ia preso, num sei o que, que era pra reagir. Os dois foram presos longe de policiais, nunca vi eles com policiais, o Marcelo seguiu ele mais de dois anos, acompanhamos ele dentro da cidade várias vezes, nunca vi ele com policial militar, nunca vi! Pra mim é lenda, quando ele foi preso nós conversamos muito com ele " Oh Marcelo, como que é essa historia? Policial tomava dinheiro? Doutor paguei pau pra PM uma vez, lá num sei aonde!" Conta o caso inteirinho, o cara me parou, me reconheceu, lembrou que quando eu tinha sido preso em 2008, acho que foi em 2010, e ele conta que pagou e depois disso eu to com meu documento aí de boa, ninguém lembra de mim mais, e assim, realmente acabou virando a lenda,

porque ele tava rico, que policial tava se vendendo pra ele, durante a investigação a gente sabe de policiais que tinham contato com integrantes da quadrilha dele, sabia quem era o cara e eles conversavam," e ai como você tá? e o nosso amigo? Ta lá em Brasília tranquilo!" Mas nada de ta pegando dinheiro, de ta trabalhando pra ele, nada, não fazia a parte dele que era combater né, mas não que tivesse vendendo, tem lenda, mais tem realidade também, infelizmente aonde tem dinheiro o poder corrompe, o dinheiro corrompe. Marcelo teve investigações típicas, se tivesse policiais desonestos envolvido com aquilo ali, primeiro que ele ia ser preso e segundo que o policial ia ficar rico! (Delegado da Polícia Civil, homem, 45 anos)

CONCLUSÃO

A pesquisa “Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás” surgiu com o objetivo de compreender as percepções construídas por operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal acerca da temática das drogas. O grande desafio que se colocou ao NECRIVI, grupo que desenvolveu este estudo, foi conseguir avaliar os diferentes olhares sobre um tema tão emblemático e que é permeado por questões morais, políticas, econômicas e culturais.

Diante do que foi exposto ao longo desse relatório podemos concluir o quanto as visões e as percepções construídas sobre o fenômeno das drogas são complexas e múltiplas. As narrativas apresentadas pelos operadores e gestores do Sistema de Justiça Criminal apontam para diversas possibilidades de raciocínio e de entendimento sobre os problemas que derivam do consumo e da comercialização das drogas. Apesar dessas multiplicidades de apontamentos, é possível desenhar dois quadros gerais de posicionamentos dos atores e, até mesmo, das instituições, havendo pequenas divergências de opiniões sobre um tema ou outro, mas que no fundo se dividem entre uma política de drogas mais “conservadora” ou “progressista”.

De um lado, temos os entrevistados formados, sobretudo, pela força policial – Guarda Municipal, Polícia Militar e Polícia Civil – que defendem maior rigor das leis e de combate às drogas, tanto na comercialização quanto no uso. Tal perspectiva, fortemente influenciada pela força das políticas proibicionistas, defende que é necessário acabar com as drogas, qualquer outra medida não é suficiente ou é ineficaz para tratar as drogas ou os problemas que derivam de seu consumo ou de sua venda.

Por outro lado, no campo da Defensoria Pública, Ministério Público e da Justiça encontramos uma representação de que o atual modelo para tratar a questão das drogas é problemático, pois gerou crescimento das taxas de encarceramento e de violência e, apesar disso, o consumo e o tráfico de drogas não sofreram quedas, sendo, no fundo, segundo os entrevistados, uma guerra que atinge apenas as camadas mais pobres. Entretanto, quando abordamos questões mais pontuais, como descriminalização e legalização, percebeu-se que há respostas divergentes, porém não contraditórias, que hora está respaldada por exemplos de países que adotaram outras políticas, pela visão que possuem do comportamento da população brasileira, da variedade de substâncias psicoativas e de seus efeitos e da própria dificuldade de modificar a legislação das drogas para uma perspectiva menos criminalizante.

Como o tema das drogas no campo da Justiça Criminal é tido hegemonicamente dentro da perspectiva repressiva, percebeu-se, portanto, a dificuldade em se pensar em outras políticas

ou programas dentro das instituições estudadas. Mais do que isso, notou-se que há barreiras e limitações de ampliar o debate sobre o tema dentro das próprias instituições, seja pelo receio e conservadorismo que se tem sobre o tema ou até mesmo pelos dilemas políticos e morais que são levantados. Portanto, a intersectorialidade sobre as políticas de segurança pública e as políticas de drogas se dá em única via, a repressão. As próprias tentativas de diálogo com as políticas no campo da educação são reprodutoras de estigmas e, por isso, já nascem contaminadas pela perspectiva do enfrentamento e pelo discurso da demonização das drogas e do medo.

Quanto às políticas de redução de danos, dentre as políticas alternativas de drogas é a que tem conseguido mais espaço na sociedade, percebeu-se o seu desconhecimento pela maior parte dos entrevistados, evidenciando, com isso, que as políticas de drogas no campo da saúde ainda não conseguiram impactar e adentrar nas instituições que formam o Sistema de Justiça Criminal. Essas questões nos colocam a necessidade de ampliar o debate sobre o tema das drogas para todas esferas e áreas de conhecimento, pois já está mais que comprovado que enquanto as drogas forem pensadas de forma fragmentadas, estaremos longe de conseguir avançar nessa questão. Portanto, com este estudo, acreditamos que as visões de mundo e as percepções dos operadores e dos gestores aqui expostas ajudem e contribuam com a discussão que o Brasil e o mundo vem levantando sobre a indispensabilidade de se (re)pensar as políticas de drogas adotadas. Afinal, o debate sobre as drogas é urgente, a produção de novas políticas necessárias e, por isso, trazer diferentes olhares sobre o tema se torna fundamental.

REFERÊNCIAS

- ADADE, Mariana; MONTEIRO, Simone. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, Mar. 2014.
- ADORNO, Sérgio. Políticas públicas de segurança e justiça criminal. In: *Segurança Pública*. São Paulo: **Cadernos Adenauer**, Ano IX, n. 4, 2008, p. 9-27
- ALMEIDA, A.M.R. **A intersectorialidade e a estratégia saúde da família**: desafios da relação entre o discurso e a prática. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado) - UFMG.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, 1994.
- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela Vida - a Trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- _____. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. 120p.
- ANTILLANO, Andrés; ZUBILLAGA, Verónica. La conexión drogas ilícitas violencia. Una revisión de la literatura y consideraciones a la luz de la experiencia venezolana. **Espacio Abierto**, Vol. 23, n. 1, 2014.
- ARAÚJO, Marcelo. Comunidades terapêuticas: ambiente de tratamento comum, mas pouco estudado no Brasil. São Paulo; **Hospital Israelita Albert Eisten**, Programa Alcool e Drogas. Agosto de 2003. Disponível em: http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/atualizacoes/as_137.htm. Acessado em: 02 de junho de 2016.
- BATISTA, Nilo (1998). Política criminal com derramamento de sangue. **Discursos Sediciosos**. Ano 3. n. 5-6, 1-2.
- BECKER, Howard S. Tornando-se um usuário de maconha. Em: **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOITEUX, Luciana. **Controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade**. 2006. 273 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo.
- _____. Política Internacional de Drogas e Redução de Danos. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas do CCJE/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 11-12, 2011.
- _____. Tráfico e Constituição: um estudo sobre a atuação da justiça criminal do Rio de Janeiro e de Brasília no crime de tráfico de drogas. **Rev. Jurídica.**, Brasília, v. 11, n. 94, p.1-29, jun./set. 2009.

BOITEUX, Luciana. PÁDUA, João Pedro. A desproporcionalidade da lei de drogas: os custos humanos e econômicos da atual política no Brasil. In: CORREA, Catalina Pérez. (Org.). **Justicia desmedida: Proporcionalidad y delitos de drogas en America Latina**. 1ed. Ciudad de Mexico: Fontamara, 2012, p. 71-101.

BORGES, Guilherme. **Sujeitos do 33: mercado ilegal das drogas e homicídios na Grande Goiânia**. Dissertação de mestrado em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

BORGES, Silvana Maria Ribeiro. **O uso indevido de drogas e ações intersetoriais: Contribuições para o debate e à construção de política municipal**. 148 f. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas – Escola de Governo Paraná. Maringá, 2012.

BRASIL. **Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990**. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8072.htm. Arquivo acessado em 13 de julho de 2016.

BRASIL. **Decreto nº 4.345, de 26 de agosto de 2002**. Institui a Política Nacional Antidrogas e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4345.htm. Arquivo acessado em 13 de julho de 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111343.htm. Arquivo acessado em 13 de julho de 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil** / Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. – Brasília: Presidência da República, 2015. 112 p.

BRITO, S. **Reconstruindo subjetividades: a dinâmica de tratamento de uma Comunidade Terapêutica do Distrito Federal**. Brasília. 2014.

CAMPOS, Marcelo da Silveira. **Pela metade: as principais implicações da nova lei de drogas no sistema de justiça criminal em São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

- CABALLERO, Francis; BISIQU, Yann. **Droit de la drogue**. Dalloz, 2^e édition, Paris, 2000. Suite du Prologue. Disponível em: <http://www.cedro-uva.org/lib/caballero.droit.fr.html>. Arquivo acessado em 06 de abril de 2016.
- CARLINI, Elisaldo Araujo. A história da maconha no Brasil. *J. Brasil psiquiatria*, v. 55, n. 4, p. 314-317, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852006000400008. Arquivo acessado em 06 de abril de 2016.
- CARNEIRO, H. A fabricação do vício. **Anais do XIII Encontro Regional de História-Anpuh-MG, LPH-Revista de História, Departamento de História/ICHS/UFOP, Mariana-MG, nº 12, 2002**
- CARVALHO, Vilobaldo Adelídio de; SILVA, Maria do Rosário de Fátima e. **Política de segurança pública no Brasil: avanços, limites e desafios** *R. Katál.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 59-67, jan./jun. 2011.
- DAMAS, Fernando Balvedi. Comunidades terapêuticas no Brasil: expansão, institucionalização e relevância social. **Rev. Saúde Pública**. Florianópolis, Santa Catarina. V. 6, n. 1, p. 50 – 65.
- DEPEN (Departamento Penitenciário Nacional). **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. 2014. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/relatorio_depen.pdf. Arquivo acessado em 13 de julho de 2016.
- CAVALCANTI, Patrícia Barreto; BATISTA; Kátia Gerlânia Soares; SILVA, Leandro Roque. A estratégia da intersetorialidade como mecanismo de articulação nas ações de saúde e assistência social no município de Cajazeiras-PB. **Anais do Seminário Internacional sobre Políticas Públicas, Intersetorialidade e Famílias**. Porto Alegre, PUC/RS, v. 1, 2013. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/9.pdf>. Acesso em 20 outubro de 2016.
- DEL OLMO, Rosa. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: Revan, p. 30, 1990. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/a-face-oculta-da-droga-rosa-del-olmo.html>. Arquivo acessado em 06 de abril de 2016.
- DUARTE, Cláudio Elias; MORIHISA, Rogério Shigueo. Experimentação, uso, abuso e dependência de drogas. **SENAD. Prevenção do uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho – Conhecer para ajudar**, v. 3, 2012.

- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. 6. ed. Madrid: España, 2007.
- FERNANDEZ, Osvaldo. Drogas e o (des) controle social. In: PASSETTI, Edson; SILVA, Roberto B. Dias da. **Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: IBCCrim, 1997. p. 117-128.
- FIORE, Maurício. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 92, p. 9-21, 2012.
- FRIEDMAN, Alfred S. Substance use/abuse as a predictor to illegal and violent behavior: A review of the relevant literature. **Aggression and Violent Behavior**, Vol. 3, n. 4, p. 339-355, 1999.
- GELBCKE, Francine Lima; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. O fenômeno das drogas no contexto da promoção da saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.272-279, 2004.
- GOLDSTEIN, Paul. J. The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework, **Journal of Drug Issues**, Vol. 15, p. 493 a 506, 1985.
- GRILLO, Carolina Christoph; POLICARPO, Frederico; VERÍSSIMO, Marcos. A “dura” e o “desenrolo: efeitos práticos da nova lei de drogas no Rio de Janeiro. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 135-148, out. 2011.
- JESUS, M. G. M. Narrativas policiais: a construção da verdade jurídica nos processos de tráfico de drogas. **IV ENADIR**, São Paulo, 2015.
- JUNQUEIRA L.A.P, INOJOSA R.M, KOMATSU S. **Descentralização e intersetorialidade na gestão pública municipal no Brasil: a experiência de fortaleza**. In: XI Concurso de Ensayos del CLAD “El Tránsito de la Cultura Burocrática al Modelo de la Gerencia Pública: Perspectivas, Posibilidades y Limitaciones”.1997. Disponível em: < http://unpan1.un.org/in_tradoc/groups/public/documents/clad/unpan003743.pdf , acesso 20 outubro de 2016.
- JUNQUEIRA L.A.P. Novas formas de gestão na saúde: descentralização e intersetorialidade, **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.6, n.2, p.31: 46, 1997.
- JUNQUEIRA L.A.P. A Gestão Intersetorial das Políticas Sociais e o Terceiro Setor, **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.13, n.1, p.25-36, jan-abr 2004
- LOECK, J. F. Narcóticos Anônimos: Um estudo sobre estigma e ritualidade. In: 25a Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Goiânia. **Anais da 25a Reunião Brasileira de Antropologia**, 2006.

- MACRAE, Edward J. B. N. A Desatenção da Legislação de Entorpecentes pelas Complexidades da Questão. In: Marcos Batista e Clara Inem. (Org.). Toxicomanias- Abordagem Multidisciplinar. Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ e SETTE LETRAS, 1997, v. 1, p.1-11
- MACRAE, Edward J. B. N. Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos. In: XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2007, Rio de Janeiro. **Anais de resumos e de trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**. Rio de Janeiro - RJ: ABRAPSO, 2007. v. 1.
- MACRAE, Edward J. B. N.; ALMEIDA, Alba Riba de (Org.); NERY FILHO, Antonio (Org.); TAVARES, Luiz Alberto (Org.); FERREIRA, Olga Sá (Org.). **Drogas, Tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2004. v. 1. 222p
- MEDEIROS, R.; PINHEIRO, R.; CIRINO, O.; ANDRADE, R.; SANCHES, M.; WILLER, H.; LIMA, L.; SILVA, R. Redes sociais dos dependentes de substâncias psicoativas. In: 26a Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. **Anais da 26a Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008.
- MARTINEZ, Mariana Medina. **Redes do cuidado: etnografia de aparatos de gestão intersetorial para usuários de drogas / Mariana Medina Martinez**. -- São Carlos : UFSCar, 2016. 292
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. The complexity of relations between drugs, alcohol, and violence. **Cadernos de saúde pública**, Vol. 14, n. 1, p. 35-42, 1998.
- MISSE, Michel. Mercados Ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, Vol. 21, n. 61, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MORAIS, P. C. C. **Drogas: criminalização, alternativas e tendência legislativa brasileira**. Outro Olhar, Belo Horizonte, 2003
- OBSERVATÓRIO EUROPEU DA DROGA E DA TOXICODEPENDÊNCIA. **Drogas em destaque: Droga e criminalidade: uma relação complexa**. Lisboa: Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, n. 2, 2007.
- OLIVEIRA, Antônio Santos. A violência e a criminalidade como entraves à democratização da sociedade brasileira. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 38, p. 239-265, jan./jun. 2003.

PERRONE, Pablo Andrés Kurlander. A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil: mão ou contramão da reforma psiquiátrica? **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 569-580, Feb. 2014

POLICARPO, F. **A administração institucional do uso de drogas**. Comunicação nos anais da ANPOCS, 2013. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2307&Itemid=230. Arquivo acessado em 06 de abril de 2016.

RAMOS, Alexandra e FERNANDES, Luís. Exclusão social e violências quotidianas em bairros degradados: etnografia das drogas numa periferia urbana. **Toxicodependências [online]**. Vol.16, n.2, p.15-27, 2010.

RATTON, José Luiz; TORRES, Valéria; BASTOS, Camila. Inquérito policial, sistema de justiça criminal e políticas de segurança: dilemas e limites da governança. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 1, jan./abr. 2011, p. 29-58

RESENDE, Heitor. Política de Saúde Mental no Brasil: uma Visão Histórica. In Costa, Nilson do Rosário. **Cidadania e Loucura - Políticas de Saúde Mental no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987

REGHELIN, Elisangela Melo. **Redução de danos: prevenção ou estímulo ao uso indevido de drogas injetáveis**. Editora Revista dos Tribunais, 2002.

ROLIM, Marcos. 2007. Caminhos para inovação em segurança pública no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, n. 1, p. 32-47.

ROSA, Pablo O. Uma Outra História do Consumo de Drogas na Modernidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional** da UFSCar, v. 22, p. 161-172, 2014.

RUI, Taniele. "Isso não é um cachimbo": sobre usuários de crack, seus artefatos e suas relações. **Revista Askesis** (PPGS-Ufscar), v. 1, 2012.

SCHNEIDER, Jacqueline et al. Experiências de ruptura de usuários de drogas. **Sociedade e Cultura**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.311-321, 22 mar. 2012.

SABINO, Nathalí Di Martino; CAZENAVE, Silva de Oliveira Santos. Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para dependência de substâncias psicoativas. **Estud. Psicol. (Campinas)**, Campinas. V. 22, N. 2, 2005, p. 167 - 174.

SAPORI, Luis Flávio. A justiça criminal brasileira como um sistema frouxamente articulado. In: SLAKMON, C.; MACHADO, M. R.; BOTTINI, P. C. (Orgs.). **Novas direções na**

governança da justiça e da segurança. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2006, cap. 37, p. 763-782.

SARACENO, Benedetto. As Concepções de Reabilitação Psicossocial Como Referencial Para as Intervenções Terapêuticas em Saúde Mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, vol. 9, nº1. São Paulo, 1998, pp. 26-31

SILVA, Gustavo Tavares da. Políticas públicas e intersectorialidade: uma discussão sobre a democratização do Estado. **Cadernos Metrôpolen**. 19, p. 81-97, 1º sem. 2008.

SILVA KL, RODRIGUES AT. Ações intersectoriais para promoção da saúde na Estratégia Saúde da Família: experiências, desafios e possibilidades. *Rev Bras Enferm*. 2010 [acesso 27 Jul 2012];63(5):762-9. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034

71672010000500011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S003471672010000500011>.

SILVA, L.D.C.; SOUSA, G. M; MOURA, P. T. V. Perfil de usuários atendidos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas: possíveis relações entre comorbidades e álcool. **Revista Interdisciplinar**, v. 5, p. 9-14, 2012.

SOUZA, J; KANTORSKI, L. P. Embasamento político das concepções e práticas referente às drogas no Brasil. SMAD. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 3, p. 1-16, 2007.

SOUZA, V. C. A. de; PEREIRA, A. R; GONTIJO, D. T. A experiência no serviço de Consultório de Rua na perspectiva dos profissionais: Contribuições para a atenção ao usuário de álcool e outras drogas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, p. 37-47, 2014.

XAVIER, R. T; MONTEIRO, J. K. Tratamento de Pacientes Usuários de crack e outras drogas nos CAPS AD. **Psicologia Revista**, v. 22, p. 61-82, 2013.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

ZANATTA, A. B.; GARGHETTI, F. C; DE LUCCA, Sérgio Roberto. O Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas Sob a Percepção do Usuário. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 36, p. 225-237, 2012.

XIMENES, Daniel de Aquino. Representação social: o diálogo da Sociologia com a Psicologia Social. *Pós Revista Brasiliense de Ciências Sociais*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 201-212, jan/jun.1997.

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

IRCCA: Instituto de Regulación y Control de Cannabis

NECRIVI: Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência

UFG: Universidade Federal de Goiás

UNDOC: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

EP's: Entrevistas em Profundidade

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. PERFIL

- Qual o seu nome?
- Qual idade?
- Conte-me sobre a sua trajetória acadêmica/profissional? Onde começou a trabalhar, em quais lugares, quais funções já exerceu?
- O (a) senhor (a) poderia dizer qual ocupação exerce atualmente? E explicar quais são as suas principais atividades nessa função?
- Quanto tempo já atua na Segurança Pública/Saúde/Educação?
- Quais as principais mudanças desde quando entrou até os dias atuais?
- Qual a sua avaliação sobre o local que trabalha? O que diz da equipe? Da estrutura? Das condições de trabalho de modo geral?

2. PERCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS

- O que o (a) senhor (a) considera que sejam as drogas? Como as definiriam?
- Nos últimos anos nunca se falou tanto em drogas, a que o (a) senhor (a) atribui o fenômeno das drogas na sociedade atual? Porque se tornou pauta de debate?
- Entrando especificamente no perfil de algumas drogas, queria que me dissesse o que pensa sobre cada uma delas e o reflexo na sociedade atualmente:
 - Maconha?
 - Crack?
 - Cocaína?
 - Drogas sintéticas? (LSD, Ecstasy, etc.)
 - Anabolizante e anfetaminas? (Drogas da estética)
 - Ritalina? (Drogas para estudar)
 - Álcool?
 - Tabaco?

3. PERCEPÇÕES SOBRE OS USUÁRIOS DE DROGAS

- Em seu ponto de vista o que leva as pessoas a consumirem drogas? Quais fatores influenciam?
- Na sua experiência e opinião, o que diferenciaria um usuário usual de drogas de um dependente de drogas?
- Você acredita que há preconceito em relação ao usuário/dependente de drogas? O que pensa sobre isso?
- Em relação a prática do consumo de drogas é frequente que se ouça algumas afirmações, dentre uma delas a de que: “A maconha é a porta de entrada para outras drogas”. O que você pensa dessa afirmação? Por quê?
- A partir de sua experiência e opinião, o que você compreende como traficante de drogas? Como você o definiria? O que o diferenciaria de um usuário?
- Retornando a cada droga especificamente, com base na sua experiência seria possível traçar um perfil de usuário de cada tipo dessas drogas?
 - Maconha?
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)

- Gênero
- Crack?
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
 - Gênero
- Cocaína?
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
 - Gênero
- Drogas sintéticas? (LSD, Ecstasy, etc)
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
 - Gênero
- Anabolizantes?
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
 - Gênero
- Álcool?
 - Grupo etário;
 - Grupo étnico-racial;
 - Classe social;
 - Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
 - Gênero

4. PERCEPÇÕES SOBRE AS POLÍTICAS DE DROGAS

- Como o senhor (a) avalia as políticas sobre drogas no Brasil?
 - Como você analisa a legislação na área?
 - Quais os principais desafios que você aponta?

O que o senhor pensa sobre a proibição do comércio, consumo e produção de algumas substâncias psicoativas estabelecidas pela legislação brasileira?

Em relação a atual legislação, é possível dissociar o tráfico de consumo de drogas?

Em relação à diferenciação entre traficante e usuário de drogas na legislação, como você percebe essa diferença?

- Quais são os critérios utilizados?
- Quais são as etapas de diferenciação?
- Quais são os fatores fundamentais para diferenciar um do outro?

Para o (a) senhor (a), as políticas proibicionistas são eficazes?

- Na redução da circulação de substâncias psicoativas?
- Na redução do consumo?
- Na diminuição da criminalidade?

Para o senhor, quais são os pontos positivos e negativos das políticas proibicionistas?

Para o senhor, quais são os principais efeitos das políticas proibicionistas?

O que o senhor pensa sobre as políticas de legalização das drogas?

- Drogas gerais;
- Maconha;

O que o (a) senhor (a) acha sobre as experiências de legalização da maconha no Estado do Colorado/EUA, no Uruguai e na Espanha? O senhor tem conhecimento mais aprofundado acerca dessas experiências?

O (a) senhor (a) conhece ou já ouviu falar sobre as políticas de redução de danos?

- O que pensa sobre ela?
- Quais são os pontos positivos e negativos?
- Você considera que a política de redução de danos estimula o uso de drogas entre usuários dependentes? Por quê?

O que o (a) senhor (a) acha sobre a internação compulsória de dependentes de drogas? É contra ou a favor? Por quê?

Qual a sua avaliação sobre as comunidades terapêuticas?

- O que pensa sobre ela?
- Quais são os pontos positivos e negativos?
- Você considera que elas estão preparadas para receber pessoas que precisam de tratamento? Por quê?

Em sua opinião, como a Segurança Pública trata a questão das drogas no Brasil e em Goiás?

- Quais políticas são adotadas;
- Que parcerias existem?
 - Saúde;
 - Educação;
 - Esporte;

Você acha que a Segurança Pública tem sido eficaz na produção de políticas sobre drogas no Brasil e em Goiás?

- Qual sua avaliação?
- O que poderia ser feito?

Você acha que a Segurança Pública está aberta para aceitar outros tipos de políticas de drogas que não apenas a partir da perspectiva da repressão, como, por exemplo, a redução de danos?

- Por quê?
- Quais os desafios?
- O que é preciso ser feito para aproximar outras áreas, como saúde e educação, do campo da Segurança Pública?

Para o senhor, o que pode ser feito para melhorar as políticas públicas voltadas para o consumo, comércio e produção de substâncias psicoativas estabelecidas como ilícitas pela legislação brasileira?

Para o (a) senhor (a), o que seria uma política ideal de controle sobre as drogas?

5. PERCEPÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE DROGAS E VIOLÊNCIA

- Quase que diariamente surgem na televisão e jornais reportagens que associam drogas e violência de forma imediata, muitas vezes colocando que as drogas é um dos principais, senão o principal, motivo de aumento da violência urbana. O que o (a) senhor (a) penso sobre essa associação entre drogas e violência urbana?
 - Há relação entre o crescimento da violência e o uso e o tráfico de drogas?
 - Como se relacionam?
 - O que motivaria essa relação?

- Quais os impactos do uso e da venda de drogas na criminalidade?
- Quais os principais tipos de crimes que se relacionam com o tráfico de drogas?

Segundo alguns estudos, países da Europa Ocidental, por exemplo, têm, em termos proporcionais, mais consumidores de drogas ilegais do que grande parte dos países da América Latina, como o Brasil, mas o consumo e a comercialização dessas substâncias se dão de forma muito menos violenta. O que poderia explicar a diferenciação na intensidade do uso da violência no cenário nacional?

Há especificidades em relação a alguns tipos de drogas? Algumas violências mais associadas a determinado tipos de drogas?

- Crack;
- Maconha;
- Cocaína
- Álcool;

6. PERCEPÇÕES SOBRE O TRÁFICO DE DROGAS

- Como se dá a dinâmica do tráfico de drogas aqui em Goiás?
 - É diferente de outras regiões do Brasil?
 - Há diferença na dinâmica do tráfico de drogas em relação a tipos diferentes de substâncias?
 - Maconha;
 - Crack;
 - Cocaína;
 - Drogas sintéticas;

O tráfico de drogas em Goiás se associa com outros tipos de mercados ilegais ou outros crimes?

- Tráfico de armas?
- Roubos e assaltos?

A gente já falou sobre o perfil de usuários de drogas. Agora em relação ao tráfico, existe um perfil específico que têm sido condenado pelo crime de tráfico de drogas em Goiás?

- Grupo etário;
- Grupo étnico-racial;
- Classe social;
- Localização socioespacial (periferia e bairros nobres)
- Gênero
 - Como tem se dado o ingresso de mulheres no tráfico de drogas?

Para o senhor, quais os fatores de risco que contribuem para o ingresso e permanência dos condenados por tráfico de drogas?

Volta e meia a gente também lê em notícias sobre o envolvimento de agentes do estado, sobretudo policiais, que acabam se envolvendo com o tráfico de drogas, como isso ocorre? Poderia explicar?

- Proteção a traficante?
- Extorsão a grupos de tráfico?
- Trabalham fazendo cobranças de dívidas

Além desse envolvimento com o tráfico de drogas, foi apontado em investigações da polícia civil e federal a participação de policiais na formação de grupos de extermínio? Como você percebe, a partir da sua experiência, os grupos de extermínio relacionado com as drogas em Goiás?

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Núcleo de Estudos sobre Criminalidade e Violência (NECRIVI)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bom dia/boa tarde. Eu sou (nome do/a pesquisador/a) _____ e faço parte da equipe de pesquisa da Universidade Federal de Goiás / NECRIVI. O/a senhor (a) está sendo convidado (a) participar da pesquisa **“Drogas, homicídios e outros crimes: interfaces entre as políticas de Segurança Pública e as Políticas sobre Drogas no Estado de Goiás”**. Esta pesquisa tem como principais objetivos: caracterizar a relação entre o uso e comércio de drogas com outros delitos criminais - especialmente o homicídio, e diagnosticar as percepções que operadores e gestores do sistema de justiça criminal possuem sobre esse mercado e os sujeitos que nele se inserem, o que pensam sobre as Políticas de Segurança, a legislação sobre drogas no Brasil, as políticas antiproibicionistas e redução de danos, o papel das instituições de Segurança e Justiça em relação as drogas e, com isso, identificar a intersectorialidade entre a Segurança Pública e outras áreas que produzem políticas de drogas.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo o/a senhor (a) se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa. Além disso, o/a Senhor (a) poderá obter todas as informações que quiser. O benefício de sua participação contribuirá para o conhecimento gerado pela pesquisa e compreender a possível relação entre o crescimento da violência urbana e a problemática das drogas no Estado de Goiás. Informamos ainda que os dados coletados serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e analisadas em conjuntos com as demais e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade

Essa entrevista será gravada para que eu consiga melhor lembrar o que foi conversado por nós, logo após a transcrição a gravação será destruída. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer grande desconforto ou risco. Após o término da pesquisa, os resultados serão divulgados através de artigos científicos e/ ou trabalhos acadêmicos dos pesquisadores envolvidos na pesquisa.

Por sua participação no estudo, você não receberá qualquer compensação financeira. Este Termo de Consentimento será em duas vias: uma ficará comigo e a outra com os pesquisadores da UFG/NECRIVI.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, RG _____, CPF _____, abaixo assinado, li e concordo em participar do estudo, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem justificar minha decisão.

Sei que meu nome não será divulgado e não receberei dinheiro por participar do estudo. Fui informado (a) também que o estudo é coordenado pelos pesquisadores Dijaci David de Oliveira e Guilherme Borges, da Universidade Federal de Goiás, e que outros pesquisadores estarão envolvidos na coleta e análise dos dados. Para maiores esclarecimentos, poderei entrar em contato com o supervisor da pesquisa pelos telefones (62) 8276-7996 / 9611-8682, ou pelos e-mails: necrivi@gmail.com

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade...

Data: ____ / ____ / ____

Assinaturas:

1. Participante da pesquisa:

2. Pesquisador:
